

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

MARCELO DA SILVA ROCHA

**NO REINO DA SERPENTE: IDEOLOGIA, TRANSGRESSÃO E LEITURA EM
PEDRO JUAN GUTIÉRREZ**

PORTO ALEGRE

2007

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

Marcelo da Silva Rocha

**NO REINO DA SERPENTE: IDEOLOGIA, TRANSGRESSÃO E LEITURA EM
PEDRO JUAN GUTIÉRREZ**

**TESE APRESENTADA COMO
REQUISITO FINAL PARA A
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
DOUTOR, PELO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA
FACULDADE DE LETRAS DA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE DO
SUL.**

ORIENTADOR: PROF. DR. LUIZ ANTÔNIO DE ASSIS BRASIL

INTITUIÇÃO DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA IRMÃO JOSÉ OTÃO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE

2007

AGRADECIMENTOS

À Diretora da Faculdade de Letras, Prof. Dr. Maria Eunice Moreira.

Às funcionárias Mara Rejane Martins do Nascimento e Isabel Cristina Pereira Lemos.

Às Professoras Regina Zilberman e Maria da Glória Bordini, pelas inesquecíveis aulas no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS.

Ao Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil, pela orientação atenta, cuidadosa e segura.

À Maria Eneida Matos da Rosa, amor que não tem palavras.

Ao Paulo, Zeni, Luciana, Alexandre, Anelise e Daniel, pela amizade, carinho e alegre companhia, indispensável para o prosseguimento deste trabalho.

Aos amigos de todas as horas, Márcio, André Sonda e Capellari que compreenderam a perda desse excelente articulador de meio-campo durante boa parte do período de escrita desta tese.

A Luzi Lene, Lusi Tana (Maria de Lourdes Horta), Wagner Coriolano, Roberto Carlos, Adeíto Pinho e Conceição Araújo pela amizade e interlocução qualificada no percurso da nossa trajetória de luta contra o Cânone.

À LÚCIA ROCHA, sempre.

RESUMO

O presente estudo busca examinar as narrativas *O Rei de Havana* e *O ninho da serpente*, do escritor cubano Pedro Juan Gutiérrez, à luz da teoria da ideologia, desenvolvida por John B. Thompson. Da mesma forma, as relações entre cultura e sociedade são discutidas sob a perspectiva das consequências da leitura em sistemas políticos discricionários, a partir da proibição desses textos de Gutiérrez em Cuba. A literatura é observada aqui como forma contestatória às tentativas de estabelecimento e preservação do poder na sociedade. Assim, a tensão entre a submissão ao sistema autoritário, com suas estratégias múltiplas de transfiguração, e a busca por alternativas de fuga a essa coerção impositiva mostra-se no percurso dos protagonistas no interior dessas narrativas. Esse estudo, por fim, pretende vincular a literatura ao tempo presente, no intuito de discutir o compromisso social do escritor com sua época e a função da arte em momentos de crise.

Palavras-chave: Teoria da ideologia; Pedro Juan Gutiérrez; leitura; sociedade; cultura.

ABSTRACT

The present paper studies the narratives of *O Rei de Havana* and *O ninho da serpente* by Pedro Juan Gutiérrez, through the ideology theory, developed by John B. Thompson. By the same token, the relations between culture and society will be discussed under the perspective of the consequences of reading in discretionary political systems, as well as the prohibition of these texts by Gutiérrez in Cuba. Literature will be studied as a way to contest the attempts to settle and maintain power in society. Thus, the course of the protagonists within these narratives will show the tension between submission under an authoritarian system, with its multiple strategies of transfiguration; and the search for alternatives to escape from this imposing coercion. This paper intends to link literature to the present time, for the purpose of discussing the writer's social commitment with their time and the function of art in times of crisis.

Key Words: ideology theory; Pedro Juan Gutiérrez; reading; society; culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 07
1 LITERATURA, IDEOLOGIA E CULTURA	p.14
1.1 O discurso ideológico	p.14
1.2 Ideologia: a trajetória de um conceito	p.26
1.3 Ideologia e cultura: caminhos que se cruzam	p.50
2 QUANDO A FICÇÃO DESAFIA A REALIDADE: PEDRO JUAN GUTIÉRREZ E O SEU REI DE HAVANA	p.60
2.1 O escritor e o seu tempo: um pouco mais que uma nota biobibliográfica	p.60
2.2 Um Rey na periferia de Havana: a ideologia na representação da sociedade cubana	p. 68
3 IDEOLOGIA E LEITURA: O TEXTO COMO TRANSGRESSÃO EM <i>O NINHO DA SERPENTE</i>	p. 100
4 O PEDINTE E O LEITOR: APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE <i>O REI DE HAVANA</i> E <i>O NINHO DA SERPENTE</i>	p.143
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.190
REFERÊNCIAS	p.200
CURRICULUM VITAE	p.210

INTRODUÇÃO

As últimas pessoas a ver Ossip Mandelstam, o poeta russo que morre num campo de concentração na época de Stálin, lembram-se dele diante de uma fogueira, na Sibéria, em meio à desolação, rodeado por um grupo de prisioneiros a quem fala de Virgílio. Evoca a leitura de Virgílio, e essa é a última imagem do poeta. A cena reforça a idéia de que alguma coisa deve ser preservada, alguma coisa que a leitura acumulou como experiência social.

Ricardo Piglia. *O último leitor*

Não são poucas as imagens da leitura como representação de uma experiência extrema ou vinculada a uma circunstância limítrofe de perigo. Na condição de prática social, a leitura possui um histórico de condenações relacionado ao temor que é capaz de suscitar em grupos ou agentes detentores do poder. O ato da leitura, em sua circunstância solitária, não tem como ser controlado e, por essa razão, os textos podem instigar o desejo de liberdade do leitor, além de representar uma alternativa questionadora às autoridades constituídas.

Se entendermos a leitura de textos ficcionais como parte de um sistema social de ações em que os sujeitos exercem papéis vinculados à produção, distribuição e recepção de narrativas acentuam-se as relações entre os livros e a sociedade, ou ainda, entre a leitura e a realidade. O texto literário pode se constituir em recurso heurístico para compreensão do mundo, sem perder suas especificidades estéticas, ampliando a visão do leitor ao modificar suas percepções e mobilizando-o, assim, a atuar na transformação da sociedade.

O caráter social da literatura afigura-se, também, na repercussão de certas obras no meio artístico, ideológico e cultural, facultando a reconstrução do horizonte de expectativas de diferentes épocas em cotejo com as distinções possíveis de determinados textos na contemporaneidade. Essa perspectiva indica, de certo modo, a historicidade da literatura e, ao mesmo tempo, sinaliza um caminho para a emancipação do leitor, dada a sua autonomia valorizada pela importância da experiência estética.

Ao vincularmos a literatura a uma prática de leitura, intentamos resgatar a relevância da compreensão da cultura como campo, igualmente relevante, de articulação política. De outro modo, entendemos que as pretensões universalistas e conciliadoras coadunadas à idéia de cultura, sobretudo como refúgio transcendente ao social, perdem espaço, hoje, para as disputas entre diferentes identidades sejam elas nacionais, étnicas, regionais ou de classes.

Os estudos culturais auxiliam-nos na compreensão do significado de cultura a partir de relações sociais complexas ligadas a meios materiais de produção que dizem respeito, sob um ponto de vista, ao modo de vida de um grupo. A noção do político aproxima-se da prática cultural como defesa da luta pelas diferenças, além de sua vinculação à realidade social. Ademais, a compreensão de cultura, no contexto a ser proposto aqui, não se completará sem antes um exame ideológico que leve em consideração o modo de vida de personagens marginalizados, bem como a proibição de determinados textos, no que se refere à sua circulação na sociedade. O temor que os regimes autoritários conferem à leitura de algumas narrativas ficcionais é matéria digna de exame e que, em última análise, não pode ser apartada das esferas de deliberação política e de atuação da ideologia.

Por esse motivo, a oposição comumente estabelecida entre a leitura de ficção e a ação política tende a desaparecer, haja vista que o texto pode representar para o leitor a definição ideal de uma experiência vivida ou um complemento de sentido para a existência, retirado da ficção. A leitura pode implicar, além da liberação do indivíduo da rotina diária, a incorporação de novas normas para a compreensão de sua experiência, mobilizando o sujeito a transformar sua visão de mundo bem como a sua perspectiva em relação à sociedade que o rodeia. A partir dessa prática, ao mesmo tempo solipsista e coletiva, a imagem do leitor sedentário, que precisa parar para ler, define e delimita uma condição de ruptura em comparação à mobilidade constante e pragmática exigida pela sociedade.

No caminho contrário à voz hegemônica e oficial dos governantes autoritários, o retrato do leitor, conforme insistiremos aqui, caracteriza-se pelo isolamento do sujeito cuja postura política indica uma forma de resistência a quaisquer tentativas de domínio ou controle. O leitor, nessa circunstância, não é nefelibata, mas um indivíduo cujas leituras podem produzir um desejo de compreensão e, algumas vezes, de transformação da sociedade. Por essas razões, sobretudo, a leitura parece inspirar tanto temor,

especialmente em governos que se sustentam na preservação do autoritarismo pelas relações assimétricas de poder.

As imagens do sujeito que lê para compreender a si mesmo e o mundo e o incômodo retrato de um jovem miserável e pedinte que vaga sem destino pelas ruas de Havana são representações literárias de protagonistas cujas experiências cotidianas são marcadas por situações de perigo extremo. Essas personagens transformam-se em ameaças ao Estado totalitário, porque priorizam a própria sobrevivência e independência em espaços marcados por uma vigilância constante e pela opressão ubíqua. Nesse contexto e orientado por relações desafiadoras estabelecidas com outras personagens, é que se configuram as narrativas *O Rei de Havana*¹ e *O ninho da serpente*², de Pedro Juan Gutiérrez, que são examinadas no presente estudo, sob o olhar da representação da ideologia e a tentativa de transgressão a essas formas de controle pela leitura e escrita no contexto social cubano.

A escolha do conceito de ideologia proposto por John B. Thompson³ como fundamentação teórica orientadora justifica-se na medida em que o autor britânico vincula formas simbólicas – no amplo significado de falas, imagens e textos - a relações de poder. Entendendo essa aproximação relevante no contexto de *O Rei de Havana* e *O ninho da serpente*, buscaremos mostrar os mecanismos com os quais a ideologia opera na ficção, a fim de sustentar as relações de dominação, representadas no interior dessas narrativas. Se a ideologia está relacionada ao estabelecimento e à preservação das relações de poder, examinaremos, neste estudo, os protagonistas das narrativas de Gutiérrez como personagens que tentam resistir e, em muitos momentos, procuram transgredir essas formas de dominação.

No intuito de compreender essas relações, pretendemos, inicialmente, recuperar alguns conceitos básicos de ideologia, elaborados à luz de teorias sociais, percorrendo o itinerário clássico, desde o final do século XVIII até concepções mais atuais. Será nosso objetivo, também, vincular esses conceitos a uma discussão acerca das relações de

¹ GUTIÉRREZ, Pedro Juan. *O Rei de Havana*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

² GUTIÉRREZ, Pedro Juan *O ninho da serpente*: memórias do filho do sorveteiro. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

³ THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

poder e opressão, haja vista o panorama discricionário imposto a Cuba, desde a Revolução de 1959.

À parte de inúmeras alterações semânticas, a concepção de ideologia aqui examinada centrar-se-á no sentido crítico negativo, isto é, derivada do conceito de ilusão ou deformação de certa realidade incluindo, por conseguinte, a discussão a respeito das relações de poder, articuladas à representação social de narrativas ficcionais.

O conceito de ideologia, em Thompson, apontará para os modos como certas estratégias de construção simbólicas atuam no sentido de facilitar a reprodução das relações de poder. Será importante examinar a pluralidade de operação da ideologia que, a despeito de visar à preservação da dominação de certos agentes ou grupos, não se orienta por um percurso único, mas se divide, de acordo com situações particulares, em: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação. Cada uma dessas formas pela qual a ideologia se apresenta exercerá determinada influência e uma ação correspondente no comportamento das personagens ficcionais. De modo geral, buscaremos evidenciar o conflito entre a representação da ideologia e os protagonistas das narrativas de Gutiérrez, como contestadores e transgressores das normas que lhes são impostas e sustentadas.

Em *O Rei de Havana* e *O ninho da serpente* a literatura não se apresenta apenas como uma evasão, mas como imersão abrupta em um universo cuja violência urbana, a miséria e a opressão parecem neutralizar a perspectiva ficcional. Essa proximidade com o real não significa um abandono da ficção, mas, em vez disso, a incorporação do texto à existência cotidiana dos leitores. A literatura pode ser capaz de desestabilizar a ideologia, quando resgata da narrativa, vozes inventadas que não escondem o acúmulo de uma prolífica experiência social.

A violenta realidade é representada na ficção na medida em que os narradores dos textos de Gutiérrez exploram a linguagem das ruas e terminam por mostrar, desse modo, a rotina de privações, carências e autoritarismo sob a qual estão submetidos. Nessas circunstâncias, o jovem miserável de *O Rei de Havana* e o leitor obstinado de *O ninho da serpente* são considerados marginais aos olhos da sociedade que prioriza o trabalho reificado e a adesão irrestrita a um regime apresentado como comprometido com o bem-estar coletivo. Afastados da perspectiva ideal de nação, os protagonistas de

Gutiérrez representam a imagem do jovem associada a uma possível renovação e isso também é suficiente para torná-los desafiadores, já que eles podem questionar a ideológica narração oficial da história, fundamentada na pretensa unidade da tradição e do passado comum de um povo.

Entendemos que a compreensão acerca da literatura, atualmente, não deve deixar de lado o debate sobre a consciência geográfica dos sujeitos em relação a espaços descentrados, ou seja, as mudanças relativas à noção de identidade coletiva que incidem na transformação acerca do significado da nação. Parece-nos, portanto, mais aceitável admitir a nação como um significante vazio cujos significados são determinados por distintas necessidades engendradas por contingências históricas. Ao cotejarmos a imagem de nação difundida pelo regime autoritário cubano, conforme ela se afigura nas narrativas, com a vida de privações das personagens de Gutiérrez, compreenderemos a complexidade estabelecida entre duas imagens distintas e conflitantes de um mesmo país. Se uma nação é, antes de qualquer coisa, um problema de narração⁴, essa produção de discursos indica uma cultura nacional que não é unificada em relação a si mesma e, por esse motivo, produzirá sempre um “outro” no interior de uma representação apresentada como homogênea.

Esse “outro” que está fora das caracterizações discursivas sobre a nação deve ser excluído do convívio dos demais ou deve ser permanentemente vigiado, conforme as regras da ideologia dominante, nas narrativas em estudo. Reynaldo, o protagonista de *O Rei de Havana*, tem a sua condição de miserável vinculada a uma doença ou anormalidade, já que as demais personagens procuram se afastar dele, isolando-o e, não raramente, tratando-o com repulsa. Pedro Juan, em *O ninho da serpente*, também é considerado excêntrico, em função de sua predileção pela leitura e, assim, deve ser corrigido, merecendo uma observação atenta e meticulosa por parte das autoridades. A tentativa inicial de controle do pensamento de Pedro Juan é substituída, depois, pela coerção ao corpo, submetido às ordens do serviço militar, enquanto que, em Reynaldo, apagado os resquícios de uma consciência reflexiva e identitária, a dominação social busca, a partir daí, infligir sua autoridade, prioritariamente, sobre o corpo da personagem.

⁴ Cf. BHABHA, Homi K. Introduction: narrating the nation. *Nation and narrating*. Homi Bhabha (org.) London and New York: Routledge, 1990.p.1-7.

É o corpo dos protagonistas de Gutiérrez que integramos à idéia de objeto de obsessões sexuais relacionadas a um sentido de ruptura. A imaginação pornográfica, como afirmará Sontag⁵, expressa algo que necessita ser ouvido ou revelado e que ainda pode ser reconhecido como um meio de transgressão a regras sociais. A pornografia relaciona-se, também, a experiências limítrofes da consciência humana, representando, para além da agressividade inicial, uma forma de conhecimento, pois aquele que rompe as normas ingressa em um universo que outros não se atreveram a perscrutar. O sexo, nas circunstâncias distintas de *O Rei de Havana* e *O ninho da serpente*, revelará muito mais um meio de expressão subjacente de sentimentos do que um ato cujo fim esteja em si mesmo, indicando algo além da forma degradada pela qual a imaginação pornográfica pode se apresentar.

Se a representação de obsessões sexuais é uma maneira de transgressão, a leitura ficcional também revela um caráter pernicioso aos olhos da sociedade cubana, especialmente em *O ninho da serpente*. A literatura não escapará, mais uma vez, de um julgamento acerca de seus perigos e de sua motivação para outras leituras, bem como dos efeitos de certos textos em determinada circunstância social e política. Como destaca o argentino Alberto Manguel⁶, em consonância com as correntes recepcionais do final da década de sessenta, aos olhos dos regimes populistas “os leitores não deixam de ser subversivos”.

O entrecruzamento entre ficção e história auxiliará a fundamentação teórica na denúncia e crítica à ideologia como poder hegemônico. Impossível ler os textos de Gutiérrez sem ouvir o grito de horror que escapa de suas páginas. A angústia das personagens ultrapassa o texto e vai além da configuração literária. Assim, as teorias sobre ideologia, cultura e os efeitos da leitura sobre determinadas sociedades são essenciais para o entendimento das narrativas em estudo.

Com efeito, leitura e ideologia entrarão em conflito na medida em que a proibição dos textos de Gutiérrez, em Cuba, sinaliza para as conseqüências da imagem paradigmática do leitor que pode ser transformado pela narrativa, como a personagem Pedro Juan, em *O ninho da serpente*. A censura a Gutiérrez revela o medo das ditaduras

⁵ SONTAG, Susan. *A vontade radical: estilos*. Trad. João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁶ MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.p.36.

em relação à autonomia e emancipação que esses “luxos supérfluos”, os livros, podem provocar num público leitor. Ideologia e leitura serão, na trajetória da discussão aqui proposta, pares, muitas vezes, inconciliáveis, uma vez que a representação da violência, da miséria e da opressão apresenta-se como imagem contraposta à artificial harmonia do discurso enunciado pelo poder oficial.

É necessário lembrar que a ideologia, tal como será examinada aqui, articula-se a formas de coerção sendo, indiretamente, contestada pelos protagonistas dessas narrativas, por meio de múltiplas tentativas de resistência. Essa defesa, por parte das personagens, envolve estratégias simbólicas de reação, apresentadas ora pela ruptura aos padrões de comportamento impostos, ora pela busca desenfreada por sexo, ou ainda, pela recusa ao trabalho cotidiano e ao engajamento político.

Finalmente, este estudo não se exime de uma vinculação direta e crítica com o tempo presente. A literatura e a teoria têm o intuito de mostrar a persistência do texto em relação às adversidades impostas pela realidade e pelas vozes da ideologia. Buscar-se-á perceber a narrativa ficcional em suas funções de representação, denúncia e contestação de um universo marcado pela destruição e miséria. Assim, em vez da tradicional distinção entre os livros e a vida, o que se apresentará aqui é exatamente o caminho contrário, ou seja, a literatura como uma tentativa de definir e complementar a existência, como uma maneira de assegurar a afirmação de um direito básico do leitor-cidadão, isto é, o de questionar no intuito de encontrar uma compreensão do mundo em que vive.

1 LITERATURA, IDEOLOGIA E CULTURA

1.1 O discurso ideológico

No que se refere às neuroses, é interessante que um dos raros corpos de teoria a escorrer até o nível das ruas tenha sido a psicanálise. Espantosamente, essa teoria altamente arcana é dialeto comum nas ruas. Termos como “ego”, “complexo de Édipo”, “libido”, “paranóia” e “inconsciente” tornaram-se parte da linguagem cotidiana, o que não ocorreu com “ideologia”, “fetichismo da mercadoria” e “modo de produção”.

Terry Eagleton. *Depois da Teoria*

O presente capítulo visa a examinar as relações entre signo e ideologia, especialmente sob a perspectiva dessa vinculação com as formas concretas de intercâmbio social. Nesse sentido, a ideologia, no nível sógnico, pode ser estabelecida na luta antagônica de interesses sociais e, por conseguinte, articula-se a um jogo de poder, representado no âmbito da linguagem. No entanto, a análise ideológica não pode centrar-se, apenas, na aproximação a um conjunto particular de discursos, mas nas vinculações desses discursos, em determinadas situações significativas, a significantes que podem ser reiterados ou omitidos.

Como o conceito de ideologia a ser examinado neste estudo diz respeito às maneiras como o sentido, mobilizado por formas simbólicas, serve para estabelecer e sustentar relações de dominação é necessário ressaltarmos a relevância de falas, ações, imagens e textos produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e por outros como construtos significativos. Buscaremos um diálogo, por meio de um percurso teórico, com autores que vinculam a ideologia e a linguagem à interação com situações particulares da vida social e às relações de poder.

Compreender a ideologia como fenômeno discursivo ou semiótico é dar um sentido material (em razão da materialidade da natureza sógnica) à ideologia, bem como esclarecer a sua produção de significados. No entanto, a ideologia tem de ser vista muito mais em sua posição de efeitos provocados no interior dos discursos do que um conjunto particular de discursos. Esses efeitos, como o de “fechamento”, servem para

excluir determinados significantes, enquanto, por outro lado, outros são “fixados” em posição dominante.

Na visão de Voloshinov⁷, a ideologia está atrelada ao signo lingüístico e, dessa forma, a consciência surge na materialidade dos significantes que, por sua vez, não só refletem a realidade, mas também são partes integrantes dela. A palavra passa a se configurar como ideológica na medida em que a consciência se constitui a partir de um tipo de discurso interior, isto é, na internalização de palavras. Assim, a consciência pode ser entendida como algo interligado a uma rede de significantes que, dada a sua presença constante em nossas vidas, passa, igualmente, a nos constituir.

O signo liga-se à base material de nossa vida social, pois ele não é apenas determinado por uma infra-estrutura econômica, mas, sobretudo, estabelece a materialidade para os contextos discursivos sistematizados.

A emulação de interesses distintos e antagônicos, no âmbito do signo, compõe a definição da ideologia na proposição de Voloshinov. O signo, portanto, transforma-se no espaço em que se apresentam os conflitos sociais e, especialmente, onde a luta de classe se inicia. É justamente o movimento possibilitado por interesses sociais em conflito que sustenta o dinamismo e a vitalidade do signo social.

Ainda no campo da análise do discurso, Eagleton⁸ ressalta a importância da obra de Michel Pêcheux que propõe, por meio do exame do poder social, inscrito na linguagem, ultrapassar a distinção estrutural de *langue* e *parole*, do lingüista suíço Saussure. Na concepção de Pêcheux, é preciso distinguir “formação discursiva” e “processo discursivo”.

O que constitui uma formação discursiva é um conjunto de regras que impõe o que pode e deve ser dito, em certo contexto da vida social, mudando de significados, quando transportadas para outra circunstância. Também a formação discursiva produz uma “matriz de significados” que engendra processos discursivos, além de ser parte do que Pêcheux designa como “interdiscurso”, guardando uma formação ideológica.

São as relações ideológicas que acabam por moldar os processos discursivos. E, através da linguagem, a despeito de sua relativa autonomia, é que se afiguram as

⁷ BAKHTIN, Mikhail. (VOLOSHINOV) *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1995.

⁸ EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. Trad. Silvana Viera. São Paulo: Boitempo, 1997.

formações discursivas, tornando-a veículo contumaz de conflitos ideológicos. Mas é o falante individual, na crença equivocada de autoria do próprio discurso, que “esquece” a sua condição de função inscrita no contexto de formação discursiva e ideológica, como explica Eagleton:

Mas a posição de uma formação discursiva dentro de um todo complexo, que inclui o seu contexto ideológico, será tipicamente ocultada do falante individual num ato que Pêcheux chama esquecer, e é por causa desse esquecimento ou repressão que os significados do falante parecem-lhe evidentes e naturais. (1997, p. 173)

Eagleton compara o processo definido por Pêcheux com a figura do bebê laciano que se identifica com seu reflexo imaginário. O sujeito falante identifica-se com uma formação discursiva que o domina mesmo “esquecendo-se” da posição original dessa formação.

Essa teoria, vinculada ao desempenho lingüístico, compõe certo conjunto de estudos que examina nas estruturas lexicais e sintáticas os caminhos pelos quais determinadas utilizações gramaticais optam na construção discursiva. Esses percursos são realizados a partir de algumas tentativas de dissimulação em face de interesses ideológicos dominantes. É na análise lingüística, portanto, que a busca de reflexões a respeito da noção de ideologia encontra alternativa ao idealismo da herança crítica do exame da “consciência” e situa-se propriamente no âmbito da interação social.

Na década de 70, a publicação francesa *Tel Quel*, vinculada aos estudos semióticos, destaca o ato de “fixar” o processo de significação como sendo essencialmente ideológico, na medida em que se estrutura em torno de alguns significantes dominantes com os quais o sujeito pode se identificar. Conquanto a linguagem tenha um caráter fortemente produtivo, por outro lado, essa produção é encerrada num processo de harmonização ideológica ou “fechamento”, que delimita uma idéia de unidade imaginária, afastando possíveis formas de fragmentação. Esse processo atende à arbitrariedade nas representações de uma cadeia significativa na repressão da linguagem em sua circunstância material de produção.

O “fechamento” só fará sentido na relação com o contexto discursivo e ideológico no qual ele irá se atrelar. Essa perspectiva de ideologia compreende os mecanismos lingüísticos e psicológicos, além de destacar os efeitos complexos

interiores ao discurso. A despeito desse mérito, não se pode esquecer de outros vínculos que se articulam à ideologia, dentro de uma realidade lingüística.

Eagleton⁹ salienta que, para Paul de Man, a raiz de toda ideologia encontra-se na relação de naturalização com a linguagem. Essa pode participar do mundo dos objetos a partir da condição de consubstancialidade que lhe dá a designação de ilusão “fenomenalista”. A ideologia, assim, é uma espécie de linguagem que perde as relações contingenciais com o mundo, transformando-se numa forma natural, orgânica e inexorável de representação.

Man destaca a ideologia a partir da confusão entre a realidade lingüística e a realidade natural e, em outra dimensão, entre a referência e o fenomenalismo. Mais uma vez, os interesses subjacentes dos portadores do discurso colocam-se como uma questão de falsidade ou figuração. A ideologia apresenta-se como a tentativa de fusão de estruturas separadas como a mente e o mundo ou a linguagem e o ser, buscando uma presença orgânica do objeto inscrito na palavra.

Na narrativa *O Rei de Havana*¹⁰, de Gutiérrez, a naturalização da linguagem revela-se, também, por meio do conformismo do protagonista, no que diz respeito à sua circunstância de privações:

“A única propriedade do pobre é a fome”, dizia sua avó quando ainda falava. Desde pequeno lhe ensinaram a não dar importância a essa propriedade. Fazer que não existia. “Esqueça da fome porque não tem nada para comer”, gritava a sua mãe sempre, todos os dias, a qualquer hora. Então ele se lembrou e disse para si mesmo:
– Porra, Rey, está reclamando do quê? (2001, p.88).

O discurso repetido por Rey fundamenta-se na reiteração da linguagem familiar, ligada à tradição e ao passado. Por outro lado, a condição de faminto é apresentada como inevitável, indicando uma relação da ideologia no sentido de compreensão da linguagem como consubstancial ao mundo natural ou, com outras palavras, há uma tentativa interessada e artificial de vincular, harmoniosamente, as palavras (ou conceitos) ao mundo dos objetos. O miserável conforma-se com sua situação, pois a

⁹ Op. Cit.p. 176-177.

¹⁰ GUTIÉRREZ, Pedro Juan. *O Rei de Havana*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

“narrativa” difundida pela família é a de que “sempre foi assim” e, portanto, isso nunca irá se alterar.

A importância da linguagem revela-se no exame da perspectiva ideológica que pode ser atribuída a algumas palavras. Assim, algumas expressões ou construções de frases, segundo Konder¹¹, revelam uma história particular e, da mesma maneira, podem dizer muito mais do que poderíamos supor. Para ele, tanto a etimologia quanto o emprego de determinadas palavras representam os valores das sociedades que as engendram e preservam acepções cujas origens serão depois esquecidas.

Evidentemente, o campo da linguagem expõe medos, preconceitos e ambigüidades e, por meio dele, estruturam-se posições e manifestações de distorções ideológicas, além de tentativas de superação dessa linguagem, muitas vezes utilizada com o intuito de domínio ou de poder.

Konder¹² lembra a origem da palavra “maluco” para demonstrar a reação dos dominadores diante de culturas diferentes da sua. Particularmente importante é examinar a etimologia aduzida pelo autor:

Os portugueses do século XVI, mobilizados no ímpeto da expansão colonial, consideravam insensatos aqueles que se revoltavam contra a dominação que lhes era imposta. Quando os habitantes das ilhas Molucas se rebelaram, em 1570, e mataram muitos colonizadores portugueses a pauladas, a consternação em Lisboa foi imensa. Foi então que os lusitanos passaram a usar uma palavra que designava os ilhéus como sinônimos de loucos: os malucos, termo derivado de Molucas. (2002, p. 152).

O temor às diferenças e o preconceito são representados pelas palavras e também produzidos nesse complexo processo. Os gregos, por exemplo, denominavam “bárbaros” aqueles que não falavam a sua língua e, na Roma antiga, as pessoas que habitavam fora do perímetro urbano eram vistas como obtusas e de suas casas, chamadas de vilas, originaram-se os termos “vilão” e “vilania”.

Os homens do povo, quando afeitos a práticas de ensino (“docere”) eram, elogiosamente, chamados de “dóceis”. O ato de pedir com humildade (“rogare”) em

¹¹ KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

¹² *Ibidem*, p. 152.

contraposição ao ato de reivindicar algo (“arrogare”) também mostra a distinção imposta pelo olhar do dominador, como afirma Konder:

Se, por acaso, pediam algo (pedir em latim era rogare), os pobres eram tolerados, desde que se expressassem com humildade. Se, porém, ousavam reivindicar algo (em latim, reivindicar era arrogare), passavam a ser vistos como arrogantes (2002, p. 153).

Além da incompreensão e do preconceito em relação a culturas diferentes, a ideologia, por meio da linguagem atua, igualmente, com intuito de manutenção das relações de dominação. Essa articulação entre ideologia e linguagem pode ser exemplificada em um excerto da narrativa *O ninho da serpente*¹³, de Gutiérrez, quando uma assistente social do governo conversa com a prostituta Dinorah e com seu amante na época, o protagonista do texto, Pedro Juan:

Deixa eu explicar, porque a companheira aqui pode ter uma oportunidade e você pode ajudar. Talvez a gente consiga um trabalho para ela. Já conseguimos um emprego muito bom, num cinema e ela largou logo. Nem conversou com o companheiro administrador. Companheiros, vocês têm de tomar consciência desse processo e abandonar as chagas do passado! (2005, p.25)

A insistência na utilização das palavras “companheiro” e “companheira” sinaliza para a compreensão de unidade, buscando criar nos indivíduos uma sensação de pertencimento a determinada comunidade. Essa forma de tratamento parece, dessa maneira, bastante comum em Cuba, conforme observa Morais¹⁴:

Em Cuba, todo mundo, homens e mulheres, é *compañero*. Nos envelopes das repartições públicas, nas cartas, nas conversas, nos discursos oficiais, ninguém é *senhor* ou *señora*. Todo mundo é *compañero* – menos, é claro, os considerados contra-revolucionários. Estes são os *gusanos*, os vermes (2001, 137).

A menção a “chagas do passado” alude a uma distinção entre as metáforas da “ferida” e, por distinção opositiva, da “cura”, figurativizando uma associação entre a

¹³ GUTIÉRREZ, Pedro Juan *O ninho da serpente*: memórias do filho do sorveteiro. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

¹⁴ MORAIS, Fernando. *A Ilha*: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

linguagem e o mundo sócio-histórico. Algumas expressões, dependendo de seu contexto, indicam o uso ideológico da linguagem com a finalidade de sustentar relações de dominação, a partir da manutenção do controle e da vigilância em relação àqueles que podem ameaçar o poder de certos grupos hegemônicos.

A relação entre linguagem e ideologia dar-se-á a partir da visão do observador na medida em que esse elabora, de maneira interessada, uma estrutura que dissimule a reflexão acerca dos efeitos do discurso no interior da organização individual de funcionamento da realidade lingüística.

Konder¹⁵ destaca o exame de Walter Benjamin a respeito da linguagem dentro do aspecto utilitário que impregnava a dinâmica da sociedade da década de 30. A linguagem, assim, estava integrada ao processo de produção do mercado e a consequência disso era a construção de frases com a finalidade de uma serventia imediata, bem como as palavras instituíam uma relação puramente funcional entre as pessoas. De certo modo, a linguagem não permaneceria afastada da pressão deformadora de certos interesses a serviço da manutenção das relações de dominação, o que, por outro lado, não a impediria, de se constituir em mecanismo de reação à ideologia.

Um papel fundamental para o processo de criação permanente da linguagem é desenvolvido pelas camadas populares, na concepção proposta por Mikhail Bakhtin¹⁶. Para o teórico russo, a reação dos sujeitos diante das pressões ideológicas que provocariam as distorções na linguagem, não se centraria apenas nos artistas e nas crianças, mas nas falas comuns do povo.

Por outro lado, a repressão e o controle na utilização da linguagem constituem tentativas de dominação. Geralmente, o discurso fora do padrão afirma e reforça uma posição marginal no mundo de seu enunciador, ou ainda, o discurso popular é reprimido em função de uma possível “contaminação” às normas estabelecidas de relação social.

Em *O Rei de Havana*, por exemplo, o protagonista é levado a um reformatório para menores, por ser suspeito do assassinato de sua família. Depois de alguns dias nesse ambiente de reclusão, Rey agride outro interno e é levado preso. Após o período

¹⁵ KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 125.

¹⁶ BAKHTIN, Mikhail *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

de castigo, ele é conduzido ao encontro de um instrutor que irá reprimir a linguagem do jovem rebelde, caracterizando o ambiente de obediência às normas e, evidenciando, de outra forma, a relação estabelecida entre a ideologia e a linguagem, servindo à preservação do poder, como é possível perceber no trecho que segue:

O instrutor que cuidava dele o levou ao escritório. Sentou-se atrás de uma escrivaninha e o deixou de pé à sua frente.

- O que aconteceu com você?
- Aquele negro queria comer meu cu.
- Se expresse corretamente. Aqui ninguém é negro, nem branco, nem mulato. São todos internos.
- Bom... dá na mesma ...troque negro por interno.
- Você se acha simpático?
- ...
- Estou fazendo uma pergunta. Responda.
- Não. Eu não sou simpático.
- Vou avisar uma coisa: eu sou seu instrutor. Sou eu que resolvo quanto tempo você vai ficar aqui. Está com treze anos. Se continuar brigando e armando confusão, vai chegar aos dezoito aqui dentro e automaticamente, no mesmo dia em que completar dezoito, passa para a prisão...Está claro? (2001, p.17).

A linguagem apresenta-se, no exemplo selecionado, como uma das formas em que o poder tem impacto sobre certos discursos e inscreve-se, de maneira implícita, no interior deles. A coerção do instrutor sobre o interno afigura-se como um processo pelos quais certos interesses são legitimados e naturalizados, de maneira dissimulada, em nome de formas de dominação política. A linguagem, como “expressão correta”, atua nessa circunstância como representação e sustentação das normas e da ordem no espaço de opressão do reformatório.

Bakhtin¹⁷, ao examinar a obra de Rabelais, avalia o poder salutar da transgressão e da ruptura de tabus lingüísticos, além de destacar a riqueza vocabular própria das camadas populares. Dentro dessa concepção, o teórico assevera, igualmente, o riso como uma forma de transgressão ao discurso oficial. No entendimento do teórico russo, é o povo quem deve reagir e, assim, muitas vezes o faz contra a *coisificação* da linguagem. Essa força manifesta-se, também, na vitalidade do cômico contra o discurso da seriedade e da ordem.

¹⁷ BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

Ainda para Bakhtin¹⁸ todo o signo é ideológico, pois é revestido de um significado que o remete para fora de si mesmo e, nessa trajetória, já não pode ser visto apenas como reflexo ou sombra da realidade, mas como parte concreta da mesma. Dessa maneira, o signo é um fenômeno do mundo exterior, engendrado por indivíduos e repleto de significados que culminam em efeitos em determinado meio social.

O signo, tal como o compreendemos, é parte da consciência individual e desenvolvido a partir de intercâmbios comunicacionais, relacionados ao mundo social em que vivemos. Isso significa que os signos não escapam de uma perspectiva ideológica vinculada ao que defendemos e, ao mesmo tempo, são partes de uma produção social.

Ao ressaltar a linguagem como fenômeno, a um tempo, individual e social, José Luiz Fiorin¹⁹ observa essa duplicidade como estrutura fundamental na elaboração discursiva. O autor salienta a ideologia como vinculada à linguagem e à realidade, uma vez que, a partir da materialização discursiva, os fatos são apresentados. Esse intercâmbio relativiza o caráter de plena autonomia da linguagem, como destaca Fiorin:

A linguagem não possui total autonomia, tampouco não se reduz à ideologia. A linguagem é multifacetada e engloba, entre outras coisas, coerções pulsionais, arquétipos míticos, valores e juízos de dada formação social. (1997, p. 72).

Fiorin assevera as formações discursivas como uma série de regras cujas definições a respeito do que deve ser dito são determinadas tendo em vista o contexto em que elas se inserem. Essas formações discursivas se relacionam a determinadas formações ideológicas cujas práticas discursivas serão elaboradas de acordo com determinados grupos sociais.

O discurso do enunciador, embora se apresente como individual, é moldado por uma pressão interna cujos resultados são a apropriação assimilatória e a reiteração do pensamento de um determinado grupo, como afirma Fiorin²⁰:

¹⁸ _____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1995.

¹⁹ FIORIN, JOSÉ LUIZ. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1997.

²⁰ *Ibidem*, p.42.

O discurso simula ser individual para ocultar que é social. Ao realizar essa simulação e essa dissimulação, a linguagem serve de apoio para as teses de individualidade de cada ser humano e da liberdade de pensamento e de expressão (1997, p. 42).

O discurso elaborado pelo enunciador não pode ser visto fora do contexto social em que ele se situa, porque o indivíduo perde a sua posição de agente e passa a repetir a formação discursiva de um grupo dominante. No entanto, no interior desse grupo podem emergir vozes dissonantes e críticas em relação a esse discurso pretensamente homogêneo, rompendo um pressuposto fundamental para a manutenção da ideologia pela linguagem, que é a unificação.

Em *O ninho da serpente*, a crítica a essa tentativa de unidade impositiva realiza-se por meio da apropriação desse mesmo discurso pela personagem e sua posterior adaptação a interesses próprios. Em vez de simular ser individual para ocultar que é social, o protagonista da narrativa utiliza-se de uma fala social, dissimulando suas intenções individuais, como podemos observar no exemplo a seguir:

Escondi as bússolas nos bolsos e roubei. Melhor dizendo, levei para mim. Afinal de contas não eram de ninguém. Nada era de ninguém e tudo era de todos. Anulação da propriedade privada. Uma farra. Um esculacho total (p.34).

O discurso socialista, representado pela expressão manifesta de “anulação da propriedade privada”, serve de justificativa para Pedro Juan roubar as bússolas e vendê-las aos dissidentes do regime que fugiam clandestinamente. Não há uma reafirmação das teses socialistas por meio da paráfrase, mas um aviltamento do discurso que acaba por subvertê-lo.

É na relação entre sintaxe e semântica discursiva que Fiorin aduz duas esferas importantes para o exame da linguagem e da ideologia. Para o autor, a sintaxe discursiva constitui-se como campo da manipulação consciente em que os processos de estruturação do discurso se apresentam de maneira “natural”, ou seja, como se o próprio fato se narrasse. Desse modo, ao dizer “a terra é redonda”, a exclusão do enunciador supõe a estruturação de um discurso fundado sobre uma perspectiva impessoal e, aparentemente, indiscutível.

A semântica discursiva acentua um conjunto de elementos de sentido de dada época cujas condições de produção do discurso já foram convenientemente apagadas ou esquecidas. Dessa forma, as determinações do discurso apresentam-se mais por elementos inconscientes que, no entanto, não escondem um caráter ideológico, por razão de se coadunarem a aforismos já incorporados ao tecido social, tais como: “os homens são desiguais por natureza”, ou ainda, “dinheiro não traz felicidade”, entre inúmeros outros.

A linguagem, na sua condição de instrumento que permite que as representações possuam materialidade, é composta de uma complexidade de elementos ideológicos indicados em determinado discurso. O próprio enunciador pode omitir a sua verdadeira ideologia, produzindo um discurso cuja formação indique posição contrária àquela que defende, como uma forma de dissimulação pela linguagem dos interesses implicados em certa circunstância, como afirma Eagleton²¹:

Assim como um neurótico nega veemente um desejo que, não obstante, manifesta-se de forma simbólica no corpo, uma classe dominante pode proclamar a sua crença na liberdade, apesar de obstruí-la na prática (1997, p. 121).

Em *O Rei de Havana*, o discurso hegemônico é reproduzido pelo público que caminha pelo mercado e se espanta com os preços altos dos alimentos. Nesse sentido, há uma representação do discurso individual cuja raiz social é lembrada pelo narrador. Ao mesmo tempo, o mesmo narrador desconstrói a idéia de que o governo irá solucionar, de fato, os problemas enfrentados pela população mais pobre:

O público circulava pelos corredores, perguntava os preços, comprava muito pouco ou nada. E continuava olhando e se assombrando com os preços e passando fome. Um ou outro velho murmurava: “Estão ficando milionários e o governo não faz nada. Isso é contra o povo, tudo contra o povo”. Ninguém lhe dava ouvidos. Alguns velhos continuavam esperando que o governo solucionasse alguma coisa de vez em quando. Haviam sido tão malhados com essa idéia que ela já estava geneticamente impregnada neles (2001, p. 159).

²¹ EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. Trad. Silvana Viera. São Paulo: Boitempo, 1997. p.127.

Se cada processo discursivo está inscrito em relações ideológicas elas não escapam de certos moldes, inerentes a determinadas pressões. O esquecimento de dada formação discursiva, por razão de sua função ideológica, induz o falante individual a reconhecer-se, equivocadamente, como autor de seu próprio discurso. A partir do excerto de *O Rei de Havana*, observamos que a expectativa de intervenção do governo, com vistas a garantir o bem-estar social, pode ser compreendida como uma formação discursiva ideológica, repetida pelo povo. Assim, o povo acaba por repetir um discurso do governo, pensando que é seu.

A noção de ideologia está muito mais atrelada à questão do discurso que da linguagem. Evidentemente, há uma relação inextrincável entre o poder e determinadas enunciações onde ele se interpõe. Assim, o conceito de ideologia, materializado pelo discurso, acaba por revelar certas lutas e antagonismos próprios de certa forma de vida social.

Aproximando o discurso ideológico do conceito que adotamos para fundamentar a nossa análise dos textos de Gutiérrez, entendemos a ideologia a partir da constituição discursiva de interesses sociais que visam à preservação das relações de poder. Isso não evita, no entanto, a existência de formas simbólicas contestatórias a essas tentativas de manutenção dessas relações. São essas críticas ao discurso hegemônico que pretendemos salientar das narrativas de Gutiérrez, mas, para isso, faremos antes um percurso histórico e conceitual até chegar à noção de ideologia de J. B. Thompson que adotaremos.

1.2 Ideologia: a trajetória de um conceito

Um dos tópicos principais na discussão sobre o tema da ideologia centra-se, no âmbito epistemológico, na articulação de elementos deformadores da realidade que possam incidir na elaboração do conhecimento por parte do sujeito. Esse debate filosófico, já encetado pelos gregos há vinte e cinco séculos, ainda suscita indagações acerca do ato de conhecer, bem como a sua relação com a experiência vivida pelo observador.

Na célebre passagem do *Mito da Caverna*, na *República*²², Platão alertava para a diferença entre o mundo inteligível e o mundo sensível e cuja indistinção causaria um exame equivocado entre a realidade e as sombras desse real, projetadas nas paredes da caverna. Essa perspectiva põe em cheque o conhecimento fundamentado na percepção sensível direta, uma vez que o assevera apenas como sombra do conhecimento verdadeiro.²³

Para além da percepção sensível, a abstração teórica pode provocar equívocos mais profundos do que problemas de ordem empírica. A interpretação e a organização de fatos e idéias resultam num conjunto de noções mais difíceis de serem reconhecidos como errôneos, conforme observa Konder²⁴:

Se a experiência me mostra que fui vítima de uma ilusão de ótica ou me enganei na apreensão de um som, posso ficar momentaneamente perplexo, mas não terei grandes dificuldades para reconhecer e corrigir o engano. Se, contudo, construí uma interpretação, articulei fatos e idéias, elaborei uma teoria e incorporei o que foi observado a um conjunto de noções organizadas, nas quais tenho confiança, o reconhecimento do equívoco se torna mais complicado e, com frequência, mais doloroso (2002, p.17).

São os processos inerentes à elaboração do conhecimento que, de alguma maneira, podem ser aproximados à problemática da ideologia. A construção de uma interpretação para a realidade, seguida da elaboração de fatos e idéias sob as quais

²² PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2007, p.169.

²³ *Ibidem*, p. 171.

²⁴ KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

podemos nos apoiar, dificulta o reconhecimento de um engano, ou ainda, a admissão de que determinadas concepções, em sua origem, não foram organizadas por nós. Em suma, a ideologia pode impedir-nos de reconhecer que, muitas vezes, em vez de narrar, “somos narrados”.

A dificuldade para a definição de “ideologia” indica, como destaca Eagleton²⁵, que esse significante, além de guardar uma série de significados convergentes, é uma espécie de tecido composto por fios conceituais ligados a peculiaridades históricas divergentes. Assim, a partir dessa plurissignificação, Eagleton lista uma série de designações correntes para ideologia:

a) o processo de produção de significados, signos e valores da vida social; b) um corpo de idéias característicos de um determinado grupo ou classe social; c) idéias que ajudam a legitimar um poder político dominante; d) idéias falsas que ajudam a legitimar um poder político dominante; e) comunicação sistematicamente distorcida; f) aquilo que confere certa posição a um sujeito; g) formas de pensamento motivadas por interesses sociais; h) pensamento de identidade; i) ilusão socialmente necessária; j) a conjuntura de discurso e poder; k) o veículo pelo qual atores sociais conscientes entendem o seu mundo; l) conjunto de crenças orientadas para a ação; m) a confusão entre realidade lingüística e realidade fenomenal; n) oclusão semiótica; o) o meio pelo qual os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social; p) o processo pelo qual a vida social é convertida em uma realidade natural. (1997, p. 15-16).

Muitas dessas possíveis definições apresentam-se contraditórias, uma vez que, se por um lado, ideologia pode significar “um conjunto de crenças orientadas para ação”, é evidente que, por outro, essas crenças não se referem, especificamente, a certa classe (como a dominante, por exemplo). Algumas formulações, também, possuem tom pejorativo, pois atribuem a determinado tipo de realidade (lingüística, fenomenal ou social) um sentido de produção de significados que podem ser falsos.

Examinadas, de modo geral, as perspectivas aduzidas sobre ideologia podem ser reunidas a partir de um ponto mais epistemológico e que se filia à noção de verdadeira e falsa cognição, ou ainda, à distorção e mistificação. Uma outra tradição representada, também dentro de uma linha marxista de pensamento, volta-se para a função das idéias na vida social.

²⁵ EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. Trad. Silvana Viera. São Paulo: Boitempo, 1997.

É necessário ressaltar a ideologia em seu aspecto funcional no que concerne à articulação de uma elocução ao seu contexto. Dessa maneira, a ideologia coaduna-se a uma questão discursiva essencial, isto é, refere-se ao uso efetivo da linguagem, como já referimos, com a finalidade de produção de efeitos específicos. Apesar da existência de linguagens próprias e determinantes de dada ideologia, o que interessa, de fato, é justamente o interesse de poder implícito nessas terminologias, bem como suas conseqüências políticas.

Eagleton busca a definição de ideologia em seis enfoques que aglutinam ou descartam as concepções anteriormente referidas. Inicialmente, o autor britânico menciona ideologia como um *processo material de produção de idéias, crenças e valores na vida social*²⁶. Essa designação alude, especialmente, à maneira como os sujeitos vivenciam suas práticas sociais, bem como enfatiza a determinação do pensamento em contraposição ao idealismo. Essa designação assemelha-se ao significado mais amplo de cultura, configurando, assim, um conjunto de práticas significantes e processos simbólicos de determinada sociedade.

A segunda definição de ideologia, proposta por Eagleton, refere-se a idéias e crenças (sejam elas verdadeiras ou falsas) representativas das experiências de determinado grupo ou classe. Ideologia, nesse sentido, filia-se à noção de visão de mundo, além de revestir-se de uma expressão simbólica coletiva.

Uma terceira definição de ideologia leva em conta a promoção e legitimação de interesses de determinado grupo social mediante interesses de grupos opostos. Os interesses postos em conflito levam em conta o apoio ou a contestação de certa estrutura política. Para Eagleton, essa definição implica mais um tipo de fala retórica ou persuasiva do que propriamente verídica, desenvolvendo-se, especialmente, no campo discursivo.

A preservação de interesses, sob o ponto de vista de sua promoção e legitimação, norteia o quarto significado de ideologia. O que está em jogo aqui são as atividades de um poder social dominante. As ideologias dominantes, nesse sentido, trabalham com a estratégia de unificação no processo de formação social, pois o convencimento dentro de uma proposta de cumplicidade junto a grupos subordinados funciona de maneira mais eficaz para a manutenção do poder.

²⁶ Op. Cit. p. 38.

As idéias e crenças que constituem e trabalham para a legitimação de um grupo ou classe dominante são produzidas, sobretudo pela distorção e pela dissimulação. A busca de estratégias de disfarce dos reais interesses de grupo ou classe conta, ainda, com a estrutura discursiva da naturalização e universalização, inscrita a partir de uma estrutura de base semântica.

Por fim, a sexta definição de ideologia alia-se à condição de falsidade das crenças cujas origens não mais se vinculam a interesses de uma classe dominante, porém a toda estrutura da sociedade. Nesse sentido, elide-se a concepção genético-classista presente em algumas definições anteriores.

Sob o ponto de vista histórico, a palavra “ideologia” origina-se no intuito de designar “a ciência das idéias”, ao menos esse era o objetivo de Destutt de Tracy, fundador e líder do Instituto Nacional Francês, no final do século XVIII. A concepção-chave e original de ideologia propõe um método fundamentado num conhecimento científico preciso, indicando a maneira como são formadas as idéias na mente humana, a fim de que fossem asseguradas o controle das sensações bem como o seu processamento. A ideologia serviria como reguladora dos esforços cognitivos do homem, na medida em que supervisionaria também as produções de outros ramos de conhecimento. Assim, a “ciência das idéias” desempenharia, a partir de alguns pressupostos, a função de organizar um mundo orientado pela razão e cujo domínio englobaria o campo das crenças e do comportamento humanos. Para isso, algumas etapas tornar-se-iam necessárias, conforme destaca Bauman²⁷:

A conduta humana é guiada pelas idéias que as pessoas têm; as idéias se formam através do processamento de sensações humanas; esse processamento, como tudo o mais na natureza, está sujeito a leis estritas; tais leis podem ser descobertas com a sistemática observação e experimentação; uma vez descobertas podem ser usadas – como outras leis naturais conhecidas – para melhorar a realidade: nesse caso para garantir que nenhuma sensação enganosa se ofereça a processamento e que as verdadeiras sensações não se distorçam quando processadas. (2000, p.115).

Essa hierarquia rígida e previsível vincularia o projeto ideológico a uma condição positivista de verdade científica. Seriam, tão somente, as *idéias verdadeiras*

²⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

que passariam pelo teste da razão. Caberia aos ideólogos, portanto, o papel de orientadores e condutores de uma sociedade esclarecida, na condução do processo de organização do ambiente humano, bem como das sensações nele produzidas e, por conseguinte, na formação das idéias. Tudo isso teria em vista uma nova ordem social produzida sobre o alicerce da racionalidade.

É com Marx que o conceito de ideologia adquire a função de instrumental crítico fundamental para uma nova perspectiva teórica. Contudo, as abordagens propostas por Marx, conforme salienta Thompson²⁸, não se afiguram de maneira clara, uma vez que a concepção de ideologia apresenta-se em contextos teóricos distintos. As análises de Marx destacam perspectivas que se complementam em algumas circunstâncias e são conflitantes em outras.

De acordo com Thompson, após um período de exílio na França, até 1845, onde havia tomado contato com a obra de Tracy, Marx, junto com Engels, escreve *A ideologia alemã*, texto em que critica a visão dos “jovens hegelianos”, preocupados com conflitos situados no mundo das idéias. Para Marx, há uma relação entre o trabalho desses jovens e as concepções propostas por Tracy e seus companheiros, pois ambos estão presos à ilusão de que as formas da consciência humana têm maior valor do que as condições materiais de existência.

Na perspectiva de Marx, essa contraposição de idéias por idéias nada mais faz do que deixar a realidade suspensa e sem modificações. O pensar e o conceber não podem ser compreendidos como processos autônomos, uma vez que não estão separados da atividade de subsistência do homem.

Dessa forma, Thompson²⁹ destaca a existência de uma proposta de ideologia implícita, que aponta para uma designação por ele descrita como “polêmica”:

Ideologia, nesse sentido, é uma doutrina teórica e uma atividade que olha erroneamente as idéias como autônomas e eficazes e que não consegue compreender as condições reais e as características da vida sócio-histórica (p.51).

A concepção de ideologia reveste-se de um pressuposto relativo à determinação social da consciência. De outra maneira, existe a indicação do entendimento ilusório da

²⁸ THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p.41.

²⁹ *Ibidem*. p.51.

função das idéias como causas, ao invés de efeitos, das condições materiais específicas de dada sociedade.

Na visão de Thompson, o “conceito polêmico de ideologia” liga-se a outro pressuposto, esse concernente à divisão do trabalho. Marx e Engels estabelecem um percurso histórico-social desde o estágio primitivo da sociedade humana em que as pessoas viviam de acordo com suas necessidades e de seu meio ambiente, dentro de uma consciência gregária, até uma separação estrutural entre trabalho material e mental. Essa última divisão atribuiu às pessoas envolvidas no trabalho mental a responsabilidade na produção de idéias cuja existência parecia independente de condições materiais e históricas. Essa perspectiva fez com que a consciência, desapegada da realidade, se emancipasse do mundo e criasse a teoria “pura”, trabalhando sob a ilusão da autonomia. Desse modo, lembra Thompson³⁰,

A formação da “pura” teoria, teologia, filosofia, ética e “toda essa bugiganga de coisas” , como Marx e Engels provocativamente colocam, marca a emergência da ideologia como doutrinas e atividades teóricas que se consideram autônomas, quando de fato não o são (p. 53).

A ciência só inicia onde termina a especulação. Logo, o processo prático e de desenvolvimento do ser humano deve tomar o seu lugar diante da conversa vazia sobre a consciência. Outro pressuposto como condição compreensiva do conceito de ideologia, tal como proposto por Thompson, é o de que as doutrinas e atividades teóricas podem ser explicadas pelo estudo científico da sociedade e da história sendo, do mesmo modo, produto dessas circunstâncias materiais particulares.

Em *A ideologia alemã*, o conceito de ideologia assume, segundo Thompson, um “caráter epifenomênico”, numa caracterização mais próxima à estrutura social e à mudança histórica. Marx e Engels relacionam a elaboração e difusão de idéias a um conceito de classes, especialmente quando afirmam que as idéias dominantes de cada época são as idéias das classes dominantes e que, justo essas classes são as mais fortes na esfera material na sociedade.

Os interesses da classe dominante são expressos pela ideologia, na medida em que essas articulações entram em conflito, a fim de preservar a sua condição de

³⁰ Ibidem, p. 53.

dominação. A forma ilusória como as idéias são representadas nada mais fazem do que favorecer certos grupos dominantes, preservando os seus poderes.

Outro aspecto importante à concepção epifenomênica de ideologia diz respeito à dinâmica progressiva do modo de produção capitalista moderno. Originalmente, para Marx, as sociedades possuíam relações alicerçadas em vínculos religiosos ou sentimentais, encobrindo as qualidades de honra, dever e de valores morais. Com o capitalismo esses valores são destituídos e, em lugar deles, tornam-se evidentes os antagonismos de classes, em função da primazia atribuída às estruturas econômicas.

É a essa modificação que se refere Marx, no *Manifesto do Partido Comunista*³¹, de 1848:

A contínua revolução da produção, o abalo constante de todas as condições sociais, a incerteza e a agitação eternas distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Todas as relações fixas e cristalizadas, com seu séqüito de crenças e opiniões tornadas veneráveis pelo tempo, são dissolvidas, e as novas envelhecem antes mesmo de se consolidarem. Tudo que é sólido e estável se desmancha no ar, tudo o que é sagrado é profanado, e os homens são finalmente obrigados a encarar com sobriedade e sem ilusões sua posição na vida, suas relações recíprocas (p. 68).

O capitalismo moderno cria as condições para que os indivíduos possam se reconhecer dentro da situação de antagonismos de classe e enfrentar as suas condições reais de vida. A classe subordinada pode assegurar, através do conhecimento e da experiência, o êxito de uma sociedade sem classes e o triunfo final do proletariado, desiderato perseguido por Marx.

Um outro ponto de discussão acerca do tema da ideologia, em Marx, refere-se à tendência dos indivíduos a aceitar imagens e idéias que não estão de acordo com seus interesses de classe. Esse conjunto de fenômenos sociais, que Marx engloba sob a terminologia de “ilusões”, “espectros” ou “idéias fixas”, mas que não chegou a sistematizar, Thompson aproxima de uma concepção “latente” de ideologia:

Um sistema de representações que servem para sustentar relações existentes de dominação de classes através da orientação das pessoas

³¹ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O manifesto comunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

para o passado em vez de para o futuro, ou para imagens e idéias que escondem as relações de classe e desviam da busca coletiva de mudança social (p. 58).

Esses fenômenos são muito mais um conjunto de construções simbólicas do que propriamente uma teoria elaborada em torno da questão da ideologia. Essas configurações representativas mostram que certos costumes e tradições, materializados de maneira discursiva ou não, podem mobilizar os indivíduos em direção contrária ao momento presente. Isso aparece no apelo ao passado como se ele pudesse representar uma realidade incontestada, mas, na realidade, vinculada a interesses de dominação relacionados a certos grupos.

No *Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*³² Marx relata os acontecimentos em torno do golpe de Estado na França, em 1851, como resultado de um retorno imagético ao passado e às tradições, a despeito das mudanças e evoluções nas condições materiais de existência.

Esse “espírito do passado”, no entender de Marx, comanda o pensamento e a ação dos vivos. Na perspectiva de Thompson, essas formas simbólicas constituem costumes em relação a práticas e crenças cotidianas e não podem ser deixadas de lado, dada a sua influência na configuração simbólica das sociedades, como, de fato, o teórico admite:

E, no momento mesmo em que os seres humanos são envolvidos na criação de sua própria história, no assumir tarefas sem precedentes, eles recuam diante dos riscos e incertezas de tal empreendimento e

³² Embora considere o golpe de Estado de Luis Napoleão Bonaparte, em dezembro de 1851, relacionado ao desenvolvimento das relações de produção durante a monarquia de Luís Felipe, o texto de Marx não se centra apenas na economia. Para ele, de 1848 a 1851, o fantasma da velha Revolução reaparece na França, trazendo Luis Bonaparte sob a máscara do tio Napoleão I. Assim, a sociedade francesa, à beira de uma crise econômica, é levada para o passado em função do peso da tradição rediviva. Os camponeses acabam iludidos pela lenda de Napoleão I, como antigo herói. Essa imagem simbólica é descrita por Marx, no célebre trecho de *Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*, quando ele se refere à influência de “gerações mortas” no “cérebro dos vivos”: “Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa.(...) Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar e nessa linguagem emprestada.” MARX, Karl. “Dezoito Brumário de Luís Bonaparte”. Trad. Leandro Konder. *Os Pensadores*. (XXXV) Marx. São Paulo: Abril, 1974, p. 335.

evocam representações que lhes asseguram a continuidade com o passado. No momento mesmo em que a continuidade é ameaçada, eles inventam um passado que restaura a calma (p.59-60).

Marx procura entender por que os camponeses, na condição de classe mais numerosa da França, à época dos acontecimentos de 1848-1851, recuaram diante da possibilidade de um levante revolucionário. Na hipótese sugerida por ele, os camponeses renderam-se à imagem mítica de Napoleão – representada pela figura de Luís Bonaparte – como uma volta à tradição. Em momentos de crise, a história carrega a tradição e as formas simbólicas servem para persuadir o povo de que o verdadeiro futuro é o passado, a fim de restaurar a placidez e preservar a ordem social. Os mortos não são plenamente enterrados e as formas simbólicas configuram-se como instrumentos de (re) elaboração de práticas e costumes pretéritos, bem como de obstáculos para a libertação de uma realidade opressora.

Essa concepção latente de ideologia, estabelecida por Thompson, revela as formas simbólicas e seu papel na sustentação das relações sociais. Essas formas circulam na ordem social e são elaboradas e utilizadas em contextos específicos, mas mantêm a característica de falseamento da realidade e de equívoco presente, também nas duas outras proposições conceituais de ideologia examinadas por Thompson, a partir da obra de Marx.

Outra consideração importante em relação ao conceito de ideologia encontra-se em *Interpretações e ideologias*³³, de Paul Ricoeur. Nesse texto, o filósofo francês fundamenta-se numa proposta de decodificação hermenêutica dos signos e examina que, na relação com a prática política, o grau de verdade esperado pelo ser humano é incompatível com a estrutura opositiva entre o científico e o ideológico.

A ideologia, na concepção de Ricoeur, assume valor importante para as necessidades de diferentes grupos sociais, na medida em que se apresenta como justificativa e projeto em vista de determinada realidade. Ideologia, então, articula-se à constituição de cada grupo na demanda de representações simbólicas particulares. Relacionada a um caráter integrador, a ideologia também aparece como dissimulação ou distorção da realidade, numa perspectiva mais próxima das proposições marxistas.

³³ RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Organização, tradução e apresentação de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

Conforme Ricoeur, as ciências humanas não podem se apartar da ideologia. De outra forma, o autor não aceita a idéia de uma visão “totalizadora” como uma superação da ciência em relação à visão limitadora da ideologia.

A ideologia assume, para Ricoeur, uma função mediadora nas nossas representações do real, redirecionando uma trajetória relevante em busca de uma pré-compreensão dessa mesma realidade. No caminho para essa pré-compreensão, o indivíduo distancia-se de seu objeto e de si mesmo e, então, pode elaborar uma crítica à ideologia, configurando-se, assim, em saber.

O saber, no entanto, não pode ser total, uma vez que ele se revela sempre ligado a uma cultura particular ou a uma classe social específica. O saber aproxima-se da imagem das amarras que nos prendem e pelas quais sempre retornamos a um ponto de partida. Assim, a crítica das ideologias, para Ricoeur, relaciona-se a um processo sempre inconcluso, mas cujo início não deve ser esquecido, pois:

(...) a crítica das ideologias, fundada por um interesse específico, jamais rompe seus vínculos com o fundo de pertença que a funda. Esquecer esse vínculo inicial é cair na ilusão de uma teoria crítica elevada ao nível do saber absoluto (1988, p. 94).

As observações de Ricoeur recaem sempre na incompletude do nosso conhecimento que, por sua vez, mostram uma irredutibilidade à noção de absoluto e a um saber incontestável.

A desconfiança de Ricoeur em relação ao pensamento marxista faz-se procedente na medida em que é impossível a compreensão de um saber “totalizante”, pressuposto pelo pensamento dialético. Contudo, a questão que permanece diz respeito à mudança social, ou seja, é possível uma renúncia à estrutura da sociedade ou à totalidade (se assim preferirmos) sem uma contraposição direta à idéia de fragmentariedade do real e um abandono de um projeto coletivo?

Para Bauman³⁴, o conceito de ideologia que ressurge no século XX já não designa mais a “arma que os guardas da fronteira pretendessem usar, com ou sem razão, ao barrar transgressores passados e futuros” (p.118). Em vez disso, ideologia passa do

³⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

âmbito do “conhecimento” para o domínio das “crenças”, num percurso completamente diferente e avesso a sua origem etimológica e pretensamente científica.

Esse novo sentido para a ideologia aproxima-se a crenças falsas e perigosas que serviriam como obstáculos para o conhecimento racional. Não por acaso essa perspectiva tem uma vinculação identificada a um período conturbado na Europa, em vista da Primeira Guerra Mundial, cujas divisões políticas e sinais de intolerância apontavam para o descrédito em relação à civilização. A falência da razão científica caminhava, aparentemente, em sentido contrário ao da fraternidade e da solidariedade humanas.

A crescente fragmentação social e política ensejava a criação de novos entendimentos para ideologia, afastando-a de um projeto universalista, bem como da exclusividade de sua utilização por uma elite esclarecida. Karl Mannheim, conforme lembra Bauman³⁵, desenvolve a idéia de que a perspectiva cognitiva de cada grupo dentro da sociedade é determinada por sua posição de classe, nacionalidade e prática profissional, resultando numa visão parcial da realidade. Esse viés afasta determinado grupo da noção de totalidade, posto que se cria uma tendência à percepção distorcida da realidade objetiva.

Conforme Mannheim, para se atingir um conhecimento verdadeiro da realidade social é preciso um distanciamento ou descomprometimento de quaisquer posições cognitivas particulares. Apenas aquelas pessoas livres de organizações de classe, nação ou religião poderiam expor o caráter limitado e parcial de cada perspectiva cognitiva examinada. Retorna-se à idéia de uma elite esclarecida que é capaz de atuar na condição crítica e imparcial de examinadora de certas práticas produzidas e vivenciadas no âmbito social.

Nesse sentido, o conceito de ideologia atualiza a perspectiva de indivíduos “portadores do saber”. Essa condição orienta para um programa de elaboração do conhecimento verdadeiro com base na universalidade da circunstância humana. Assim, apenas determinadas pessoas podem, dentro de suas extraterritorialidades sociais, arbitrar em favor de uma política científica que busque exclusivamente a verdade.

A ruptura com a fundamentação de um conhecimento verdadeiro a partir da universalidade como projeto iluminista dá-se com a condição do conceito de ideologia

³⁵ Ibidem, p. 122.

para o exame de todo conhecimento, especialmente de base científica. Essa perspectiva de ideologia ressalta a importância de molduras cognitivas como condições de conhecimento que nada mais fazem do que enquadrar fragmentos da experiência humana num paradigma familiar e reconhecível.

Cada indivíduo possui uma estrutura cognitiva distinta e sua comunicação, com outros indivíduos ou grupos, precisa passar por um processo de tradução, numa alusão possível ao campo da lingüística. Desse modo, a multiplicidade de ideologias, fundada nessa perspectiva plural, aponta para a capacidade do indivíduo de ordenar o fluxo de sensações, a fim de tornar possível o processo do conhecimento.

A condição de estruturas cognitivas divisoras aponta para a diversificação do ato de conhecer, bem como o abandono da tentativa de universalizar um modelo para a ciência das idéias. Em determinado aspecto o que era visto com restrição, assume um significado diferente, como salienta Bauman³⁶:

A noção positiva de ideologia, em outras palavras, faz uma virtude daquele aspecto do conhecimento que Mannheim ainda consideraria o seu vício. Não apenas sinaliza uma reconciliação com a variedade de visões de mundo, hoje considerada um fato inevitável e mesmo indispensável, como proclama a nova atitude neutra e desinteressada da classe culta e a intenção de renunciar ao antigo projeto de retificar a confusão lingüística pós-Babel, de fazer proselitismo para corrigir, homogeneizar, unificar o que foi indevida e perigosamente separado e posto em conflito (2000, p. 124).

Contudo, a questão que se afigura hoje em dia, de acordo com Bauman, diz respeito à disseminação articuladora do conhecimento vinculado à ideologia e, por conseguinte, à concepção de irredutibilidade. Isso significa uma impossibilidade de fuga da ideologia, bem como uma admissão da perda de paradigmas, a fim de se cotejar estruturas diferentes. É impossível asseverar uma visão de mundo superior a outra e, por outro lado, a alternativa é a da aceitação do caráter plural de ideologia. Assim, se a ideologia está em toda a parte, segundo Bauman, a idéia de reflexão perde sua validade e, de certa maneira, também a idéia de um engajamento ativo na sociedade, ao contrário da perspectiva dos primeiros ideólogos.

³⁶ Op. Cit. p. 124.

A ampliação do conceito de ideologia torna-o politicamente vazio. Segundo Eagleton, o problema da tese da ideologia como legitimação dá-se, sobretudo, na sua relação com a própria natureza do poder. Desde a definição de Foucault de poder como uma rede penetrante e intangível que se dissemina por toda a estrutura social³⁷, a sua relação próxima com a ideologia torna-se problemática, porque aponta para um significante vazio. Assim, insiste Eagleton, “[se] o poder, como o próprio Todo-Poderoso, é onipresente, então a palavra ideologia deixa de particularizar algo e perde totalmente sua capacidade de informar (1997 p. 21)”.

Para Žižek³⁸, a existência da ideologia articula-se no sentido de reguladora da relação entre o visível e o invisível, o imaginável e o inimaginável, bem como nas mudanças concernentes a essas relações. Essa concepção coaduna-se às noções de “passado” e “presente”, confundindo, a partir de interesses discursivos e políticos, os elementos de continuidade temporais, como afirma o teórico esloveno:

[quando] um evento que anuncia uma dimensão ou época inteiramente novas é (des)apreendido como uma continuação do passado ou um retorno a ele, ou no caso inverso, quando um acontecimento inteiramente inscrito na lógica da ordem existente é (des) apreendido como uma ruptura radical. (1996, p.07).

A pertinência do conceito de ideologia acompanha o horizonte da imaginação histórica e suas possíveis mudanças. No entanto, a renúncia ao conceito de ideologia dá-se, além da complexidade na compreensão de eventos que englobam problemáticas sociais, na medida em que pluralidade de designações se disseminam. Ideologia pode, portanto, designar uma atitude contemplativa, desvinculada da realidade histórica, como também pode ser pensada como um conjunto de crenças voltadas para ação. Podemos entender ideologia ainda como o meio essencial através do qual os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social, ou como as idéias falsas que legitimam um poder político dominante.

Com frequência, a noção de ideologia “teima” em aparecer quando tentamos elidir a sua manifestação. Quando denunciamos determinado processo como

³⁷ MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org. e trad. _____. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

³⁸ ŽIZEK, Slavoj. *Um mapa da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

“ideológico”, não podemos deixar de perceber que o inverso também é verdadeiro, ou seja, quem denuncia esse processo não está livre de também ser denunciado.

O exemplo de Žižek talvez aponte para uma compreensão mais elucidativa³⁹:

Quando, por exemplo, uma potência ocidental intervém num país de Terceiro Mundo em decorrência de violações dos direitos humanos, pode ser perfeitamente verdadeiro que, nesse país, os direitos humanos mais elementares não têm sido respeitados, e que a intervenção ocidental irá efetivamente melhorar o quadro desses direitos. Mesmo assim, essa intervenção é ideológica, na medida em que deixa de mencionar os verdadeiros motivos da intervenção (interesses econômicos, etc). (1996, p. 14).

O caminho da *doxa* para a verdade ainda é uma problemática crucial na análise da ideologia⁴⁰. A multiplicidade das noções de ideologia relaciona-se a uma série de distinções de circunstâncias históricas diversas e que devem ser vinculadas ao modo como o pensamento se inscreve no objeto examinado. É necessário perceber, como salienta Žižek, referindo-se a Derrida “a maneira como a própria moldura é parte do conteúdo enquadrado” (p. 14).

Nesse caso, cumpre asseverar a importância do valor cognitivo inerente ao termo, a despeito de uma possível abordagem meramente historicista e representativa de condições sociais. Na adoção, por exemplo, do termo “ideologia proletária”, por parte do leninismo-stalinismo, no final da década de 20, o que estava em jogo era a força propulsora do movimento proletário revolucionário, isto é, uma força subjetiva. À parte disso, a análise do efeito da distorção da consciência dominada em face da hegemonia da ideologia burguesa dominante também se alternava como elemento especulativo, mas não de vital relevância na estrutura complexa.

A noção imanente de ideologia na condição de doutrina, ou conjunto de idéias cuja finalidade acompanha o processo de persuasão acerca de determinada “verdade”, com efeito, se destina a certo interesse inconfessado de poder, e esse é o nosso objeto

³⁹ Ibidem, p. 14.

⁴⁰ Para Konder, a concepção de ideologia não deve ser vista apartada da problemática filosófica, especialmente no que diz respeito às discussões sobre as diferenças entre *doxa* (opinião) e *episteme* (ciência), como ele mesmo ressalta: “Epistemologicamente, a ideologia está próxima daquilo que os gregos caracterizavam como opinião (*doxa*), uma posição baseada, na melhor das hipóteses, num critério de probabilidade ou numa conveniência argumentativa”. KONDER, Leandro. A questão da ideologia. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 165.

precípua da abordagem crítica. A busca fundamental é a do reconhecimento de rupturas, lacunas e lapsos disfarçados na estruturação plausível do discurso oficial. Essa argumentação dominante parte de um paradigma racional não-coercitivo, mas inerente à ordem simbólica como tal.

A construção da evidência do “sentido” em dado discurso funciona como estratégia ideológica, implicada no processo e articulada em espaço pré-construído, como aduz Zizek⁴¹:

Um dos estratagemas fundamentais da ideologia é a referência a alguma evidência – Olhe, você pode ver por si mesmo como são as coisas! Ou Deixe os fatos falarem por si talvez constituam aqui a arquiirmação da ideologia – considerando-se, justamente, que os fatos nunca falam por si, mas são sempre levados a falar por uma rede de mecanismos discursivos (1996, p. 17).

O universo simbólico produzido é estruturado com o intuito de esconder *o local* de onde se fala, bem como a *pessoa* que revestiu o discurso da pressuposição de um encadeamento “verdadeiro”. A ideologia não se constitui como uma realidade em si, mas se apresenta a partir de uma relação de alteridade e externalização que aponta para a materialidade de suas práticas, os rituais e as instituições sociais englobadas no sistema.

O impasse da natureza da ideologia persiste mesmo quando tentamos estabelecer uma linha demarcatória cujo limite é representado pela realidade empírica. Essa antinomia da razão crítico-ideológica, como prefere Zizek, fundamenta-se na renúncia à noção mesma de realidade extra-ideológica, uma vez que entramos em contato apenas com ficções simbólicas ou universos discursivos. No entanto, essa multiplicidade de discursos não resolve a questão, nem tampouco a exclui, pois é na tensão que se mantém viva a abordagem crítica da ideologia.

A configuração da sociedade, por diversas vezes, por intermédio da organização discursiva, acaba por estruturar um tipo de “meta-ideologia”. Essa estratégia consiste na tentativa de aviltar ou desmerecer o discurso do “outro” como ele estivesse preso a um sistema de idéias fantasiosas e, por conseqüência, equivocadas. Zizek descreve essa situação rememorando o processo de desintegração do socialismo real:

⁴¹ Op. Cit. p. 17.

O socialismo era percebido como o império da opressão e da doutrinação ideológicas, enquanto a passagem para a democracia-capitalismo foi vivenciada como uma libertação dos grilhões da ideologia. (1996, p.25).

Resta-nos indagar se essa experiência configurar-se-ia de maneira natural ou se, por outro lado, não seria ideológica por excelência. A ideologia, portanto, não se afirma como tal, mas designa outro corpo de opiniões como para distinguir da própria postura, ou de sua “verdadeira” realidade.

Por sua vez, a realidade, estruturada simbolicamente, nunca se afigura como “ela mesma”, mas sim como uma produção repleta de lacunas ou interstícios. O fracasso na incompletude ou na tentativa de abarcar o real tem, como corolário, o aparecimento de imagens ficcionais que dão corpo e preenchem os espaços vazios. Essas “aparições” fugidias e móveis desestruturam a organização binária entre realidade e ilusão, ao instaurar um sistema de pseudomaterialidade.

A problemática da ideologia, bem como a sua abordagem crítica, leva-nos ao caráter de complexidade não-totalizável ou impossível de ser representado na dimensão do materialismo histórico. É necessário reconhecer exclusões e inclusões convencionais na determinação de conceitos, bem como a estrutura organizacional de espaço e tempo, como demarcadores da vida social.

Para Thompson (1995), o conceito de ideologia proposto por Marx, preserva a tendência de um sentido negativo estabelecido por Napoleão⁴². Na visão do teórico alemão, esse sentido transfigura-se sob as mais diversas formas, uma vez que várias concepções de ideologia apresentam-se de maneira implícita em seus estudos. De modo geral, portanto, ideologia aparece como doutrina ou idéias pertencentes ao reino da

⁴² Em seu retorno do Egito, em 1799, Napoleão Bonaparte dá um golpe de Estado e torna-se Primeiro Cônsul da França, posição ocupada por ele durante dez anos. Para a elaboração de uma nova Constituição, Napoleão apóia-se nas idéias de Destutt de Tracy e de seus companheiros do Instituto Nacional Francês. No entanto, ele também desconfia das ligações desse grupo com o republicanismo, passando, então, a ridicularizar as pretensões desses ideólogos, ressaltando que ideologia não passava de uma doutrina especulativa e obscura, apartada das realidades do poder político. Em janeiro de 1800, essa oposição de Napoleão em relação aos ideólogos intensifica-se com a publicação de um artigo seu no *Messenger des relations extérieures* denominando o grupo de “facção metafísica”, além de acusá-los de não terem entendido a Revolução. A partir daí, os ideólogos estavam, então, a conspirar contra o regime. Por esse motivo, o sentido atribuído à ideologia por Napoleão é referido, freqüentemente pelos teóricos, como negativo. Cf. THOMPSON, J. B. Op. Cit. p. 46-47.

abstração e da ilusão e, expressa, sobretudo, os interesses das classes dominantes, a fim de sustentar a ordem estabelecida.

O conceito de ideologia, depois de Marx, assume sentidos diferentes do negativo e que Thompson designa como um processo de *neutralização*. Essa trajetória está coadunada, especialmente, às contribuições de teóricos cuja herança marxista se manifestava na elaboração de estratégias para o enfrentamento da luta de classes em circunstâncias históricas particulares.

Lukács⁴³, ao analisar os problemas que a classe trabalhadora estava enfrentando na busca de sua emancipação, ressaltou a relevância da “ideologia do proletariado” para a busca efetiva da realização de uma missão universal, qual seja a de determinar os destinos da revolução. Essa, por sua vez, seria uma missão histórica universal. Contudo, a indagação que perseguia o filósofo húngaro dizia respeito à maturidade ideológica do proletariado, cujo percurso ascensional para uma verdadeira consciência teria de passar, necessariamente, pela compreensão de sua situação de classe.

A função de mediação ideológica dos interesses do proletariado seria estabelecida pelo partido que estaria, em sua estrutura, preparado para articular as demandas da classe trabalhadora. O partido encontrar-se-ia menos submetido ao processo de reificação da ideologia burguesa, isto é, teria um distanciamento adequado para examinar a circunstância proletária.

Para Lukács, a elaboração de uma ideologia do proletariado teria papel fundamental para transpor os obstáculos da revolução. O conceito de ideologia, nesse sentido, aponta para a promoção e difusão estratégica dos interesses de determinadas classes que estariam sendo subjugadas ou oprimidas no jogo social.

Thompson, no entanto, entende que a problemática se instaura na medida em que há uma transformação implícita, ou melhor, um apagamento da noção de assimetria que acompanha os estudos de Marx. Isso implicaria uma ruptura, pois, conforme acrescenta o autor britânico:

Longe de traçar um caminho privilegiado pelo qual o proletariado iria marchar até a vitória, a ideologia para Marx era o reino das doutrinas

⁴³ LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. Trad. Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 133-191.

abstratas e das idéias ilusórias que poderia talvez confundir o proletariado. (1995, p. 64).

Antes de se constituir como instrumento para a luta do proletariado, a ideologia, nessa perspectiva, é uma barreira que resiste aos esforços para a difusão e implementação do socialismo. A ideologia assume o papel de perturbar a consciência daqueles empenhados em uma mudança efetiva da sociedade e não o de expressar os interesses da classe dominada. A eliminação da assimetria na proposição de Marx parece, de outra forma, elidir a perspectiva de que *as idéias que deveriam expressar o desejo das classes dominadas são, evidentemente, inextrincáveis aos objetivos da classe dominante*. Thompson adverte que o fim da assimetria na concepção epifenomênica tem, por consequência, a neutralização do sentido negativo estabelecido, em sua raiz, para ideologia.

De fato, o conceito de ideologia ao se pulverizar, sendo atribuído a todo o tipo de pensamento perde o seu caráter crítico. No entanto, é evidente que haja vista a multiplicidade de conceitos vinculados à ideologia torna-se impossível pensar em um significado absoluto que resolva a complexidade que acompanha o termo desde a sua criação.

Ao mesmo tempo entendemos que a pluralidade de conceitos para ideologia também é determinante para a designação depreciativa que se conserva do termo. Resultado disso é a definição como ideológica de toda opinião que, geralmente, se afigure contrária a nossa. De outra maneira, ideológico é sempre o pensamento alheio.

Em vista disso e na tentativa de não deixar desmanchar no ar o que sobrou de sólido do conceito de ideologia, entendemos a proposta de Thompson como a mais adequada para o exame de narrativas ficcionais, na medida em que ela se desdobra em diversas estratégias operacionais e cuja atuação se instaura conforme a circunstância apresentada.

Do mesmo modo, compreendemos que, ao falar em ideologia, não podemos deixar de lado a questão do poder ou, ao menos, a tentativa de dominação relacionada ao discurso dissimulado que permeia essa forma de controle. Por esses motivos, adotaremos a concepção de ideologia de Thompson e suas relações com as formas simbólicas, aqui aproximadas aos textos do escritor Pedro Juan Gutiérrez.

O exame das narrativas *O Rei de Havana* e *O ninho da serpente*, de Pedro Juan Gutiérrez, será realizado sob a perspectiva de ideologia proposta por J. B. Thompson. Essa escolha se deve à distinção plural estabelecida pelo teórico britânico, explorando as diversas circunstâncias particulares através das quais a ideologia pode operar. Por entendermos que os protagonistas de Gutiérrez são, freqüentemente, afastados do exercício do poder, a concepção múltipla de ideologia, apresentada por Thompson, na nossa visão é a mais adequada para a compreensão das relações de dominação sugeridas na narrativa ficcional.

Para Thompson⁴⁴, em sua pesquisa sobre ideologia e cultura moderna, há uma convergência entre a linguagem e o conceito de ideologia que, para o teórico, se caracteriza como “sentido a serviço do poder” (p.79). O autor destaca, também, a noção de assimetria que se afigura significativa em toda relação de dominação, na medida em que determinados grupos detêm o poder de modo permanente, excluindo, desse exercício, outros agentes.

Thompson assinala a relevância da análise configurativa das formas simbólicas e sua utilização semântica em vários níveis, desde as falas lingüísticas cotidianas até a coadunação a textos complexos e linguagens semióticas. Dada a sua pluralidade de atuação, a ideologia mobiliza-se de diversas maneiras no intuito de estabelecer e sustentar relações de poder. Essas formas de atuação da ideologia manifestam-se a partir de estratégias utilizadas em circunstâncias particulares. Assim, os modos operacionais da ideologia são, na visão do teórico britânico: a legitimação, a dissimulação, a unificação, a fragmentação e a reificação.

As relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas por sua aparência de legitimidade ou consideradas dignas de apoio. Thompson recorre a Max Weber para a designação de três tipos de fundamento sobre os quais podem se configurar as legitimações: os fundamentos reacionais, que apelam para a justiça do projeto aduzido; os fundamentos tradicionais, que apelam à sacralidade em respeito às tradições e, por fim, aos fundamentos carismáticos, que se relacionam ao caráter da pessoa que exerce a autoridade. A partir desses fundamentos, podem surgir exigências expressas em formas específicas pelas quais determinadas estratégias são construídas. Essas formas, configuradas em relação ao contexto proposto por Thompson, são:

⁴⁴ THOMPSON, J. *Ideologia e cultura moderna*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p.79.

- a) racionalização: é a estratégia pela qual o produtor de uma forma simbólica elabora um campo de raciocínios com o objetivo de defender ou justificar um conjunto de relações, procurando persuadir e buscando apoio à sua argumentação;
- b) universalização: é a estratégia através da qual são apresentados acordos institucionais que servem aos interesses de um pequeno grupo ou de apenas um indivíduo, mas que são mostrados como de interesse comum. Dessa forma, sugere-se que esses acordos estão abertos para quem tiver competência de, por meio deles, ser bem sucedido;
- c) narrativização: nessa estratégia são relatadas histórias pretéritas que buscam mostrar o presente como portador de uma tradição eterna e imutável. O fato de utilizarmos a narrativa no intuito de contar ou ouvir histórias pode nos aproximar, às vezes sem percebermos, a um processo simbólico de sustentação das relações de dominação.

Já a dissimulação trata de ocultar, negar ou obscurecer as relações de dominação, a fim de que a atenção seja desviada de seu sentido no mundo social. São três as estratégias que expressam a ideologia atuando como dissimulação:

- a) deslocamento: é a transferência do sentido de um termo para outro. Assim, as características inerentes a determinada circunstância passam a figurar em outro lugar. Thompson cita Marx quando este ressalta a configuração simbólica de Luís Bonaparte, como “herdeiro legítimo de Napoleão”;
- b) eufemização: é a utilização do discurso para atenuar determinada circunstância cujo significado seja negativo;
- c) tropo: é a estratégia que se utiliza da linguagem figurada para obnubilar as relações de dominação. O uso do *tropo*, geralmente, se restringe à literatura, mas o uso figurativo da linguagem, em especial a metáfora e a metonímia, é muito mais amplo. Assim, todas essas utilizações da linguagem mobilizam o sentido do

mundo sócio-histórico, encobrendo-o sustentando-o ou criando relações de dominação.

No que se refere à unificação, essa é a construção, no âmbito dos símbolos, de uma unidade que serve de ligação entre os indivíduos de uma coletividade, a despeito das suas idiossincrasias. As subdivisões desse modo operacional da ideologia se apresentam por meio das seguintes estratégias:

- a) padronização: as formas simbólicas aqui são desenvolvidas por intermédio de uma referência-padrão. Dessa maneira, são apagadas as distinções entre os indivíduos, destituídos de suas identidades;
- b) simbolização da unidade: nessa estratégia há uma configuração de unidade através de símbolos pátrios. Através desses é feito um apelo tácito para a partilha de uma herança histórica comum, diluindo e desviando a atenção diante das diferenças sociais e sustentando as relações de dominação.

Além de diluir as diferenças numa coletividade, através da unificação, as relações de dominação se dão, também, pelo afastamento daqueles que possam representar perigo aos grupos que detêm o poder. As estratégias típicas de construção simbólica dessa circunstância de dominação se bifurcam nas seguintes perspectivas:

- a) diferenciação: é o realce dado às diferenças ou discrepâncias entre os indivíduos e/ou grupos, obstando as relações entre os mesmos indivíduos, com a finalidade de afastar a possibilidade de perigo ao poder estabelecido;
- b) expurgo do outro: essa estratégia caracteriza-se pela configuração imagética de um inimigo que representa uma ameaça à sustentação das relações de dominação. Com o “retrato” do inimigo delineado, aos outros indivíduos cabe a tarefa de excluir esse elemento do grupo. Após a fragmentação, segue o processo de unificação para o expurgo do outro.

A reificação retrata uma circunstância histórica e transitória como se essa fosse perene e imutável. Com isso, os processos tomam um sentido natural e atemporal de conseqüências inevitáveis cuja alteração é negada por essa razão. As estratégias que representam esse modo de operação da ideologia são:

- a) naturalização: nesse caso, um fato que é social e histórico adquire dimensão natural cuja configuração apresentada impede a alteração do *status quo* ;
- b) eternalização: nessa estratégia há um “esvaziamento” dos aspectos históricos e sociais, fazendo com que determinados acontecimentos, fatos ou eventos sejam compreendidos como perenes ou imutáveis;
- c) nominalização e/ou passionalização: essas estratégias são elaboradas com o intuito de desviar a atenção do destinatário da mensagem para outros focos, nem tão significativos. A nominalização utiliza-se, mormente, de referentes apositivos em vez de nomes diretos que remetam ao verdadeiro agente da ação.

Thompson aproxima-se da concepção latente de ideologia, depreendida a partir dos textos de Marx, uma vez que se apóia no critério da sustentação das relações de poder. No entanto, alguns aspectos diferem da análise do teórico alemão como, por exemplo, a caracterização do erro ou da ilusão como fenômenos ideológicos, pois Thompson os entende não no sentido da “verdade” (ou “falsidade”), mas nas circunstâncias particulares em que eles podem estabelecer relações de dominação.

Para Marx, o critério utilizado para o exame da ideologia filia-se, sobretudo, às relações de classe, o que, de fato, na circunstância histórica na qual o teórico projetava sua perspectiva constituía-se uma possibilidade concreta. Todavia, é necessário que se avalie uma ampliação desse enfoque, como destaca Thompson⁴⁵:

Com a ajuda da visão à distância fica claro que a preocupação de Marx com as relações de classe era enganadora, sob certos aspectos. Embora Marx estivesse correto em enfatizar a importância das

⁴⁵ Op. Cit. p. 77.

relações de classe como uma base da desigualdade e exploração, ele pareceu negligenciar ou menosprezar, a importância das relações entre os sexos, entre os grupos étnicos, entre os indivíduos e o estado, entre estado-nação e blocos de estados-nação (...) (p. 77).

A exigência de Thompson parece demasiada, já que não podemos caracterizar como equivocada uma análise ainda fora da discussão positivista e materialista do século XIX. As teorias atuais não podem prescindir, em suas pautas, das relações de dominação, legitimadas pela tradição, entre homens e mulheres, grupos étnicos, e estados-nação que se encontram à margem do sistema global hegemônico.

A restrita visão de ênfase dada às relações de classe como eixo precípua das estruturas das sociedades modernas não deve ser aceita, atualmente, como evidência incontestável. Nesse ponto, as relações de classe também são importantes na medida em que o sentido estabelece relações de dominação, mas outros tipos de relações, também implicados numa circunstância atual, podem ser considerados relevantes.

Para Thompson, Marx tende a menosprezar as formas simbólicas, bem como o sentido por elas mobilizado na constituição da realidade social e na sustentação das relações entre pessoas e grupos. Na visão de Marx, quando esse destaca as “idéias fixas” do campesinato como um retorno mítico à lenda de Napoleão, o seu objetivo é examinar o papel da tradição na manutenção do conjunto de relações sociais, organizadas de maneira independente no que concerne ao sentido, compreendido em formas simbólicas.

A conceitualização de ideologia passa pelas maneiras como o sentido pode estabelecer e sustentar relações de dominação. Desse modo, estabelecer significa, inclusive, instituir essas relações e sustentá-las por meio de um processo contínuo de produção e recepção de formas simbólicas.

As formas simbólicas devem ser entendidas como ações e falas, ou ainda, imagens e textos configurados por sujeitos e compreendidos em caráter de construtos significativos. O âmbito significativo dessas formas engloba quatro aspectos típicos, quais sejam: intencional, convencional, estrutural e referencial. Ademais, há o aspecto contextual que se refere às formas simbólicas imersas em circunstâncias específicas e socialmente situadas.

Contextos e processos “socialmente estruturados” conferem a determinados indivíduos diferentes graus de influência ou autoridade, a fim de realizar suas aspirações e desejos. É, pois, nesse ponto, que se configuram as relações de poder:

Podemos falar de dominação quando relações estabelecidas de poder são sistematicamente assimétricas, isto é, quando grupos particulares de agentes possuem poder de uma maneira permanente, e em grau significativo, permanecendo inacessível a outros agentes, ou a grupos de agentes, independentemente da base sobre a qual tal exclusão é levada a efeito (1995, p. 80).

Para entender até que ponto o sentido pode servir para estabelecer e sustentar relações de dominação é preciso verificar as vinculações existentes entre sentido e poder em circunstâncias efetivas da vida social. O autor identifica alguns modos operacionais em que a ideologia pode atuar, bem como destaca o caráter volátil, cuja alteração se dá em função de circunstâncias particulares de construção simbólica.

Thompson preserva alguns elementos de análise da ideologia sob o ponto de vista crítico, porém incorpora a problemática da mobilização do sentido, nas formas simbólicas, como aspecto diferencial em suas observações. Isso não significa um apagamento de outras possibilidades ou circunstâncias em que se manifestam distintas estratégias de dominação.

A mobilização do sentido e sua relação com as formas simbólicas, preservando-se a conceitualização crítica, buscam examinar *uma* das maneiras pela qual a ideologia atua em relação à dominação e não *a única* maneira possível de atuação. Essa limitação é necessária, haja vista a possibilidade de estabelecimento de um recurso heurístico adicional à teoria da literatura que não se centre especificamente no texto – numa possível análise de cunho mais formalista – nem tanto na circunstância social.

O caráter móvel da proposição de Thompson auxilia uma hermenêutica que não se afigura de maneira estrutural e opositiva. A despeito de a ideologia ser vista sob o aspecto da sustentação do poder, os modos pelos quais ela atua – legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação – auxiliam na associação com a complexidade do texto narrativo, além da possível identificação de um ou de vários desses modos operacionais no interior das narrativas, a fim de oferecer ao leitor uma visão mais ampla da construção simbólica.

A análise da ideologia com um aparato teórico voltado para a importância da mobilização do sentido nas formas simbólicas aponta muito mais para uma perspectiva da potencialidade ou dos efeitos da literatura na sociedade – aos moldes da estética da recepção – do que para a concepção clássica da literatura como reflexo da sociedade.

Em suma, a teoria de ideologia proposta por Thompson preserva alguns elementos conceituais preconizados por Marx, mas os renova na multiplicidade de circunstâncias de uso concreto das formas simbólicas. Isso significa que a análise da ideologia, a partir daí, não se vincula apenas a um ponto de vista totalizante, preponderante nas primeiras conceituações, nem se rende completamente à fragmentariedade do real, como nas perspectivas pós-modernas.

Essa alteração no exame da literatura não pode ser vista dissociada de uma postura até certo ponto relativista dos estudos culturais e de uma mudança conceitual de observação da História. Alguns desses preceitos serão aqui (re) discutidos, a fim de se explicitar o tecido teórico urdido nessa análise e para melhor situar a narrativa do autor estudado, o cubano Pedro Juan Gutiérrez, num campo de inter-relações culturais, sociais e literárias, mas com implicações políticas mobilizadas, sobretudo pela conceitualização de ideologia, adotada de J. B. Thompson.

1.3 Ideologia e cultura: caminhos que se cruzam

Obras de arte têm sua grandeza unicamente em deixarem falar aquilo que a ideologia esconde.
Theodor Adorno

Os estudos dos fenômenos culturais, conforme buscamos examinar, vinculam-se a um processo de construção de significados relacionados a circunstâncias sociais e impregnados de valores políticos. Desse modo, esse conceito de cultura indica que suas alterações semânticas não podem ser compreendidas de maneira autônoma ou independente das mudanças ocorridas na sociedade.

Ao facultar a relação entre forma estética e forma social, o exame das narrativas de Gutiérrez, sob a ótica da representação e da crítica à ideologia, sinaliza para o entendimento de cultura identificado a um modo de vida. Se os protagonistas representados nesses textos emprestam suas vozes e seus silêncios para mostrar as iniquidades sociais nas quais estão submetidos, essas narrativas não deixam de se manifestar a respeito da exclusão promovida por um determinado sistema político.

Cultura, assim, não é um domínio separado ou uma instância autônoma de valores humanos, mas a produção de significados que ingressam e podem intervir ativamente na vida social, contribuindo para formação de seus rumos. Porque deve ser vista como parte integrante do processo social, a cultura não está isenta de pressões ideológicas.

O conceito de cultura, no entanto, possui uma história genealógica intrinsecamente relacionada a um percurso social. Ao buscar a trajetória da concepção de cultura, pretendemos ressaltar, além de seu desenvolvimento – geralmente atrelado a mudanças sócio-históricas – a relação necessária entre concepções clássicas até o advento dos estudos culturais, enquanto disciplina, bem como a articulação com a concepção de ideologia, proposta por Thompson.

Derivada da palavra latina “colere”, cultura relaciona-se, etimologicamente, com o cultivo ou o cuidado com determinado objeto ou animal, no campo semântico da agricultura e da pecuária, por exemplo. Da mesma forma, “colere” designa, igualmente, o ato de “adorar” algum elemento revestido de características metafísicas ou religiosas – daí o termo “cultuar” - e também se refere ao verbo “habitar” de onde derivaram as expressões “colono” e “colônia”.

A polissemia etimológica da palavra cultura aponta para uma série de significados que irão caracterizá-la com o passar dos séculos. Assim, utilizando-se de cultura no sentido de “cultivar” é que a metáfora passa a ser estendida para os valores referentes ao processo de desenvolvimento do homem ou ao produto desse processo, elaborado, de modo progressivo, pela mente humana.

No início do século XIX, porém, a palavra “cultura” passa a ser usada ora de maneira indistinta, ora como contraste à palavra “civilização”. Do latim “civilis”, relativo ou pertencente aos cidadãos, a palavra “civilização” configura-se como designação de um processo progressivo de desenvolvimento humano, cujos caminhos dar-se-iam em busca da educação pela ordem e o refinamento, em oposição à selvageria e à barbárie. São evidentes os pressupostos iluministas que norteiam essa definição que resulta numa sobreposição das palavras “civilização” e “cultura” no sentido de indicar um caminho para um processo geral de desenvolvimento que tornaria o sujeito “culto” ou “civilizado”.

Desse modo, Cevasco⁴⁶ destaca que “cultura” e “civilização” são palavras que podem adquirir um significado descritivo ou normativo, dependendo de sua circunstância de uso. No decorrer da Revolução Industrial, o processo de desenvolvimento, voltado exclusivamente para a evolução mecânica, em contraponto aos valores humanos, não seria, necessariamente, salutar na transição para uma sociedade mais justa. “Cultura”, no sentido de treinamento de faculdades mentais, transfigurou-se, ao longo do século XIX, numa reação crítica à sociedade que se encontrava em pleno processo de transformação.

No século XX, a aplicação de um sentido voltado mais ao desenvolvimento humano é um eixo comum que acompanha as transformações sociais, no decorrer da história. Alguns sentidos de “cultura” relacionam-se à sua origem etimológica, como aduz Cevasco⁴⁷:

Além da acepção remanescente na agricultura- cultura de tomates, por exemplo - o de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético; um modo de vida específico; e o nome que descreve as obras e práticas de atividades artísticas (2003, p. 10-11).

É na Inglaterra dos anos 50 que se estrutura a disciplina de estudos culturais, numa circunstância de reorganização social pós-guerra. Raymond Williams torna-se a figura central de um processo de questionamento da acepção de cultura como propriedade exclusiva de um grupo seletivo para a atribuição de um sentido mais antropológico da palavra, isto é, a cultura como um modo de vida.

O resgate da cultura, na acepção de valores reais do ser humano em oposição à artificialidade do mercado e das operações do comércio e da indústria, aponta para um horizonte de intervenção na realidade. Matthew Arnold⁴⁸ é quem percebe esse valor e, ao passo que interpreta um momento de crise da religião, alimenta, por outro lado, a esperança da cultura ocupar esse “lugar”, como apaziguadora das tensões sociais, além de servir como elemento de coesão.

A idéia de Arnold é separar as esferas da cultura, articulada a um espaço mais abstrato, das da política e da vida prática, de modo que a verdadeira crítica seja isenta e

⁴⁶ CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 10-11.

⁴⁸ ARNOLD, Matthew. *Culture and Anarchy and others Writings*. Cambridge: Cambridge Press, 1993.

o crítico resguarde a característica humana dos elementos da ciência e do progresso material.

É na esteira desses pressupostos estabelecidos por Arnold que a concepção clássica de cultura pode ser tomada, de maneira ampla, como:

processo de desenvolvimento e enobrecimento das faculdades humanas, um processo facilitado pela assimilação de trabalhos acadêmicos e artísticos e ligado ao caráter progressista da era moderna (1995, p. 170).

Essa abordagem de cultura privilegia alguns valores e trabalhos em relação a outros, sem indagar a posição e a importância dos agentes ou dos sujeitos que revestem de sentido simbólico esses mesmos valores. A crença no progresso pela educação, de cunho iluminista, acentua o caráter da cultura como processo natural e elaborado por uma classe dominante preparada para a difusão de seus valores no intuito de revelar os “atalhos” para uma civilização mais culta. Nesse sentido, cultura articula-se a um valor universal que pode ser expandido e, sobretudo, imposto àqueles cidadãos menos favorecidos, ou ainda como destacam Giroux e Simon⁴⁹:

Em vez de um ataque sustentado à cultura popular, esse é o abrangente discurso do totalitarismo, dissimulado sob o véu da restauração cultural. Seus inimigos são a democracia, o utopismo e as possibilidades políticas ainda não concretizadas que estão contidas nas culturas dos outros – isto é os pobres, os negros, as mulheres e aqueles que partilham da experiência de total privação do poder. O seu objetivo é a regulação moral e social mediante a qual a voz da tradição confere legitimação ideológica para o sacerdócio da cultura. Esse discurso é um eco cuja fonte pode ser encontrada na Alemanha de Hitler e na Itália de Mussolini; sua pedagogia, podendo ser simplesmente resumida nos termos transmissão e imposição (2002, P. 103).

A diferença da contribuição de Williams reside especialmente no entendimento materialista de cultura, isto é, os bens culturais são resultados dos meios materiais de produção, cujo papel está na concretização das relações sociais complexas, envolvendo instituições, convenções e formas.

⁴⁹ MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa e SILVA, Tomaz Tadeu da. (Orgs). *Currículo, cultura e sociedade*. Trad. Maria Aparecida Baptista. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

Para Williams, cultura deve ser vista como uma forma de produção muito mais prolífica e extensa do que supõem os defensores de uma cultura de elite. Dessa forma, seria necessária a abertura dos meios de produção cultural, além de se fazer uma distinção entre cultura popular e cultura da classe trabalhadora. Williams reitera que cultura popular é uma instituição financiada e produzida pela burguesia, refletindo os mecanismos próprios do sistema capitalista.

O exame da cultura, levando-se em conta o percurso aqui percorrido, vai desde o pensamento de uma subjetividade universal até a compreensão, a partir da década de 50, de uma história contada por aqueles que, comumente, aparecem como adendo à historiografia oficial. Cultura, como categoria inclusiva e abstrata, vai sendo (evidentemente esse assunto está permeado de contestações e polêmicas) substituída pela concepção múltipla de cultura, ou ainda pela idéia de culturas, no plural.

Em sua concepção mais ampla, os estudos culturais buscam entender o significado de cultura em suas produções e elaborações de identidades organizadas para indivíduos e grupos, a partir de comunidades diversas e do poder de classes e do Estado. Para Culler⁵⁰, no entanto, os estudos culturais obedecem a uma ambivalência fundamental na sua constituição:

Os estudos culturais (...) são movidos pela tensão entre o desejo de recuperar a cultura popular como expressão do povo ou de dar voz à cultura de grupos marginalizados, e o estudo da cultura de massas como uma imposição ideológica opressora. Por um lado, a razão para estudar a cultura popular é entrar em contato com que é importante para as vidas das pessoas comuns- sua cultura- em oposição àquela dos estetas e professores. (1999, p. 51).

A teoria culturalista intenta examinar em que medida as pessoas podem ser conformadas e manipuladas por artifícios produzidos por forças culturais. Se, por um lado, os estudos culturais apontam a cultura popular como expressão autêntica de valor, por outro, conferem à cultura o papel de alienação de seus reais interesses, uma vez que determinados desejos são criados e impingidos, por meio do capitalismo e de indústrias

⁵⁰ CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Trad.: Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

de mídia. Impossível apartar essa análise culturalista de uma perspectiva ideológica, tal qual destaca J. B. Thompson⁵¹, isto é, como “sentido a serviço do poder”.

O surgimento dos estudos culturais está atrelado aos estudos literários, ou seja, à tentativa de interpretação de obras literárias, levando-se em conta a singularidade autoral e o valor dos grandes clássicos da historiografia ficcional. Contudo, não demorou muito para alguns críticos entenderem os estudos culturais como uma ameaça à literatura, no sentido de aviltamento de grandes obras, consideradas canônicas, no cotejo com representações de expressões populares não reconhecidas por uma herança tradicional.

Os estudos culturais estruturam-se dentro de uma metodologia de técnicas de exame literário a outros elementos da cultura. Os artefatos culturais podem ser entendidos como textos que devem ser lidos, desde que relacionados a um referente sócio-histórico. Nesse aspecto, as leituras apontam para outros discursos, permitindo um caráter transdisciplinar e expandindo a análise para outras esferas.

A partir da década de 60 ocorre uma mudança semântica no conceito de cultura, mais uma vez relacionada a novas organizações sociais como resultado da intervenção dos meios de comunicação de massa. Essas transformações, de ordem política e econômica, acabam por desestabilizar a idéia de um projeto comprometido com a mudança social.

A valorização das diferenças, em contraposição ao universalismo, revela a perspectiva atual de admissão do conceito plural de cultura. O foco da conciliação por uma cultura comum mudou, haja vista as disputas entre diversas identidades nacionais, étnicas, sociais ou regionais. Se a idéia de cultura como forma de representação de valores inerentes a uma subjetividade universal vem sendo desconstruída, levando junto a perspectiva elitista da existência de uma aristocracia pronta a conduzir as massas, isso não implica, por outro lado, o reconhecimento da importância da cultura popular.

O projeto de heterogeneidade cultural pode resultar num afastamento dos problemas antigos do planeta como as velhas formas de opressão e as humilhações e explorações sociais. Dessa vez, a representação do particularismo pode estreitar participação efetiva dos excluídos na produção e recepção de objetos culturais. Isso resulta um apagamento deliberado, porque ideológico, da importância da noção de

⁵¹ Op. Cit. pág. 76.

história para a compreensão da cultura. A ideologia atua sob a retórica da naturalização das desigualdades e, por consequência, da impossibilidade de um projeto coletivo que atenda às demandas das mais distintas identidades.

Afastada de um caráter político, reduzido a diferenças culturais particulares, esse processo pode terminar, como assevera Mattelart e Neveu⁵², por “coroar as percepções a-históricas e atópicas do momento presente”. Por essa razão, uma das buscas desse trabalho é a vinculação à perspectiva proposta pela *New left* britânica no sentido de compreender a cultura a partir de um princípio de identificação com os problemas sociais, além da recuperação da importância da “história” dos excluídos não apenas como apêndice da historiografia oficial.

A narrativa em que Rey, o jovem pedinte e miserável, é protagonista, ajuda-nos a compreender a iniquidade social e o papel da ideologia no estabelecimento e na manutenção das relações do poder pela exclusão. De outro lado, a narrativa contada pelo também jovem Pedro Juan indica a marginalidade na qual é submetido o rapaz que precisa esconder suas leituras prediletas e seu desejo de ser escritor.

Essa representação da voz e cultura de grupos marginalizados vinculando formas sociais e formas estéticas revelam o que determinadas obras têm a nos dizer no tempo presente em que vivemos. Assim, os estudos culturais podem servir como contraponto à ideologia como manutenção das relações de poder no momento em que se configuram a partir de formas simbólicas contestatórias que representam o autoritarismo e, ao mesmo tempo, mostrar as consequências perniciosas dessa tentativa de dominação no interior da sociedade.

Os estudos culturais, desse modo, acentuam um dos seus múltiplos propósitos, o de fixarem-se na sociabilidade cotidiana dos grupos do universo popular, recusando a legitimidade hierárquica dos objetos culturais portadores de valores considerados mais nobres. A cultura não mais transcende a ideologia, mas representa e critica, por suas formas simbólicas, os termos pelos quais ela se articula. Essa posição dos estudos culturais é observada por Mattelart e Neveu⁵³:

⁵² MATTELART, André; NEVEU, Érik. *Introdução aos estudos culturais*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004, p. 185.

⁵³ Op. Cit. p.72.

Essa parcialidade implica privilegiar métodos de pesquisa capazes de apreender o mais perfeitamente possível as vidas comuns: etnografia, história oral, pesquisa em escritos que dêem a ver o popular (arquivos judiciários, industriais, paroquiais) e não apenas a gesta dos poderosos. Enfim, e, sobretudo, esses trabalhos derivam daquilo que Passeron chama - sem o mínimo tom de depreciação - uma análise “ideológica” ou externa da cultura. As atividades culturais das classes populares são analisadas para interrogar “as funções que elas assumem perante a dominação social” (2004, p. 72).

Afastando-nos da pretensão de neutralidade do conceito de cultura entendemos que os meios materiais de produção estão, de maneira íntima, relacionados às obras de arte surgidas em determinadas circunstâncias. Os textos literários têm que passar por alguns critérios de legitimação. Subjacente a esses critérios está o ato de seleção e exclusão de alguns autores e de determinadas narrativas.

Essa escolha esconde-se sob o manto neutro da *literariedade*, como se esse atributo fosse natural aos textos ficcionais. No entanto, sabemos que não são apenas critérios lingüísticos ou estéticos que orientam o seletivo grupo de autores e textos considerados relevantes em algumas histórias da literatura. O que está em jogo é a concepção ideológica que vincula formas simbólicas e poder. A ideologia, assim, influencia na compreensão de cultura na medida em que busca, também, apagar elementos relevantes e externos ao texto, de acordo com interesses dominantes.

No momento em que o conceito de literatura é naturalizado, ele é revestido de um caráter a-histórico, automatizando-se, igualmente, a concepção de cultura. Com isso, o sentido de literatura e cultura volta-se à definição universalista, tão cara aos defensores do conhecimento simbólico, como uma propriedade de poucos. Como a literatura, em particular, e a cultura, em geral, são fenômenos históricos, é preciso aproximá-las das circunstâncias sociais em que elas estão inseridas, bem como situá-las politicamente.

Portanto, a relação entre ideologia e cultura é bastante complexa e não deve ser deixada de lado na avaliação de textos literários e nas elaborações de histórias da literatura. Para Abreu⁵⁴, a naturalização do conceito de literatura gerou, em contrapartida, definições vagas e pouco aplicáveis, fazendo-nos adotar opiniões, fundamentadas no prestígio social de alguns intelectuais, como se fossem a única verdade:

⁵⁴ ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: UNESP, 2006

Estamos tão habituados a pensar na literariedade intrínseca de um texto que temos dificuldade em aceitar a idéia de que não é o valor interno à obra que a consagra. O modo de organizar o texto, o emprego de certa linguagem, a adesão a uma convenção contribuem para que algo seja considerado literário. Mas esses elementos não bastam. A literariedade vem também de elementos externos ao texto, como o nome do autor, mercado editorial, grupo cultural, critérios críticos em vigor (p.41).

No contexto político cubano, certos temas são proscritos, assim como a leitura de determinadas narrativas. O texto ficcional funciona, nessas circunstâncias, como elemento de transgressão à ideologia, ao representar um contexto de misérias e privações e, ao mesmo tempo, ao mostrar a arbitrariedade e o autoritarismo na tentativa de controle dos cidadãos.

Nesse ponto, a relação entre cultura e ideologia é inegável. Prova disso é o depoimento do escritor brasileiro Ignácio de Loyola Brandão, em sua viagem a Cuba, em 1978. O escritor descreve a proposta dos *talleres literarios* ou oficinas de literatura vinculadas ao pensamento hegemônico do regime, partindo do preceito da arte como arma da Revolução. Assim, para Brandão⁵⁵:

O escritor revolucionário, célula básica do *taller*, tem a missão de se formar tecnicamente (a arte também é uma técnica, quer dizer, uma forma peculiar de organizar e realizar conteúdos e formas), ao mesmo tempo em que participa militantemente na construção do socialismo (...). Porém, o escritor com sua ferramenta - a linguagem -, trabalha com a ideologia. Esta ideologia não pode ser outra senão a da Revolução Cubana. Esta é a sua realidade conceitual e material. Ele vai se preparar tecnicamente para expressá-la. A literatura não é um terreno elitista. Assim, a função do *taller* é: alijar o elitismo, as tertúlias vagas, as discussões estéreis, verborrágicas; é eliminar a alienação em relação ao movimento revolucionário (p.99).

Embora o discurso de grande parte da crítica fundamente-se na concepção da imanente literariedade dos textos ficcionais, não podemos esquecer de fatores que são omitidos nessas análises. Assim, as relações políticas, as condições sociais e as questões étnicas são apenas mais alguns elementos raramente explicitados em avaliações de obras ficcionais. Portanto, um texto literário pode servir à ideologia do Estado ou,

⁵⁵ BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Cuba de Fidel: viagem à ilha proibida*. 2 ed. São Paulo: Cultura, 1978.

distante da perspectiva de mero reflexo, ele pode, em outras circunstâncias, contestar essa ideologia e ser parte de uma forma crítica ao pensamento dominante.

A questão do *valor*, no que diz respeito à literatura, vincula-se a critérios lingüísticos, textuais e estéticos, mas também a posições políticas e sociais. Ao não levar em conta esses elementos, estaremos negando as relações existentes entre cultura, produção econômica, hegemonia política e ideologia como poder. Isso significa que a cultura, como espaço onde nossos “eus empíricos” são deixados em suspenso e acima das contingências, como ironiza Eagleton⁵⁶, não passa de uma ficção preconceituosa que representa a perspectiva conservadora dos defensores de uma elite capaz de conduzir-nos pelo caminho civilizatório e universal do que eles entendem como a “verdadeira” cultura.

⁵⁶ EAGLETON, Terry, *The Idea of Culture*. Oxford: Blackwell, 2000, p. 38.

2 QUANDO A FICÇÃO DESAFIA A REALIDADE: PEDRO JUAN GUTIÉRREZ E O SEU REI DE HAVANA

2.1 O escritor e o seu tempo: um pouco mais do que uma nota biobibliográfica

Para mim, literatura é sempre conflito, antagonismo, problema. A literatura que se origina da vida pacata, burguesa, não me interessa.

Pedro Juan Gutiérrez

De algum modo, a arte literária está relacionada à sociedade e ao escritor que vive e pensa a respeito de sua circunstância. Contudo, isso não implica a existência de uma vinculação absoluta da arte como “reflexo” da realidade. A literatura, em vez de apenas refletir a sociedade, pode mostrar-se - como freqüentemente o faz - refratária em relação a essa mesma sociedade em determinadas situações.

Por conseqüência, o escritor também não deve ser visto como um indivíduo passivo, mas como um ser dialético que resiste ao mundo tal como ele se afigura e, muitas vezes, o contradiz. Assim, se existe, de fato, uma relação entre o escritor e a sociedade da qual ele faz parte, essa relação não se resume apenas à perspectiva inerte de reflexo, como explica Sábato⁵⁷:

Há, sem dúvida, alguma relação entre o artista e sua circunstância, e é claro que Proust não poderia ter se formado numa tribo de esquimós. Às vezes, esse vínculo é nítido, como o que existe entre o surgimento da classe burguesa e a irrupção da proporção e a perspectiva na pintura. Mas na maioria das vezes, esse vínculo é muito mais complexo e contraditório, pois o artista é, em geral, um ser discordante e antagonico, e porque, em larga medida, é precisamente seu desagrado em relação à realidade que lhe coube viver que o leva a criar outra realidade em sua arte que discrepa tanto daquela como o sonho da vida diurna, e por motivos semelhantes (2003, p. 108).

O escritor argentino lembra, ainda, que, nos salões do século XVIII, os homens pertencentes àquela sociedade refinada e decadente engendraram livros que preparavam

⁵⁷ SÁBATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

a destruição dessa mesma sociedade. Além disso, em épocas teocráticas a literatura apresentava-se, freqüentemente, anticlerical, como revelam os *fabliaux* da Idade Média; e, por outro lado, em épocas laicas, costumava-se produzir literatura com traços religiosos. Assim, para Sábato, os verdadeiros artistas tendem a percorrer o caminho contrário ao da sociedade e produzem uma arte de características constestadoras e irresignadas.

A função do autor empírico, especialmente se estamos tratando de um escritor proibido em seu próprio país, é de fundamental importância, a fim de compreendermos as condições de produção e recepção de sua obra. Não é nosso intuito empreender uma crítica de cunho biografista, mas entender a literatura como parte de um processo em que autor, texto e leitor formam com a sociedade uma relação complexa e impregnada de valores políticos e ideológicos.

Alguns desses valores apresentar-se-ão no decorrer da narrativa, ainda que de maneira implícita e resguardados pela separação entre ficção e realidade, como admite o escritor cubano Pedro Juan Gutiérrez ao falar sobre seus textos, em entrevista à jornalista Cristina Zarur, do Jornal *O Globo*⁵⁸:

Gosto que a literatura seja convincente e crível. No que escrevo, fundem-se realidade e ficção. Não deve haver fronteira, uma linha que diferencie ficção e realidade. Gosto de mesclar tudo e confundir o leitor. Meus livros são autobiográficos, mesclam ficção, ensaios, memórias.

A importância de trazer à tona alguns elementos da vida do escritor justifica-se, igualmente, na medida em que a proibição de seus textos sinaliza para a sua identificação com seus próprios personagens na condição de excluídos. Essa perspectiva, de alguma maneira, expressa a inadaptação e a marginalidade dentro de um contexto de vigilância e autoritarismo.

Se é possível uma breve relação entre o escritor e sua ficção - embora insistimos que essa relação não deva ser de reflexo ou determinista - essa aproximação é, também,

⁵⁸ ZARUR, Cristina. *Pensar é um luxo*: entrevista com Pedro Juan Gutiérrez. Disponível em: <<http://www.pedrojuangutierrez.com>>. Acesso em: 08 mar. 2007.

reforçada pelo escritor uruguaio Horácio Quiroga⁵⁹ ao salientar que, para o artista: “o ambiente, a vida, a dor e o amor têm que ser vividos” (p.1192). Essa experiência será transformada em material ficcional e alguns elementos serão importantes para a compreensão da trajetória de determinados textos em circunstâncias concretas específicas, como uma ditadura militar, por exemplo.

Integrado à atmosfera representada em suas narrativas, Pedro Juan Gutiérrez nasceu em Cuba, em 1950, pouco antes da Revolução que destituiu o poder do ditador Fulgência Batista. Iniciou a trabalhar cedo e, com onze anos, vendia sorvetes e jornais. Mais tarde, foi instrutor de natação e caiaque, bem como cortador de cana-de-açúcar. Desempenhou também as funções de técnico em construção, jornalista, locutor de rádio e de televisão. Atualmente, dedica-se à pintura e à literatura.

Gutiérrez, que rejeita a vinculação direta entre seus livros e a situação política de Cuba, ressalta a influência do contexto social na narrativa do escritor⁶⁰:

Não gosto de falar de política por uma razão: ela é circunstancial (...). Meus livros não contêm política, mas estão repletos de matéria humana, de sentimentos. (...) Hoje, Cuba tem um governo e amanhã pode ter outro. Isso não interessa para meu trabalho. Pode valer para o dia-a-dia, para a minha vida prática. Agora, de qualquer jeito, a literatura se contamina com o ambiente do escritor, ainda que ele não queira. Eu sempre me baseio na história do Dostoiévski, autor do romance *Crime e Castigo*. Ele o escreveu em uma situação política tenebrosa, quando a Rússia sofria com o czar. E mesmo assim Dostoiévski, que vivia nesse mundo tão pesado, no subúrbio de Moscou, escolheu não fazer um panfleto político, mas uma novela policial, de ação. No meu caso, não assassino os personagens, mas os coloco para trepar. Para que se divirtam um pouco mais e para que não morra tanta gente.

A literatura de Gutiérrez percorre a cidade de Havana e descreve um universo de escombros, desregramentos e decadência. A linguagem violenta e direta, repleta de sexo, drogas e rum são constantes e a representação dessas circunstâncias resultou no desconhecimento do autor em seu próprio país. Censurado em Cuba, Gutiérrez ressalta

⁵⁹ QUIROGA, Horácio. *Todos los cuentos*. 2 ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCAXX, 1996, p. 1192.

⁶⁰ FRUET, Helena e NOGUEIRA, Kiko. Entrevista com Pedro Juan Gutiérrez. Disponível em <<http://www.pedrojuangutierrez.com>>. Acesso em: 10 de abril de 2007.

que, na condição de escritor, ele se considera muito mais um “pensador”, no entanto, admite que a situação na ilha é “complicada”⁶¹.

Na década de 90, enquanto promovia na Espanha o livro *Trilogia suja de Havana*, Gutiérrez foi demitido da revista em que trabalhava sob a alegação de ter abandonado o emprego. Contestando essa versão, ele diz que foi “banido da profissão”⁶². Atualmente, o escritor vive de seus textos vendidos no exterior e de algumas pinturas que consegue comercializar em seu país.

Casado pela segunda vez e pai de quatro filhos, Gutiérrez mora em uma cobertura antiga de um prédio no Malecón, em Havana. Nesse bairro, segundo ele, está a matéria-prima de sua literatura e assegura que só vai embora se o obrigarem. Para se manter seguro em seu país, no entanto, toma algumas precauções e a principal delas é não falar em política em suas entrevistas. Em vista dessa condição e também por retratar o ambiente em que vive, o escritor entende como providencial o fato de grande parte de seus textos não serem publicados em Cuba⁶³:

Não! Os livros não são publicados em Cuba. Por sorte! Calculo que haja uns 400 exemplares ilegais no país, que os estrangeiros trazem e fazem circular de mão em mão. Outro dia apareceu um deles no meu bairro. Um amigo o leu e veio me falar: “Homem, aqui está o bairro inteiro!” E eu gritei: “Esconde isso, porra! Eles me matam se vêem suas histórias publicadas”.

Indiferente aos rótulos atribuídos a suas narrativas, Pedro Juan descreve, na contracapa da edição brasileira de *O Rei de Havana*, seu sentimento no que se refere à recepção de seus textos: “Alguns dirão que meus textos são pornográficos, outros que são eróticos; alguns dizem que são religiosos e outros que são políticos numa segunda leitura. Eu não sei” (2001).

A criação artística ao mesmo tempo em que fabrica universos ficcionais não pode escapar de um envolvimento com o mundo real. Dessa maneira, a literatura de

⁶¹ Disponível em: <<http://www.pedrojuangutierrez.com>>. Acesso em: 08 mar. 2007.

⁶² Ibidem.

⁶³ Ibidem.

Gutiérrez vincula-se a uma perspectiva que podemos aproximar da concepção de revolta, tal como expressa Camus⁶⁴:

A arte é também esse movimento que exalta e nega ao mesmo tempo. “Nenhum artista tolera o real”, diz Nietzsche. É verdade; mas nenhum artista pode prescindir do real. A criação é exigência de unidade e recusa do mundo. Mas ela recusa o mundo por causa daquilo que falta a ele em nome daquilo que, às vezes, ele é. (...) A arte deveria, portanto nos dar uma última perspectiva sobre o conteúdo da revolta. (2003, p.291).

O artista, na medida em que não se adapta ao mundo do qual faz parte, busca reformulá-lo, por meio da criação. A literatura de Gutiérrez revela essa insatisfação com o mundo, a despeito de não se submeter a um exame de caráter escapista. Logo, *O Rei de Havana* e *O ninho da serpente* são representações de Cuba sem uma intenção, segundo o autor, expressamente política, mas que não deixam de apresentar um traço transgressor.

O homem revoltado - que aproximamos aqui da imagem do artista - é quem diz não, mas também é aquele que diz sim. Isso implica um dilema, como prossegue Camus⁶⁵:

A contradição é a seguinte: o homem recusa o mundo como ele é, sem desejar fugir dele. Na verdade, os homens agarram-se ao mundo e, em sua imensa maioria, não querem deixá-lo. Longe de desejar realmente esquecê-lo, eles sofrem, ao contrário, por não possuí-lo suficientemente, estranhos cidadãos do mundo, exilados em sua própria pátria. (2003, p. 299).

Torna-se compreensível que a transgressão de Gutiérrez se apresente na forma de criação. Dessa forma, o escritor é quem diz “não” a determinada realidade e “sim” à construção de uma alternativa ficcional ao mundo que considera imperfeito. Por recusar o real, mas sem querer prescindir dele, Gutiérrez insiste em permanecer em Cuba, como afirma em entrevista aos jornalistas brasileiros Kiko Nogueira e Helena Fruet⁶⁶, em seu site oficial:

⁶⁴ CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Trad. Valerie Rumjanek. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

⁶⁵ Ibidem, p. 299.

⁶⁶ Idem nota 54.

Não me interessa sair de Havana. A cidade é minha matéria-prima. Não quero ficar como alguns escritores exilados que saíram de Cuba há anos e continuam escrevendo sobre como é o país, quando na verdade não sabem mais. Descrevem uma Havana que não existe mais, uma Havana da lembrança, da saudade. A Havana de dez anos atrás não tem nada a ver com a de hoje. Eu, estando lá, posso escrever sobre a cidade porque sei o que está acontecendo.

Essa necessidade de criação, sustentada pela observação atenta da realidade social cubana, acaba por revelar um universo marcado pelo limite da existência de personagens inadaptados. Embora não negamos a distinção entre autor, narrador e personagens, compreendemos que o artista não se afasta de sua circunstância histórica e, da mesma forma, esse contexto aparece na sua obra como aceitação ou, nesse caso específico, como recusa.

Se Gutiérrez não tem seus livros publicados em Cuba e é ignorado pelo sistema literário⁶⁷ de seu país, Reinaldo Arenas, outro escritor cubano que também produziu no período da Revolução é o exemplo de quem não resistiu ao autoritarismo sofrido no regime castrista. Ao terminar sua obra *Antes que anoiteça*⁶⁸, em 1990, Arenas comete o suicídio em Nova York não sem antes registrar, nesse seu texto de cunho biográfico, as perseguições, o sofrimento e o preconceito dos quais foi vítima até sair de Cuba, no início dos anos 80.

Como Gutiérrez, Arenas era publicado e conhecido fora do país. Ainda assim, é submetido, em 1973, a um processo por “delito erótico” que se agrava sob a acusação de ele ser um contra-revolucionário e homossexual. Condenado, o escritor passa três anos detido até escrever uma retratação ao governo, como ele lembra nessa passagem do seu livro:

Assim, quando disse ao oficial que estava disposto a redigir minha confissão, ele mesmo me deu papel e lápis. Minha confissão foi longa; falava da minha vida e da minha condição de homossexual, renegando-a; falava do fato de eu ter me tornado num contra-

⁶⁷ No sítio da UNEAC (Unión de Escritores y Artistas de Cuba), na internet, Pedro Juan Gutiérrez não aparece no índice de autores cubanos. Disponível em <<http://www.uneac.com/>> Acesso em: 12/07/2007. Ainda sobre a UNEAC, o escritor cubano Cabrera Infante comenta que foi expulso da União, em 1968, sob acusação de traição à causa revolucionária. A decisão tomada, unanimemente, pelo Comitê Diretor revela a postura ideológica dessa instituição, que atua em consonância à política do governo cubano. Ver mais em: CABRERA INFANTE, Guillermo. *Mea Cuba*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 65.

⁶⁸ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça*. Trad. Irène Cubric. Rio de Janeiro: Record, 1995.

revolucionário, das minhas fraquezas ideológicas e dos meus livros malditos, que eu nunca voltaria a escrever; na verdade renegava toda a minha vida, salvando apenas a possibilidade futura de pegar o trem da Revolução e trabalhar para ela dia e noite. Eu pedia, logicamente a reabilitação (...); e me comprometia a trabalhar para o governo e escrever novelas otimistas. (1995, 236-237).

Para Arenas, a perseguição torna-se um sentimento constante que se acentua na medida em que vê seus amigos morrendo em circunstâncias duvidosas. Ao referir-se ao desaparecimento do escritor Virgílio Piñera, Arenas salienta a relação tensa entre a literatura e o regime cubano:

Fidel Castro sempre odiou os escritores, inclusive os que estavam a favor do governo, como Gillén e Retamar; mas no caso de Virgílio, o ódio era ainda mais profundo; talvez por se tratar de um homossexual, e também porque sua ironia era corrosiva, anti-comunista e anticatólica. Ele representava o eterno dissidente, o constante inconformado, o eterno rebelde (1995, p. 303).

O escritor cubano Guillermo Cabrera Infante⁶⁹ também se refere à morte de Virgílio Piñera, fazendo uma comparação com o tratamento destinado pelo Estado a Alejo Carpentier, acólito do regime cubano:

Alejo Carpentier morreu em Paris como queria, mas não do jeito que queria. Em vez do piedoso ataque do coração que esperava que o aniquilasse no sono, acordou no meio da noite: o câncer na garganta que lhe consumia lhe provocara uma hemorragia. Carpentier afogou-se em seu próprio sangue desatado. Depois o embalsamaram e o fizeram voar até Cuba, onde foi obsequiado com pomposas exéquias - recebeu até uma coroa de flores do próprio Fidel Castro, com a seguinte dedicatória: 'Para o grande escritor do povo'. Mentira, claro. O único e autêntico escritor popular que restava em Cuba morreu de uma morte diferente. (...) Estava em seu pequeno apartamento em Havana (refugiado, juntamente com seu amigo Feo), quando se sentiu mal. Deu um jeito de telefonar para uma ambulância - que demorou três horas para chegar! Papelada! A função primordial de um Estado policialesco consiste em preencher e voltar a preencher mais e mais formulários (...) Quando a ambulância finalmente chegou, encontraram-no caído na rua, já morto. Alejo Carpentier que pedia um ataque do coração, tinha quase oitenta anos quando morreu. Virgilio Piñera, que não queria saber de paradas cardíacas ou infartos

⁶⁹ CABRERA INFANTE, Guillermo. *Mea Cuba*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 106-107.

tinha 68. O funeral de Carpentier foi oficial e com pompa. (...) Virgílio foi enterrado não no Panteão da Pátria, mas no que se poderia chamar de vala comum. **Todos os mortos socialistas são enterrados igualmente, só que alguns são enterrados mais fundo** (1996, p. 106-107, grifo nosso).

Reinaldo Arenas oferece uma interpretação ao ódio que as ditaduras dispensam à criação artística. Ao mencionar um ensaio lido por outro escritor de sua geração, Lezama Lima, na Biblioteca Nacional de Cuba, ele se refere à diferença entre a tarefa criadora da arte e ação controladora do Estado. Para Arenas, a beleza, resultado da produção artística, é perigosa em si, porque escapa do controle da polícia política. Ademais, o escritor cubano acrescenta que toda a ditadura é “antiestética e grotesca” e, por isso, repele tudo o que pode transcender à mediocridade.

Em determinado capítulo, Arenas faz um balanço de sua geração e descreve um panorama melancólico dos diversos modos como o regime de Fidel Castro tratou de destruir alguns jovens escritores do país. O desabafo inicia por uma pergunta:

O que foi feito de quase todos os jovens de talento da minha geração? Nelson Rodríguez, por exemplo, autor do livro *El Regalo*, foi fuzilado; Delfín Prats, um dos melhores poetas da minha geração, acabou completamente alcoólatra e desprezível. Pepe o Louco, o narrador exagerado, acabou suicidando-se; Luis Rogelio Nogueiras, poeta de talento, morreu recentemente em condições bastante estranhas; E o que foi feito de mim? Depois de ter vivido 37 anos em Cuba, estou agora no exílio, padecendo de todas as desgraças dessa situação e esperando uma morte iminente. Por que tanta fúria contra todos nós que um dia quisemos romper com a tradição trivial e com a monotonia cotidiana que têm caracterizado nossa Ilha? (1995, p. 119)

Dezessete anos depois do suicídio de Reinaldo Arenas, o seu desejo de ver Cuba livre da ditadura militar ainda não se realizou. Contudo, sua luta contra o autoritarismo deixou como legado a compreensão de que, por mais que se persigam e eliminem os escritores, a literatura permanece como testemunho de uma época. Mais do que isso: a escolha de certos temas pelos autores revela que a literatura não se estrutura apenas em conceitos da *literariedade* intrínseca aos textos ficcionais, mas engloba, também, por ser um fenômeno cultural e histórico, valores políticos. Esses valores, por fim, são determinantes na definição dos rumos da vida de autores como Reinaldo Arenas e Pedro

Juan Gutiérrez bem como de suas obras, em julgamentos que ultrapassam o critério meramente textualista.

A representação de uma realidade contraposta à ideologia em *O Rei de Havana* e *O ninho da serpente* talvez apresente, com o auxílio dos aportes teóricos, o dilema exposto por Camus, ou seja, o do artista que recusa o mundo como ele é, mas não deseja fugir dele. O texto, então, pode ser compreendido como expressão da revolta do artista, esse ser, segundo Sábato, discordante da realidade. No entanto, apenas as relações entre arte e revolta não são suficientes para a busca dos sentidos possíveis nas narrativas de Gutiérrez e esse exame é que pretendemos aprofundar no subcapítulo seguinte.

2.2 Um Rey na periferia de Havana: a ideologia na representação da sociedade cubana

A trajetória de Reynaldo, menino apresentado, inicialmente, aos nove anos de idade e protagonista da narrativa *O Rei de Havana*⁷⁰, revela a brutalidade e a violência de uma vida cercada de desagregações e destruições, como as ruínas do edifício onde mora, cercado de excremento e de animais e reforçando um panorama de miséria absoluta.

As dificuldades de subsistência de Reynaldo e sua família são mostradas logo na abertura da narrativa, bem como o ambiente degradado partilhado por todos e que parece se conformar às personagens descritas:

Aquele pedaço de cobertura era o mais porco do edifício inteiro. Quando começou a crise de 1990, ela perdeu o emprego de faxineira. Então fez como muita gente: arranjou galinhas, um porco e umas pombas. (...) Comiam alguns e vendiam outros. Sobrevivia no meio da merda e do fedor dos bichos. Às vezes, o edifício chegava a não ter água durante vários dias (p.7).

⁷⁰ GUTIÉRREZ, Pedro Juan. *O Rei de Havana*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Todas as citações deste trabalho foram retiradas dessa edição.

A crise a que o narrador se refere tem vinculação direta a circunstâncias históricas de mudanças no campo da política e da economia mundial. Desde as reformas de Gorbachev na União Soviética, abrindo o mercado para o capital estrangeiro, passando pela queda do muro de Berlim, em novembro de 1989, até a derrota de aliados do regime cubano em outros países, como o presidente Ortega na Nicarágua e o general Noriega no Panamá, a sustentação da Revolução parece cada vez mais frágil. Ressaltando esse panorama, Gott⁷¹ destaca, no âmbito da história, a situação difícil da economia cubana no início da década de 90 e cuja conta seria paga, evidentemente, através do sacrifício da sociedade:

De 1989 a 1993, o choque externo precipitou a economia a uma queda livre. O PIB diminuiu 2,9 por cento em 1990; 10 por cento em 1991; 11,6 por cento em 1992; e 14,9 por cento em 1993. O futuro cubano parecia inimaginavelmente desanimador e, pela primeira vez desde o século XIX, as pessoas começaram a mencionar Cuba e Haiti na mesma frase, vistos como os países mais pobres do hemisfério ocidental. A extensão da crise logo ficou visível nas cidades e nos campos de Cuba. Carroças puxadas a cavalo substituíram os carros e caminhões; meio milhão de bicicletas circulavam nas ruas de Havana, cortesia dos chineses; 300 mil juntas de bois substituíam 30 mil tratores soviéticos (2006, p. 323).

A crise é representada em *O Rei de Havana* inicialmente pela pobreza do local habitado pela família de Reynaldo. Assim, num mesmo espaço, um quarto em ruínas e um pequeno pátio ao ar livre, conviviam, além de Reynaldo, o irmão mais velho, Nelson, a avó, cuja idade ninguém sabia ao certo, mas deveria ter “uns cem anos ou mais”, e a mãe dos meninos, descrita como mentalmente perturbada e fisicamente manca.

Para Nelson e Reynaldo a escola era um local próprio apenas para escapar dos castigos da mãe, cada vez mais raros, à medida que os rapazes iam crescendo e tratavam de revidar. Com intuito de garantir o próprio sustento, os irmãos, considerando-se homens (Nelson e Reynaldo tinham quatorze e treze anos, respectivamente), passam a caçar e vender pombos, um negócio entendido como lucrativo:

⁷¹ GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2006.

Com a crise e a fome e a loucura de ir embora do país, todo mundo fazia trabalhos de candomblé, e as pombas cabritos e galos alcançavam bom preço. (...) Quando os meninos vendiam uma pomba a coisa melhorava: comiam umas pizzas e tomavam uma vitamina de frutas. Levavam pizzas para a mãe e para a avó (p.10).

No entanto, como resposta às humilhações da mãe, o menino mais velho tem um acesso indômito de fúria. Descontrolado, Nelson empurra com força a mãe que, de costas, vai de encontro a um galinheiro de onde uma ponta de aço crava-se em sua nuca. Apavorado e em pânico, ao ver a agonia e a morte da mãe, o rapaz comete suicídio, precipitando-se do prédio em ruínas.

Espectadora da tragédia, a avó, sentada no habitual caixote podre onde passava os dias, não esboça gesto algum, apenas fecha os olhos e cai para trás, “impávida como uma múmia” (p.14) Reynaldo, atônito com a cena, ao deixar seu esconderijo, atrás do galinheiro, põe-se a observar, do beiral da cobertura, o cadáver do irmão exposto no asfalto.

Com a chegada da polícia, o menino não consegue falar nada e, em choque, apenas sorri. É levado, então, para uma cela junto com três delinquentes, onde fica durante alguns dias como suspeito de ter matado a família.

Como tem apenas treze anos, Reynaldo é transferido para um reformatório para menores, mas a disciplina e o ambiente não são, para ele, muito aprazíveis, como ressalta o narrador: “Não agüentava aquela merda de pedir licença a toda hora, de levantar de madrugada para fazer exercício, de sentar de novo numa classe para escutar coisas que não entendia nem queria entender” (p.15).

Depois de se envolver em uma briga com um interno que queria violentá-lo, Reynaldo é preso e, após algum tempo em um pequeno calabouço escuro, é levado à presença de seu instrutor. Ao referir-se ao “negro” que tentou aliciá-lo, Reynaldo é advertido que, no reformatório, “ninguém é negro, branco ou mulato”, mas todos são “internos” (p. 17).

A tentativa de controle, através da linguagem, revela a atuação da ideologia também no estabelecimento das relações de dominação, por meio da padronização. Essa estratégia apresenta-se como tentativa de criação de unidade simbólica que suprima diferenças e divisões, a fim de projetar uma história compartilhada. Como não há, no reformatório, “negros, brancos ou mulatos” o que existe é uma identidade coletiva

reafirmada pelo instrutor com o sentido de sustentar a ordem, o controle e, por consequência, a obediência.

Solitário, Reynaldo passa a dividir o seu tempo entre o sentimento de ódio ao negro, seu novo inimigo, e a excitação provocada pela lembrança de sua ex-vizinha, “a mulatinha puta”, além das odiosas aulas da manhã e a plantação de laranja e limão onde trabalhava à tarde.

A única relação estabelecida por Reynaldo é com um tatuador. Depois de conseguir, à custa da força, um alfinete com esse interno, ele tatua seu antebraço com o desenho de uma pomba, chamando a atenção de outros detentos. Dali por diante, descobre, na tatuagem, uma fonte rentável de permuta por cigarros, drogas ou outras mercadorias, além do respeito dos companheiros de reclusão.

Ao lado das tatuagens e dos evasivos planos de fuga, o rapaz passa a ter um outro interesse: a incisão de bolinhas de aço (de rolamentos de bicicleta) na glande. Segundo os internos, esse artifício teria grande repercussão no desempenho sexual. Reynaldo se dispõe, então, a adornar seu pênis com as *perlonas*, como eram conhecidas no jargão do reformatório e, em troca, faz uma tatuagem de Santa Bárbara nas costas do sujeito que conduzia a operação. Agora, Reynaldo pensa em inventar, para as mulheres, um passado como marinheiro e a história de que as “perlonas” são resquícios de sua viagem à China.

O processo de transformação de Reynaldo passa pela mudança física do protagonista e suas características psicológicas inicialmente apresentadas – menino “tranquilo e silencioso” – também vão sendo substituídas por identificações corporais. Esse percurso aproxima-se da perspectiva de descentramento do sujeito, conforme assevera Hall⁷²:

(...) Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*. (p. 39)

⁷² HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

A identidade de Reynaldo é móvel, pois se transforma, continuamente, em razão das maneiras como ele é representado ou interpelado no sistema que integra e nos espaços pelos quais circula. Como salienta Hall⁷³, a identidade é definida historicamente e não biologicamente e isso significa que a idéia de uma identidade unificada e coerente, desde o nascimento até a morte do sujeito, nada mais é do que uma confortadora “narrativa do eu”. Contrário à perspectiva ideológica de unidade, imposta pelo reformatório, Reynaldo constrói, à margem, a sua identidade, a partir do tenso contato estabelecido com os outros detentos.

O corpo de Reynaldo resiste às dores – da tatuagem e da incisão das “perlonas” – e vai materializando a imagem de um novo sujeito, cada vez mais resistente e infenso a quaisquer tentativas de contato social ou de dominação. Assim, Reynaldo, aos poucos, vai sendo apresentado ao mundo adulto e sua vida afigura-se desinteressante, mesmo quando ele consegue escapar do reformatório, após a liberação vigiada para ir a um baile:

“No fim”, pensava, “não tenho nada para fazer nem aqui fora, nem lá dentro. Para que a gente nasce? Para morrer depois? Se não tem nada para fazer. Não entendo para que passar por todo esse trabalho. Viver, disputar com os outros pra não foderem você, e no fim de tudo a merda. Ahh, tanto faz estar aqui fora como lá dentro.”(p.23).

A fuga faz com que o rapaz passe a deambular por Regla, onde encontra um contêiner velho que lhe serve de abrigo. Ao chegar em Centro Habana, ele observa a cobertura onde morava e as lembranças da família destruída o emocionam profundamente, como mostra o narrador:

Uma torrente incontrolável de lágrimas. Pela primeira vez na vida se sentiu desamparado, abandonado solitário. E lhe deu muita raiva. Acabaram-se as lágrimas. E começou a se golpear a cabeça e o rosto. Auto-agressivo. Não quer lembrar de nada. (...) E continua se batendo com gana. Pega uma pedra e bate ainda mais duro. Dói muito, perde o controle. A raiva por ter chorado, por ter recordado, faz com que se bata até sair sangue. (p.36).

Reynaldo não se permite lembrar do passado e, a essa experiência, responde com uma autoflagelação. O castigo imposto pelo protagonista ao próprio corpo representa a

⁷³ Idem. Ibidem. p. 13.

única forma de referência ou ponto de identificação que Rey possui de si próprio. A desintegração familiar, a despersonalização, além da condição de andarilho pelas ruas de Havana revelam uma personagem sem raízes ou vínculos e, sobretudo, sem expectativa alguma ou projetos, uma vez que vive o presente numa busca instintiva por comida e pela sobrevivência:

O pobre num país pobre só pode esperar o tempo passar e chegar a sua hora. E nesse intervalo, desde que nasce até morrer, o melhor é tratar de não arrumar encrenca. Mas, às vezes a gente, sim, arruma encrenca. Ela cai do céu. Assim, grátis. Sem a gente procurar (p. 37).

Reynaldo percebe seu corpo como única propriedade e busca marcá-lo com sinais de identificação, a fim de que ele não esqueça quem é, ou ainda, para que, finalmente, possa se reconhecer. Por essa razão, a pomba tatuada no antebraço, a agressão contra ele mesmo suscitada pelas lembranças da tragédia familiar e, sobretudo, as esferas de aço que adornam seu pênis constituem identificações que irão se estender até o próprio nome. O corpo, portanto, é o que resta para o sujeito miserável, como destaca Eagleton⁷⁴:

O extremo da pobreza, ou a perda do ser, é ficar reduzido a nada além de si-mesmo. É trabalhar diretamente com o seu corpo como fazem os outros animais. E como essa ainda é a condição de milhões de homens e mulheres no planeta, é estranho que nos digam que o proletariado desapareceu. (p. 71).

Já que o corpo é fundamental para sua identificação, é por seu desempenho sexual que Reynaldo recebe de sua ex-vizinha de cobertura, Fredesbina – visitada por ele depois do episódio da lembrança da tragédia familiar – o epíteto de *Rei de Havana*. O rapaz passa a ser denominado apenas como Rey. Assim, o significante material (corpo) reveste-se de significado, concentrando nessa concretude a vinculação direta com o próprio nome.

O corpo de Rey torna-se o objeto de sua única forma de potência: a sexual. Rey orgulha-se de seu cognome, freqüentemente acompanhado do gentílico (Havana), e com

⁷⁴EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Trad. Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

o qual ele passa sempre a se apresentar. Como nos trechos abaixo, quando conhece Magda, que o acompanhará até o final da narrativa, e quando ele encontra, um pouco mais tarde, Ivón, uma de suas amantes ocasionais:

- Argh, cachaça de açúcar. Como você se chama?
- Magdalena. Me chamam de Magda. E você?
- Rey. Me chamam de Rei de Havana.
- Hahaha. Isso você vai ter de provar. (p.53)

- Eu sou durão, Ivón.
- Sei, sei...
- Sabe como me chamam?
- Não.
- O Rei de Havana. A pica mais gostosa de Cuba. (p.194)

Agindo em função dos desejos do corpo, o protagonista não reflete a respeito de suas ações. Dessa maneira, Rey pode ser visto como um “homem-máquina” que é direcionado, de modo autômato, ao sexo e à alimentação. Assim, é também possível buscar uma relação onomástica entre Rey e a etimologia *res/rei*⁷⁵, de onde deriva o substantivo *reificação*, isto é, a transformação do ser humano em coisa. Rey, portanto, é um ser sem vontade e que nada reflete a respeito de sua circunstância miserável, como mostra o narrador:

Estava entardecendo quando acordou. A fome já era tanta que nem sentia mais. Saiu andando por inércia para Havana. Sem pensar. Estava fraco e macilento. Tinha dinheiro no bolso, mas nem lembrava disso. (p. 115)

Para Thompson⁷⁶, a reificação é uma estratégia ideológica que faculta a compreensão de certos processos como naturais, como se determinadas situações fossem de natureza permanente. Rey vive apenas o momento presente, impulsionado por seus instintos, como aduz o narrador:

Não sabia para onde ir. Com fome e sem dinheiro. Sua morte e sua desgraça era que vivia exatamente o minuto presente. Esquecia com precisão o minuto anterior e não antecipava nem um segundo ao

⁷⁵ HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004, p. 2419.

⁷⁶ THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p.87.

próximo minuto. Tem quem viva dia a dia. Rey vivia minuto a minuto (p. 163).

A despeito de jactar-se de sua função sexual, o corpo de Rey, no decorrer da narrativa, também vai coadunando-se ao cenário de degradação e escombros da cidade de Havana. Rey vai se conformando à cidade e ao lixo, tornando essa tríade indissociável na compreensão geral da narrativa.

Referência identitária e objeto de constante degradação, o corpo de Rey é, igualmente, sua forma de resistência à estrutura social disciplinadora. Após a breve passagem pelo reformatório e ao perambular pelas ruas de Havana, o protagonista dispensa qualquer tipo de subordinação. Na década de 90, em um cenário de crise econômica como o apresentado, a idéia da coletividade unida é de vital importância para a manutenção do regime socialista, além da sustentação das relações patriarcais e centralizadoras.

Essa perspectiva de unidade, ainda que artificialmente construída, é uma das estratégias de operação da ideologia, pois a simbolização de identidade coletiva contribui para o apagamento de possíveis diferenças e a exclusão dos que não se vinculam à idéia totalitária de pensamento único. Em *O cosmopolitismo do pobre*⁷⁷, Silviano Santiago, ao definir dois tipos de multiculturalismo, lembra que a conhecida expressão de “comunidade limitada e soberana”, para uma nação imaginada é a referência utilizada para a reorganização de elementos díspares em determinadas regiões. Para Anderson⁷⁸, a nação é “*uma comunidade política imaginada – e imaginada como limitada e soberana* (1989, p.14). A retórica patriótica baseia-se na idéia de companheirismo horizontal e na imagem de comunhão partilhada por todos compatriotas.

Para Santiago, essa concepção de Anderson, de alguma forma, desobriga as elites dominantes de exigências sociais, políticas e culturais, uma vez que o Estado soberano encarregar-se-ia de dirimir as desigualdades. Além disso, essa definição de nação, atualmente, enfrenta outros problemas, pois:

As diferenças étnicas, lingüísticas, religiosas e econômicas, raízes de conflitos intestinos ou de possíveis conflitos no futuro, foram

⁷⁷ SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

⁷⁸ ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

escamoteados a favor de um todo nacional íntegro, patriarcal e fraterno, republicano e disciplinado, aparentemente coeso e, às vezes, democrático. Os cacos e as sobras do material de construção, que ajudou a elevar o edifício da nacionalidade, são atirados no lixo da subversão, que deve ser combatida a qualquer preço pela polícia e pelo exército (p.58).

De fato, a sociedade persegue e trata de manter Rey à margem. O rapaz, por sua vez, acostuma-se à exclusão. De outro lado, ele preocupa-se apenas em sobreviver e sua mobilidade restringe-se a espaços periféricos e, preferencialmente, afastado das demais pessoas. Quando tenta aproximar-se de alguém, Rey é logo repellido:

A fome, a sede e a caminhada o tinham esgotado e sentia engulhos, mas fez um esforço e se arrastou. Estendeu a mão: “Me dê uma ajuda para comer”. As pessoas olhavam para ele como nojo, como se estivessem vendo um cachorro sarnento. O dono do bar o espantou: “Vá, suma daqui” (p. 26).

A representação da miséria de Rey contrasta com a imagem muitas vezes divulgada da Revolução Cubana. No livro *A Ilha, um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*⁷⁹, o jornalista Fernando Morais relata sua viagem a Cuba, em 1976. Polêmico, o livro chegou a ser apreendido em dois Estados brasileiros, uma vez que a política do regime militar, no Brasil, havia rompido os laços diplomáticos com o país do Caribe. No entanto, isso não impediu o sucesso da obra que vendeu três milhões de exemplares no mundo todo⁸⁰. Escrito em tom de reportagem, o autor voltou a Cuba em 2001, ano de reedição do livro, a fim de cotejar suas impressões com o texto escrito há vinte cinco anos atrás.

Dessa forma, no prefácio a 30 edição, datado de maio de 2001, Morais comenta:

Os cubanos que nasceram nos últimos quarenta anos não sabem o que é fome, desemprego, analfabetismo, preço de consulta médica ou de internamento hospitalar. Um indiscutível prodígio da Revolução cubana, sob qualquer ponto de vista, mas sobretudo se considerarmos que se trata de um país cujo PIB é sessenta vezes menor que o do Brasil (2001, p. 43).

⁷⁹ MORAIS, Fernando. *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁸⁰ Cf. CAMINHA, Edmilson. *Brasil e Cuba: modos de ver, maneiras de sentir: uma leitura comparada de obras sobre Cuba publicadas no Brasil*. Brasília: Thesaurus, 2006.

Embora admita que o desejo do povo cubano, depois de asseguradas essas conquistas sociais, seja o de liberdade, percebemos nesse trecho uma distância da situação representada por Rey, à margem de quaisquer condições de subsistência digna. O discurso de Moraes não se exime de uma posição ideológica e parece não reconhecer “sob qualquer ponto de vista” a miséria tão fartamente documentada em fotos de Rita Moraes que ilustram o próprio livro.

Sem compreender sua circunstância Rey, o andarilho miserável, não almeja o desejo iluminista e burguês de liberdade. Rey não se preocupa com isso, exceto com a própria satisfação de seus instintos e com a sua constante fome. O tempo de Rey é o presente e suas alegrias ocasionais resumem-se a poucas conquistas, como ele mesmo parece perceber, após uma relação com Fredesbina:

Trepavam três ou quatro vezes por dia e a velha se acabou, nasceram-lhe mais rugas, estava com o pescoço coberto de chupões roxos. Rum, cigarros, sexo e música de rádio. Boa música de salsa. A vida era isso! A vida é isso! A vida será isso. Que mais se pode pedir? (p.49).

Se o corpo é a sua única propriedade, Rey parece querer mantê-lo longe da submissão exigida pela sociedade. Para Foucault⁸¹, os processos disciplinadores existentes nas sociedades, desde o século XVII – e aos quais Rey procura permanentemente escapar - tornaram-se fórmulas gerais de dominação. Essa dominação expressa-se de modo diverso da vassalagem ou do ascetismo, de tipo monástico, cujas caracterizações procedem mais nas marcas rituais de submissão e na realização de renúncias, respectivamente. Há, em suma, uma política de coerções sobre o corpo que se manifesta em manipulações calculadas de seu comportamento como um todo.

Movido por desejos econômicos e interesses políticos, essa “mecânica do poder” procura o domínio sobre os corpos dos outros, a fim de que as operações realizadas ajam em consonância com a rapidez e a eficácia exigidas para um espaço que possa ser perfeitamente governado. A relação imposta nesse controle minucioso sobre as operações do corpo é de utilidade e docilidade, para que os corpos possam ser

⁸¹ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

submetidos e aperfeiçoados. Esse processo opera segundo algumas técnicas, como explica Foucault:

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele, por um lado, uma aptidão, uma capacidade que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada (p.119).

Esses processos possuem diferentes origens, bem como se repetem ou apóiam-se uns sobre os outros e distinguem-se, sobretudo em função de diferentes campos de aplicação. Para o filósofo francês, eles podem circular de maneira implícita ou ainda responder a exigências de conjuntura, mas, no fundo, definem certa maneira de investir sobre o corpo, num poder de difusão detalhado, redundando numa alteração do regime punitivo, na época contemporânea.

Rey não se deixa controlar ou corrigir pela sociedade disciplinadora e tem, igualmente, em seu corpo uma forma de resistência às tentativas de manipulação e aperfeiçoamento. Às marcas deliberadamente adquiridas no reformatório (tatuagem e as esferas de aço) e à insistência em não se lavar é possível acrescentar a negação ao trabalho e a constante busca da violência, ora contra si mesmo, ora contra os outros.

Rey encontra em Magda a companheira ideal, pois percebe que ela possui algumas características físicas semelhantes às dele, tais como a sujeira, a roupa andrajosa e a “cara de fome”. Simbolicamente determinante, o encontro de ambos se dá na frente da capela de “La Milagrosa”, em cujas escadarias Rey descansa após ter fugido, mais uma vez, da polícia. Magda vende amendoins bem em frente a um painel que cita Lucas (cap.19, vers.45) no episódio bíblico da expulsão dos vendilhões do templo. Ambos acomodam-se na escada sem dar atenção à advertência na frente da igreja que diz: “Proibido sentar na escada. Deixe a passagem livre”. (p.52). A relação entre ambos inicia-se num espaço sagrado, mas, curiosamente, interdito em seus vários signos, para o casal pobre. Ao mesmo tempo, nem Magda respeita o versículo bíblico, nem Rey a advertência de não sentar nas escadas da Igreja. Após o encontro, o casal rumo até o local onde Magda mora.

O panorama de precariedade e degradação caracteriza o edifício em que Magda vive e a sujeira do local aproxima-se à sujeira dos amantes cuja entrega ao sexo é absolutamente instintiva e violenta. Ambos cheiram mal, mas justamente pelo olfato é que eles se excitam, pois se reconhecem e se identificam, como animais.

Além de vender amendoins, Magda precisa se prostituir para sobreviver, o que deixa Rey, em princípio, enciumado. Contudo, o casal se entrega, de maneira infrene, às aventuras sexuais, que se estendem, do prédio em ruínas, onde habita Magda, às ruas de Havana. Com os constantes sumiços da amante, Rey envolve-se com o travesti Sandra, também morador do prédio, além de continuar sua peregrinação, sem rumo, pelas ruas da cidade.

No cemitério de Colón, Rey consegue um emprego de coveiro, mas o abandona no mesmo dia, pois gostava mesmo de perambular, sem maiores compromissos. No entanto, agora ele tem um lugar para onde voltar, o apartamento de Magda, que passa a ser sua nova casa e ele, como se autodenominava, o marido da prostituta. Não sabia, ao certo, se aquilo que sentia por Magda, era, de fato, amor:

(...) Essa era Magda. Com cheiro de sujeira, igual a ele. Lambeu seu pescoço. Cheirou suas axilas fétidas. Isso o excitava muito. Subiu em cima dela, penetrou-a, e se sentiu muito bem. Realmente bem. Seria amor?(p.74).

Os dias passavam iguais, com Rey ainda envolvido em trabalhos temporários e relacionamentos intempestivos, evitando, mais por hábito do que por medo, o contato com a polícia. Rey vivia sem pressa e de alguns pequenos furtos que servem para ele e Magda comprar rum e cigarros. Contudo, o casal não se encontra com muita frequência. O relacionamento dos dois é marcado por uma enorme apatia, quando ambos não estão envolvidos sexualmente. Rey custa a acostumar-se com os sumiços de Magda e ela, por sua vez, não exige muito de seu companheiro.

Depois de mais um breve trabalho como carregador de caixas numa fábrica de cervejas, Rey conhece Yunisleide, uma mulata bonita, de nome americanizado, que trabalha na linha de produção da mesma fábrica. Como de costume, Rey abandona o emprego e se envolve com a moça, mas logo é obrigado a fugir com ela, devido ao assassinato de um turista, cometido pelo irmão de Yunisleide, no quarto em que ele morava. Rey e a nova companheira rumam, então, para Varadero.

Novamente na rua, agora com uma acompanhante, ambos se hospedam na casa de uma conhecida de Yunisleide que, após relutar um pouco devido à presença de um homem num lugar reservado a mulheres, acolhe o casal. Yunisleide sai em busca de um amigo coreógrafo, pois seu desejo é ser bailarina no cabaré de um sofisticado hotel para turistas.

Sem dinheiro para pagar as despesas do local onde está hospedado, Rey é expulso do lugar. Ato contínuo, ele caminha até o Hotel Galápagos para onde iria Yunisleide e impressiona-se com a opulência do edifício, sofrendo, mais uma vez, com a exclusão, como descreve o narrador:

Oito andares, iluminado, elegante, jardins, fontes, carros de luxo, porteiros de casaco vermelho e enfeites dourados. Jamais poderia chegar perto de um lugar assim. Não conseguia nem imaginar como seria por dentro. (...) Um jardineiro regava os canteiros de flores, com uma linda mangueira branca e vermelha. (...) Cumprimentou-o O jardineiro só olhou para ele. (...) Levantou-se e foi até ele:

– Amigo, me jogue um pouco de água na cara.

– O que você está precisando é de um banho completo, com sabão e bucha. Sai pra lá que você deve ter piolho. (p. 151-152).

Hostilizado pelo jardineiro e com fome, Rey vai até os contêineres de lixo, a fim de buscar algo para comer. Todavia, é mandado embora por outro funcionário do hotel. Perto dali, na praia, consegue furtar algumas roupas e retorna, em um caminhão, para Havana. A sujeira da cidade e as ruínas exercem em Rey uma atração identificatória e, finalmente, ele se sente em casa:

Ah, tudo sujo e arruinado. Tudo muito porco. As pessoas desalinhadas, descaradas e barulhentas. As mulatas recém-chegadas do Leste, com suas bundas grandes e tentadoras, dispostas a tudo por três ou quatro pesos. Varadero era limpo e bonito demais, tranquilo e silencioso demais. Não parecia Cuba. “O gostoso é aqui, isto aqui é que é meu”, disse a si mesmo. O Rei de Havana, outra vez em seu ambiente. (p.157).

Para Rey, o ambiente em ruínas configura a imagem do seu lar. De certa maneira, essa é uma atmosfera familiar desde a sua infância, narrada no início do livro. A destruição reveste-se, paradoxalmente, de uma condição positiva para o protagonista, que parece se identificar com o espaço em que circula:

Era um bom lugar aquele. Sujo, destruído, arruinado, tudo despedaçado, mas as pessoas pareciam invulneráveis. Viviam e agradeciam aos santos cada dia de vida e gozavam. Entre os escombros e a sujeira, mas gozando. (p. 161).

A descrição do espaço funciona como a descrição de Rey. Igualmente sujo, arruinado financeiramente e despedaçado, sem raízes e família, o protagonista percorre a cidade de Havana. Ainda assim, a personagem ostenta um título majestoso e sua capacidade e potência sexual parece mostrar que, entre os escombros, ainda é possível encontrar algum prazer, como forma de evasão.

A ideologia, no sentido de reificação, pode ser representada, também, por meio de estratégias de nominalização e passivização, que consistem na utilização de recursos gramaticais e sintáticos, com o intuito de elidir referências e apagar agentes e participantes de determinada sentença. A nominalização ocorre a partir da transformação de ações, por exemplo, em nomes, ou seja, em vez de ressaltarmos “o regime econômico e a ditadura em Cuba excluem da sociedade os indivíduos mais pobres, como a personagem representada por Rey”, falamos, simplesmente em “a exclusão de Rey”. A passivização mostra verbos na voz passiva numa relação seletiva cujo objetivo é chamar a atenção para certos temas em detrimento de outros.

A narrativa, que elimina certos referentes espaciais e temporais, também maneja as construções verbais, de modo que elas sejam apresentadas no gerúndio. Em condições específicas essas estratégias de construção simbólica podem servir para a revelação de relações de poder, tacitamente articuladas. Podemos observar isso no exemplo abaixo, quando Rey volta a Havana, depois de sua breve passagem por Varadero, e dá voltas no mercado:

O público circulava pelos corredores, perguntava os preços, comprava muito pouco ou nada. (...) Um ou outro velho murmurava: “Estão ficando milionários e o governo não faz nada. Isso é contra o povo, tudo contra o povo”. Ninguém lhe dava ouvidos. Alguns velhos continuavam esperando que o governo solucionasse alguma coisa de vez em quando. Haviam sido tão malhados com essa idéia que ela já estava geneticamente impregnada neles (p.159).

A imprecisão dos velhos no mercado, diluindo atores e ações, além de eliminar referências históricas ou sociais, acaba por esvaziar o discurso das personagens, tratado

com desdém por Rey. A ideologia aí aparece, também, como reificação, na medida em que as reclamações dos velhos têm um tom de eternização, acentuado, principalmente, na repetição das frases “Isso é contra o povo, tudo contra o povo”. A crença de resolução dos problemas do povo pelo governo é subestimada pelo narrador e as reivindicações murmuradas dão um caráter de naturalização ao pensamento das personagens.

No mesmo mercado, Rey experimenta a sensação de inferioridade ao se deparar com um comerciante, dono do açougue, em que o rapaz, absorto em seus pensamentos, se imagina, num raro momento de reflexão, trabalhando. O episódio é assim narrado:

No setor de animais vivos havia pouco movimento e muito no de carnes. Mas as carnes estavam sob o controle de dois ou três ricos. Um sujeito gordo, barrigudo, com uma grande corrente de ouro e rosto plácido, olhava em volta. (...) O sujeito era dono, sem dúvida. Aproximou-se e quase abriu a boca para perguntar, mas ficou impressionado com a força que emanava daquele homem. Era um sujeito alto, corpulento, barrigudo, de roupas limpas, cheio de anéis, relógio, corrente, pulseira. Tudo de ouro maciço. Ouro até nos dentes. (...) Rey engoliu em seco diante daquele senhor. Não se atreveu nem a olhar em seus olhos. Baixou o rosto e continuou andando. O sujeito o ignorou. Era um piolho infeliz. Um esmoleiro de merda (p.158-159).

A força do comerciante chega a constar Rey, uma vez que ele nota que esse sujeito é o seu oposto. A condição de proprietário, completamente distante da situação de Rey, as características físicas, além das roupas, anéis e principalmente o ouro impressionam e inibem qualquer contato. Nesse sentido, a ideologia atua como fragmentação, isto é, como segmentação de indivíduos ou grupos que possam se configurar num desafio real aos interesses dominantes.

Nesse episódio, o narrador frisa a relação assimétrica entre o comerciante (proprietário) e Rey (o pedinte). A diferenciação entre os dois é tão forte que não precisa de diálogo para que seja estabelecida, pois ela já é evidente para os próprios personagens envolvidos na ação. O comerciante controla a carne vendida, enquanto observa a aproximação de Rey como a figura do intruso que invade seu espaço. A estratégia seguinte de expurgo do outro, em função da pretensa ameaça ao seu negócio, não demanda muito trabalho para o comerciante. É o próprio Rey que compreende sua insignificância diante de um homem, para ele, tão poderoso.

Essa relação muda que se estabelece entre as personagens deixa-nos entrever uma relação de poder cujos focos estão disseminados e distribuídos no interior da narrativa. Apesar do caráter relacional proposto por Foucault⁸², de que o poder é algo que se efetua dentro de práticas e que não se situa num lugar privilegiado, a relação entre ideologia e poder, aqui discutida, encontra-se no âmbito das determinações múltiplas. Isso significa dizer que, embora concordando com Foucault no que diz respeito à inexistência do poder localizado num ponto específico da estrutura social, é possível pensar que essa teia por onde o poder circula é determinada por outras relações, movidas por formas ideológicas que irão revelar ou tentar ocultar determinados papéis dentro da sociedade representada.

Em certas relações, especialmente de natureza sexual, Rey sente que pode dominar, como sugere, inclusive, a sua alcunha e ele também faz uso de estratégias a fim de manter o seu poder, seja sobre Magda (o que eventualmente fracassa e, por conseguinte, o deixa muito irritado), sobre suas amantes eventuais e sobre o travesti Sandra. Esse poder, no entanto, revela-se ilusório, porque Rey só é rei, de fato, no ambiente da miséria e por razão de sua potência sexual.

A beleza da cidade de Havana passa despercebida para Rey que não se impressiona com as imagens que observa:

O crepúsculo se inflamava ainda mais. O céu, a água, as paredes das casas, as pedras dos recifes costeiros e o líquen verde que os recobria, a pedra de cantaria do El Morro, tudo o que aquela luz tocava se transformava em dourado, rosado, violeta, cores indecifráveis. A beleza o tocava. (...) A vida pulsando. E ele alheio a tudo (p.163).

O protagonista andarilho, apesar de decidir parar por um instante, a fim de observar o mar, não se ocupa em admirar a natureza ou, como aduz o narrador, “ninguém o havia ensinado a fruir a beleza” (p.163). Contraditoriamente, o ambiente mais aprazível para Rey ainda é o de escombros e destruição.

De maneira irônica, o estereótipo de paraíso, comumente vinculado ao espaço caribenho, poucas vezes é salientado na narrativa. E, quando as belezas naturais são mostradas, logo se dá um processo de desconstrução, como se ela fosse uma paisagem

⁸² FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 14.

exótica, em volta da moldura marcada pela precariedade e, sobretudo diante da luta “minuto a minuto” por sobrevivência empreendida por Rey.

A visão edênica de Havana nunca é ressaltada por Rey e seu único contato com a suntuosidade se dá quando ele está em Varadero, nas imediações de um hotel reservado para turistas. É ali que um jardineiro explica, de maneira rude, sua condição de engenheiro civil, antes de expulsar Rey daquele lugar. Mais uma vez, a ideologia opera pela fragmentação, através do expurgo do outro (Rey), como se esse fosse a ameaça a um poder estabelecido, a saber, o poder do dinheiro, como assevera o empregado do hotel, num diálogo sintomático com Rey, que solicita emprego:

- É, mas aqui tem muito requisito. É zona de dólar.
- O que é isso?
- Zona de dólar. Você não é deste país?
- Acho que sou.
- Acha ? (p.152)

No contexto geral da narrativa, a abundância e a riqueza apresentam-se como características excêntricas, fora do alcance e da realidade de Rey e das personagens com as quais ele se relaciona. No diálogo com o jardineiro do Hotel Galápagos, o protagonista já não tem mais certeza se vive no mesmo país daquela opulência observada, ou ainda, Rey descobre que aquele país não era o dele.

No âmbito histórico, a idéia de uma nação igualitária, de fato, e livre foi sugerida por algumas pessoas em Cuba. Essas propostas nasceram motivadas pela crise que assolou a ilha e cujo período é representado em *O Rei de Havana*. Assim, na década de 90, a falta de liberdade intelectual motiva alguns dissidentes a tentar participar ativamente do debate sobre novos rumos para o “socialismo revolucionário”, especialmente depois da crise econômica ocasionada pelo colapso da União Soviética. Desse modo, um grupo de economistas, liderado por Vladimiro, filho de Blas Roca, um dos fundadores do Partido Comunista, publica, em 1997, um documento criticando as estratégias econômicas governistas voltadas para o passado e insistindo em propostas diferentes com vistas ao futuro.

O documento elaborado por um grupo de quatro economistas e intitulado *La Patria es de Todos*, foi escrito na esteira do encontro do quinto congresso do Partido Comunista. O documento, evidentemente, foi considerado subversivo, mesmo tratando

de perspectivas acerca de estratégias econômicas futuras, e os quatro principais organizadores do texto sofreram sérias represálias, como lembra Gott⁸³:

Os quatro críticos foram presos e levados a julgamento em 1999, acusados de incitar a agitação pública e de pôr a economia em perigo. Boné, Gómez e Roque acabaram condenados a quatro anos de prisão, mas foram libertados no começo do ano seguinte, após petições de clemência do Canadá, do México e do Vaticano. Roca só foi solto em maio de 2002, oportunidade em que revelou que a sua oposição passara a ser mais política do que econômica (p.352).

Com propostas semelhantes ao grupo de Roca, o Projeto Varela, vinculado à Igreja Católica, e liderado por Osvaldo Payá, busca iniciar uma reforma política a partir da coleta de assinaturas para um referendo, a fim de alterar o sistema de partido único no país. O projeto apoiava-se nos termos da Constituição Cubana de 1976 que permitia a participação dos cidadãos na criação de novas leis, desde que houvesse uma reunião de pelo menos 10 mil eleitores apoiadores de uma nova proposta. A idéia precípua do grupo é de mudanças, sem exclusões, visando ao desenvolvimento de Cuba.

Em maio de 2002, Osvaldo Payá entrega a petição assinada por 11 mil pessoas à Assembléia Nacional em Havana, justamente na véspera da visita de Jimmy Carter à ilha. No entanto, um referendo organizado pelo governo tratou de refrear as aspirações do grupo. Dessa forma, é endossado o aspecto referente ao socialismo da Constituição Cubana, inviabilizando qualquer medida contrária.

O Projeto Varela passa a ganhar visibilidade e a contar com o apoio público do governo norte-americano, representado pela mais alta diplomata dos Estados Unidos em Havana, Vicki Huddleston. Com a ajuda governamental e, inclusive, financeira de um histórico rival era de se esperar um contra-ataque cubano, o que não demorou muito a acontecer, conforme relata Gott:

No começo de 2003, o governo ordenou uma nova repressão e 75 membros da oposição, inclusive Roca, foram presos e acusados de colaboração com uma potência inimiga. Payá permaneceu intocado, talvez por causa do seu amplo reconhecimento na Europa, e por não ser identificado com as atividades da diplomacia norte-americana (p.354).

⁸³ Op. Cit. p.354.

As sentenças de prisão e de morte autorizadas pelo governo cubano e a estratégia ofensiva revelam uma tática de equivalência ao governo de George W. Bush, nos Estados Unidos. Na medida em que a crescente hostilidade verbal marca a administração deste, especialmente após os ataques terroristas às torres gêmeas, em setembro de 2001, o governo cubano temia que a invasão ao Afeganistão e ao Iraque poderia preceder a uma nova ofensiva contra a ilha. O clima de tensão aumenta quando, em 2003, um barco seqüestrado no porto de Havana, a caminho da Flórida, fica sem combustível e é obrigado a retornar, segundo ordens da guarda costeira cubana. Na volta, aqueles identificados como líderes do seqüestro são presos e, posteriormente, condenados à morte.

Tanto no campo histórico quanto na representação narrativa a fragmentação revela-se como estratégia ideológica que visa a isolar aqueles que não se vinculam à perspectiva de nação, construída pelo pensamento hegemônico. Por esse motivo, no âmbito da diegese, é tão difícil para Rey identificar-se como parte de um país que, muitas vezes, escapa de sua compreensão, em virtude das discrepâncias sociais e do tratamento desigual destinado aos cidadãos, mesmo que o protagonista não perceba isso claramente.

Com isso, a distância entre a Cuba miserável em que habita e circula Rey e a Cuba vista pelos olhos dos turistas é mostrada, de maneira irônica, na descrição onisciente e crua do narrador em *O Rei de Havana*:

Quando um turista incauto e melancólico aterrissa no meio dessa fauna não agressiva, mas engraçada e convincente, geralmente cai fascinado na armadilha. Acaba comprando rum e tabaco de merda, achando que é original e que está sendo muito esperto e que está tendo muita sorte. Às vezes, meses depois, acaba casando com uma dessas esplêndidas mocinhas ou se junta com um garoto pintado. Depois dessas proezas, o turista garante aos amigos que agora é feliz, que a vida nos trópicos é maravilhosa e que gostaria de investir aqui o seu dinheiro e ter uma casinha à beira-mar, com sua negrinha complacente e atraente, abandonando o frio e a neve, para não ver mais as pessoas educadas, cuidadosas, calculistas e silenciosas de seu país. Enfim, cai num transe hipnótico e sai da realidade (p.39).

A realidade cubana, aos olhos do turista tende a ocultar as relações ou processos existentes. A ingenuidade do viajante de fora que aporta na ilha é ironizada no relato. De alguma forma, é possível acrescentar a idéia de nação, como uma narração, tal como

designa Bhabha⁸⁴, o que significa uma oscilação vocabular muito grande, ou ainda, uma indeterminação de significantes vazios, buscando o preenchimento de um significado único para Cuba. Esse projeto, no entanto, termina em frustração, pois a imagem da feliz vida nos trópicos é uma ilusão e está completamente apartada do cotidiano da maioria das personagens representadas em *O Rei de Havana*.

Do retrato sem idealizações do narrador aos relatos contados a Rey pela família até aqueles ouvidos no internato e nas ruas de Havana, há um ponto comum: a ubiqüidade da miséria. O hábito adquirido por Rey de viver entre a pobreza e a degradação faz com que ele não se importe com essa realidade, nem tampouco, o faz sentir-se vítima. A abulia da personagem indica menos o caminho de uma consciência da dificuldade de sua existência ou uma percepção da injustiça social da qual ele é o resultado do que a alternativa única que lhe resta, qual seja, a da sobrevivência.

Na sua condição de andarilho, Rey experimenta, mais uma vez, a sensação de estranhamento, ao ver um sujeito fazendo *jogging* em direção ao Malecón. Utilizando uma roupa esportiva sofisticada e tênis caros, o homem, descrito como loiro, alto e bem alimentado, é visto como um ser diferente também por outras pessoas do bairro. Aquele homem é a imagem contrastante à miséria reinante na cidade, além de ser o retrato excêntrico da idéia de deslocamento numa realidade distinta e já mostrada em relação ao Hotel Galápagos:

No açougue de Animas com Campanário havia um magote de umas trinta ou quarenta pessoas esperando a sua cota de picadinho de soja. Alguém disse: “Olha esse cara...está louco”. Uma senhora respondeu: “Loucos estamos nós, que não temos força nem pra correr pra pegar o ônibus”. Outra mulher também meteu a colher torta, com expressão de amargura: “E continuamos comendo merda aqui em vez de ir pra casa do caralho”. Os outros, prudentemente, mantiveram a boca fechada (p.174).

Rey acompanha a galhardia da corrida do sujeito, não a compreende, mas, novamente, não se importa. Em contraposição ao movimento do estrangeiro, Rey depara-se, em frente à capela de La Milagrosa com outra pessoa, um homem, semi-inconsciente com um cartaz pedindo dinheiro. Segundo Rey, o sujeito caído ao chão

⁸⁴ BHABHA, Homi K. Introduction: narrating the nation. *Nation and narrating*. Homi Bhabha (org.) London and New York: Routledge, 1990, p.1-7.

parecia um “farrapo humano”. Enquanto avalia a possibilidade de escrever um cartaz com um pedido de dinheiro, como o do homem caído com o qual ele se identifica, o Rey de Havana reencontra sua rainha, Magda.

Magda e Rey discutem até que ela resolve ir embora. Desalentado e triste, Rey volta a perambular pela cidade. Depois de pensar até em suicídio acaba, esgotado, sentando-se à porta de uma casa cuja dona, conforme descobre mais tarde, é uma cartomante chamada Daisy.

Daisy acolhe Rey e os dois iniciam um relacionamento, ainda que ele sempre recorde Magda. A despeito de nunca ter tido ao seu lado uma mulher limpa e cheirando a perfume, Rey não consegue sentir-se atraído por Daisy e sentia saudades “do cheiro e do hálito podre” da mulher que o abandonou.

Entediado com a rotina, Rey passa a freqüentar o bar da frente, onde conhece Ivón. Para Rey, Ivón parece melhor do que Daisy, pois era uma negra mais jovem e com bastante apetite sexual. O marido de Ivón está preso e ela precisa se prostituir para sustentar a filha. Com todos esses problemas Ivón não poderia morar com Rey, como ele gostaria. Ademais, vigiada sempre pela sogra, Ivón teme que seu marido saiba de seu caso e a assassine.

Frustrado, Rey retorna às ruas e, na saída do quarto de Ivón, na madrugada, percebe que algo estranho está ocorrendo. Um forte cheiro ácido espalha-se pelo ar e inúmeras pessoas começam, desesperadamente, a abandonar suas casas. Tão logo soam algumas sirenes, Rey fica sabendo do vazamento de amoníaco e da internação por asfixia de diversos habitantes da zona vizinha ao prédio, ou como prefere o narrador, “os escombros onde Magda morava”(p.198).

Andando em direção contrária à da multidão, sonolenta e protegida por toalhas na cabeça e lençóis, Rey começa a temer por Magda, uma vez que ela sempre demorava a despertar. Os alto-falantes passam a comunicar que o vazamento havia sido controlado e Rey percebe que o cheiro forte parece, agora, dissolver-se aos primeiros raios da manhã.

Na frente do prédio, ele quase se choca com uma moradora que retorna a casa: era Magda. Depois de relatar que havia sido acordada pelo vizinho, os dois caminham, novamente, para o quarto precário, a fim de entregarem-se a mais uma maratona sexual. A atração entre ambos é intensa, apesar da degradação física em que se encontram:

Magda estava magra de tanto passar fome, se lavava muito pouco por falta de água e sabão, não raspava as axilas porque não tinha lâmina, a roupa suja, os dentes manchados. Quando tinha uns pesos, gastava com rum e cigarros. Enfim, um desastre. A sujeira. Os dois eram imundos. Não vinham do pó e ao pó regressariam. Vinham da merda. E na merda continuariam (p.199).

Depois de três dias de “amor despudorado” e “sexo louco”, Magda decide reagir e, com os pesos restantes do “banquete” de pão com croquete, rum e cigarros, resolve voltar a vender amendoins. Outra vez Magda desaparece e deixa Rey sozinho no prédio.

Com a cidade completamente paralisada, em virtude das chuvas torrenciais, o prédio onde se encontram Rey e Magda começa a ruir. As paredes e o teto cedem devido à quantidade de água acumulada. O casal foge para a rua e impressiona os curiosos que julgavam não haver mais sobreviventes, em meio aos escombros.

Ferido e resfriado, Rey é amparado e conduzido por Magda, em meio a um caos que se afigura cada vez mais intenso em Havana, como mostra o narrador:

Rey mancava, apoiado em Magda. A cidade completamente paralisada. Às escuras. Com vinte e quatro horas de chuva, a cidade caiu em estado de coma. Interrompeu-se o fornecimento de água, de telefone, gás, transporte público. Nada de alimentos. Rey e Magda nem se deram conta. (210).

A vinculação entre a degradação física de Rey e Magda e a da cidade de Havana é evidente. Assim como a cidade, parece que nenhum dos dois resistirá a mais essa circunstância adversa. De certa forma, Rey e Magda não percebem o caos de Havana por estarem, eles próprios, acostumados a essa situação. Por outro lado, o espaço em ruínas vincula-se ao corpo em lenta degeneração, tanto de Magda quanto de Rey, condição com a qual ambos nunca se importaram.

O casal finalmente arruma um lugar para se abrigar, perto de um matagal e ao lado de maquinarias enferrujadas e abandonadas. Alojaram-se, então, na carcaça de um ônibus. Rey e Magda estão famintos e ele, com o tornozelo machucado, em virtude da queda de uma das paredes sobre sua perna.

Magda sai à procura de alimentos e Rey, na impossibilidade de caminhar, fica esperando. Os dias passam lentamente. Rey se enfurece quando Magda chega muito tarde ou quando passa um dia inteiro desaparecida. Ela, de sua parte, acalma-o, levando

rum, cigarro e comida. Ambos brigam muito, se agridem e depois fazem muito sexo. Rey já consegue, finalmente, mesmo com um pouco de dor, andar.

Magda some mais uma vez, deixando Rey ansioso e com raiva. Dessa vez, voltando depois de três dias, ela estava diferente. Com uma roupa em bom aspecto, ela retorna radiante, marcada por aquilo que Rey julga ser “mordidas” e “chupões”. Rey, de pronto, aplica-lhe uns bofetões e muitos socos. Magda, depois de tergiversar um pouco, explica onde estava: “Estava com o pai do meu filho! Esse, sim, é homem. Que cuida de mim, me dá roupa, comida, dinheiro, me leva pra passear. Esse negrão, sim, é que é homem!” (217).

Rey está cada vez mais ensandecido de raiva e ciúmes. Quanto mais ofende e agride Magda, com mais força ela responde a ele. Até que ela fala mais de seu marido, dizendo, inclusive, que está grávida dele. Isso provoca ainda mais fúria em Rey que, descontrolado, é imediato em sua resposta:

(...) Rey ficou totalmente louco. Pegou a facincha e de um só golpe lhe rasgou a face esquerda, da orelha até o queixo. Um corte tão profundo que pôs à vista os ossos, os tendões, os dentes. Gostou de vê-la assim, desfigurada, com o rosto rasgado e sangue correndo pelo pescoço abaixo (p.217).

Mesmo com Magda ferida, a violência não arrefece:

Rey, já sem controle, acertou-lhe outro corte no pescoço. Cortou-lhe a carótida. De um só golpe. Um jorro de sangue voou e ensopou ambos. Magda abriu os olhos desmesuradamente. Outro jorro de sangue, com força. O bombear do coração. Outro mais, muito mais fraco. Magda desmaiou. Caiu no chão. Brotou muito sangue daquela ferida. E morreu em questão de segundos (p.218).

Com a visão do cadáver ensangüentado, Rey tem uma ereção e viola duas vezes o corpo de Magda, para depois dormir, tranqüilamente. Ao acordar, vasculha os bolsos de Magda e encontra trinta pesos, dois pães, cigarros e uma camisa limpa, objetos de que toma posse. Rey decide, então, sair. Deixa o cadáver fechado na habitação improvisada que ele havia feito com sucata e segue alegre ou “quase eufórico”.

Sem direção, Rey caminha a esmo, mancando e apoiado numa bengala, até um cais, onde pode observar Havana. Compra rum, embebeda-se abaixo de um forte sol e,

como sempre, não sabe o que fazer, nem para onde ir. Ao lembrar de Magda, Rey imagina urubus já cercando o seu cadáver e decide retornar ao local onde deixou o cadáver.

Chegando a sua “casa”, retira a tampa de lata que veda a entrada e aspira um cheiro forte de cadáver. Passa, então, a conversar docemente com Magda, afirmando que ela estava daquele jeito, pois havia desrespeitado o seu verdadeiro marido, o Rei de Havana.

Sem saber onde enterrar Magda, Rey sai à procura de um local escondido para realizar esse fim. Encontra um depósito de lixo, perto do mato e do conjunto de ferros e escombros em que ele, provisoriamente, estava. Resolve, então, no dia seguinte, à noite, jogar Magda em meio ao lixo.

No dia seguinte, à tarde, os urubus passam a sobrevoar a habitação em que estão Rey e o cadáver. Rey conversa, mais uma vez, com Magda e pede que pare de apodrecer, pois entende que ela faz isso só para irritá-lo. Quando anoitece, ele decide, finalmente, livrar-se do corpo. Na escuridão, segura o cadáver rígido, frio e fétido de Magda e o carrega sobre o ombro.

O caminho até o amontoado de lixo já é conhecido de Rey. No entanto, ele é realizado lentamente, como observa o narrador:

Devagar, sem pressa, reprimindo o desejo de soltar aquele corpo tão fedido. O cadáver soltava líquidos viscosos e repelentes pelos ouvidos, nariz, boca, olhos. Foi deixando um rastro asquerosamente oloroso (p.222).

No cume do depósito, Rey chega perto de um lixo já em estado de putrefação e, enterrado, até os joelhos, pensa, inicialmente, em deixar Magda ali. Contudo, sofre um ataque surpresa:

Ratos! Muitos ratos o mordiam. Lutou com eles atirando-lhes coisas. Os ratos estavam comendo o cadáver. Vinte. Trinta. Apareciam mais e mais. Quarenta. Muitos mais. Morderam seus braços, as mãos, a cara. Arrebatou deles o cadáver. Os ratos chiavam e se atiravam contra ele (...). Conseguiu jogar o cadáver no buraco. Os ratos continuavam mordendo. Enlouquecidos com o presunto. Arrancavam pedaços do cadáver. E o mordiam, arrancando-lhe pedaços de pele. (...) Por fim

terminou. Tinha todo o corpo dolorido. Dezenas de mordida. Cem talvez. Ou mais. Eram ratos enormes, fortes, selvagens. Haviam lhe arrancado pedaços dos braços, das mãos do rosto, do ventre, das pernas. Estava desfeito. Saiu andando como conseguiu se arrastando até a casinha. Levou quase uma hora para chegar. Entrou e se atirou na enxerga. Estava enjoado, com náuseas. Doía-lhe o corpo todo. Dormiu (p.223).

O fim do jovem pedinte é tão miserável quanto a vida que ele levou. No delírio de morte ainda lembra da mãe, da avó e do irmão, além da vida de esmoleiro. Finalmente, tenta pedir água para Magda, mas não consegue falar. O narrador descreve, assim, os últimos momentos do Rei de Havana:

Teve uma morte terrível. Sua agonia durou seis dias com suas noites. Até que perdeu o sentidos. Por fim morreu. Seu corpo já estava apodrecendo por causa das úlceras feitas pelos ratos. O cadáver se corrompeu em poucas horas. Chegaram os urubus. E o devoraram pouco a pouco. O festim durou quatro dias. Foi devorado lentamente. Quanto mais apodrecia, mais gostavam daquela carniça. E ninguém jamais ficou sabendo de nada (p.224).

O final da narrativa é tão brutal quanto o seu início e, de alguma maneira, o destino de Rey parecia anunciado. A existência inútil, aos olhos da sociedade, além de uma vida acostumada à miséria e ao mundo da marginalidade converge, de maneira cíclica, a uma volta ao lixo. Se, no início do texto, o narrador refere-se ao espaço habitado por Rey como “o mais porco do edifício inteiro (p. 7)”, cercado por destroços e coabitado por animais (galinhas, porcos e pombas), no final da narrativa, o protagonista morre, dessa vez, devorado por animais (primeiro, os ratos, depois, urubus). Essa trajetória cíclica sinaliza para idéia de “redundância” não apenas no sentido de permanência de uma circunstância, no caso aqui a da miséria, como no sentido do “ser redundante”, isto é, aquele indivíduo expletivo e desnecessário sob o ponto de vista social, como aponta Bauman:

Ser “redundante” significa ser extranumerário, desnecessário, sem uso -quaisquer que sejam os usos e necessidades responsáveis pelo estabelecimento de padrões de utilidade e de indispensabilidade. Os outros não necessitam de você. Podem passar muito bem, e até melhor, sem você. Não há uma razão auto-evidente para você existir nem qualquer justificativa óbvia para que você reivindique o direito à

existência. Ser declarado redundante significa ter sido dispensado pelo fato de ser dispensável - tal como a garrafa de plástico vazia e não-retornável, ou a seringa usada, uma mercadoria desprovida de atração e de compradores, ou um produto abaixo do padrão, ou manchado, sem utilidade, retirado da linha de montagem pelos inspetores de qualidade. “Redundância” compartilha o espaço semântico de “rejeitos”, “dejetos”, “restos”, “lixo” – com *refugo*. O destino dos *desempregados*, do “exército de reserva da mão-de-obra”, era serem chamados de volta ao serviço ativo. O destino do refugo é o depósito de dejetos, o monte de lixo. (2005, p. 20).

Como parte de uma população “fora-da-lei”, Rey é a sobra do edifício da nacionalidade, construído a partir da linguagem artificial do discurso do Estado. O resultado disso é a indiferença em relação a um sujeito que está fora da uniformidade como estratégia ideológica constituinte da perspectiva de nação. Em resumo, Rey é o lixo que volta ao lixo e cuja vida é desprovida de valor e de significação humana. As leis com base na construção da ordem regida pelo Estado fundamentam-se, igualmente, no direito de excluir àqueles que podem representar uma ameaça e que estão fora dos limites aceitáveis, como destaca Bauman⁸⁵:

A lei jamais alcançaria a universalidade sem o direito de traçar o limite de sua aplicação, criando, como prova disso, uma categoria universal de marginalizados/excluídos, e o direito de estabelecer um fora dos limites, fornecendo assim o lugar de despejo dos que foram excluídos, reciclados em refugo humano (2005, p. 43)

A despeito de ter sido “devorado lentamente” pelos urubus, o narrador finaliza o texto ressaltando que “ninguém jamais ficou sabendo de nada”, isto é, a morte de Rey ocorreu na mais absoluta solidão. A onisciência narrativa parece também compartilhar com o leitor uma história segredada, quase como uma confidência. Embora tenha havido um acompanhamento, por parte do narratário, da trajetória de Rey, a morte desse personagem reveste-se de um significado vazio. Desse modo, a vida do protagonista – mais um miserável – nunca valeu nada, tampouco pode despertar outro sentimento que não seja o de indiferença.

O verbo “saber”, da frase final do texto, empregado no gerúndio, pode assumir dois significados distintos. Num primeiro momento, “não ficar sabendo” de algum fato

⁸⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ou acontecimento pode sugerir um sentido próximo ao de “não ser informado” ou “não estar a par” de algo. Numa outra perspectiva, “não ficar sabendo” pode significar uma realidade que insinua um distanciamento ou, principalmente, uma despreocupação com certa circunstância.

A naturalidade das condições de miséria das personagens de *O Rei de Havana*, bem como as suas relações impulsionadas ora pelo sexo, ora por um instinto de sobrevivência primitivo, mobilizam uma leitura que transcende o texto. A vida de Rey e Magda parece absurdamente real, dentro de uma circunstância sócio-histórica, marcada por inúmeras privações, conforme parece ser a situação de Cuba. Ao mesmo tempo, o aviltamento de Rey e sua existência reificada, construída em meio ao lixo, ruínas e escombros, é encarada de maneira tão inevitável pelo narrador e pela personagem, que chega a se revestir de um absurdo próprio das estratégias ficcionais.

Se pensarmos *O Rei de Havana*, num contexto social, ou seja, em seus possíveis efeitos na sociedade cubana, podemos entender essa narrativa como perniciosa aos interesses de estabelecimento e sustentação das relações de poder do Estado autoritário. Como retrato da alteridade, a arte, nesse caso, desestabiliza e instiga o leitor a uma ruptura com suas expectativas, além de permitir o ingresso num universo que, ao mesmo tempo, representa o real sem comprometer-se com a realidade. Nesse sentido, a arte aparece como libertação, uma vez que alia elementos de transgressão ao automatismo e amplia um conhecimento de mundo. Essas dimensões estabelecidas pelo diálogo ativo entre leitor e obra revestem a criação artística, em particular esse texto, de um caráter social sobejamente perigoso em algumas circunstâncias, em especial no que concerne ao efeito comunicativo do texto, como examina Zilberman⁸⁶:

Para Jauss, a circunstância de a obra contrariar um ‘sistema de respostas’, ou um código, atua como um estímulo para que se intensifique o processo de comunicação: a obra se livra de uma engrenagem opressora e, na medida em que recebida, apreciada e compreendida pelo destinatário, convida-o a participar desse universo de liberdade (p.54).

O texto, assim, funciona como ampliação da percepção de mundo do leitor, na medida em que conta um percurso de uma personagem, sem virtudes ou atributos

⁸⁶ ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e História da Literatura*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

heróicos, por um ambiente degradado e em ruínas com o qual o protagonista se identifica. Essa ampliação, na percepção de mundo, se dá na comunicação do narrador com o leitor e na projeção inevitável da realidade representada no texto, pois produz a identificação entre quem lê e os elementos (temática e personagens) mostrados.

Talvez por isso, a história da leitura seja tão repleta de censuras e admoestações em relação ao seu perigo em governos discricionários. Por esse motivo, igualmente, um dos compromissos do teórico da literatura seja examinar as conseqüências de um texto na sociedade, como o faz Manguel⁸⁷, ao referir-se à trajetória de perseguições e preconceitos suscitados pelos textos:

Como séculos de ditadores souberam, uma multidão analfabeta é mais fácil de dominar; uma vez que a arte da leitura não pode ser desaprendida, o segundo melhor recurso é limitar o seu alcance. Portanto, como nenhuma outra criação humana, os livros têm sido a maldição das ditaduras, Os poderes absolutos exigem que todas as leituras sejam leituras oficiais; em vez de bibliotecas inteiras de opiniões, a palavra do governante deve bastar (p. 315).

Pedro Juan Gutiérrez afirma, em seu site oficial⁸⁸, ser “um escritor fantasma”, em função da proibição da maior parte de suas obras em Cuba e, por conseqüência, do desconhecimento de seu trabalho no próprio país. Ainda que não se considere um escritor político, nem admita que seus textos possam sugerir essa percepção, é certo que, dentro de um contexto relativo à experiência estética e histórica, o texto acaba por suscitar algumas leituras que apontam para a exclusão e o controle dos protagonistas pela sociedade e pelo Estado.

A relação entre a arte e a sociedade afigura-se, nesse caso, em sua potencial comunicação com o leitor, como afirma Abreu⁸⁹:

Ler um livro é cotejá-lo com nossas convicções sobre tendências literárias, sobre paradigmas estéticos e sobre valores culturais. É sentir o peso da posição do autor no campo literário (sua filiação intelectual, sua condição social e étnica, suas relações políticas etc). É contrastá-lo com nossas idéias sobre ética, política e moral. É verificar o quanto ele se aproxima da imagem que fazemos do que seja literatura.

⁸⁷ MANGUEL, Alberto. Op. Cit. p. 315.

⁸⁸ Disponível em: <<http://www.pedrojuangutierrez.com>>. Acesso em: 08 mar. 2007.

⁸⁹ ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: UNESP, 2006.

Normalmente nenhum desses critérios é explicitado, uma vez que o discurso da maior parte da crítica é construído a partir da afirmação de uma *imaneente literariedade* (p. 99).

Por sua condição miserável, Rey é uma ameaça à idéia de bem-estar social, representando uma contrapropaganda ao regime socialista. A trajetória de Rey pode ser compreendida como a manifestação das formas simbólicas no sentido de representação e, ao mesmo tempo, de crítica à ideologia hegemônica. Esse é, possivelmente, um dos motivos para a proibição da narrativa em Cuba e a justificativa para a relação, necessária e possível, entre o texto literário e a sociedade.

Além de sua imagem de degradação, manchando o panorama social cubano, Rey não se importa com quaisquer questões coletivas. O rapaz vive solitariamente, mantendo relações apenas com Magda e algumas amantes ocasionais. Misanthropo, Rey parece perceber que seus contatos com a sociedade sempre foram traumáticos e marcados pela violência, desde a prisão injusta até a exclusão de todos os lugares por onde passa. Rey não se identifica com nenhum grupo, como podemos observar no trecho que segue:

Às vezes, apareciam outros esmoleiros. Se aproximavam. Tentavam conversar. Ele olhava e não respondia. Melhor assim. Acharam que era surdo-mudo. Quando insistiam demais, ia para outro lugar. As pessoas o incomodavam. Não queria ouvir ninguém (p. 32).

Como uma das formas de operação da ideologia é a simbolização de unidade, a partir da construção, no nível simbólico, de uma identidade coletiva, Rey, por outro lado, também não se coaduna a essa perspectiva. À parte da integração a quaisquer grupos e completamente alheio ao que acontece na sociedade, Rey está na contramão da propaganda ideológica, manifestada por Fidel Castro, desde a aurora da revolução, como salienta Gott⁹⁰:

Fidel só chegou a Havana em 8 de janeiro, avançando ao longo de ruas em festa, embandeiradas para Camp Columbia, onde, consciente da enorme diversidade por trás da coalizão que o apoiava, falou a uma

⁹⁰ Op. Cit. p. 193. Grifo nosso.

imensa platéia sobre a necessidade de **unidade revolucionária** (grifo nosso, p.193).

A unidade é uma das premissas necessárias e fundamentais para a sustentação de qualquer regime e as primeiras dissidências ao governo cubano eram tratadas com rigor, conforme prossegue Gott⁹¹:

Raúl Castro, o comandante militar de Oriente, e Che Guevara, em La Cabana eram percebidos como homens duros. Guevara assinou pessoalmente pelo menos cinquenta penas de morte, enquanto alega-se que Raúl teria supervisionado a execução em massa de 70 soldados de Batista, mortos a tiros de metralhadora diante de uma vala aberta (p.194).

Assim, as ações do governo cubano, após a Revolução de 59, revelam duas formas de operação da ideologia no tecido social: a unificação e a fragmentação. Na primeira, a ideologia sustenta as relações de poder, na construção simbólica de uma identidade que interliga os indivíduos. Na segunda, a fragmentação apresenta-se como operação ideológica, como complementação da unificação, de modo que os indivíduos capazes de se transformar em perigo para os grupos dominantes precisam ser segmentados e expurgados. Relacionando essas duas formas de estabelecimento e preservação de poder, Rey não se vincula à idéia de unidade coletiva e, alheio à revolução, não tem consciência que essa condição o empurra para a margem da sociedade. Por consequência disso, ele se torna uma ameaça àqueles que detêm o poder, pois está fora dos padrões impostos pelo regime, recusa-se a trabalhar e, além disso, resiste a quaisquer contatos sociais.

Fora da perspectiva de coesão social, Rey faz parte de um duplo processo, próprio da avassaladora consequência da economia globalizada, ou seja, a desnacionalização do espaço urbano, conforme ressalta Santiago⁹². Isso significa que muitos daqueles que vivem, especialmente, nas grandes cidades não se identificam com a idéia de “comunidade nacional” ou de “nação”.

Jogado, literalmente, na lata do lixo como refugo do edifício da nacionalidade, Rey é apenas mais um marginalizado na estrutura social, revelando o caráter

⁹¹ Ibidem.

⁹² Op. Cit. p. 58.

“cosmopolita” da pobreza e da miséria. A imagem final em que é devorado, primeiro pelos ratos e depois pelos urubus, indica o desaparecimento provisório de uma personagem cada vez mais comum na vida real das grandes cidades e cujos nomes e a existência são ignorados por grande parte das pessoas e, sobretudo pelo Estado.

Por ser uma presença até certo ponto banalizada, no universo da sociedade hodierna, o pedinte, tal como é apresentado em *O Rei de Havana*, assume uma posição imutável frente à realidade que pouco lhe oferece. Assim, a existência de Rey é revelada como cotidiana e irreversível, ao mesmo tempo em que se apagam quaisquer circunstâncias que possam ser determinantes para a mudança de vida da personagem.

A visão de Rey, mediada pela perspectiva do narrador, sintetiza o conformismo do rapaz em relação às condições em que vive:

É assim. O ser humano se acostuma com tudo. Se todos os dias nos derem uma colherada de merda, primeiro a gente reage, depois a gente mesmo pede ansiosamente a colherada de merda e faz de tudo para comer duas colheradas e não só uma (2001, p. 85).

A miséria e a violência são parte do cotidiano de Rey e a naturalização dessas circunstâncias acaba por salientar o caráter ideológico de atemporalidade e, por conseguinte, de eternalização de uma situação que poderia ser entendida como contingente. Isso significa que ser pobre, lutar pela sobrevivência, viver como um animal e se transformar em assassino parecem ser as únicas alternativas que restaram para Rey. Nada, portanto, pode ser mudado. Desse modo, a ideologia mantém o caráter hegemônico e, em nome do Estado totalitário e dominador, exclui todos aqueles que não se vinculam à perspectiva de unidade imposta ao sentido simbólico de nação.

A trajetória sem sentido de Rey por Havana – “saiu andando por inércia (...). Sem pensar” (p.115) – põe a descoberto a ideologia de manutenção das relações de poder, como assevera Thompson, pois se Rey nada almeja, é evidente que a assimetria ou a dominação da personagem, no contexto ficcional, será mantida. Dessa maneira, a escolha do narrador por uma linguagem por vezes obtusa e por uma visão sem complacências ou idealizações das personagens incita à discussão, ao mesmo tempo em que desafia a ordem estabelecida, em Cuba.

De outro lado, a leitura de *O Rei de Havana*, salienta a problemática da miséria e da violência como identificáveis em muitas sociedades. Portanto, como forma simbólica contestatória à ideologia, a narrativa de Gutiérrez pode incitar discussões, não apenas em Cuba, onde o livro é proibido, mas em todos os lugares do mundo onde percebemos a miséria cada vez maior e a condição, tristemente cosmopolita, da pobreza.

Entre ratos e urubus, em meio ao lixo e à miséria, parece que de nada adianta ser majestade em Havana. Rey é a imagem do protagonista reificado, vagando por uma cidade em escombros, premido pela ideologia de uma sociedade que nunca o acolheu. Assim, o menino que presenciou a tragédia familiar foi jogado numa instituição para menores e teve que morar no submundo de Havana se transformou num homem violento e incapaz de acumular experiências, perdendo, pouco a pouco, sua identidade. No fim, a imagem do excluído - como uma metonímia da grande legião que vive nessa circunstância em todas as partes do mundo - é traduzida pelo esquecimento completo e, como refugio do projeto de um governo para o povo, Rey termina em meio ao lixo. Ninguém fica sabendo de sua existência, conforme informa o narrador, pois, afinal de contas, a quem interessaria a miserável vida de mais um indigente?

3 IDEOLOGIA E LEITURA: O TEXTO COMO TRANSGRESSÃO EM *O NINHO DA SERPENTE*

Narrado em primeira pessoa, *O ninho da serpente*: memórias do filho do sorveteiro⁹³ mostra a trajetória do jovem leitor e aspirante a escritor Pedro Juan na cidade portuária de Matanzas, ao norte de Havana. Com dinheiro escasso e uma imaginação intensa, Pedro Juan busca alternativas para sobrevivência e, assim, ocupa-se com trabalhos eventuais para amenizar as conseqüências do bloqueio econômico imposto a Cuba, em 1965, ano representado, inicialmente, na narrativa. O protagonista apresenta-se como vendedor de sorvetes, função que o desagrada, como é possível perceber logo na abertura do texto:

Eu queria ser alguém e não passar a vida vendendo sorvete. Achei que a solução seria aprender algum ofício. Alguma coisa que servisse para fascinar as pessoas. E lia Como falar bem em público e conquistar amigos, de Dale Carnegie. É preciso fascinar. Seduzir. Quem sabe falar sempre puxa a sardinha para a sua brasa. Por isso os abrutalhados morrem dando duro e não vão além disso. E os muitos falantes se metem em política e chegam a presidentes (2005, p.09).

Desde cedo, Pedro Juan entende que a leitura pode ser um caminho para escapar da vida de privações e pobreza. Os livros são entendidos como precípuos para uma mudança de vida, que se processará mais tarde, quando o jovem descobre outras leituras. No entanto, os textos citados pela personagem, de início, revelam uma literatura de conteúdo pragmático e de resultado rápido e eficaz e tidos, por conseguinte, como ideal para uma mudança de vida. Essa mudança, contudo, acabará ocorrendo mais tarde, a partir de um processo de encantamento cada vez mais intenso com outros textos.

A leitura, em princípio, tem um caráter ainda perfunctório, podendo promover a ascensão social mais rápida do que o carrinho de sorvetes do protagonista, como é

⁹³ GUTIÉRREZ, Pedro Juan *O ninho da serpente*: memórias do filho do sorveteiro. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Todas as citações foram retiradas dessa edição.

possível perceber no trecho mais adiante: “Eu gostava muito do tal livro sobre hipnotismo. Dizia que é possível hipnotizar todo mundo e viver como um rei, de papo para o ar. Era perfeito. Seduzir com a lábia e hipnotizar com a mente” (2005, p. 09).

À parte da circunstância de luta pela sobrevivência e um fascínio, ainda incipiente, pela leitura, o adolescente Pedro Juan é arrebatado por um desejo sexual intenso, acentuado pela localidade onde mora: o bairro das meretrizes. É num zoológico perto de casa que Pedro Juan acaba conhecendo Dinorah, uma das prostitutas do local, no momento em que presencia a luta desesperada de um macaco para sobreviver no interior da jaula dos leões. Esse embate simboliza, para a personagem, uma metáfora reveladora a respeito da sociedade na qual ele está inserido, além de dar início a uma reflexão constante entre o mundo dos homens e a organização instintiva própria do mundo dos animais. O aprendizado de Pedro Juan passa, inicialmente, pelo exame da ação do mundo selvagem:

É preciso ter a serenidade alerta, a paciência astuta dos leões. Quem foge aterrorizado vai direto para a morte. (...) O macaco repetiu o trajeto louco três ou quatro vezes. Não lhe ocorria fugir para outro lugar. Só subia e descia pelas barras de ferro. Numa dessas, um dos leões calculou bem e lhe acertou uma patada brutal. O macaco nem chiou. Direto para a boca. Todos os ossos crepitaram selvagememente. O leão engoliu o macaco em dois segundos. E se deitou de novo, muito digno, tranqüilo, digerindo o lanche. Aqui não aconteceu nada (...) Da outra jaula, ali ao lado, a macaquinha esposa do dissidente guinchava como se estivessem tirando o couro dela. Quando viu que o leão tinha engolido o marido, começou a chorar (2005, p. 11).

Pedro Juan percebe que não é o único a observar a cena, pois num banco em frente vê Dinorah, que chora muito e, então, instigado pela atitude célere e precisa do leão, o rapaz também vai ao ataque. Lembrando de suas leituras, o início do diálogo é marcado pela argumentação do jovem em favor do leão, pois, segundo ele, o macaco teria sido imprudente e burro e o mundo não deveria ser dominado por gente “tonta e analfabeta”. Com sua ingênua persuasão, Pedro Juan consegue atingir o seu objetivo do momento, isto é, conquistar a mulher que o convida para ir à sua casa, proposta logo aceita pelo rapaz.

Após o encontro no parque, o casal entrega-se a horas de sexo e esse desejo obsessivo toma conta de Pedro Juan que, em determinado instante, sente raiva de si mesmo por se relacionar com uma pessoa como Dinorah:

Por fim a vi nua. A barriga flácida, as pernas e as coxas cobertas de varizes, os peitos grandes e caídos, a pele suja e encardida, os dentes amarelos e podres. Olhou para mim e riu, descarada:
– Gosta mesmo de mim? Olhe bem (2005, p. 16).

A visão provoca raiva no rapaz, impulsionando-o a agredir a mulher. Contudo, um sentimento ambíguo o domina, pois ao mesmo tempo em que se sente mal por estar com Dinorah, ele se excita, motivado pelo desejo de violência e pelos aromas podres emanados do quarto onde estava, além da imagem degradada da mulher com quem fazia sexo. Esse turbilhão de sensações toma conta do rapaz e o perturba cada vez mais:

Gostava daquela porca. Gostava e sentia nojo. Me sentia bem e mal com ela. Queria beijar até os pés dela e me excitava até com aquele hálito asqueroso de tabaco de rum, de cebola e alho, de dente podre. Queria tirar sangue dela. Gostava do cheiro de umidade, de mofo, de merda e vômito do quarto dela, mas ao mesmo tempo queria dar as costas para aquela coisa asquerosa e não voltar nunca mais. A luxúria e o desespero (2005, p. 17).

Ao livrar-se, finalmente, de Dinorah, Pedro Juan chega em casa quase desfalecido, resultado da mistura de sexo, drogas e rum. Após uma noite de sono, Pedro Juan lamenta ter esquecido o livro que ensinava a falar em público na casa da mulher e passa, novamente, a frequentar o zoológico, além de continuar praticando os exercícios do livro de hipnotismo. Percebe, finalmente, que os exercícios de hipnotismo não passavam de enganação e que, por outro lado, estava viciado em Dinorah. Entre a masturbação ou o sexo com uma prostituta mais velha, Pedro Juan escolhe a segunda alternativa.

A busca, quase sempre frustrada, de Dinorah por clientes, instiga reflexões de Pedro Juan a respeito das condições do país em que vive:

Apareciam dois clientes por dia: um negro e um velho. Dez pesos. Ainda por cima, era difícil conseguir preservativos. Quando apareciam

custavam os olhos da cara. Queriam crianças. Duplicar a população em poucos anos. Nunca entendi por que queriam mais gente neste vale de lágrimas. Sempre fui muito ingênuo e muitas coisas dos políticos fugiam ao meu entendimento (2005, p. 19).

A estratégia de manutenção e povoamento da ilha constituía-se num contra-ataque ao êxodo de Cuba, especialmente depois da adoção do comunismo pela Revolução. Os primeiros a deixar a ilha foram os partidários e beneficiários do governo Batista, seguidos pela classe média liberal que, evidentemente, não aprovava as mudanças radicais instauradas pelo grupo de Fidel Castro.

O discurso do governo cubano destacava que a permanência na ilha era voluntária e quem quisesse partir poderia fazê-lo a qualquer momento. A retórica hegemônica vinculava-se a uma proposta política, como salienta Gott⁹⁴:

Ansioso por estabelecer um êxodo mais ordenado, Castro anunciou uma nova política em setembro de 1965, declarando confiantemente que a participação na Revolução era estritamente voluntária. Todos os que quisessem deixar a ilha para ir ao “paraíso ianque” estavam livres para fazê-lo, disse à Assembléia dos Formidáveis, Comitê de defesa da Revolução. O fato de as pessoas estarem fugindo em pequenos barcos, “e de muitas estarem se afogando”, era usado pelos Estados Unidos como propaganda. (...) Algo precisava ser feito (2006, p. 242-243).

A “ansiedade”, referida por Gott, de Castro em ordenar o êxodo contribuía para um esvaziamento da oposição à Revolução em Cuba, enquanto, por outro lado, o incentivo à natalidade configurava uma proposta para consolidação do regime. O povoamento da ilha e a educação voltada para a “necessidade de unidade revolucionária”⁹⁵ são partes de um modo operacional da ideologia que serve a interesses de identificações coletivas.

Cumprir lembrar o elemento unificador, como modo geral de operação da ideologia, sustentada, nessa circunstância, pela estratégia de simbolização de unidade, conforme destaca Thompson:

⁹⁴ GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2006.p. 193.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 193.

Essa estratégia envolve a construção de símbolos de unidade, de identidade e de identificação coletiva, que são difundidas através de um grupo, ou uma pluralidade de grupos. (...) Na prática, a simbolização da unidade pode estar interligada com um processo de narrativização, na medida em que símbolos de unidade podem ser uma parte integrante da narrativa das origens que conta uma história compartilhada e projeta um destino coletivo (1995, p. 86).

A tentativa de construir e narrar uma nova história a partir da Revolução passa a ser uma necessidade primordial, no intuito de conquistar mais adeptos e aliados ao regime cubano e, ao mesmo tempo, para manter ou preservar as relações de dominação estabelecidas. Esse objetivo pode ser percebido, no interior da narrativa, a partir da atitude de determinadas personagens.

Pedro Juan nota em Dinorah algumas mudanças. Na visão dele, ela está mais “chata, triste e melancólica”, além das modificações na aparência e o cuidado com o asseio. Ele percebe nela, também, um certo medo e, logo, descobre que esse temor é resultado de um controle exercido por uma assistente social cuja visita é realizada regularmente. Em determinado momento, Pedro Juan encontra a assistente no apartamento de Dinorah e, de imediato, é indagado:

- Você é o Pedro Juan?
- Sou.
- Nós entendemos que você é o companheiro aqui da companheira.
- Bom. Sei. De certo modo.
- Deixe eu explicar, porque a companheira aqui pode ter uma oportunidade e você pode ajudar. Talvez a gente consiga um trabalho para ela. Já conseguimos um emprego muito bom, num cinema, e ela largou logo. Nem conversou com o companheiro administrador. Companheiros, vocês tem de tomar consciência desse processo e abandonar as chagas do passado.
- Ahh, não sei ...E a senhora, quem é?
- Eu sou da Chaga Social e trabalho nesta zona. Você é um companheiro jovem e pode ajudar muito Dinorah. Eu queria que ela se matriculasse para estudar à noite. Numa Escola Básica de Instrução Revolucionária (2005, p. 24-25).

O discurso da assistente social, na visão de Pedro Juan, serve como uma forma de controle e, por esse motivo, conclui o protagonista, Dinorah estaria tão amedrontada nos últimos tempos. Nesse caso, a ideologia, como dissimulação, apresenta-se, conforme Thompson, sob o rótulo de *tropo*, isto é, a partir do uso figurativo da

linguagem como uma maneira de dissimular relações de dominação. A tentativa de controle exercida sobre Dinorah é revelada por expressões reiteradas tais como: “chagas do passado”, “Chaga Social”, além da expressão “companheiro”, reforçando, de outra maneira, a idéia de unidade ou comunidade, de modo a complementar a dissimulação com a estratégia de simbolização de unidade.

Mesmo que o uso figurativo de linguagem não possa ser sempre apontado como ideológico, cumpre ressaltar determinadas circunstâncias onde essa estratégia é utilizada. Expressões metafóricas exercem uma função de tensão dentro de determinadas sentenças e a palavra “chaga”, utilizada pela assistente social referindo-se, implicitamente, ao governo anterior não se afigura de modo diferente. Nesse sentido, ressalta Thompson⁹⁶:

A metáfora da doença e da cura, combinada com a linguagem entre “nós” e “eles”, dá (...) um caráter forte e evocativo; ele reveste o processo de desenvolvimento social e econômico com a imagem da doença e da saúde (1995, p. 95).

A simbolização de unidade é reforçada, de maneira recorrente, a partir de uma tentativa de reforço retórico cujo intuito subjacente visa à unidade de pensamento. Portanto, o controle e a insistência da assistente social em matricular a prostituta Dinorah numa “Escola Básica de Instrução Revolucionária” busca, pela persuasão lingüística e pela educação, uma padronização simbólica. O governo é legitimado e os grupos dissidentes ou marginais são “incluídos” numa identidade coletiva, mas que não deixa de preservar a hierarquia e de exercer uma vigilância constante.

Amedrontada, Dinorah resolve partir com o irmão para Miami, reforçando a estatística de êxodo dos cubanos. Mesmo insistindo para Pedro Juan acompanhá-la, ele não cede, pois quer permanecer na ilha. A despedida acontece com a vigília da polícia e termina com a prostituta saindo, abruptamente, tomada de raiva do ex-amante adolescente.

Deu meia-volta e foi embora. Não virou para olhar para trás. Havia um carro da polícia de imigração esperando. Fechei a porta e fiquei

⁹⁶ THOMPSON, J. B. Op. Cit. p. 95.

contente por ela ter ido embora. Tinha me amarrado demais com aquela puta velha e feia. Agora me sentia livre de novo. Peguei minhas iscas e fui para o cais pescar caranguejo (2005 p. 28).

Pedro Juan passa a preocupar-se com meios para sua subsistência. A situação financeira da família está cada vez mais caótica, especialmente depois que seu pai perdeu o cargo de distribuidor atacadista de uma marca de sorvetes. Além disso, o pai cai em depressão profunda e só algum tempo depois resolve reagir, viajando de madrugada para os campos próximos de Matanzas, a fim de comprar leite que era revendido pela esposa no bairro.

A pesca de caranguejos, apesar de ser a única opção para Pedro Juan, constitui-se num trabalho árduo e de escassos rendimentos. Ele busca, assim, auxiliar na limpeza de uma loja que pertencia a estrangeiros saídos de Cuba após a Revolução. A loja seria nacionalizada e, em seu lugar, instalado um escritório, como descreve o narrador:

Começaram a limpar a loja dos polacos para instalar uns escritórios de controle das cadernetas de racionamento de alimentos. Queriam que todos comessem igual. Fui ajudar.(...) No fundo de uma estante, encontrei uma caixa com vinte e cinco bússolas. Objetos de luxo. As bússolas haviam desaparecido. (...) Escondi as bússolas nos bolsos e roubei. Melhor dizendo, levei para mim. Afinal de contas, não eram de ninguém. Nada era de ninguém e tudo era de todos. Anulação da propriedade privada. Uma farra. (2005, p. 34).

O discurso de Pedro Juan imita e ironiza a ótica propalada pelo governo, bem como dos partidários da Revolução. Nesse sentido, a ideologia, como dissimulação, é denunciada e deslocada de sua intenção inicial de ocultar, por meio da linguagem, as relações e os processos existentes de dominação em determinadas circunstâncias. Dessa forma, a anulação da propriedade privada como uma das premissas fulcrais do comunismo, proposto por Marx e Engels no célebre Manifesto⁹⁷ e adotada em Cuba, é invertida e aviltada, na linguagem de Pedro Juan, servindo de eufemismo para justificar o seu roubo. A expressão “uma farra” reitera a impressão de abolição de bens privados como representação do sistema de produção, baseado na sociedade burguesa

⁹⁷ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *O manifesto comunista*. Trad. Maria Lúcia Como. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 32-33.

exploradora. É evidente, pois, a ironia em relação ao discurso hegemônico, desconstruído pela voz do narrador.

O protagonista sabe, também, que o comércio clandestino de bússolas pode resultar em problemas. Além disso, Pedro Juan salienta outras posturas consideradas inaceitáveis na ilha:

Era malvisto ter bússolas, falar inglês e ouvir os Beatles. Desvio ideológico. Outra coisa que não se podia era andar de cabelo comprido e calça justa. Era coisa de veado. E ser veado também era desvio ideológico. Era preciso ser macho. E demonstrar isso (2005, p. 35).

Se a propriedade privada tem de ser abolida, os comportamentos distintos ou “desviantes” também não devem ser admitidos, conforme descreve Pedro Juan. A ideologia atua aqui de duas maneiras distintas, mas complementares: pela estratégia da padronização, ou seja, na adaptação compulsória a um referencial padrão imposto pelo Estado e pela estratégia da diferenciação, de modo que devem ser segmentados indivíduos ou grupos cujo comportamento possa representar uma ameaça a outros grupos dominantes.

A designação “desvio ideológico”, referindo-se a condutas consideradas fora do padrão aceitável, reforça a perspectiva de ideologia como sentido a serviço do poder. Se a ideologia fundamenta-se na assimetria das relações e, sobretudo na manutenção das relações de dominação, quaisquer desvios configuram-se como ameaça à ordem estabelecida. As inúmeras estratégias que incidem sobre o comportamento do cidadão são maneiras de manter a coesão social e apontar para a simbolização de unidade, construída, igualmente, na eleição de inimigos comuns.

Pedro Juan passa, aos poucos, a entrar em conflito com as idéias de ordem e igualdade tão caras à sociedade em que vive:

Sempre acreditei que era possível viver com ordem equilíbrio e medida. Todos me enfiavam isso na cabeça: escola, pais, igreja e imprensa. Pátria, Ordem e Liberdade. Egalité, fraternité, liberté. A vida é pura, bela e perfeita. Como numa revista de decoração de

interiores. Tudo se encaixa milimetricamente não há sujeira à vista. (2005, p. 57).

O contato de Pedro Juan com a realidade instiga-o a repensar os valores propalados pela família, sociedade e Estado. É nesse sentido, também, que pode ser fundamentado um dos modos gerais de atuação da ideologia, ou seja, pela legitimação cuja estratégia típica de controle vincula-se a uma série de justificativas criadas, a fim de persuadir acerca da justiça com a qual determinados agentes ou grupos exercem o poder. Esse elemento, de natureza discursiva, funciona também, de maneira complementar, a partir da narrativização ou na invenção de um sentido, sempre no intuito de preservação ou sustentação das relações de poder.

O conflito apresentado por Pedro Juan desvela-se na tensão entre o mundo que até então fora narrado para ele, revestido por uma construção de ordem estável e harmônica e, por outro lado, a realidade que se afigura cada vez mais injusta e absurda. Nesse ponto, a lembrança dos preceitos da Revolução Francesa perde seu significado no mundo vivido pelo jovem. A vida contada -ou narrada – para ele passa a ser compreendida como tão superficial quanto “uma revista de decoração de interiores” (p. 57).

O discurso de união empregado pela ideologia hegemônica implica, de outro lado e, conseqüentemente, a necessidade de diferenciação, isto é, de construção simbólica pela qual as relações de dominação são mantidas na fragmentação de indivíduos ou grupos, como assevera Thompson:

Relações de dominação podem ser mantidas não unificando as pessoas numa coletividade, mas segmentando aqueles indivíduos e grupos que possam ser capazes de se transformar num desafio real aos grupos dominantes, ou dirigindo forças de oposição potencial em direção a um alvo que é projetado como mau, perigoso ou ameaçador. Aqui uma estratégia típica de construção simbólica é a diferenciação – isto é, a ênfase que é dada às distinções, diferenças e divisões entre pessoas e grupos, apoiando as características que os desunem e os impedem de constituir um desafio efetivo às relações existentes, ou um participante efetivo no exercício do poder (1995, p. 87).

Nesse contexto de opressão e, a despeito de ser malvisto o comércio de bússolas, Pedro Juan precisa garantir a sua sobrevivência e opta por vender esses objetos que são instrumentos essenciais para aqueles que desejam escapar de Cuba. A fuga do país, desde os primeiros anos da Revolução, levava grande parte da população aos Estados Unidos, muitos em embarcações improvisadas e impróprias para a navegação em alto-mar, por isso a necessidade do uso da bússola. Por outro lado, o êxodo dos cubanos atingia níveis cada vez mais crescentes, como contabiliza Gott⁹⁸:

No final dos anos 1980, o total da imigração cubana estava perto de um milhão de refugiados, grosso modo, dez por cento da população. (...) A partida ao longo dos anos de mais de um milhão de cubanos foi uma experiência trágica para os imigrantes e uma ferida duradoura para a Revolução (2006, p. 244).

A imigração ilegal para os Estados Unidos resulta em ganhos econômicos e pessoais para Pedro Juan, já que o negócio de venda clandestina de bússolas possibilita, também, ao rapaz conhecer Gustavo que irá se constituir numa figura importante para a sua formação. Gustavo pede a Pedro Juan para viajar com ele a cidade de Cocodrilo, onde irão buscar um caminhão. O lucro será repartido e a proposta é logo aceita por Pedro Juan, cada vez mais angustiado pela falta de alternativas para a sobrevivência.

Depois de mais de vinte e quatro horas de viagem, Pedro Juan e Gustavo chegam ao seu destino, acompanhados de Gladys e Marianela, duas índias encontradas em meio ao caos do percurso. As mulheres são mãe e filha e moram em Cocodrilo. A idéia de Gustavo é de ficar na casa das duas, enquanto acertam o negócio.

Após perder a noção do tempo, em virtude de um envolvimento intenso com Gladys, Pedro Juan lembra de reencontrar seu parceiro. Percebe, então, que houve um desencontro. Assim, desiste da busca a Gustavo e resolve voltar a Matanzas. Mente para a moça, dizendo que vai andar um pouco e comprar cigarros e caminha, ainda hesitante, rumo à estação ferroviária. Antes de embarcar, porém, Gladys o alcança e o convence a retornar, argumentando que o pai dela havia morrido e ela precisa da ajuda do novo companheiro. Os dois, naquele momento, retornam.

⁹⁸ GOTT, Richard. Op. Cit. p. 244.

Ainda com alguma dificuldade, Pedro Juan consegue, finalmente, desvencilhar-se de Gladys e, dessa vez, está obcecado pela idéia de voltar para casa. A epopéia de volta é tão penosa quanto fora a de ida. Assim, sem dinheiro, Pedro Juan pega carona num caminhão e embarca depois, clandestino, num trem.

Em casa, o jovem precisa depilar-se, pois percebe que contraiu “chato”. Seu pai ao presenciar a cena preocupa-se com a possibilidade do filho ser homossexual e sai de casa, irritado. Pedro Juan percebe a preocupação do pai e lembra que seu interesse por desenho e pintura na escola provincial de artes plásticas sempre fora proibido. Para o pai aquilo era “coisa de veado”. No pátio de casa, Pedro Juan rememora essas proibições:

Por mim tanto fazia. Já estava anestesiado com tanta censura. Não podia estudar piano porque era coisa de veado. Não podia colecionar selos porque era coisa de veado. Colecionar borboletas?! Ahhhhhhhh! Não podia ler porque era coisa de veado. Pelo jeito os veados faziam tudo que havia de bom e para os machinhos só sobrava o que era sujo: vender sorvete debaixo do sol, pegar caranguejo para ganhar uma miséria e pegar chato de putas velhas. Pensando bem, era melhor ser veado que macho. Pelo menos dava para fazer o que se gostava (2005, p. 71).

O gosto de Pedro Juan pelas artes (música, pintura e literatura) não agrada sua família. Num regime opressor, cujo intuito pragmático concentra-se na unidade, e ainda em fase de consolidação a arte é vista com maus olhos ou como uma alternativa escapista e evasiva. Esse conflito entre a fantasia e o cotidiano é apresentado por Zilberman e Silva⁹⁹ que, ao mesmo tempo, mostram o deslocamento da noção geral de arte tanto no ideário da esquerda, quanto na concepção liberal burguesa, questionando o seu princípio fundamental, isto é, a fantasia:

O que é fantasia? Eis um tema esquecido pelas coleções de iniciação aos conceitos básicos do cotidiano. Talvez por não pertencer ao ideário da esquerda, que a acusa de propiciar o escapismo, compensar a alienação motivada pela divisão do trabalho ou desviar a classe operária de sua finalidade revolucionária; ou por estar acossada pelo

⁹⁹ ZILBERMAN, Regina, SILVA, Ezequiel Theodoro. *Literatura e pedagogia: ponto e contraponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990, p. 33.

pragmatismo burguês, que não tolera uma atividade que não resulte em produção e não tenha aplicação imediata e lucrativa (1990, p. 32-33).

A leitura configura-se, para Pedro Juan, como uma prática que ultrapassa a mera fantasia. Para além do texto, as palavras passam a acompanhar a solidão do protagonista e representam uma forma de diálogo, sublinhado pelo sentimento de liberdade, transgressão e, por isso, de identificação entre o leitor e seus livros. Essa perspectiva corrobora a idéia da compreensão da leitura como produção de sentido, como aduz Goulemot¹⁰⁰:

Ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas seqüências. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor, o que implicaria que o prazer do texto se originasse na coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido, em um tipo de acordo cultural, como algumas vezes se pretendeu, em uma ótica na qual o positivismo e o elitismo não escaparão a ninguém. Ler é, portanto, constituir e não reconstituir um sentido (2001, p. 108).

Depois do contato com Gustavo, o rapaz mais velho e hábil nas inúmeras maneiras de ganhar a vida, é o texto, em sua circunstância solitária, que irá se transformar em experiência formadora para Pedro Juan. O texto desempenha uma função especular, pois além de refletir um conteúdo histórico e cultural que transcende a materialidade do livro, a leitura opera como uma forma de autoconhecimento, articulando um legado coletivo a uma compreensão individual, conforme examina Goulemont¹⁰¹ :

O livro lido ganha seu sentido daquilo que foi lido antes dele, segundo um movimento redutor ao conhecido, à anterioridade. O sentido nasce, em grande parte, tanto desse exterior cultural quanto do próprio texto e é bastante certo que seja de sentidos já adquiridos que nasça o sentido a ser adquirido (2001, p. 114-115).

Porque é um ato individual cujo sentido é impossível de ser determinado ou controlado, a leitura pode ser compreendida como desaconselhável e vista com

¹⁰⁰ GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (Org). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p.108.

¹⁰¹ *Ibidem*, p. 114-115.

desconfiança, pelos agentes defensores de regimes discricionários. Esse receio justifica-se na medida em que um texto literário exige do leitor uma participação ativa, submetendo-se, assim, a indeterminações relativas a suas peculiaridades e articulado às experiências de quem lê. Por essa razão, a esse mesmo texto literário nega-se uma atribuição didática, como acrescenta, apoiado em Iser, Costa Lima¹⁰²:

A indeterminação – que não é exclusiva ao texto literário, mas nele se acentua – “encarna uma condição elementar do efeito”, que, de sua parte, é motivado pela presença na cena textual de “lugares vazios” (*Leerstellen*) (1979 p. 26).

Em um contexto de opressão, como o descrito em *O ninho da serpente*, determinadas leituras constituem-se em desafio ao pensamento único, difundido e defendido pela ideologia hegemônica. A vigilância constante e o cerceamento cultural fazem o protagonista desabafar, dizendo estar “anestesiado com tanta censura” (p. 71) que só é atenuada, afinal, por meio da leitura contumaz. O ato de ler, pois, vai revelando a Pedro Juan universos distintos e, ao mesmo tempo, formando a sua percepção do mundo.

Assim, a leitura, ao possibilitar o conhecimento de outras realidades e uma compreensão concreta do sentido de alteridade, pode se constituir como um caminho rumo à autonomia crítica do indivíduo e que, justamente por esse motivo, em determinadas circunstâncias é apontada como um ato perigoso.

Considerando a ideologia em função de seus inúmeros modos operacionais relacionados a condições sócio-históricas específicas, podemos dizer que, em *O ninho da serpente*, a personagem Pedro Juan está isolada em suas atitudes e em suas leituras. Essa condição, no entanto, reforça a postura do protagonista, de resistência a uma forma de poder que não se centraliza apenas no Estado, mas se transmuta nas várias relações estabelecidas por Pedro Juan, seja no ambiente familiar ou na sociedade. Ao mesmo tempo em que fixa uma posição contrária à realidade em que vive, a personagem separa-se das demais e passa a habitar um mundo solitário, como a figurativização do sujeito que lê, não sem antes refletir acerca dessa situação angustiante.

¹⁰² COSTA LIMA, Luiz (coord.) *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Coordenação e tradução: Luiz Costa Lima: Rio de Janeiro, 1979.

Não tinha com quem comentar minhas leituras. Acho que ao meu redor ninguém lia. Além disso, os mais velhos eram chatíssimos. Só falavam de política. Agora esse era o tema único. Obsessão total e asfixiante. De forma que me vi obrigado a dar-lhes as costas e escapar (p. 82).

Pedro Juan percebe que não se identifica com o ideário nacionalista pós-revolucionário, em Cuba, mas, ao mesmo tempo, entende a leitura como uma maneira de estimular sua imaginação e conhecimento, além de ser um contraponto à ideologia controladora e dominante. Logo, Pedro Juan, ao assumir o papel de leitor contumaz passa, igualmente, a acentuar a sua postura transgressora.

O comportamento “desviante” do protagonista é reforçado por leituras que, de certo modo, podem se constituir em desafio. O jovem reconhece que os livros pelos quais ele sente atração são justamente os proibidos pelo governo. Nesse sentido, as suas idéias e seu comportamento tinham de ser reservados, pois são, como ele mesmo narra:

(...) diferentes demais para serem ditas em voz alta. Até ler Herman Hesse era um problema. Nietzsche e Sade nunca haviam existido. A lista de livros com ‘problemas ideológicos’ aumentava. De qualquer modo, aquelas idéias continuavam lá. Nas profundezas. Na escuridão. Aninhadas. O ninho da serpente (2005, p. 76).

Os textos com “problemas ideológicos” indicam o desvio da norma ao mesmo tempo em que expõem, às avessas, o regime opressor. Assim, o ato de leitura empreendido por Pedro Juan tem inúmeros significados. Além de uma crítica à ideologia, pois os textos lidos são proibidos, a leitura constitui-se como uma forma de resistência. Nesse sentido, podemos aproximar a elaboração teórica de J. B. Thompson, quando ele admite a existência de formas simbólicas de contestação à ideologia:

Essas intervenções desafiadoras, transformadoras (do status quo) podem ser descritas como formas simbólicas contestatórias ou, mais especificamente, como formas incipientes da crítica da ideologia. A própria existência da ideologia pode provocar a sua contradição: as pessoas, ao invés de aceitar passivamente as formas ideológicas e as relações de dominação por elas sustentadas, podem contestar ou denunciar essas formas e relações (...) (1995, p. 91).

A existência da ideologia, observada em seus modos de atuação sobre o protagonista, é denunciada no ódio provocado no jovem a qualquer tipo de autoridade. A representação da ideologia evidencia-se na sua contestação. Desse modo, o ódio à autoridade é consequência de uma atmosfera coerciva que impele o protagonista para uma atitude contestatória em relação à opressão, a começar por sua casa:

Não me respeitavam. Eu tinha quinze anos e contribuía para o orçamento da casa. Ah, pois nem assim. Não respeitavam minhas idéias. Aquilo me deixava muito fodido: a intolerância e o sentido de autoridade. Não suporto ninguém autoritário e verticalista tornando minha vida impossível (2005, p. 77).

O comportamento repressor da família acompanha a vigilância empreendida pelo Estado. Ao mesmo tempo, Pedro Juan percebe o recrudescimento do autoritarismo em Cuba e vê que a maioria dos assuntos se restringe a três temas fundamentais: trabalho, estudo e guerra.

De outro lado, a venda de caranguejos havia sido suspensa e a economia doméstica afundava junto ao caos econômico do país. Com o fechamento de muitas casas de comércio, a imprensa, sob o jugo do governo, anunciava a infiltração de agentes da CIA no país, ampliando, assim, o clima de desconfiança e medo.

Diante desse panorama instável e nebuloso da sociedade, Pedro Juan descobre um refúgio:

Eu fugia para a biblioteca. Mas fazia um melange de leituras cruzadas que aparentemente não colaboravam com a minha saúde mental. Aos oito anos descobri perto de casa uma biblioteca pública perfeita e quase sempre sem ninguém. Era um mundo à parte. Uma escapatória ideal para toda aquela encheção. (...) Eu lia muitos livros ao mesmo tempo, mas às cegas. Uma mão mágica me guiava pelas estantes até Truman Capote, Faulkner, Erskine Caldwell, Jean-Paul Sartre, Marguerite Duras, Nietzsche, Wright Mills, Sherwood Anderson, Carson McCullers, Herman Hesse, Dos Passos Hemingway. Todos eram escritores atormentados por suas obsessões e fantasmas. Alguma coisa invisível mantinha à distância escritores tolos e sem graça (...) Devorava tudo. Insaciavelmente. Existiam outros mundos além do meu. E eu os descobria pouco a pouco (2005, p. 79).

A leitura provoca, simultaneamente, a descoberta de outros mundos e o desejo, cada vez maior, pela escrita. Aliado ao anseio de ser escritor, Pedro Juan imagina um estilo possível para os seus textos, construindo, assim, a sua poética. Passa a refletir, também, a respeito da função do escritor como sendo um ofício diabólico pelo qual a loucura e a raiva têm de ser arrancadas do íntimo daquele que escreve, convertendo isso em uma escrita que pareça natural e espontânea.

Com essas lições, Pedro Juan descobre a literatura como sendo um veículo para a compreensão de si mesmo e do mundo e, por essa razão, percebe o perigo de determinados textos. Além da identificação do rapaz com certos autores, os textos facultam a esse neófito leitor um sentimento de liberdade em contraposição ao mundo que o rodeia.

Não há, inicialmente, uma busca voluntária de Pedro Juan por determinados textos e, do mesmo modo, não é possível assegurar que suas escolhas são determinadas apenas por livros considerados proibidos pelo regime de Fidel. A mudança de vida do rapaz é resultado direto da prática da leitura. Contudo, o protagonista sugere que o ponto de encontro dessas narrativas está na transfiguração de características particulares de inadaptação dos próprios autores dos textos, já que ele ressalta que esses “eram escritores atormentados por suas obsessões e fantasmas”(p.79). Ademais, Pedro Juan salienta que algo inexplicável ou “invisível” o mantinha à distância de “escritores tolos e sem graça” (p. 79).

À parte disso, a terminologia “desvio ideológico”, atribuída a certos títulos em Cuba, mostra, por outro lado, o temor do poder oficial em relação a possíveis atitudes que poderiam ser estimuladas por meio da leitura de alguns livros.

A leitura, portanto, ao facultar o acesso aos bens culturais estabelecidos pela escrita permite a aproximação a formas de conhecimento e de crítica a fatos históricos e culturais. O ato da leitura tende a ser sufocado em governos autoritários na medida em que essa prática pode se constituir em perigoso auxílio para a compreensão e comunicação de idéias e desejos distintos em relação aos interesses do poder. Esses

desejos, não raramente, devem ser interditados à maioria da população, como salienta Manguel¹⁰³:

De um lado estão os trabalhadores, os escravos sem acesso a livros, as criaturas de ossos e nervos, a maioria da humanidade; de outro a minoria, os pensadores, a elite dos escribas, os intelectuais, supostamente aliado às autoridades, ou, ao contrário, que conspiram contra elas. Durante o regime do Khmer Vermelho de Pol Pot, no Camboja, as pessoas que usavam óculos eram mortas porque se supunha que podiam ler e, portanto, teriam acesso a informações que lhe permitiriam criticar o governo. (1997, p. 336).

Se a leitura representa, para Pedro Juan, um combustível essencial que o impulsiona para a escrita, o desejo por escrever manifesta, ao mesmo tempo, a aspiração por uma autonomia negada pela ideologia hegemônica. Sem preocupar-se com a recepção de seus textos o jovem almeja escrever para chegar ao limite, para desafiar, ou desestabilizar a ordem e –por extensão – as relações de dominação que ele tanto odeia. O exercício da escrita também é uma maneira de compreensão de si mesmo e dos outros, como destaca o protagonista:

Eu queria conjurar o demônio e escrever sobre tudo o que as pessoas escondem. Todos querem ser agradáveis, cultos e precavidamente sensatos. Isso não me interessava. De forma que a primeira providência era me afastar desse tipo de gente. O aprendizado seria solitário. (...) O escritor perfeito é um fantasma invisível. Ninguém pode vê-lo, mas ele escuta e vê tudo. O que há de mais íntimo e secreto em cada pessoa. Atravessa paredes e se enfia no cérebro e na alma dos outros. E depois escreve sem medo. Tem de arriscar. Quem não se atreve a chegar ao limite não tem o direito de escrever (...) Mas ninguém pode ensinar como se faz isso (2005, p. 80 -81).

Ao lado desse desejo de escrever, Pedro Juan observa que o contato com os livros também pode ser angustiante. Além da solidão, o jovem passa a tentar compreender o mundo e cotejá-lo à realidade em que vive. Essa experiência será, a um tempo, formadora e transformadora para ele, como podemos perceber na narração de Pedro Juan:

¹⁰³ MANGUEL, Alberto. Op. Cit. p. 336.

Às vezes sentia inveja das pessoas que não liam. Minha vida estava ficando muito complicada, tentando entender todos aqueles livros. Vivia angustiado. Enquanto isso, os outros deslizavam felizes pelo mundo. Se você não pensa muito não se atormenta (2005, p. 83).

O processo de mudança do leitor em função de suas leituras não se configura como novidade na representação ficcional e, especialmente na história da literatura ocidental. Ao referir-se à figura da personagem viciada por leitura, o fidalgo Dom Quixote de La Mancha, Zilberman¹⁰⁴ lembra da condenação ao ato de ler como uma prática comum aos grupos religiosos:

À leitura intensiva se atribui grave delito: ela transtorna e transforma o seu leitor. Ao referir o crime atribuído à leitura, Cervantes não está sendo original: com efeito, ele parece reproduzir, de modo irônico e paródico, o que já passava na sociedade européia do século XVI. Período caracterizado pelos conflitos religiosos – de um lado a Reforma, proclamada por luteranos, calvinistas e anglicanos, de outro a Contra-Reforma, resposta católica aos descontentes do Norte e da Europa – foi marcada pela radicalização ideológica e violência. Adversários, contudo, seus adeptos adotaram uma prática similar, não importando que teses teológicas professassem: grupos contrários ou favoráveis à Igreja condenavam a leitura (2001, p. 21).

Essa condenação ocorre, pois, na medida em que o leitor, ao buscar a compreensão dos textos que lê, modifica a sua percepção de mundo. Com esse processo, o sujeito, dependendo de suas leituras, emancipa-se e rompe com o automatismo das verdades estabelecidas, além de incorporar novas normas para a atuação em sua vida prática. Determinadas práticas de leitura, portanto, são uma clara ameaça à ideologia dominante, pois instigam a autonomia de pensamento, o desejo de liberdade e a compreensão da alteridade como formas de projeção dessa angústia interior provocada pelos livros.

Ademais, o universo da leitura, no qual ingressa Pedro Juan, revela a dissociação da personagem em relação ao seu meio, acentuando a sua sensação de isolamento. O

¹⁰⁴ ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC, 2001.

protagonista mantém com a leitura uma relação íntima e pessoal. Essa associação é comum entre o indivíduo e o universo descrito nos textos, como assevera Escarpit¹⁰⁵:

El acto de la lectura literaria es, pues, a la vez sociable y asocial. Suprime provisionalmente las relaciones del individuo con su universo para construir otras con el universo de la obra. Por esto su motivación es casi siempre una insatisfacción, un desequilibrio entre el lector e su medio (1971, p. 116).

O desequilíbrio e a conseqüente insatisfação entre Pedro Juan e seu meio, aumenta quando o jovem é recrutado para o serviço militar obrigatório. A realidade asfixiante sufoca o rapaz que é submetido a uma doutrinação de natureza física e psicológica. Assim, depois de apresentar-se à unidade, Pedro Juan vivencia uma rotina diária de exercícios físicos extenuantes, iniciados ao amanhecer e seguidos por um curioso programa de rádio que deveria ser ouvido, pelos recrutas em formação, no pátio:

Nunca consegui esquecer aquele programinha de comentários políticos. Era como levantar a tampa do miolo de cada recruta, depositar aquela meleca e voltar a fechar o crânio. Um pouquinho todos os dias. Todos os dias. Todos os dias (2005, p. 121).

A ideologia atua aqui por meio da reificação, conforme destaca Thompson¹⁰⁶, sendo as estratégias típicas dessa construção simbólica: a naturalização e a eternalização. A obrigação imposta aos soldados, de ouvirem a um programa político no pátio do quartel, mostra o intuito persuasivo, revelado também pela força, em que as circunstâncias são apresentadas sem reflexão ou crítica. A postura dos recrutas mostra uma posição passiva diante do programa de rádio. De outra forma, a repetição dessa prática atua de maneira a reafirmar determinado pensamento hegemônico como sendo natural e eterno, até tornar-se hábito na perspectiva dos soldados.

O escritor Reinaldo Arenas¹⁰⁷, ao lamentar o destino de sua geração, também obrigada a ouvir os prolixos discursos políticos revolucionários, descreve,

¹⁰⁵ ESCARPIT, Robert. *Sociología de la literatura*. Barcelona: oikos-tau, 1971.

¹⁰⁶ THOMPSON, John. B. Op. Cit. p. 87-88.

¹⁰⁷ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça*. Trad. Irène Cubric. Rio de Janeiro: Record, 1995.

curiosamente, um contexto similar ao apresentado pelo protagonista de *O ninho da serpente*:

Nossa geração, a geração nascida nos anos quarenta, tem sido uma geração perdida, destruída pelo regime comunista. (...) A maior parte de nossa geração perdeu-se em cortes de cana, vigias inúteis, assistência a discursos infinitos (onde sempre se repetia a mesma ladainha) (...) (1995, p.118).

Além de ter dos discursos exaustivos, a rotina do serviço militar é rigorosa e os recrutas são denominados de “juventude de aço”, pois têm de suportar treze horas diárias de trabalho, cortando cana em campos que pareciam intermináveis. Ao longe, o grupo observa uma edificação reservada à UMAP (Unidade Militar de Ajuda à Produção) de onde deveriam se manter afastados e cujo motivo dessa distância não era sabido ou comentado. Por fim, essa ordem foi esclarecida por um dos comandantes do regimento em que Pedro Juan servia:

- Vocês não podem contar que eu contei, senão me crucificam, mas aquela gente é tudo escória: vagabundos, veados, religiosos. Chaga social.
- E estão presos?
- Não estão presos! Estão lá para serem reeducados. Para ver se algum dia podem voltar a se integrar na sociedade (2005, p. 123).

O regime de punição também pode ser entendido como ideológico, na medida em que estabelece uma segregação e uma vigilância contínua sobre indivíduos considerados fora dos padrões admitidos pelo Estado totalitário. Essa relação, evidentemente, é assimétrica e impositiva, além de ter como intuito o “adestramento”, suavizado pelo termo “reeducados”. Esse modelo, que atua sob uma estrutura de poder, não esconde o imperativo da moralidade universalizante e absoluta (no isolamento dos “veados”) e da produção reificada, voltada para uma finalidade pragmática ou para o trabalho em função do poder estatal (“vagabundos”).

Mais uma vez a linguagem metafórica que se vale da imagem de uma ferida e, por extensão, da saúde do corpo é utilizada, por um oficial militar, como já havia ocorrido na intervenção de uma assistente social, na tentativa de recuperação (ou

reeducação) da prostituta Dinorah. Nesse sentido, a ideologia dissimula-se sob o manto da linguagem, com o intuito de apresentar como legítima a utilização de determinadas metáforas, na defesa de um bem-estar comum. Para isso, as diferenças devem ser (re) modeladas e o discurso é um artifício na dissimulação da realidade.

O quartel como força ideológica, a serviço do Estado, necessita estabelecer sanções normalizadoras. É isso que acontece com o batalhão do qual Pedro Juan faz parte e, com especial atenção, em relação à UMAP que, inclusive é afastada do convívio dos demais. Essas sanções ocorrem dentro de uma ordem relacionada a uma forma de poder de intuito disciplinador, aproximado, assim, das observações realizadas por Foucault, em *Vigiar e Punir*¹⁰⁸:

Em suma, a arte de punir, no regime do poder disciplinar, não visa nem a expiação, nem mesmo exatamente a repressão. (...) A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra ela normaliza (1987, p. 152-153).

A normalização e a uniformidade estabelecidas no quartel expressam ações de padronização seja da linguagem – a expressão “chaga social”, por exemplo, era utilizada não só dentro do ambiente do quartel, como fora desse espaço – ou de comportamentos. Os exercícios e as rotinas repetidas servem, igualmente, para adaptar e projetar uma perspectiva de identidade coletiva. A união dos indivíduos, remodelando possíveis e inevitáveis diferenças, atua como instrumento de preservação de hierarquias – na medida em que não se contesta a circunstância de dominação – e sustentação das relações assimétricas de poder. Ademais, o caráter de união representa a partilha de uma história comum e de desejos que devem ser mobilizados em função de um mesmo objetivo, apagando diferenças e idéias contrárias.

O quartel, tal como representado em *O ninho da serpente*, é uma instituição disciplinar que busca a normalização, de modo a estabelecer o seu domínio pelo princípio da coerção física e psicológica, não muito diferente do ambiente percebido por Pedro Juan, fora do espaço militar. A ideologia atua em consonância à idéia de

¹⁰⁸ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

normalização, pois o estabelecimento de normas funciona como um instrumento de poder ativo dentro do tecido social.

Tanto a ideologia quanto o poder disciplinar, fundados sobre o princípio da normalização, nunca são aduzidos de maneira visível. Para isso, os agentes ou grupos de indivíduos que atuam na manutenção das relações de poder devem ser obscurecidos em suas funções de influência na sociedade. Porém, a visibilidade estende-se aos que são submetidos aos poderes opressores ou ainda, no caso do quartel em *O ninho da serpente*, aos recrutas obedientes ao sistema. São os subjugados, portanto, os que devem aparecer, enquanto, estrategicamente, os dominadores se afastam de sua condição de poder.

Enquanto isso, angustiados com a passagem dos meses e com o trabalho cada vez mais duro no canavial, os recrutas passam a vivenciar um clima de tensão constante. Pedro Juan acaba se envolvendo numa violenta briga com outro soldado, tendo que ser hospitalizado. Voltando à unidade militar, o jovem recebe de um oficial a notícia de seu afastamento provisório da corporação: “Expulso desonrosamente do acampamento. Você é agressivo e irresponsável. Devia ter vergonha. Enquanto nós estamos aqui cumprindo essa tarefa heróica, você se dedica à alteração da ordem” (2005, p. 128).

Ao retornar à casa dos pais, quase não é reconhecido pela mãe, devido ao seu estado físico, debilitado em consequência da rotina de exercícios. Pedro Juan descobre que está com sarna, em função de seu trabalho como cortador de cana no acampamento do quartel e, consegue um atestado médico de quinze dias, a fim de se recuperar e também escapar, por um tempo, do acampamento.

Nesse interstício, Pedro Juan passa a envolver-se com a vizinha, uma russa chamada Mecho e que havia sido sua colega nos cursos técnicos de datilografia e taquigrafia. Mecho vive com a mãe, pois o pai havia morrido. O encontro dos dois é tão intenso quanto célere. No dia seguinte, a vizinha fez que não conhecia Pedro Juan e ele entende esse momento como emblemático nos seus relacionamentos, de modo que as mulheres começam a passar de maneira fugaz, na vida do jovem que, de sua parte, também não se sentia atraído emocionalmente por ninguém.

Ao retornar ao quartel, os comandantes fazem uma proposta aos recrutas: a de permanecer na unidade por mais um tempo e fazer cursos intensivos, a fim de aprender profissões técnicas importantes para a formação dos soldados e para o ingresso no

mercado de trabalho. Sem perspectivas de emprego fora do serviço militar, a oferta é aceita pela maioria. No entanto, como o contingente é numeroso, a dificuldade para ministrar as aulas reside não só na acomodação de todos na sala de aula, mas, sobretudo na aprendizagem de boa parte do grupo. Os soldados, em sua maioria, têm poucos estudos e, por essa razão, a atitude mais correta é a elaboração de exames eliminatórios, possibilidade rejeitada de imediato, como narra Pedro Juan:

E, como sempre, chegaram ordens determinantes ‘lá de cima’: ‘Nada de provas eliminatórias. É preciso se esforçar para graduar todos eles. O país precisa de mestres-de-obra revolucionários e com boa formação técnica e política, de acordo com as necessidades do momento que vivemos, porque o inimigo, como seus cantos de sereia, nos despojou de técnicos etc...’ (2005, p. 151).

Mais uma vez, o discurso hegemônico é representado sob a argumentação de sustentação da ideologia, com o reforço da estratégia de simbolização da unidade. A argumentação sempre se vincula a um ideário coletivista que, por conseqüência, precisa, para se sustentar, engendrar um inimigo comum. Nesse caso, o inimigo, são os países capitalistas, ameaçadores da harmonia da nação e dos interesses da pátria. O arrazoado afigura-se como redundante no momento em que o narrador faz questão de entrecruzar discursos (como se o dos oficiais já estivesse naturalmente internalizado no protagonista), além de utilizar-se de “etc”, no sentido de mostrar o quão expletiva são as explicações, acentuando o caráter de repetição infinita e que pode ser complementada pelo leitor. Nesse contexto, as ordens advindas sempre “lá de cima” significam, além do reforço da perspectiva verticalista de imposição ideológica, a ampliação do ensino a qualquer custo e a despeito da qualificação da aprendizagem, no intuito de atender a uma exigência pragmática de interesse dos grupos detentores do poder.

Desinteressado do curso, Pedro Juan direciona suas atenções para outro foco: a jovem professora Gretel. Depois de iniciar uma aproximação, consentida pela professora, o rapaz se reencontra com parte de uma cultura considerada marginal e proibida no país:

- Você gosta dos Beatles, Pedro Juan?
- Gosto, mas sabe...

- É proibido.
- Proibido propriamente não, mas...
- É, propriamente proibido, sim.

Me trouxe uma lista confidencial, enorme, de grupos e cantores que as emissoras de rádio e televisão não podiam tocar. Era um documento interno do instituto de radiodifusão. Alguém decidia o que era 'diversionismo ideológico' e o que era aceitável. Não pedi detalhes (2005, p. 157).

O autoritarismo apresenta-se como atuante na esfera política, exercendo também o controle do sistema cultural, impondo o que deve ou não ser divulgado pelos meios de comunicação. A utilização da linguagem com a finalidade de asseverar a ideologia em determinadas circunstâncias concretas da vida social é uma estratégia recorrente, no que se refere à determinação da ideologia como dissimulação das relações de dominação. Essa dissimulação orienta-se na designação depreciativa de certas atitudes ou processos como sendo ideológicos, rotulando-os, para evitar quaisquer reflexões ou discussões contrárias ou questionadoras.

A utilização do conceito de ideologia como tentativa de manutenção das relações de poder vincula-se ao objetivo concreto de ocultar essas relações, apresentando-as como manifestações contingentes ou revestidas de um sentido depreciativo, como afirma Zizek¹⁰⁹:

Quando um processo é denunciado como 'ideológico por excelência', pode-se ter certeza de que seu inverso não é menos ideológico. (...) assim, a contingência do real, carente de sentido é 'internalizada', simbolizada, provida de Sentido. (1996, p. 9-10).

O estabelecimento arbitrário do que deve ou não ser apresentado no rádio e televisão afigura-se, no contexto da representação, como a externalização de uma necessidade obscurecida por um grupo hegemônico e difundida como norma geral. Ouvir os Beatles pode representar uma ameaça, mas é apenas um exemplo de distorção coerciva de um padrão de argumentação racional, a fim de preservar desejos inconfessos por trás do discurso oficial.

A idéia de cultura deve ser vista alinhada à configuração narrativa de nação. O princípio da unidade e de um legado de memórias comuns, ou ainda a vontade de

¹⁰⁹ Op. Cit. p. 9-10.

permanecer juntos, perpetuando uma herança, apoiada na tradição, asseguram, conforme destaca Hall¹¹⁰, lembrando Renan, a constituição de uma cultura nacional.

Essa cultura não esconde um processo de violência simbólica, fundamentado no silêncio ou apagamento deliberado das diferenças. É essa a discussão proposta por Hall, quando põe em relevo a questão das identidades nas culturas nacionais¹¹¹:

Para dizer de formas simples: não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. Mas seria a identidade nacional uma identidade unificadora desse tipo, uma identidade que anula e subordina a diferença cultural? (p. 59)

A pergunta que Hall tenta responder passa pela admissão de uma das conseqüências da homogeneização cultural que é a desintegração das identidades nacionais. Entretanto, a imposição que se dá em Cuba tenta reforçar, pelo processo da representação, uma construção simbólica de unidade.

No campo da narrativa e ainda tentando escapar dessas identidades prefiguradas, Pedro Juan passa a alternar-se entre o serviço do quartel e as folgas na casa de Gretel, com a qual inicia uma relação. A jovem professora revela-se uma inconformada com o autoritarismo da família e no país, traços que a aproximam de uma identificação com o narrador e compara a vida a um romance cujos capítulos ela propõe o esboço em um dos diálogos com Pedro Juan:

O primeiro se intitulou: os Pais autoritários. Segundo capítulo: Liberdade junto às putas. Terceiro: Alto mar e furacões. Quarto: A distância e a neve. Quinto e sexto: ainda não sei os nomes. E capítulo sete: Premonição do final (2005, p. 173).

O livro para Gretel, assim como para Pedro Juan, assume o caráter de representação da liberdade. Ele exerce função indissociável à vida e só pode ser escrito na medida em que se relaciona a uma experiência emancipadora em relação ao mundo.

¹¹⁰ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 59.

Assim, se para Pedro Juan a leitura é uma maneira de compreender a realidade e a si mesmo, além de motivar um desejo pela escrita; para Gretel, a escrita é uma forma de transformação de si e, por conseguinte, do mundo. Logo, a escrita e a vida são movidas pelo desejo e pela ruptura com quaisquer formas de coerção ideológica.

Mais tarde, Pedro Juan descobre que a professora havia sido expulsa de casa pelo pai, pois tinha um caso com Mapi, uma ex-colega da Universidade. Acusada em casa de “desvios ideológicos”, Gretel revolta-se contra o autoritarismo e sonha, diferentemente de Pedro Juan, em sair de Cuba, como ela segreda em determinado momento ao rapaz:

Nós nascemos dentro de uma manada. Por isso, a luta cotidiana não é pela sobrevivência, mas pela liberdade. É preciso se afastar da manada. Tenho direito de viver num lugar onde não me humilhem (2005, p. 174).

Para Gretel, o livro de sua vida deveria ser escrito por ela mesma, sem que ninguém ditasse os capítulos. Como se sente deslocada numa sociedade que impõe padrões de comportamento e isola aqueles considerados diferentes, Gretel compara a população a uma manada, aproximação bastante freqüente - inclusive em períodos de ditadura - pois o boi, quando castrado, torna-se domesticado e passa a representar, então, uma passagem para a servilidade e a obediência do ser humano¹¹². Pedro Juan já havia se identificado com a jovem professora e as afinidades culturais, bem como o desejo por liberdade passam a reforçar esses laços. Os dois juntam-se a Mapi, namorada de Gretel, e passam a freqüentar alguns clubes noturnos, em Havana.

Na mansão de um amigo de Gretel, que à noite sai vestido de mulher pelos clubes da cidade, Pedro Juan descobre um interlocutor qualificado para os seus interesses literários. O “Senhor”, como era conhecido por todos, é um homem de vasta

¹¹² Ao conjecturar a respeito da origem do texto *Fazenda Modelo*, de Chico Buarque de Hollanda, Regina Zilberman sugere que a letra de *Disparada*, de autoria de Geraldo Vandré, poderia ter servido de inspiração para a novela pecuária do autor carioca. Tanto o texto de Chico Buarque quanto a música de Vandré fazem uma crítica transfigurada à ditadura militar no Brasil na década de 60. Nesse sentido, Zilberman indica um percurso associativo entre o boi e a submissão humana, apontando o animal como um modelo para essa comparação, além de basilar no contexto da economia regional brasileira, no período do regime militar. Ver mais em ZILBERMAN, Regina. Não é conversa mole para boi dormir - Fazenda Modelo-novela pecuária. In: FERNANDES, Rinaldo de. *Chico Buarque do Brasil: textos, sobre as canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro*. Rio de Janeiro: Garamond e Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

cultura cuja casa havia herdado de milionários apoiadores do governo Fulgêncio Batista e que deixaram o país, após a Revolução de 59. Ex-mordomo dos antigos moradores, ele permaneceu morando no local e contando com a companhia de outros empregados sobre os quais exercia um poder intelectual que o alçava à condição de dono da casa.

Na cozinha da mansão, Pedro Juan conhece uma senhora, Lucía, que também servia aos antigos moradores e que oferece café a ele, enquanto justifica a sua apreensão diante de algumas atitudes do “Senhor”:

Filho, porque se ele é preso metem o coitado numa Umap e não se sabe quando soltam. É um perigo muito grande. Se ele for metido numa Umap, o que é que eu faço aqui? Sozinha? É o Senhor que controla tudo (...) (2005, p. 185).

Sem conseguir estabelecer um diálogo com Pedro Juan, Lucía segue falando. Dessa vez, as suas preocupações dizem respeito ao destino do país:

(...) Eu nasci em 1898. E vi muita coisa. Neste país querem resolver tudo com sangue. Sangue, prisão e exílio, desde a época dos espanhóis. Não há nada de novo sob o sol (...). Que horror! Ninguém perdoa e ninguém fala. Um governo de selvagens só gera selvagens no povo (2005, p. 186).

Alheio a quaisquer inquietações, o “Senhor” ingressa na cozinha e pede um café. Interessado naquela personagem excêntrica, Pedro Juan fala de suas leituras e de suas pretensões como escritor. O “Senhor” indaga, então, a respeito das predileções literárias do rapaz:

– O que leu ultimamente?
 – Hemingway, Capote, Falkner, Herman Hesse, Knut Hansum, Sartre, Margerite Duras, Engels, Proust, Balzac, Defoe, Dickens...
 – Nada mal. Um pouco desordenado talvez (2005, p. 187).

Afastado de um sistema formal de educação e rejeitando cada vez mais o regime opressor que o rodeia, Pedro Juan lê, de maneira voraz, caótica e quase desesperada, autores proibidos em Cuba. As leituras de Pedro Juan organizam-se, também, em

função de um critério de transfiguração expressiva de realidades vividas e identificáveis às suas experiências. Esse tipo de leitura, além de revelar um desejo de independência dos cânones orientados pela cultura formal estabelecida, mostra, ao mesmo tempo, uma rejeição à ideologia oficial. Essa postura confere ao protagonista uma visão privilegiada em relação ao sistema, pois possibilita uma perspectiva mais abrangente da literatura, resgatando um tipo de literatura à parte da tradição propalada pela educação difundida pelo ensino formal patrocinado pelo governo.

A contraposição ao autoritarismo ou à imposição cultural, por meio da leitura, encontra, no âmbito da recepção, duas categorias de leitores ativos: os adolescentes e os velhos, como destaca Petrucci¹¹³:

Eles (adolescentes e velhos) não conseguem quase nunca programar suas leituras e situá-las ordenadamente no interior de um cânone predeterminado, já que por sua fragilidade econômico-social, não nascem donos de uma biblioteca (...) nem têm meios para criar uma; portanto, lêem livre e caoticamente tudo o que lhes cai nas mãos, misturando gêneros e autores, disciplinas e níveis: portanto, mesmo inconscientemente, eles também ignoram e contestam ao mesmo tempo o cânone oficial e suas hierarquias de valores, atuando e escolhendo fora deles (1999, p. 216-217).

Essa liberdade de leitura reivindicada e levada adiante por Pedro Juan não é apenas uma tentativa de instituição de outros cânones na cultura escrita. De outro modo, essa manifestação apresenta-se como efeito de uma atitude de contestação ao ambiente de autoritarismo imposto por uma ideologia sufocante. A leitura assume, para Pedro Juan, um papel formador que vai da esperança pragmática de sucesso financeiro até a consciência da realidade e seu afastamento dela, haja vista o desejo de autonomia intelectual e o anseio por escrever como os escritores que tanto admira.

O “Senhor”, então, é quem instiga cada vez mais a leitura e serve de interlocutor qualificado a Pedro Juan. Ao saber das preferências do jovem, ele o conduz até um espaço seletivo da mansão:

¹¹³ PETRUCCI, Armando. Ler por ler: um futuro para a leitura. In: CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger (organizadores). *História da leitura no mundo ocidental 2*. Trad. Cláudia Cavalcanti, Fúlvia M. Moretto, Guacira Marcondes Machado e José Antônio de Macedo Soares. São Paulo: Ática, 1999.

Subimos a escadaria. Ele abriu uma porta com chave e entramos numa biblioteca enorme.

– Quando a família resolveu ir embora, eu salvei isto aqui. Trouxe toda a biblioteca e a coleção de mapas e gravuras antigas. A casa de Havana foi confiscada em seguida, com todos os pertences. (...) Este é o meu templo sagrado. Em frente. Você é um privilegiado porque só mostro isso para pessoas muito escolhidas (2005, p. 187).

Impressionado, Pedro Juan observa a opulência daquela biblioteca com sua variedade de obras. Avesso ao mundo que os cerca, Pedro Juan e o “Senhor” têm na leitura uma paixão comum. O mundo da biblioteca representa o oposto à coerção múltipla pela qual a ideologia se manifesta na sociedade.

Portanto, a biblioteca é o refúgio para o “Senhor” – e também para Pedro Juan – contra o totalitarismo. A biblioteca, ainda, é o espaço distinto da rotina, do habitual e especialmente da tentativa de controle.

Entretanto, a biblioteca e a casa parecem ter seus dias contados, conforme presente o excêntrico “Senhor”. No momento, ele vive no espaço de transição entre a liberdade e o autoritarismo, como partilha em suas conversas com Pedro Juan:

– De forma que, por ora, vivo no limbo. Quando os comunistas chegarem, vão me tirar daqui, invadirão a casa e destruirão tudo em dois dias. Sem direito a reclamações, porque para eles eu sou um fantasma invisível, lixo social da pior espécie. Enquanto não chega esse momento, desfruto minha liberdade. Vivo com os poetas, com as lésbicas, com os artistas e os músicos, com bofinhos jovens e encantadores, com os trovadores e seus violões, com bêbados e maconheiros, com putas e loucos (...) (2005, p. 193).

O “Senhor” vive em seu espaço um tipo de exílio particular, uma vez que ele é simbolicamente banido do convívio social. Sabendo de suas diferenças em relação ao seu país, bem como a carência de laços de identidade com a ideologia governante, ele se sente como um “forasteiro”, reunindo em sua casa uma representação de sua pátria dissidente.

O sentimento de diferença e de deslocamento do “Senhor”, razão de seu auto-exílio, pode ser aproximado, de certa maneira, às reflexões propostas pelo teórico palestino Said¹¹⁴:

Por mais que tenham êxito, os exilados são sempre excêntricos que sentem sua diferença (ao mesmo tempo em que, com frequência, a exploram) como um tipo de orfandade. Aqueles que realmente não têm lar consideram uma afetação, uma exibição de modismo o hábito de ver a alienação em tudo o que é moderno. Agarrando-se à diferença como uma arma a ser usada com vontade empedernida, o exilado insiste ciosamente em seu direito de se recusar a pertencer a outro lugar (2003, p. 55).

A identificação de Pedro Juan com o “Senhor” dá-se de maneira imediata, pois ambos vivem, ou melhor, se sentem numa circunstância de exílio no próprio país. A organização por parte desse último de uma “república de exilados” representa, especialmente para Pedro Juan, a condição necessária para a sua sobrevivência em meio à opressão e à mesmice que o rodeiam em Cuba.

No que concerne à representação da ideologia, a circunstância característica do “Senhor” vincula-se também a Pedro Juan, uma vez que ambos estão fragmentados em relação ao pensamento orientador da maioria da população. Por esse motivo, criam um grupo paralelo. A estratégia típica pela qual a ideologia opera, nesse caso, é a da diferenciação, como explicita Thompson¹¹⁵:

(...) a ênfase que é dada às distinções, diferenças e divisões entre pessoas e grupos, apoiando as características que os desunem e os impedem de construir um desafio efetivo às relações existentes, ou um participante efetivo no exercício do poder (p. 87).

Desse modo, o grupo capitaneado pelo “Senhor” nunca deve chegar ao poder, pois representa uma ameaça contra a qual os indivíduos devem resistir e combater. Não por acaso a UMAP é o espaço em que devem ser enclausurados os sujeitos distantes da ideologia dominante e esse temor acompanha, sobretudo, Lucía, conforme ela mesma admite, quando se refere ao futuro do “Senhor”. Ao apresentar o avesso do pensamento hegemônico, o narrador acaba por empreender uma crítica à ideologia dominante. O que

¹¹⁴ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

¹¹⁵ THOMPSON, J. B. Op. Cit. p. 87.

o narrador faz é assegurar ao leitor pontos de vista múltiplos, ou seja, além da voz predominante de Pedro Juan também “aparecem” no texto os representantes do sistema e da sociedade vigilante.

De outra forma, o novo amigo de Pedro Juan tem consciência de suas diferenças em relação à sociedade e da incerteza quanto ao tempo restante dessa sua vida excêntrica em Cuba, o que segreda numa das conversas com rapaz:

É, até quando Deus quiser. Depois aceitarei humildemente meu destino. O país está todo indo para vulgaridade. Todo aquele que tiver pensamentos próprios será condenado. Mais cedo ou mais tarde será condenado (p. 193).

O tom de desabafo e o próprio nome da personagem não deixam de sugerir, além da respeitabilidade conquistada pela imposição intelectual, um caráter de divindade ao “Senhor”. Desde a compreensão de um sacrifício inevitável até a insistência na tentativa de construção de um outro mundo, onde ele reinará absoluto são indicações de características divinas que podem ser atribuídas a essa personagem. “Senhor” é um exótico Cristo da margem que espera, estoicamente, a condenação final.

No entanto, “a paixão do Senhor” dar-se-á de maneira diferente, conforme ele próprio vaticina:

Quem sabe dentro de dois ou três anos você vem a Varadero, Pedro Juan, e me vê vendendo frituras asquerosas de farinha em algum café sujo e cheio de moscas, na rua Quarenta. Não vão mais me chamar de o Senhor, com esse ar de reverência. Vão me chamar de “Maricona do Café”. “A velha maricona”, hahahá. E eu ali, sujo, barbudo e fedendo a manteiga rançosa. Mas rindo e alegre. Farei isso com toda a dignidade, poeta. Eu também tenho a poesia dentro de mim. (...) O que me toca na vida eu recebo com amor e compaixão (p. 193).

A resignação diante de uma provável tentativa de enquadramento aos padrões sociais hegemônicos não desanima o “Senhor”, pois a liberdade, para ele, está na consciência que o manterá vivo. As leituras apresentam, para Pedro Juan, uma trajetória similar. A poesia que preserva a dignidade do “Senhor” coaduna-se à função da literatura, na concepção admitida pelo jovem, como alternativa ao pensamento único. O rapaz, mais uma vez, alia-se a um amigo mais velho e, instigado por ele, revigora o seu gosto pelas artes.

A biblioteca ainda é espaço de reclusão para Pedro Juan e sempre que consegue uma folga da unidade militar ele visita a mansão de pedra do “Senhor”. Esse espaço remete à infância do jovem, mas significa ainda, um afastamento do mundo em que vive:

A atmosfera da mansão de pedra tomou conta de mim. Quando menino e adolescente, eu me refugiava na biblioteca pública de Matanzas para escapar da sujeira e do ruído. Agora fazia a mesma coisa. Faltava um bom tempo para eu terminar o serviço militar. Tinha que esperar tranquilamente e sem perder a paciência (p. 194).

A rotina do serviço militar ainda atormenta o rapaz, de modo que os pequenos intervalos longe de sua unidade são aproveitados com as leituras. Sempre bem recebido pelo “Senhor”, Pedro Juan quase não dá atenção ao seu anfitrião e cada vez mais passa absorto nos livros. Assim, os exercícios físicos intensos e a leitura contumaz já fazem parte do cotidiano do jovem aspirante a escritor.

O sentimento de solidão acompanha Pedro Juan, seja por seu gosto pela leitura ou por suas atitudes de irresignação em relação à sociedade. A impossibilidade de integração a quaisquer grupos é acentuada pelo desejo de liberdade. O afastamento das aspirações coletivas, indispensáveis à manutenção da ideologia, desvincula o jovem de uma identificação com o projeto de nação idealizado pela ditadura militar.

Afastado do ideário coletivista, mas também longe do pragmatismo liberal, Pedro Juan deseja independência de pensamento e de ações, desprezando qualquer tipo de hierarquia:

Às vezes, precisava de um descanso e saía sozinho andando pela praia. Não queria escutar ninguém, nem comer sequer. Fazia exercícios, corria até desfalecer, nadava dois ou três quilômetros, comia um pãozinho sozinho e dois litros de limonada. E me punha a ler: A espuma dos dias, de Boris Vian, As coisas, de George Perec, A imagem pública, de Cavafi, e hai-cais de Bashô, de Kobayashi e de Buson (p. 200).

O pensamento desafiante de Pedro Juan diante da ordem social se estende também na relação com a literatura, representada na atitude de leitor anárquico, ou seja, aquele que lê sem ordenação formal tudo o que lhe cai às mãos, pois a personagem não

se restringe apenas ao espaço da biblioteca, mas “lia e escrevia diante do mar”, na praia ou até no quartel.

Esse modo de ler de Pedro Juan apresenta-se como sintomático às aspirações da personagem, uma vez que transgredir não só o repertório seletivo e hierarquizado dos textos canônicos que devem ou podem ser lidos, como também a liturgia de comportamentos considerados inerentes àqueles que lêem. O protagonista afasta-se das recomendações acerca dos modos específicos de leitura, aplicadas pelas práticas pedagógicas da escola burguesa desde o século XIX. Tais princípios afirmam a importância das salas de leitura cujo silêncio e concentração devem ser preservados, obedecendo aos hábitos tradicionais. Esse modo de ler é mencionado, mas contraposto por Petrucci¹¹⁶:

(...) as outras maneiras de ler em que o leitor está só (...) em total liberdade, são naturalmente conhecidas e admitidas, mas como secundárias, e são toleradas a custo e sentidas como potencialmente subversivas, porque expressam atitudes de pouco respeito para com os textos que fazem parte do cânone, e que são, portanto naturalmente venerados (1999, p. 221).

A ressalva de que a leitura, afastada da concepção sistemática e hierárquica de seleção de textos e ainda dos modos como eles devem ser lidos, é tida como “potencialmente subversiva” ressalta, por outro lado, o caráter de contestação às regras de comportamento e também à organização cultural e política. A aversão de Pedro Juan a qualquer tipo de autoridade manifesta-se na escolha de autores cujas obras são estigmatizadas pelo rótulo de “desvio ideológico”, resultado de sua negação ao sistema de coerção que o atinge. Nesse ponto, tanto as formas simbólicas (textos) são formas incipientes de crítica à ideologia quanto a atitude do protagonista de ignorar os textos proibidos e uma ordem respeitosa para a leitura, já que podem ser compreendidas como intervenções desafiadoras.

Embora alie a vitalidade física a uma energia intelectual, o mundo dos livros permanece como um segredo para o jovem de Matanzas. O intervalo dedicado aos livros e ao relaxamento é curto e o tempo na unidade militar representa um retorno à realidade.

¹¹⁶ PETRUCCI, Armando. Op. Cit. p. 221.

Tinha de voltar à unidade militar, pôr os pés na terra e me transmutar de novo no elemento 516, cercado de ruído, de gente e de desespero. Tinha de esquecer os haicais, os livros e o mar. Abandonar a distância e o silêncio. A vida que me apaixonava era o território oculto e proibido para os outros. Era a minha vida secreta (204).

Na relação entre a experiência física e o universo textual, Pedro Juan expressa a mesma energia. A leitura desenfreada de textos proibidos e de outros textos faz com que o jovem aproxime o contato com os livros ao mar, ao silêncio e à distância, todos unidos por um mesmo campo semântico que pode, ainda, ser vinculado à liberdade. A liberdade se expressa não só na possibilidade de encontro com outros universos pela leitura como também na forma como esses livros são lidos e ao ambiente da mansão de pedra do “Senhor”. É essa natureza emancipatória atribuída à leitura que liberta o leitor dos contratempos de sua realidade empírica. Ao mesmo tempo, a leitura indica as restrições vivenciadas pelo sujeito e impostas pela sociedade, sinalizando para uma possibilidade de transformação. Esse processo não pode, no caso de Pedro Juan, ser explicitado, sob pena de punição e, por essa razão, a vida dedicada aos livros e à leitura tinha de ser segredada.

A leitura, para Pedro Juan, não desempenha apenas o papel de fuga da realidade, mas apresenta-se como um modo de compreender o mundo e ainda como se comportar diante de determinadas circunstâncias. Acrescente-se a isso, a função social da literatura como possibilidade de ruptura com as experiências do indivíduo, antecipando vivências e, finalmente, aproximando-a da realidade empírica do leitor. A partir dessa perspectiva, salienta Jauss¹¹⁷:

A função social da literatura só se manifesta em sua genuína possibilidade ali onde a experiência literária do leitor se introduz no horizonte de expectativa de sua vida quotidiana, orienta e modifica a sua visão de mundo e age conseqüentemente sobre o seu comportamento social. (1993, p.105).

A repulsa causada pela leitura nas sociedades ditatoriais é compreensível, haja vista as possíveis conseqüências dos textos no comportamento do indivíduo. Essa relação acentua, em Pedro Juan, a sua conduta de questionamento e posição crítica acerca da sociedade, além de significar o início de um percurso existencial de

¹¹⁷ JAUSS, Hans R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad.: Teresa Cruz. São Paulo: Ática, 1994.

aprendizagem sobre o sistema o qual ele integra. Além disso, esse caráter de antecipação de experiências futuras pode incidir numa tentativa de instabilização da ordem social vigente, como pondera Zilberman¹¹⁸:

Assim sendo, o único temor que a leitura pode inspirar é o de que seus usuários sejam levados a alterar sua visão de mundo, sonhem com as possibilidades de transformar a sociedade e não se conformam ao já existente (2001, p. 55).

Côncio de sua diferença em relação aos outros rapazes de sua idade e compreendendo que ainda teria de suportar pelo menos mais um ano na unidade militar, Pedro Juan retorna ao alojamento onde lhe é ordenado, junto com o restante da tropa, partir para os pântanos de Batabanó, na costa sul de Cuba. Submetido à disciplina rigorosa - *'ordens são ordens não se discutem'* Essa frase é repetida milhares de vezes aos soldados, até ficar gravada em seus genes (p.207)- vê, junto com seus companheiros, chegar um grupo de moças de uma escola da capital que iriam fazer um trabalho voluntário naqueles campos.

Nessa circunstância, o rapaz conhece Haymé, com quem inicia um relacionamento e, assim, Pedro Juan entrega-se, mais uma vez, ao prazer infrene:

Haymé era alta, peituda, muito magra e alegre. Tinha uma boca grande, de lábios grossos, e sorria sempre. Eu sou sério e pesado, de forma que uma mulher alegre e sorridente é o yin do meu yang. Aconteceu entre nós alguma coisa química, eu acho. (...) Dizem que é amor à primeira vista. Não era apenas sexo. Fazíamos um sexo louco, desesperado e excessivo como é normal nessa idade. Mas, quando terminava, invadia-nos uma onda de amor e paixão e continuávamos querendo ficar juntos, dormir juntos e não nos separar (p. 210).

Com a volta de Haymé para Havana, Pedro Juan torna-se sorumbático e retorna às atividades militares. Restam, ainda, alguns meses para o término do período de trabalho no serviço militar, mas ao conseguir uns dias de folga, o rapaz, agora, refugia-se na casa da nova namorada, num povoado na periferia de Havana. É lá que conhece a família da moça.

¹¹⁸ ZILBERMAN, Regina. Op. Cit. p.55.

A família de Haymé lhe parece, de início, um pouco estranha. A mãe, uma mulher de sessenta anos havia se apaixonado por um jovem de vinte e cinco, fez inúmeras cirurgias plásticas – estas eram gratuitas em Cuba – e passava quase todo o tempo em uma academia de ginástica.

O pai de Haymé tinha por volta de sessenta anos e havia sido dirigente sindical. Vestido sempre de roupa miliciana estudava por horas e não admitia falar sobre outros assuntos que não fossem relativos a lutas sindicais. Conforme o narrador, a leitura dos livros também afetou o ex-sindicalista como já havia ocorrido com Pedro Juan:

Estudava marxismo-leninismo e só falava de coisas sérias e de suas lutas sindicais. Aquilo o afetou tanto que parou de tomar banho, de trocar de roupa e até de falar e ler seus livros. Passava horas sentado numa poltrona na varanda, olhando o vazio. Sem fazer nada (p. 211).

Como um Quixote caribenho, os estudos parecem, igualmente, ter “secado” o cérebro do pai de Haymé, até fazê-lo perder o juízo. Assim, se a intensidade da leitura afetou Pedro Juan, transformando-o, um efeito similar ocorre com o “velho”, como é chamado o pai de Haymé. No entanto, para este último a leitura tem como consequência uma ruptura do sujeito com a realidade, fazendo-o habitar um universo próprio, distante da família e das atividades da vida cotidiana.

O “velho”, solitário em sua poltrona, já não fala nada e restringe-se a permanecer na varanda:

O tempo todo sentado na varanda, vestido de miliciano, com os manuais russos de marxismo-leninismo na mão, uns lápis e um caderno, uma bandeirinha de papel enrolada num pauzinho. Aferrou-se a esses objetos e não largava deles nunca (p. 212).

Entregue às consequências perniciosas da leitura, o pai de Haymé torna-se indiferente aos rumos dos integrantes da família. A abdicação de quaisquer atividades, uma vez que ele deixa, inclusive, de ir ao trabalho, mostra, de maneira sarcástica, a perda da correspondência entre a leitura e a realidade de um indivíduo engajado e apoiador da revolução.

A imagem do “velho” com roupa miliciana na varanda, cercado de seus manuais e sempre portando uma bandeira do país, parece uma representação dos rumos tomados

pelo regime cubano e especialmente serve como uma caricatura que remete ao comandante Fidel Castro, líder da Revolução de 1959 e hoje¹¹⁹ (2007) presidente licenciado de Cuba.

Como o “velho” da narrativa, Fidel também está, parcialmente, afastado das decisões do governo, como lembra Gott¹²⁰:

O próprio Castro encontra-se hoje bem distante do palco. Quarenta anos atrás, ele estava em toda parte: na televisão todas as noites, nos jornais todos os dias e, se você tivesse sorte, ainda aparecia no seu hotel. Cuba jamais se entregou a um culto da personalidade ao estilo soviético, mas quase nada aconteceu sem a palavra dele (...) Hoje ele é presidente emérito, homem de Estado ancião (...) Ele continua a ser uma figura do passado de todos nós (...) (p. 363).

No entanto, a manutenção dos velhos ideais que moveram a Revolução Cubana permanece ditando os rumos na ilha caribenha, especialmente na condenação ao imperialismo ganancioso da América do Norte, tal como foi proferido no discurso de Castro, em 02 de setembro de 1960 e que ficou mais tarde conhecido como a *Primeira Declaração de Havana*. A figura de Castro talvez não seja mais do que um ícone de um capítulo fundamental da história de Cuba e da história mundial, conquanto relacionada a um passado que insiste em ser sempre mostrado como presente.

A ação política parece, em princípio, desvanecer diante da experiência de leitura. De igual maneira, há uma incongruência temporal entre a leitura, como uma prática ligada a um passado, e a experiência política vital como relacionada a um presente constante. Esse contraste entre a leitura e a ação, como no caso do pai de Haymé, é uma relação utilizada de forma constante para asseverar a separação entre o mundo dos livros e o da experiência. Nem sempre o enfrentamento do mundo, mediado pela construção de sentido, própria da atividade da leitura, é compreendido. Essa separação é retomada e questionada por Piglia¹²¹, pois, para ele:

Há uma tensão entre o ato de ler e a ação política. Certa oposição implícita entre leitura e decisão, entre leitura e vida prática. Essa

¹¹⁹ Em 30 de julho de 2006, o mandatário de Cuba, Fidel Castro, licencia-se do cargo e entrega a presidência a Raúl Castro, seu irmão e companheiro nos combates que antecederam a queda da ditadura de Fulgêncio Batista, em 1959.

¹²⁰ Op. Cit. p. 363.

¹²¹ PIGLIA, Ricardo. Op. Cit. p. 98

tensão entre a leitura e a experiência, entre a leitura e a vida, está muito presente na história que tentamos construir. Muitas vezes o que se leu é o filtro que permite dar sentimento à experiência, define-a, dá-lhe forma (2006, p. 98).

Em defesa da leitura, Piglia propõe essa relação de complementaridade, isto é, a escrita como uma tentativa de dar forma à experiência e, mais adiante, o autor ainda estabelece a leitura como um modelo para a vida que se deseja viver. Nesse ponto, o ato de ler pode exercer um papel importante não apenas na formação, mas como motivação para uma mudança de vida.

Entretanto, a contradição entre a prática da leitura e a ação é reafirmada no momento em que Piglia lembra da relação do companheiro de Fidel Castro na Revolução Cubana, Ernesto “Che” Guevara, com a leitura. Contraditoriamente, nas guerrilhas em Ñancahuazu e na Bolívia, Guevara, que já havia perdido tudo, carrega livros e seu diário de campanha amarrados à cintura. Ainda que fosse um leitor contumaz, a necessidade da leitura em meio a circunstâncias de ação pura é revestida, para Guevara, de um sentido de refúgio¹²²:

No diário da guerrilha no Congo, (...), escreve (Guevara): ‘O fato de eu desaparecer para ler, fugindo assim dos problemas cotidianos, tendia a distanciar-me do contato com os companheiros, sem contar que há certos aspectos de meu caráter que não facilitam a aproximação’. A leitura é assimilada com a persistência e fragilidade. Guevara insiste em pensá-la como uma dependência. ‘Minhas duas fraquezas fundamentais: o fumo e a leitura (p.101-2).

Embora aliasse a ação política à leitura e, algumas vezes, utilizasse a experiência dos livros como modelo e ainda registrasse os seus passos e memórias em um diário, a leitura ainda era vista como uma fragilidade por Guevara.

A leitura como contraposição à realidade é, também, reafirmada nas conseqüências daquela na vida do pai de Haymé. Esse efeito social do texto mostra, de outro modo, a eternalização de uma realidade contingente, qual seja, a da Revolução de 59. Logo, a ideologia assume, também, esse modo operacional através da reificação, pois, como afirma Thompson¹²³,

¹²² Ibidem, p. 101-2.

¹²³ THOMPSON, J. B. Op. Cit. p. 88.

Costumes, tradições e instituições que parecem prolongar-se indefinidamente em direção ao passado, de tal forma que todo o traço sobre sua origem fica perdido e todo questionamento sobre sua finalidade é inimaginável, adquirem, então, uma rigidez que não pode ser facilmente quebrada (1995, p. 88).

Se por um lado o pai de Haymé é um prisioneiro irreversível do passado, por outro lado a família não acompanha essa tendência. Os outros três irmãos da moça não vivem mais na mesma casa dos pais e são apresentados como completamente diferentes uns dos outros, como relata o narrador:

Um irmão de Haymé estudava uma especialização nuclear na URSS. O outro era dirigente numa província e não tinha tempo de viajar até Havana. O mais novo estava preso. Oito anos de prisão por tentativa de saída ilegal do país. Pegaram-no de madrugada, com outros cinco, numa lancha (p. 212).

Essa pluralidade de atividades e o movimento de afastamento da casa afiguram-se como completamente contrários à situação estática do pai. Se o pai parece viver no passado, a família, ao contrário, como uma representação metonímica da sociedade, parece ter seguido o seu rumo. Dentro dessa perspectiva, um dos irmãos de Haymé segue seus estudos fora do país - mas num local cujas relações diplomáticas com o regime cubano quase sempre foram amistosas - o outro é dirigente numa província em Havana - revelando-se, por conseguinte, coadunado à ideologia hegemônica do país - e, por fim, o mais novo - representando a geração mais recente - tentou escapar do país e acabou preso.

O pai de Haymé não consegue mais estabelecer a coesão da família. Como figura expletiva, ele é apenas uma imagem melancólica do passado, agarrado a alguns objetos biográficos e simbólicos como um retrato degradado do militante. Estacionado na varanda, ele observa o mundo contrapor-se ao universo de significantes dos manuais de marxismo-leninismo e repete, perplexo, antes de calar-se para sempre: *Eu não sei o que aconteceu. Não entendo* (p. 212).

Nesse período, finalmente, encerra-se o serviço militar obrigatório para Pedro Juan e ele, exultante, deixa o quartel: “Quando me vi vestido de civil, saindo daquele lugar, não conseguia acreditar. Fazia frio e vesti minha jaqueta de couro marrom. Aquela que Genovevo havia me dado: Born to be free” (p. 213).

Ao retornar para casa, o jovem percebe que sua mãe havia vendido quase tudo para assegurar a subsistência da família. O pai, cada vez mais apático, passava os dias inteiros, sozinho, jogando dominó. A decadência da família é evidente e a rua e o bairro em que eles moravam pareciam mais cinzentos, devido ao abandono dos comerciantes, vendedores de rua e dos antigos vizinhos.

A despeito das leituras e das idas à casa do “Senhor” (Genovevo), Pedro Juan ao mesmo tempo em que consolida a sua aversão à autoridade, não sabe mais que rumo seguir na vida:

Eu não queria saber de trabalhar em construção. Queria fazer outra coisa. O quê? Não sabia. Tanto tempo no Exército me deixou confuso. Não suportava nada que significasse autoridade. (...) Deixei o cabelo comprido e sujo. Não tomava banho, não fazia a barba, não cortava, nem limpava as unhas (...) Bebia e fumava muito. (...) Queria feder e que todos me dessem as costas. Queria falar só com o diabo (p. 214).

Essa postura excêntrica de Pedro Juan revela, de outra forma, uma imagem de contestação à idéia de adaptação às regras da sociedade civil. Essa reação também pode marcar uma ruptura e um percurso de desfiliação cada vez mais acentuado a alguns imperativos sociais, a começar pelo afastamento do ambiente familiar, a indiferença com as identificações coletivas de nação, além do abandono completo da idéia verticalista de hierarquias e poderes instituídos.

A literatura assume, portanto, um papel político importante, já que contribui para a formação do pensamento crítico do protagonista de *O ninho da serpente*, além de possibilitar um questionamento a respeito do consenso difundido pela ideologia hegemônica. De outra forma, o reconhecimento da ideologia como força opressora e sufocante e o seu realce, na representação das relações assimétricas de poder, no interior da narrativa, redundam na contestação ora violenta, ora paródica da maneira como essas relações são mantidas. Isso significa uma rebelião interior e exterior do sujeito contra o domínio unificador do sistema social, imposto por diversas estratégias de preservação do poder. É nesse ponto, que a ideologia mantém o sentido de assegurar as idéias das classes dominantes, além da perspectiva de ilusão, como propostas em Marx, além de conservar uma concepção crítica negativa no destaque dessas estruturas.

A impaciência de Pedro Juan, agora estendida para a sociedade como um todo, é reforçada quando ele deixa o quartel. Nessa ocasião, o jovem, além do desleixo com a

aparência, como forma de demonstrar a sua inadequação ao sistema, mantém com Haymé uma relação também fora dos padrões. As agressões físicas são mútuas e ambos entregam-se à bebida e ao sexo sadomasoquista. Ademais, aos olhos do casal, a sociedade reveste-se cada vez mais de elementos repressores:

Não aceitávamos ordens de ninguém e eu andava com os nervos crispados, procurando problemas. Por qualquer bobagem rolava aos socos pela rua. Às vezes até com dois ou três caras ao mesmo tempo. Me cobriam de porrada! Numa dessas, me estragaram o ouvido esquerdo, que deixou de funcionar bem. Nunca recuperei totalmente a audição porque nunca fui ao médico (p. 215).

A despeito da insistência de Haymé, Pedro Juan resiste ao pedido de ir morar com ela. Além disso, o rapaz recusa-se a trabalhar e, sem perspectiva de futuro, preocupa-se ao descobrir que a namorada está grávida. Pedro Juan a leva para o hospital, pois decidem abortar o filho.

Após esse fato, a relação do casal arrefece. Embora a bebida e o sexo continuassem em ritmo intenso, Pedro Juan percebe que até mesmo as loucuras podem, em certo momento, transformar-se em rotina. Por esse motivo, o rapaz resolve tomar uma decisão:

Uma noite, de madrugada, esvaziamos uma garrafa e ficamos em silêncio. (...) Olhei bem a garrafa. Não sobrara nem uma gota de rum. Coloquei-a sobre a mesa suavemente e resolvi ir embora. Era fevereiro de 71 e fazia frio. Vesti minha jaqueta de couro e disse para Haymé:

- Estou indo.
- Buscar outra garrafa? Não, já chega.
- Não vou buscar nada. Vou embora.
- Para onde?
- Não sei.
- Mas...
- Mas nada. Você e eu...isto está uma merda.
- É normal. É o que todo mundo faz.
- Eu não quero fazer o que todo mundo faz.
- Pelo menos procure um trabalho, nós...
- Não organize a minha vida e não me dê ordens. Adeus (p.216).

Pedro Juan parte, devagar e sem rumo, ganhando as ruas. A mobilidade refigura a viagem errática de suas leituras cujo único ponto fixo foi, a um tempo, a descoberta de uma vida de restrições e, por conseguinte, a necessidade urgente de mudança. Dessa

forma, Pedro Juan compreende que não pode desistir e precisa persistir em sua caminhada:

Eu saí para a rua, andando sem pressa. Tinha acabado de completar vinte e um anos. Nas costas tinha aquela frase: Born to be free. Ao longe, viam-se as luzes de Havana. Eu me sentia bêbado, desorientado e aturdido. Não sabia o que fazer. Não sabia o que queria, nem para onde ia. Não podia parar. Acho que foi a única coisa que entendia com clareza: Não podia parar. Tinha de continuar caminhando e atravessar a fúria e o horror (p.217).

Como o estilo de vida do marinheiro, descrito por Benjamin¹²⁴, o modo de narrar de Pedro Juan sofre a incidência da trajetória dele mesmo, no que se refere às suas leituras e experiências de vida, bem como à sua condição de constante deslocamento. Na medida em que “viaja” dentro do próprio país, Pedro Juan talvez sinta que a ideologia também atua de maneira móvel e vinculada a circunstâncias particulares, a fim de assegurar a manutenção das relações de dominação sobre o indivíduo. Portanto, a interação entre sentido e poder está, igualmente, presente na interdição de leituras consideradas inconvenientes ao regime, no isolamento de indivíduos que não se adaptam ao comportamento-padrão, definido pela ordem estatal, ou ainda – e mais especificamente – no controle na difusão de informações aos cidadãos.

Plural, no sentido que a adotamos, a ideologia transfigura-se, constantemente, no decorrer da narrativa, atuando sempre com intuito de assegurar a manutenção das relações assimétricas de dominação. Pedro Juan age de maneira liminar, ou seja, ele sabe quando deve integrar o sistema e, ao mesmo tempo, quando pode contestá-lo. Desse modo, a mobilidade de Pedro Juan dá-se no sentido de compreender a estrutura coerciva que busca aprisioná-lo, mas, ao mesmo tempo, saber como escapar desse domínio. O deslocamento constante para margem torna-se, no entanto, a alternativa mais viável para a sobrevivência e para a fuga da ideologia sufocante.

É, por fim, o percurso do leitor e de seu necessário isolamento a melhor imagem para representar a partida de Pedro Juan para uma viagem incerta e sem rumo. A solidão pressupõe uma sociedade da qual a personagem deseja se afastar e, nesse ponto, a leitura constitui-se de duas formas precípuas para o protagonista, quais sejam: uma

¹²⁴ BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. *Obras escolhidas*, Magia e técnica, arte e política. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 198-199.

maneira de torná-lo apto para enfrentar as adversidades e uma forma de escapar dessas mesmas adversidades que se configuram, sob o mecanismo latente da ideologia.

Se o percurso de Pedro Juan obedece a direção do centro para a margem, distanciando-se das formas de controle, as leituras da personagem podem ser compreendidas como formas de defesa, ou ainda como alternativas que anulam o poder coercivo da ideologia. Nessas circunstâncias, o ato de ler, no momento em que desvela uma sociedade dissimulada, como percebe Pedro Juan¹²⁵ : “Todo o mundo quer passar por pessoa honrada, decente e equilibrada. Principalmente os policiais e os líderes religiosos, eles adoram passar por bons, preocupados com o bem estar dos outros” (p. 76) ou quando se torna um mundo à parte¹²⁶: “Eu fugia para a biblioteca (...) Era um mundo à parte. Uma escapatória ideal para toda aquela encheção” (p.79). pode ser compreendido como uma forma de mobilizar o sujeito em busca de sua emancipação e liberdade.

As idéias, para o narrador, formam, no final das contas, o ninho da serpente - ou o local secreto onde se esconde a literatura – e são elas, também, em seu caráter pernicioso, porque desafiador, o único antídoto possível para neutralizar, pelo artifício da linguagem transfiguradora da literatura, o poder dominador e coercivo da ideologia, em sociedades onde a arbitrariedade ainda se impõe.

¹²⁵ Idem ibidem p.76.

¹²⁶ Ibidem,p. 79.

4 O PEDINTE E O LEITOR: APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE *O REI DE HAVANA E O NINHO DA SERPENTE*

Ao abrir o capítulo sobre a proibição da leitura, Alberto Manguel¹²⁷ lembra do decreto de Carlos II da Inglaterra, sancionado em 1660, que estabelecia a obrigatoriedade do Conselho para as Propriedades Rurais no Exterior na instrução dos nativos e servos da colônia britânica, dentro dos preceitos do cristianismo. Sem esclarecer os motivos de tal decreto, Manguel supõe que este seria um modo de assegurar um novo fundamento para a tolerância religiosa, argumento contra o qual o Parlamento se opunha.

Carlos II pensava, filiado à fé protestante, que a salvação da alma estava vinculada à capacidade da leitura e à compreensão individual da palavra de Deus. Evidentemente, essa postura não era partilhada pelos senhores de escravos britânicos para quem a alfabetização da população negra constituía-se numa ameaça:

Temiam a própria idéia de uma população negra alfabetizada, que poderia assim encontrar idéias revolucionárias perigosas nos livros. Não acreditavam nos argumentos de que uma alfabetização restrita à Bíblia fortaleceria os laços da sociedade (...) (p. 311)

À leitura de textos religiosos, em especial da Bíblia, seria seguida pela busca por outros textos cuja natureza poderia ser abolicionista ou de cunho libertário. As restrições à leitura dos negros estenderam-se por muito tempo ainda, conforme podemos examinar a seguir¹²⁸:

A oposição ao decreto de Carlos foi mais forte nas colônias americanas e mais forte ainda na Carolina do Sul, onde, um século depois, criaram-se leis rigorosas proibindo todos os negros, escravos ou livres, de aprender a ler. Essas leis permaneceram em vigência até a metade do século XIX (p. 312).

¹²⁷ MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 311.

¹²⁸ *Ibidem*, p. 312.

Os relatos a respeito das punições àqueles que desafiavam as imposições contrárias ao aprendizado da leitura são longos e violentos. Os castigos traçam um percurso de sangue que vai desde chicotadas a amputações do dedo indicador e, finalmente, ao enforcamento de quem ousasse a ensinar outros escravos a soletrar.

A posse do livro, como instrumento de poder, talvez seja até hoje o maior temor daqueles que usurparam essa possibilidade dos escravos ou de multidões de oprimidos em qualquer parte do mundo. A leitura, de certa maneira, atua não apenas como decodificação de signos, mas como reflexão sobre determinada cultura, atribuições de significados múltiplos acerca do universo concreto do leitor e, finalmente, como uma forma de instigar à motivação necessária para uma ação sobre a realidade. Dessa maneira, são terríveis as conseqüências da leitura, especialmente para ditadores e defensores do poder restrito e absoluto.

Associada à leitura, a história da escrita como atividade perniciosa remonta a Platão, especialmente no diálogo em que Sócrates fala com Fedro, texto que leva o nome desse último¹²⁹. Platão já havia condenado, em sua *República*, a atividade dos poetas, posicionando-se favoravelmente apenas em relação à poesia laudatória. Essa poesia teria apenas uma utilidade final, qual seja, a de representar a perfeição de um Estado ideal, governado por filósofos.

Platão não perde de vista os possíveis perigos vinculados à escrita. Talvez o principal deles, para o filósofo, fosse a perda do caráter sagrado e centralizador da transmissão oral da tradição. Por conseguinte, essa laicização da cultura significaria a descentralização do conhecimento, retirando-o do monopólio dos religiosos e dos filósofos e, por conseqüência, facultando ao indivíduo a organização de suas próprias verdades.

À parte disso, o que Platão admoesta em *Fedro*, por meio da narração do mito de Thot ao rei Tamuz, de Tebas, diz respeito às temíveis conseqüências da escrita, dentre as quais é possível ressaltar: a lembrança exterior da matéria do conhecimento, por meio de sinais (e não uma lembrança em si mesmo), a aparência da sabedoria (em vez da verdade) e, por fim, a transformação dos homens em sábios imaginários (ao invés de verdadeiros sábios).

¹²⁹ PLATÃO. Fedro. In: *Diálogos*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1966.

Algum tempo depois, é a Igreja quem assume o monopólio acerca da liberação ou não de obras para os leitores. Em 1559, a Sagrada Congregação da Inquisição Romana elabora uma lista de livros considerados perigosos para a formação da moral dos católicos e conspurcação da fé. Esse catálogo torna-se conhecido por *Index Librorum Prohibitorum* e tem a sua última impressão em 1966, ou seja, mais de quatrocentos anos depois de sua criação. Dentre os textos banidos, na última edição, constam obras de Voltaire, Diderot, Collete e Graham Greene. Assim, a leitura afirma-se como portadora de caráter sacrílego e sua prática consolida-se como evasiva e apartada das relações sagradas ou necessárias da realidade.

A criação da prensa mecânica, em 1450, é um fator determinante para a difusão das obras escritas. Contudo, mais uma vez o perigo vaticinado por Platão toma forma, pois quanto maior o número de obras impressas e maior a sua divulgação, o público leitor aumenta, gerando, assim, um descontrole na orientação do conhecimento e uma provável perda da coesão social. O livro, na sua materialidade física e em seu conteúdo, ainda teria o seu acesso restrito aos sacerdotes, durante a Idade Média, e aos estudantes, devidamente conduzidos, com a criação das primeiras Universidades na Europa.

A obra *Tratado da educação das moças*, de Fenelon, em 1687, como lembra Zilberman¹³⁰, anuncia uma tendência que irá se estabelecer no século seguinte: os textos voltados para o público feminino. Dali para adiante, a mulher demanda uma formação específica, pois, se prepara para a sociedade burguesa. Esses textos, voltados para as leitoras, tratam de restringir suas atuações na sociedade, vinculando-as, sobretudo, ao espaço doméstico.

Todos esses atributos textuais, tendo em vista a mulher como leitora ideal, não chegam, no entanto, a desconstruir a imagem da leitura como prática perniciosa, como prossegue Zilberman¹³¹:

(...) com o passar do tempo, o sujeito debilitado pela leitura passa a ser definido pela marca de gênero: de leitor ele se transforma em leitora, sendo a feminilidade, no caso, sintoma da fragilidade do indivíduo que se deixa dominar pelo mundo fictício e fantasioso transmitido pelos livros (2001, p. 28).

¹³⁰ ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Senac, 2001, p. 66.

¹³¹ *Ibidem.* p. 28-29.

Quando as mulheres se tornam leitoras contumazes, o temor de que os livros corrompam seus pensamentos ou excitam desejos latentes vai aumentando, conforme lembra Abreu¹³²:

Além de pobres e trabalhadores, outra categoria de leitores parecia particularmente perigosa: as mulheres. Imaginava-se que elas eram governadas pela imaginação e inclinadas ao prazer e, como não tinham ocupações sólidas, nada as afastaria das desordens do coração - e das desordens do corpo, que são as piores. Muitas caricaturas associavam infidelidade e leitura (2006, p. 102-3).

O exemplo típico da dispersão e evasão provocada pelos livros talvez seja o da personagem principal do romance de Flaubert, *Madame Bovary*¹³³, de 1857. Emma, embevecida pelo universo dos livros, acaba por se matar ao ver as suas expectativas de uma realização amorosa no casamento frustrarem-se. Como indicado no próprio romance, os livros não escapam do banco dos réus:

Ficou resolvido, portanto, que se impediria Ema de ler romances. A empresa não parecia fácil. A mãe Bovary se encarregou dela: quando passasse por Rouen iria em pessoa a casa do homem que alugava livros e lhe diria que Emma dispensava as suas assinaturas. Não se teria o direito de avisar a polícia se o livreiro ainda assim persistisse em seu ofício de envenenador? (1965, p. 157)

A prática da leitura em nada contribuiria para o cotidiano do trabalho burguês. Ao adquirir um caráter transcendente e, por esse motivo, socialmente prejudicial, a leitura converte-se em um vício entorpecedor dos sentidos - como no caso mencionado de Emma Bovary. Afastando o leitor da realidade, a leitura gera atitudes sentimentais e escapistas e que deveriam ser controladas e advertidas pelos especialistas. Com esse intuito, surgem alguns textos alertando para as posturas corporais e efeitos deletérios à saúde, como consequência de leituras intensivas, conforme descreve Darton¹³⁴ ao mencionar um folheto de J. G. Heizemann, de 1795, ressaltando as possíveis doenças associadas a quem lê:

¹³² ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: UNESP, 2006, p.102-3.

¹³³ FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular, 1965, p. 157

¹³⁴ DARTON, Robert. História da Leitura. In.: BURKE, Peter (org). *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1992.

Suscetibilidade a resfriados, dores de cabeça, enfraquecimento dos olhos, ondas de calor, gota, artrite, hemorróida, asma, apoplexia, doença pulmonar, indigestão, obstipação intestinal, distúrbio nervoso, enxaqueca, epilepsia, hipocondria e melancolia (1992, p.219).

Na década de 30, do século XX, o ministro de propaganda nazista, Joseph Goebbels, falou diante de uma multidão, em Berlim, durante o ato da queima de 20 mil livros. Segundo ele, aquele momento tinha um sentido de renovação, de acordo com transcrição de seu discurso, destacada por Manguel¹³⁵:

Esta noite vocês fazem bem em jogar no fogo essas obscenidades do passado. Este é um ato poderoso, imenso e simbólico, que dirá ao mundo inteiro que o espírito velho está morto. Destas cinzas irá se erguer a fênix do espírito novo (1997, 316).

Para a Alemanha hitlerista, conforme lembra Carneiro¹³⁶, os livros queimados em praça pública simbolizavam a morte da República de Weimar e a ressurreição de uma nova era.

Nessa época, as fogueiras pareciam não ter fim, como acrescenta Carneiro¹³⁷, pois: “A cidade de Breslau orgulhava-se de ter queimado mais de 200 quilos de obras ‘degeneradas’ condenadas pelo Index nazista. Em Frankfurt, na praça de Romerberg foram queimados livros de inspiração socialista” (2002, p. 29).

Desse breve percurso sobre os temores provocados pela leitura e pela escrita, podemos depreender que os maiores inimigos do conhecimento, difundido pelos livros, são aqueles agentes ou grupos que se consideram detentores absolutos do poder. Propagadores de uma leitura “útil” ou “moralizante” insistem em perseguir ou tentar cooptar escritores que possam ameaçar o discurso homogêneo e ideológico das ditaduras, como aponta o cubano Reinaldo Arenas¹³⁸:

¹³⁵ MANGUEL, Alberto. Op. Cit. p. 316.

¹³⁶ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, idéias malditas: o DEOPS e as minorias silenciadas*. São Paulo: Ateliê, PROIN- Projeto Integrado Arquivo do Estado/USP, 2002, p. 28.

¹³⁷ Ibidem, p. 29.

¹³⁸ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça*. Trad. Irène Cubric. Rio de Janeiro: Record, 1995.

Os ditadores e os regimes autoritários podem destruir os escritores de duas maneiras: perseguindo-os ou oferecendo-lhes cargos oficiais. Em Cuba, os que optaram por esses cargos também faleceram e de uma maneira ainda mais lamentável e indigna; pessoas de talento indiscutível, depois de aceitarem a nova ditadura, jamais voltaram a escrever nada que tivesse valor. O que houve com a obra de Alejo Carpentier, depois de escrever 'El siglo de las luces'? Bobagens incríveis, impossíveis de se ler até o final. O que aconteceu com a poesia de Nicolas Gillén? (...) Onde está agora a grande poesia de Eliseo Diego escrita nos anos quarenta? (1995, p. 120)

A medo da leitura provoca a tentativa de controle do seu alcance. Tarefa essa, por sinal, bastante difícil. Escapando do discurso oficial, a manutenção da ordem, então, deve ser mantida a qualquer custo, mesmo que para isso se deva recorrer à destruição e violência, como ressalta Manguel¹³⁹:

A censura, portanto, de qualquer tipo é corolário de todo o poder, e a história da leitura está iluminada por uma fileira interminável de fogueiras de censores, dos primeiros rolos de papiro aos livros de nossa época. As obras de Protágoras foram queimadas em 411 a. C., em Atenas. No ano de 213 a. C., o imperador chinês Chi Huang-Ti tentou acabar com a leitura queimando todos os livros de seu reino (...) A ilusão acalentada por aqueles que queimam livros é a de que podem cancelar a história e abolir o passado (1997, p. 315-316).

O papel social da literatura concretiza-se na medida em que o sujeito, incorporado ao processo de leitura, percebe uma ruptura em suas experiências de vida e, ao mesmo tempo, indicações de outras realidades, ampliando sua compreensão de mundo, bem como suas identificações e diferenças em relação ao que foi lido.

Se pensarmos a concepção de nação aliada a um problema de narração, como observa Homi Bhabha¹⁴⁰, a produção de discursos vinculados a uma cultura nacional não pode ser entendida como unificada ou unitária em relação a si mesma. Essa perspectiva contradiz a retórica de consolidação das comunidades imaginadas, herança da conhecida designação de Anderson para nação¹⁴¹, e que pode ser aproximada da

¹³⁹ MANGUEL, Alberto. Op. Cit. p. 315-316.

¹⁴⁰ BHABHA, Homi. Introduction: Narrating the nation. *Nation and Narration*. Homi Bhabha (Org). London and New York: Routledge, 1990.

¹⁴¹ ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

utilização de ideologia, como preservação das relações assimétricas de poder, instituída especialmente em regimes de exceção, como em Cuba.

A busca de uma essência para a designação de uma nação ainda prende-se a uma perspectiva totalizante e impossível de ser apreendida, uma vez que simula um esquecimento da natureza lacunar dessa busca e encobre as diferentes necessidades originadas por contingências históricas particulares. A narração e a dissimulação discursiva, no intuito de estabelecer uma unidade totalizante, nada mais fazem do que servir ao poder do Estado, na tentativa de preservação das relações de dominação, como é possível observar na representação e crítica à ideologia, nos textos ficcionais aqui examinados.

É sob essa circunstância que as narrativas de Gutiérrez, ao lado da tradição histórica da força da escrita e da leitura como formas de descentralização do poder, podem ser entendidas como transgressoras ao pensamento hegemônico, na medida em que apresentam uma representação cruel da realidade cotidiana de um menino de rua, em *O Rei de Havana*, e o desejo de liberdade instigado pela leitura intensa em *O ninho da serpente*.

A leitura desses dois textos revela o fracasso da persuasão de cunho patriótico na busca da construção da imagem de uma comunidade unificada por padrões de um companheirismo horizontal. Essa tentativa de consolidação ou reorganização de elementos díspares dentro de uma lógica de nacionalismo apresenta uma distorção no que concerne às diferenças internas. Essas distinções resultam numa concepção de multiculturalismo que supõe uma identidade comum, mas que acaba por silenciar representações destoantes daquela imaginada por um grupo dominante, como bem ressalta Santiago¹⁴²:

A construção do Estado pelas regras desse multiculturalismo teve como visada prioritária o engrandecimento do estado-nação pela perda da memória individual do marginalizado e em favor da artificialidade da memória coletiva (2004, p. 58).

¹⁴² SANTIAGO, Silvano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

Esse conflito entre a memória individual do marginalizado e a artificialidade da memória coletiva, vincula as leituras de *O Rei de Havana* e *O ninho da serpente*. Embora apresentadas de maneiras distintas, o “excluído” da imagem de totalidade nacional íntegra e paternal daquela narrativa aproxima-se da condição de inadaptado e marginal do protagonista desse último texto. Essas duas posturas tinham de ser combatidas ora pela polícia, ora pelo exército, como é possível perceber nos excertos a seguir:

Pouco a pouco chegou a noite e ele gostou. Saiu do contêiner, e lá adiante, na direção da cidade avermelhava um belo entardecer (...) Logo observou os arredores. Não conseguia se livrar do medo da perseguição. Podiam estar atrás dele (2001, p. 33).

Em pouco tempo me adaptei [à unidade militar], por uma razão essencial: não tinha outra opção. (...) Os escravos africanos que nos precederam setenta anos antes naqueles canaviais pelo menos tinham tambores, negras, álcool e seus deuses iorubas, que os sustentavam e injetavam neles uma energia adicional. (...) Mas nós não tínhamos essa saída. Firmes e machinhos até o fim (2005, p. 121-122).

Nos dois exemplos, a sensação de perseguição e opressão indicam os princípios constitutivos do Estado sobrepondo-se, respectivamente, aos direitos e liberdade humanas. A soberania da nação não implica, nesse caso, a emancipação do indivíduo, pois, apartados da idéia da retórica de um companheirismo fraternal, os dois jovens são submetidos a um paradigma impositivo do qual tentam escapar. É a perspectiva “de fora” que orienta a visão dessas personagens cuja existência é marcada pela expulsão ou pelo exílio.

O pensamento e a consciência podem ser perigosos. A preocupação com a subsistência é menos perturbadora para Rey do que para Pedro Juan:

O tempo passando pouco a pouco. Por sorte, não pensava muito. Não pensava quase nada. Ficava observando em volta, principalmente as mulheres. Tranquilo. Não tinha nada para pensar (2001, p. 28).

Às vezes sentia inveja das pessoas que não liam. Minha vida estava ficando complicada, tentando entender todos aqueles livros. Vivia angustiado. Enquanto isso, os outros deslizavam felizes pelo mundo. Se você não pensa muito, não se atormenta (2005, p. 83).

Se a leitura tem o poder de envenenar Pedro Juan – como fez com Emma Bovary – esse problema não aflige Rey, pois ele está completamente afastado do ensino formal e do mundo dos livros. A presença de Rey é sempre desagradável, quando não ignorada, afinal qual a importância de um “esmoleiro de merda” (p.159), como se refere o narrador, em relação ao protagonista de *O Rei de Havana*?

Um dos pontos em que as duas personagens partilham é o da rejeição, consciente ou não, de certos princípios em torno do significado de nacionalidade, especialmente no sentido de herança de um passado comum e de uma história a ser construída, com vistas aos mesmos objetivos. Tanto Rey quanto Pedro Juan podem ser compreendidos como parte de grupos sociais minoritários, à margem da cidadania política vigente. Esse afastamento ocorre de maneira distinta, mas pode ser relacionado à perspectiva de nacionalidade, como ressalta Santiago¹⁴³:

Dentro do ponto de vista da nacionalidade como a entendemos hoje, esses grupos sociais minoritários se apresentam na cena política como tais, para dizer como foram e estão sendo destituídos de voz (vale dizer de representação nos três poderes), discriminados e perseguidos e, finalmente, estigmatizados (p. 170).

É possível perceber a importância da incorporação política, ainda que essa não se afigure de maneira explícita, no texto narrativo, especialmente no que diz respeito ao ato de leitura, modulado de maneiras distintas nos dois romances em estudo. O narrador em terceira pessoa de *O Rei de Havana* e o narrador em primeira pessoa de *O ninho da serpente* aproximam-se na medida em que apresentam ao leitor temáticas que podem ser lidas sob um viés localista ou cosmopolita. Isso implica, também, a compreensão do ato de ler como contextualizado sob certa ótica política. Cabe ao leitor a organização representativa ou a reconstrução da história local de determinada obra e a sua possível desconstrução – como no caso de *O Rei de Havana* – e, ao mesmo tempo, a incorporação de um universo familiar a certas circunstâncias e espaços geográficos, mesmo à distância.

¹⁴³ SANTIAGO, Silvano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 170.

Por não se enquadrar tão somente a uma realidade cubana, mas, de certa maneira, por desvelar essa sociedade, essas duas narrativas de Gutiérrez combinam feições locais e universais. No entanto, a crítica à ideologia indicada a partir dessas leituras, problematiza a nação, no que diz respeito ao seu status homogêneo e unificado, e estende o sentido de transgressão para a relevância das diferenças.

Tanto o pedinte destituído de voz quanto o jovem de escassos recursos econômicos, indignado com a opressão sofrida na família e na sociedade, tornam-se apenas sínteses de circunstâncias imagéticas que reforçam o caráter de “cosmopolitismo do pobre”, estreitando os laços com realidades cujas identificações ultrapassam o espaço geográfico.

Ainda para Santiago, o multiculturalismo assume, pois, uma nova estrutura que vai além da concepção proposta por Benedict Anderson¹⁴⁴:

Ao perder a condição utópica de nação – imaginada apenas pela sua elite intelectual, política e empresarial, repitamos – o estado nacional passa a exigir uma reconfiguração cosmopolita, que contemple tanto os novos moradores quanto seus velhos habitantes marginalizados pelo processo histórico. Ao ser reconfigurado pragmaticamente pelos atuais economistas e políticos para que se adeque às determinações do fluxo do capital transnacional (...) a cultura nacional estaria (ou deve estar) ganhando uma nova reconfiguração que, por sua vez, levaria (ou está levando) os atores culturais pobres a se manifestarem por uma atitude cosmopolita, até então inédita em termos de grupos carentes e marginalizados em países periféricos (2004 p. 59-60).

A exigência de uma “reconfiguração cosmopolita” do Estado nacional passa ao largo nas representações narrativas, uma vez que os habitantes do espaço diegético encontram-se na circunstância precária de suas próprias misérias. A situação de pobreza dos protagonistas pode ser aproximada à condição de grande parte da população mundial, reforçando o quadro de globalização da miséria não só intrínseca a regimes capitalistas, como sugere Frederic Jameson¹⁴⁵.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 59-60.

¹⁴⁵ Para Jameson, a liberação das energias sociais vinculadas aos movimentos de 1968 coincide com o período de grande expansão do capitalismo no âmbito mundial. Como consequência disso, essas energias passaram a ser absorvidas e neutralizadas pelo mercado, atingindo a natureza e o inconsciente, além de se proliferar com a expansão e o aperfeiçoamento dos *media*. Ver mais em JAMESON, Frederic. *Pós-*

Comum aos protagonistas é a repulsa à ordem padronizada e estabelecida, bem como o desejo de viver em liberdade. Por conta disso, a violência acaba por reger o comportamento dos jovens Rey e Pedro Juan. Dessa maneira, as válvulas de escape passam a ser, respectivamente, o desejo sexual, manifestado de modo agressivo pelo primeiro e a conduta não menos desafiadora, reforçada pela leitura compulsiva do segundo.

A condição de marginalidade imposta pelas inúmeras estratégias de operação da ideologia resulta numa pulsão de violência. A energia vital de Rey, concentrada no seu corpo – como seu único patrimônio- contrasta, ao mesmo tempo em que se aproxima da força intelectual de Pedro Juan, cujo pensamento, alicerçado em suas leituras é, de sua parte, o seu único bem que ainda resta livre. Convivendo em situações extremas de aniquilamento das condições mínimas de subsistência física e moral, Rey acaba por mutilar-se, comete um homicídio e, por fim, tem seu corpo aniquilado. Enquanto isso, Pedro Juan busca uma outra saída, pois percebe que a liberdade supõe a consciência do autoritarismo e somente com a leitura e com escrita o indivíduo pode resistir à dominação ideológica.

Com efeito, a coerção ideológica atua de modo distinto em Rey e Pedro Juan, já que, em relação ao primeiro, o despotismo é empregado a partir da violência e da contenção do corpo, enquanto no segundo, além do corpo como alvo, a opressão procura atingir, sobretudo, o pensamento. Essas duas formas de atuação da ideologia hegemônica lembram a distinção, ainda que em circunstâncias distintas, estabelecida por Tocqueville¹⁴⁶, na primeira metade do século XIX, no que se refere às formas de dominação examinadas no contexto das formações democráticas na América:

Sob o governo absoluto de um homem só, o despotismo, para chegar à alma, atingia grosseiramente o corpo; e a alma, escapando desses golpes, se elevava gloriosa acima dele. Mas, nas repúblicas democráticas, não é assim que a tirania procede; ela deixa o corpo e vai direto à alma. O amo não diz mais: 'Pensará como eu ou morrerá'. Diz: 'Você é livre de não pensar como eu; sua vida, seus bens tudo lhe resta; mas a partir desse dia você é um estrangeiro entre nós (1998, p. 299).

modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 2002, p. 27-79.

¹⁴⁶ TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*: leis e certos costumes políticos que foram naturalmente sugeridos aos americanos por seu estado social democrático. Trad. Eduardo Brandão; prefácio, biografia e bibliografia de François Furet. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Assim, tanto as repúblicas democráticas quanto os governos totalitários fundamentam-se no princípio de sua legitimação pela representatividade de um pensamento comum que, em tese, é partilhado por todos. O governo totalitário impõe o ideário paternalista, segundo o qual o líder do regime dirige a sociedade como se essa fosse sua família, sempre atenta à voz de comando do pai. O governante parte da premissa de que representa o povo e age de acordo com o bem-estar da maioria. Nos governos democráticos, embora esse ideário de representação pela participação direta da maioria seja constantemente reafirmado, a recusa à participação política implica, de certa maneira, um afastamento do sujeito em relação a demandas sociais. A tirania apenas desloca-se ou transmuta-se de um poder emanado de um agente ou pequeno grupo para a maioria da população ou, ao contrário, da maioria da população para um pequeno grupo. Em ambos os casos a exclusão é parte de um processo em que as diferenças são suprimidas.

Rey e Pedro Juan, embora habitem um espaço dominado pelo mesmo governo autoritário, serão atingidos de modo diferente e apenas o último escapará ileso desse contato. Os protagonistas são premiados para a marginalidade, ora sendo excluídos ora controlados pela coerção física e/ou psicológica, indicando que, especialmente nessa última forma, a tirania, a despeito de não ser uma prerrogativa apenas de governos discricionários, encontra diversos mecanismos de sustentação na ideologia de regimes ditatoriais.

As diferenças em relação às maneiras de dominação sobre o indivíduo tais como as empregadas na narrativa de Gutiérrez aproximam-se dos modelos de exclusão ou inclusão como práticas restritivas, conforme as examina Michel Foucault¹⁴⁷, em estudo sobre o poder disciplinar. É possível perceber um primeiro modelo relacionado à forma de exclusão dos leprosos na Idade Média, no sentido de estabelecer tentativas de desqualificar, exilar e declarar como mortos certos indivíduos que poderiam vir a ameaçar a organização disciplinar da sociedade.

¹⁴⁷ FOUCAULT, Michel. *Os anormais*: curso no Collège de France (1974-1975). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

A despeito de sua origem medieval, essa estratégia de exclusão, estudada por Foucault, possui uma trajetória que encontra vinculação à contemporaneidade, como pondera o autor francês¹⁴⁸:

Em suma, eram de fato práticas de exclusão, práticas de rejeição, práticas de ‘marginalização’, como diríamos hoje. Ora é sob essa forma que se descreve, a meu ver ainda hoje, a maneira como o poder se exerce sobre os loucos, sobre os doentes, sobre os criminosos, sobre os desviantes, sobre as crianças, sobre os pobres (2001, p. 54).

Numa aproximação à circunstância vivida pelo protagonista de *O Rei de Havana*, o vínculo a essa forma de exclusão não deve ser desconsiderado, de modo que Rey é praticamente ignorado pelas demais personagens, relacionando-se apenas com Magda, personagem tão miserável quanto ele. A reação à presença de Rey também é sempre negativa e seguida de uma tentativa de exclusão, cuja consequência direta é o deslocamento constante da personagem.

A miséria de Rey equivale, de certo modo, à lepra na Idade Média. Para o adequado funcionamento da sociedade, o rapaz deve ser mantido longe até mesmo do olhar dos outros. O jovem miserável torna-se um indivíduo perigoso, porque a sua exposição já significa uma desestabilização no que concerne ao domínio dos demais cidadãos. Rey é visto, também em seu comportamento e atitudes, como um “estranho” aos olhos dos demais; porém, para si mesmo, essa condição não é evidente. O protagonista de *O Rei de Havana* carrega uma ininteligibilidade própria, fora das leis sociais e que, de certa maneira, pode ser vinculada a uma condição de monstruosidade ou anormalidade, aos moldes da concepção proposta por Foucault¹⁴⁹:

O monstro é paradoxalmente – apesar da posição-limite que ocupa, embora seja ao mesmo tempo o impossível e o proibido-, um princípio de inteligibilidade. No entanto esse princípio de inteligibilidade é propriamente tautológico, pois é precisamente uma propriedade do monstro afirmar-se como monstro, explicar em si mesmo todos os desvios que podem derivar dele, mas ser em si mesmo ininteligível (2001, p. 71).

¹⁴⁸ Ibidem, p. 54.

¹⁴⁹ Ibidem, p. 51.

A importância de Rey, como sujeito social, é nula, e restringe-se ao medo provocado pelos possíveis efeitos que um indivíduo “anormal” ou “doente” possa contagiar o restante da sociedade. Rey é um monstro banalizado e cotidiano que vaga pelas ruas de Havana, provocando indiferença e/ou repulsa. Por esse motivo, a morte do protagonista é apenas a declaração oficial de um fato ocorrido desde a sua fuga do reformatório. O “indivíduo a ser corrigido” ou o “anormal” já não tinha importância para a sociedade e, não por acaso, acaba por fenecer ao redor da montanha de lixo.

Em *O ninho da serpente*, Pedro Juan aproxima-se de um outro modelo de controle do indivíduo, similar ao da inclusão do pestífero, também como assevera Foucault. O poder é exercido de maneira constante e a vigilância é marcada por um policiamento que visa, em última instância, a um controle administrativo. As cidades em estado de peste – em exemplos originalmente da Idade Média, mas estendidos em publicações datadas até o século XVIII- eram divididas por distritos, vigiados por sentinelas e, a seguir, em quarteirões, onde a vigília ficava a cargo dos inspetores. Esses agentes do poder público, por sua vez, transcreviam em seus registros os nomes dos cidadãos habitantes da cidade. Esses deviam apresentar-se à janela de sua casa para fins de informação da administração central.

A ausência do sujeito a essa “chamada” resultaria na conclusão de que o indivíduo estivesse doente e, por esse motivo, seria perigoso, sendo necessária uma intervenção imediata do poder público. Foucault descreve, então, um percurso antitético entre essa forma de vigília e a da exclusão, em relação ao leproso¹⁵⁰:

Não se trata de uma exclusão, mas de uma quarentena. Não se trata de expulsar, trata-se, ao contrário de estabelecer, de fixar, de atribuir um lugar, de definir presenças, e presenças controladas. Não rejeição, mas inclusão. (...) Trata-se de uma observação próxima e meticulosa. Enquanto a lepra pede distância, a peste implica uma espécie de aproximação cada vez mais sutil do poder aos indivíduos, uma observação cada vez mais constante, cada vez mais insistente (2001, p. 57-58).

Esse controle político metuculoso e constante do indivíduo é exercido como uma reação fundamentada num acúmulo de observação e saber. No caso da personagem Pedro Juan, ele pode ser entendido como um “indivíduo a ser corrigido” e, para isso,

¹⁵⁰ Ibidem, p. 57-58.

precisa submeter-se a um sistema de investigação contínua e incessante. Assim, o processo de “normalização” do jovem passa pelo controle da família à vigília do exército, além da contumaz presença da sociedade como repressora das atitudes da personagem.

A única maneira de escapar desse controle contínuo é pela consciência da circunstância de repressão na qual o próprio sujeito está inserido. Pedro Juan sabe que precisa se sujeitar a determinadas regras e, ao mesmo tempo, reconhece que suas idéias eram “diferentes demais para serem ditas em voz alta (p. 76)”. Por esse motivo, seus pensamentos, bem como suas leituras ou idéias sobre a sociedade que o rodeia deviam permanecer escondidos e aninhados, transformando-se, perigosamente, naquilo que ele designa como “o ninho da serpente”.

Com a consciência de que está sendo vigiado, Pedro Juan percorre de maneira pendular o limite entre a lei e a desordem, entre o comportamento adequado às normas impostas pelo exército e a infração dessas mesmas normas, como no episódio em que se envolve numa briga com outro soldado e é expulso do alojamento. Ao mesmo tempo, a leitura é o momento de liberdade, quando a personagem reconhece que sua consciência resiste indelével à pressão do mundo exterior.

A pressão sofrida por Pedro Juan é atenuada quando ele compreende essa tentativa de domínio, mas dispõe de habilidade necessária para resistir ao poder. Essa resistência advém da leitura e da possibilidade de antecipação de experiências e do conhecimento emancipatório e liberador provocados pelo ato de ler. Por essa razão, a leitura é tão perniciosa no contexto descrito em *O ninho da serpente* e a figura do leitor pode ser relacionada ao “anormal”, estudado por Foucault como descendente direto do indivíduo a ser corrigido por meio das modernas técnicas de disciplina.

O “anormal”, no contexto de *O ninho da serpente*, é aquele que não compactua com o pensamento único do governo e da sociedade da qual faz parte. Essa é a atitude de Pedro Juan que, no exército, consegue se dedicar, secretamente, à escrita desafiadora e violenta, como relata ao se referir às suas impressões acerca dos próprios textos:

Em meio àquela atmosfera tão opressiva, eu escrevia meus continhos gerados por uma mente truculenta e, claro, me auto-censurava. Sentimentos de culpa. Exatamente como os jesuítas, quase merecia

umas chicotadas nas costas por meus pecados. Às vezes, me tranqüilizava um pouco pensando que tinha lido muito Edgar Allan Poe. E transferia minhas culpas (2005, p. 145).

O medo da própria escrita e a solidão diante de seu gosto pelas leituras proibidas aproxima a personagem de uma circunstância “anormal” em relação à maioria da sociedade. O protagonista é hábil no jogo conveniente em ora aceitar determinadas regulações e ora recusá-las para preservar sua autonomia de pensamento. De certo modo, Pedro Juan é o louco cujas leituras o empurram para um comportamento violento de repulsa ao autoritarismo, mas, ao mesmo tempo, o instruem – sem apaziguá-lo - para o convívio em meio à repressão.

A relação entre a anormalidade e a opção pela leitura e pela escrita tem outros precedentes. Conforme relata Manguel¹⁵¹, a imagem do louco dos livros remonta ao século XV, quando o doutor em leis, Sebastião Brant, publicou um pequeno volume de versos alegóricos denominados *Das Narrenschiff*, ou *A nau dos insensatos*. Esse texto descrevia, de maneira minuciosa, uma série de loucuras e pecados da sociedade da época, desde o adultério e o jogo à falta de fé e à ingratidão e, com o auxílio preciso de ilustrações que acompanhavam a escrita, alcançou grande sucesso de público. A imagem primeira, logo depois do frontispício do livro, é a que ilustra a loucura do intelectual, mostrando um homem de óculos, cercado por livros, vestindo um gorro de dormir e um espanador para espantar as moscas. Esse homem, retrato do erudito parvo, que acumulou livros, mas não conhecimento, logo se tornou um ícone comum daquele que prefere ler e escrever a observar o mundo de maneira direta.

A imagem da leitura e da escrita escapista acompanha a representação dos leitores e escritores e pode ser vinculada à situação de Pedro Juan, em *O ninho da serpente*, uma vez que o rapaz percebe que faz parte de uma sociedade cuja maioria não lê. Por essa razão, e também por ler textos considerados perigosos, Pedro Juan pode ser compreendido dentro de um modelo semelhante ao da inclusão do pestífero, conforme designa Foucault, isto é, como parte integrante de uma estrutura vigilante que visa a controlar o indivíduo e submetê-lo a um sistema social considerado “normal” e cuja

¹⁵¹ MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 331-334.

operação é ideológica. Contra essas estratégias, o rapaz escolhe a leitura e a escrita, além do comportamento, muitas vezes, provocativo, sobretudo no que se refere ao sexo, como uma linguagem própria e liberadora.

Ao tentar escapar da opressão ideológica que atinge tanto o corpo quanto a consciência, os protagonistas de Gutiérrez entregam-se a um périplo de obsessões sexuais vivenciados até o limite de seus próprios corpos. Para Rey, o corpo possui também um sentido de resistência, na medida em que a personagem adorna seu órgão sexual com esferas de aço, tatua-se, além de recusar-se a tomar banho. O corpo de Rey, contudo, sofre um processo de degradação paulatina em consonância à deterioração do espaço em que ele e sua companheira Magda percorrem. Sem a preocupação com a ruína à sua volta ou de si mesmos, os amantes buscam, intensamente, saciar seus desejos sexuais:

Nenhum dos dois se incomodava com a sujeira um do outro. Ela tinha uma xota um pouco ácida e a bunda cheirando a merda. Ele tinha uma nata branca e fedida entre a cabeça do pau e a pele que a rodeava. Ambos cheiravam a bodum nas axilas, a rato morto nos pés e suavam. Tudo isso os excitava. Quando não agüentaram mais foi porque estavam extenuados, desidratados e anoitecia. Ela e outros viviam ali ilegalmente porque o edifício podia desmoronar a qualquer momento. Portanto, não tinha água, nem gás, nem eletricidade Não tinham nem uma vela. Anoiteceu e continuaram jogados na enxerga, no escuro, meio bêbados, meio estupificados de tanto exagero no sexo (2001, p. 55).

Ao examinar a imaginação pornográfica no interior das obras de arte, em especial na literatura, Sontag¹⁵² observa que a intenção no uso de obsessões sexuais no texto ficcional liga-se a uma agressividade relacionada diretamente às experiências limítrofes da consciência humana. A pornografia não é um fim, mas um meio e, ao mesmo tempo, um dos ramos da literatura que aponta, deliberadamente, para um sentido de deslocamento psíquico ou para uma desorientação.

Voltado para as satisfações do próprio corpo, Rey, além de não acumular experiências, é incapaz de tomar quaisquer decisões ou iniciativas. As suas atitudes concentram-se nas relações sexuais violentas e destrutivas com Magda.

¹⁵² SONTAG, Susan. *A vontade radical: estilos*. Trad. João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Abúlico, o jovem não se interessa por nada, além de caminhar a esmo por Havana. Essa trajetória repete o percurso das personagens vinculadas à imaginação pornográfica, conforme ressalta Sontag, ao estudar o texto de Sade¹⁵³:

A pornografia é principalmente habitada por criaturas como Justine de Sade, desprovidas de vontade e de inteligência e mesmo, aparentemente, de memória. Justine vive em um perpétuo estado de estupefação, jamais aprendendo alguma coisa das violações admiravelmente repetidas de sua inocência. (1987, p.58).

Para Sontag, as personagens que desempenham o papel de objetos sexuais em narrativas de traços pornográficos têm afinidades com a comédia, pois a estrutura cômica orienta a perspectiva a partir de comportamentos exteriores e agitações frenéticas. As personagens, nesses gêneros, não possuem vontade própria e seus corpos são máquinas quase desprovidas de sentimento ou afeto.

Em *O ninho da serpente*, o protagonista reconhece que seu falo adquire existência autônoma, indicando a submissão da personagem aos desejos do corpo, o que não deixa de reforçar a idéia da pornografia como uma paródia de si mesma. Ademais, a imaginação pornográfica pode ser aqui compreendida também como caricatura de uma deformidade sexual, comumente diagnosticada, pelo discurso psicológico ou social, como uma patologia:

Conversava com o meu falo, acariciava-o e o batizei: ‘Panchito’. (...) Enfim, eu era um prato cheio para um psiquiatra ou psicólogo. Fariam uma tese: O estranho caso do falo Panchito. Cyrano de Bergerac era um homem preso a um nariz e Pedro Juan era um louco grudado a um falo. Cheguei a me convencer de que o falo tinha vida própria e independente. Era meu dono e tomava as decisões por nós dois. Acho que consegui detê-lo a tempo, porque nesse passo ia me anular. Panchito podia assassinar Pedro Juan (2005, p. 200).

O potencial desorientador da capacidade sexual humana pode desestabilizar a ordem e a estrutura do sistema social e, por essa razão, ele tende a ser controlado ou, ao menos vigiado. Essa repressão possui ressonância moral e, por isso, o tema da pornografia não é, em última instância, o sexo, mas uma conexão implícita com a morte.

¹⁵³ Ibidem, p. 58.

Não por acaso, a experiência sexual excessiva e sua natureza liberadora tangenciam a condição limítrofe da existência. Nesse sentido, a odisséia da imaginação pornográfica possui um caráter de transgressão e sua representação possui uma profundidade e um universo subjacente que deve ser ouvido, como propõe Sontag¹⁵⁴:

(...) aludi à possibilidade de que a imaginação pornográfica expresse algo digno de ser ouvido, conquanto em uma forma degradada e, com frequência, irreconhecível. Defendo que essa forma espetacularmente confinada da imaginação humana tem, não obstante, seu acesso peculiar a alguma verdade (sobre o sexo, a sensibilidade, a personalidade individual, o desespero, os limites), quando projeta a si própria em arte. (...) Esse discurso, que se poderia chamar 'a poesia da transgressão', é também conhecimento. Aquele que transgride não apenas quebra uma norma. Ele vai a algum lugar onde os outros não vão; e conhece algo que eles não sabem (1987, p. 74).

Escolhendo o caminho do limite e da transgressão, a imaginação pornográfica representa o percurso artístico do protagonista de *O ninho da serpente* para efetuar suas incursões nas fronteiras da consciência humana. O escritor, de alguma maneira, assume a função de representar as formas extremas de conduta que ultrapassam a individualidade psicológica e as obrigações morais. Pedro Juan não se furta a essas experiências. No sentido da imaginação pornográfica aplicada às artes é preciso observar que ela transcende o padrão humanístico próprio à vida em sociedade, o que significa que não pode ser avaliada por esse mesmo paradigma.

Ao mesmo tempo, a representação da pornografia pode sinalizar em direção a outros significados subjacentes a essas imersões na consciência do sujeito, sobretudo no que se refere à dimensão trágica da morte, como resultado dos excessos nos prazeres da transgressão.

A morte do protagonista, em *O Rei de Havana*, reforça a união da escatologia ao imaginário pornográfico, ressaltando, dois elementos que são constantes na narrativa. Reduzido apenas à submissão dos desejos do próprio corpo, o protagonista, ao carregar o cadáver de sua ex-companheira, Magda, é dilacerado por ratos e, mais tarde, por

¹⁵⁴ Ibidem, p. 74.

urubus. Esse processo de desintegração é observado por Cury e Walty¹⁵⁵ e examinado como portador de dupla significação:

Marcado por excrementos – sujeira, sêmen, sangue, suor e fezes – o corpo de Rey é elemento de um processo escatológico em dois sentidos. No primeiro, liga-se a ‘skôr’, ‘scatós’, do grego, significando excremento. No segundo, a éskhatos, também do grego, com a significação de extremo, último, o que contém, ainda, a idéia de renovação, da possibilidade de um novo tempo (Cury e Walty, 2004, p. 59).

Para Rey não há possibilidade alguma de renovação, uma vez que a personagem acaba por se transformar em parte do lixo, em torno do qual ele está sempre se movimentando. De outro modo, a opção por uma escrita que desafia limites como uma forma extrema da consciência humana, relacionada à imaginação pornográfica, articula-se a concepções acerca do papel desafiador do escritor, como destaca Sontag¹⁵⁶:

Seu ofício (o do artista) é inventar troféus de suas experiências – objetos e gestos que fascinam e encantam, não meramente edificam e entretêm (como recomendavam as velhas noções do artista). Seu principal meio de fascinação é avançar mais um passo na dialética do ultraje. Busca tornar sua obra repulsiva, obscura, inacessível; em suma, oferecer o que é, ou parece ser, não-desejado (1987, p. 50).

Essa função do escritor ao trabalhar com o material precípua das obras que se coadunam a um imaginário pornográfico repete, de algum modo, o pensamento representado pela personagem Pedro Juan, quando esse reflete sobre como seria a sua poética, como é possível observar no excerto a seguir:

Todos querem ser agradáveis, cultos e precavidamente sensatos. Isso não me interessava. De forma que a primeira providência era me afastar desse tipo de gente. O aprendizado seria solitário. (...) Tem de arriscar. Quem não se atreve a chegar ao limite não tem o direito de escrever. É preciso empurrar todos os personagens até o limite (2005, p. 80-81).

¹⁵⁵ CURY, Maria Zilda. WALTY, Ivete Lara Camargo. In memoriam: escrita e lixo. Cerrados. Revista do Programa de Pós-graduação em Literatura. N. 17. (Literatura e Globalização), 2004, p. 59.

¹⁵⁶ Op. Cit. p. 50.

Diferente de Rey, Pedro Juan ainda reflete a respeito de suas obsessões sexuais e a maneira como ele se entrega a esses desejos. Contudo, para Pedro Juan, a violência, o limite e a escatologia têm um outro significado, isto é, o da rebelião contra o poder, ou contra a autoridade.

A transgressão, tendo o imaginário pornográfico como circunstância limítrofe, reveste-se de uma forma de conhecimento que permite ao leitor partilhar de uma linguagem violenta e agressiva, oferecendo-o algo indesejado e desorientador. A expressão da pornografia, por conta de sua natureza provocativa, não pode ser vista de outra maneira, no contexto ficcional de *O ninho da serpente*, ou, de modo mais acentuado em *O Rei de Havana*, senão como subversiva. O imaginário pornográfico serve, em sua linguagem extrema e autêntica, para chamar a atenção e provocar repulsa, desestabilizando, assim, valores morais, bem como questionando tabus e interdições.

A religião católica e toda a sua simbologia são, igualmente, rejeitadas tanto por Rey quanto por Pedro Juan. Para o primeiro, a lembrança da mãe blasfemando e a experiência de uma vida de privações e miséria não deixam espaço para a crença em um mundo melhor, longe de sua circunstância imediata e concreta. Pedro Juan, de sua parte, duvida da condição divina da Igreja, ao desconfiar de seus representantes, os padres, além de contestar as teorias professadas pelos mestres religiosos nas aulas de catecismo.

Os dois protagonistas não adoram as imagens de santos ou de Jesus Cristo, associando esses relicários a formas de ganhar dinheiro, como quaisquer outras, posto que Rey, por exemplo, utilizava uma reprodução – que ele mesmo chamava de “boneco” - de São Lázaro para esmolar e Pedro Juan divertia-se tentando acertar, com uma bolinha de borracha, o Jesus Cristo de gesso da parede de seu quarto.

Mesmo que pareça improvável, é possível aproximar alguns princípios do cristianismo ao socialismo cubano. Essa identificação é admitida pelo próprio Fidel Castro no livro *Fidel e a religião*¹⁵⁷, escrito a partir de 23 horas de conversas gravadas em entrevista ao brasileiro Frei Betto. A obra, publicado em 1985, é um dos textos mais vendidos na Ilha e mostra o comandante manifestando-se sobre a Igreja Católica:

¹⁵⁷ BETTO, Frei. *Fidel e a religião*: conversas com Frei Betto. 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

(...) poderíamos subscrever perfeitamente quase todos os mandamentos da lei de Deus. São muito parecidos com os nossos. Se a Igreja exige: “não roubar”, também aplicamos com rigor este princípio. (...) Se a Igreja exige: “amar o próximo como a si mesmo”, é precisamente o que pregamos através do espírito de solidariedade humana que está na essência do socialismo e do comunismo. (...) Se a Igreja exige: “não mentir”, entre as coisas que mais censuramos, criticamos e repudiamos com firmeza está a mentira. (...) Quando, por exemplo, a Igreja incute o espírito de sacrifício e de austeridade ou valoriza a humildade, também valorizamos exatamente o mesmo, quando afirmamos que o dever de um revolucionário é o de estar disposto ao sacrifício, à vida austera e modesta (p. 257).

Se o poder da Igreja está alicerçado em dogmas de fé que, por esse mesmo motivo, são incontestes, a aproximação estabelecida por Fidel Castro sugere que a crença do revolucionário no Estado também deva ser indiscutível. Nesse ponto, o Estado exerce o mesmo poder ideológico de dominação da Igreja, fundado no proselitismo e na adesão absoluta a seus princípios.

Em *O Rei de Havana* e *O ninho da serpente*, a reação dos protagonistas contra a religião e a Igreja pode ser examinada principalmente em dois momentos das narrativas. No primeiro, uma das amantes de Rey o adverte por blasfemar e ele responde enfurecido e, no segundo, Pedro Juan lembra da origem de seus conflitos com as idéias católicas:

– Chega. Vou rezar por você. Deus tem que perdoá-lo.
 – Deus uma porra! Deus uma porra! Deus não existe porra nenhum. Você vive feito uma rainha. Claro que tem que acreditar em todos esses santos e no baralho e nessa merda toda. Eu não acredito em nada! Não acredito nem em mim.(2001, p. 182).

Aos treze anos havia entrado em crise com as idéias católicas. Mas minha mãe insistia em manter Jesus Cristo na cruz pendurado em cima da minha cama. (...) Eu já fora muitas vezes à fabrica de jesus cristos. O dono era um sujeito jovem, vizinho nosso. Tinha uns moldes que enchia de gesso. Depois pintava as estátuas à mão e pronto. Vendia os bonecos feito pão quente. Um negócio vulgar (2005, p. 77).

Para Rey, a crença em Deus vincula-se à condição de vida da pessoa. Portanto, como Daisy possui algum conforto é natural que ela acredite em algo transcendente. As dificuldades de sobrevivência fazem com que Rey se irrite com qualquer tentativa de

fuga do mundo concreto cuja busca por subsistência o consome em tempo integral. Rey vive no presente imediato e não tem planos para o futuro. A religião, como uma promessa de felicidade, não tem poder de atração sobre a personagem.

Pedro Juan critica a religião a partir da comercialização de imagens de Jesus Cristo. Esse comércio descrito como um “negócio vulgar” esvazia o significante material, ou seja, separa a imagem de seu significado tradicional e religioso. De outra maneira, o conflito de Pedro Juan com a religião acontece em função do sentido de autoridade e de imposição da verdade absoluta professada pela Bíblia e que não admitia contestação. Numa atitude coerente em relação a sua postura na narrativa, a revolta contra um poder estabelecido, mais uma vez, se redimensiona.

Aos dois jovens é negada a perspectiva de futuro. A ideologia atua por meio da eternalização, isto é, revelando o presente como uma reiteração constante do tempo passado e, justamente por isso, obliterando o futuro, como revela o trecho abaixo de *O ninho da serpente*:

Acho que ao meu redor ninguém lia. Além disso, os mais velhos eram chatíssimos. Só falavam de política. Agora esse era o tema único. Obsessão total e asfixiante. De forma que me vi obrigado a dar-lhes as costas e escapar. (p. 82).

A consciência de Pedro Juan em relação à sociedade na qual ele transita – ora no centro, mas principalmente à margem - o faz perceber o tema único e asfixiante das pessoas mais velhas, habitantes de Cuba: a política. Nesse caso, o assunto predominante é mostrado como uma obsessão que acaba por eliminar o pensamento que seja distinto. De certa maneira, a concepção de política tal como é apresentada afasta-se do seu sentido original, conforme pensa Arendt, isto é, a liberdade.¹⁵⁸ Assim, ao invés da promoção do indivíduo com a garantia de um espaço de participação dentro da sociedade, a política é revelada como um modo de aniquilar interesses conflitantes e, por consequência disso, a alternativa encontrada pelo jovem é a fuga do convívio com os demais.

¹⁵⁸ Para Hannah Arendt, a política baseia-se na pluralidade dos homens e deve tratar da convivência entre as diferenças. Desse modo, se pluralidade implica coexistência de diferenças é a liberdade, pois, que deve garantir o convívio dos indivíduos na polis. Essa liberdade precede leis, convenções ou imposições pois é parte da natureza do ser político e todas as normas que emanam da sociedade devem assegurar o desenvolvimento e a espontaneidade humanas. Ver mais em ARENDT, Hannah. *O que é política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

À parte das possíveis aproximações entre a opressão sentida pelas personagens em face à ideologia dominante, o que reveste de sentido o percurso diegético de Pedro Juan em relação a Rey são as leituras. Próxima da afeição aos livros encontra-se o desejo por ser escritor, ofício “diabólico” e que, logo, se transforma numa convicção. Numa resposta particular à uniformidade de comportamento vigente, Pedro Juan procura jogar com as armas das quais dispõe: o texto e a linguagem.

O jovem aprende a conhecer as regras sociais e percebe que pode escrever tanto uma crônica laudatória, à guisa de exercício, aos companheiros da unidade militar, quanto seus contos sinistros, levados a cabo por seus desejos mais íntimos. Embora saiba como agradar, não é essa a intenção de Pedro Juan, ainda reconhecendo-se como aprendiz do escritor que gostaria de ser. Contudo, é a partir desses exercícios que o jovem vai colhendo suas próprias lições.

Numa livre aproximação de entrecruzamento possível de leitura e de seus também possíveis efeitos, *O Rei de Havana* cuja edição brasileira é de 2001, poderia ser compreendido como uma aplicação das teorias armazenadas pelo escritor incipiente de *O ninho da serpente* – embora seja mister ressaltar a publicação daquela obra como anterior a esta. Ainda que ambos sejam textos ficcionais, o subtítulo *memórias do filho do sorveteiro*, aliado à coincidência entre o nome do autor e do protagonista – alertada na advertência de abertura da narrativa – autoriza o leitor a transgredir, com cautela, o espaço representativo.

O liame principal entre os dois textos reside na provocação à ideologia e à estrutura social que a sustenta, pois a leitura de *O Rei de Havana* ainda é interdita em Cuba e, ao mesmo tempo, determinados textos apresentam-se como desvio ideológico no contexto ficcional apresentado em *O ninho da serpente*. Como em um jogo de espelhos, a realidade narrada pelo protagonista Pedro Juan é uma representação do destino dos textos do escritor Pedro Juan em Cuba. Assim, os textos lidos pelo protagonista de *O ninho da serpente* podem ser vistos como tão desaconselháveis quanto as próprias narrativas de Gutiérrez.

Pedro Juan manifesta um desejo de chegar ao limite do tolerável na relação com o leitor, além de confrontar a sociedade opressora e de padrões uniformes da qual ele

faz parte, como afirma, numa “poética” bastante particular, o narrador de *O ninho da serpente*:

(...) fui entendendo que escrever é um ofício diabólico. Pelo menos escrever do modo que me interessava. É preciso botar para fora a raiva e a loucura, mas de um modo natural, que não pareça literatura. (...) Eu queria conjurar o demônio e escrever sobre tudo o que as pessoas escondem. Todos querem ser agradáveis, cultos e precavidamente sensatos. Isso não me interessava. De forma que a primeira providência era me afastar desse tipo de gente (p. 80).

Ao mesmo tempo, o narrador-personagem revela a intenção de provocar seus potenciais leitores ao buscar o que é mais íntimo e particular nesses mesmos indivíduos, num percurso solitário de uma escrita do quase inefável e, por isso mesmo, proibida. Uma busca, enfim, “diabólica”, como ele mesmo define e sem limites.

De outro lado, a personagem possuída por uma violência instintiva, como Rey, parece ser a completa tradução do resultado de uma escrita atravessada pela raiva e pela loucura. A demência insólita desse “rei da periferia” é, em última análise, uma provocação ao leitor e, no limite, um insulto à passividade, como na descrição do assassinato de Magda.

A narrativa crua é o objetivo de Pedro Juan, o aprendiz de escritor e narrador de *O ninho da serpente*. Dessa maneira, a morte de Magda e, mais adiante, a própria morte de Rey, mutilado por mordidas de ratos e devorado por urubus, são a condução das personagens ao limite, num texto que, em uma possível aproximação com a “poética” desenvolvida pela personagem de *O ninho da serpente*, constituir-se-ia numa escrita ideal. Ao mesmo tempo, configura-se aí um estado de permanente tensão entre o narrador e o leitor. E, mais uma vez, Pedro Juan não pretende fugir do desafio:

(...) Tem de arriscar. Quem não se atreve a chegar ao limite não tem o direito de escrever. É preciso empurrar todos os personagens até o limite. É preciso aprender a fazê-lo. Mas ninguém pode ensinar como se faz isso (p. 81).

O entrecruzamento sugerido entre os dois textos expõe a tênue linha que distingue ficção e história. Por outra via, a crueza e a objetividade utilizadas pelos

narradores revelam a conversão da verossimilhança em ilusão que toma o lugar da realidade. Mais uma vez, a figura de D. Quixote, como caracteriza Stierle¹⁵⁹, exemplifica essa relação problemática no que se refere à recepção pragmática dos textos ficcionais:

Nos inícios do romance banal moderno e da tradição do anti-romance, sempre oposto àquele, coloca-se o D. Quixote como a figura clássica do leitor que não lê, preso que está ao poder ilusório do texto, leitor para o qual os estereótipos de sua leitura só se transformam nos estereótipos de sua ação e de sua ação verbal porque ele, por assim dizer, perdeu o próprio texto (1979, p. 136).

A circunstância de “perda do texto” apresenta-se de modo diverso nas narrativas de Gutiérrez. Em *O Rei de Havana*, a recepção textual conduz o equivalente da ação verbal para um substituto ilusório do mundo da ação, na medida em que a situação descrita na narrativa expõe, ao contrário de Quixote, uma personagem que não lê, mas é “lida” por um narrador, despreocupado com idealizações em meio ao mundo miserável do qual Rey faz parte.

A mudança da ficcionalidade em ilusão que se apropria do campo de atuação do leitor resulta, simultaneamente, numa perda do texto e da realidade. No instante em que a realidade é traduzida e essa tradução, ainda que seja irreduzível à realidade, toma o lugar do objeto representado ou referencial, tornam-se indistintas as esferas do social e do literário.

É evidente que o jogo textual, proposto pelo narrador de *O Rei de Havana*, serve para acentuar um caráter cada vez mais ficcional da realidade e, ao mesmo tempo, indica uma presença cada vez mais forte da realidade na ficção. Talvez uma das tantas “chaves” possíveis para a compreensão da leitura de *O Rei de Havana* quase como um documento da realidade esteja nas ponderações do narrador de *O ninho da serpente*:

Tudo tem de parecer espontâneo. É preciso construir um universo próprio e depois esconder os andaimes. O leitor tem de se convencer de que o livro foi escrito sem esforço nenhum, como as gazelas correndo. Esse era o meu ideal (p. 80).

¹⁵⁹ STIERLE, Karlheinz. O que significa a recepção dos textos ficcionais. In: LIMA, Luiz Costa (org). *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

A perda do texto, em *O Rei de Havana*, aponta para a literatura não mais como uma evasão da realidade, mas como um indicador da necessidade de reflexão do estatuto da ficção, em relação ao tecido social. Logo, o texto, nessas condições, torna-se pernicioso por aproximar-se tanto do real a ponto de neutralizar a ficção. Assim, o perigo do texto não reside mais, como preconizava Platão, no afastamento da realidade, mas justamente no seu contrário e, nesse sentido, o texto aparece como prolífico em discursos diferentes do hegemônico e, portanto, condenável aos olhos dessa perspectiva.

Em *O ninho da serpente*, o protagonista também incorpora o texto à sua vida cotidiana. Os livros representam, a um tempo, uma orientação para a sobrevivência numa sociedade opressora, além de um estímulo à liberdade de pensamento e à compreensão da alteridade, como empolga-se o narrador, em determinado momento, ao referir-se às suas descobertas: “Devorava tudo. Insaciavelmente. Existiam outros mundos além do meu. E eu os descobria pouco a pouco.(...) Sublinhava tudo. Eu achava que tudo era importante” (p. 80).

Os textos, no interior da narrativa, também são considerados perigosos, haja vista o atributo de “diversionismo ideológico” do qual eles são revestidos. Assim, o leitor desses textos - Pedro Juan, o protagonista - transpõe o núcleo de recepção para a esfera de ação. No âmbito exterior à narrativa, é evidente que o leitor desse leitor – ou o receptor de *O ninho da serpente* – buscará uma relação entre autor, narrador e personagem, perfeitamente autorizada em função da coincidência estabelecida de nomes, cronologia e também de espaço compartilhados.

É preciso atentar para a perspectiva aqui proposta sobre a noção de perda do texto. A perda do texto não significa um apagamento dos elementos de ficcionalidade, mas a relativa neutralização desses por meio de um jogo ilusório cuja potência chega a tomar lugar do mundo da ação. Assim, o percurso de subsistência de Rey é elaborado de tal forma que parece se concretizar – e aí reside, insiste-se, o seu perigo. De outra forma, as leituras de Pedro Juan são tão vinculadas ao seu desejo de liberdade que também se tornam parte de sua realidade: “A tormenta crescia em minha cabeça. Para me distrair tive a idéia de ler as primeiras páginas de ‘A metamorfose’, de Kafka. Fiquei aterrorizado. (...) Que horror! Eu podia me transformar numa baratona” (p. 80).

Com isso, a perda do texto é mais uma estratégia ficcional de “construção de um universo, escondendo seus andaimes” (p.80), isto é, a aparência de uma familiaridade entre o texto e o mundo real. Logo, antes de uma interpretação da realidade ou uma definição entre os campos de atuação da sociologia e da literatura, essa perda do texto indica uma confluência e um caráter indissociável entre ficção e realidade. Essa noção perturba não só as teorizações acerca da narrativa como também a ideologia e, por esse motivo, as leituras são tão perniciosas, no sentido aqui destacado.

O perigo da leitura, ressaltado como um dos elementos temáticos em *O ninho da serpente* é revelado, também, no âmbito da linguagem e expressão em *O Rei de Havana* e acabam por se apresentar, não de maneira explícita, mas no modo de relatar histórias tão verossímeis quanto cruéis. Esse choque afronta, desperta e deforma até mesmo o mundo estável do texto. Implicitamente, contudo, esse imaginário, ao debilitar o mecanismo de censura do narrador, traz à tona universos que são acionados pela ficção, como argumenta Costa Lima¹⁶⁰ ao explicar a noção relativa ao fingimento poético:

Finjo que o que eu faço é literatura, finjo que a minha preocupação é com ritmos e histórias inventadas, aprendi na escola que no poema não há afirmações falsas ou verdadeiras. Com isso, me dou condições de fazer sistematicamente que o chiste, o esquecimento ou a troca de nomes me permitem no seu raro instante: trazer à consciência da letra o que estivera perdido no mar profundo do inconsciente. E, sendo o inconsciente desejo e a ideologia, defesa, a fala organizada do inconsciente é um ataque, se bem que anárquico, à ideologia (p. 683).

Para além do próprio autor, o texto atinge o inconsciente e perde, muitas vezes, seu propósito original. No entanto, a ficção de Pedro Juan Gutiérrez é tão minuciosamente elaborada que essa realidade textual parece tomar lugar do mundo empírico. A ficção é dolorosamente real e, talvez por isso, assombre tanto. A perda do texto é, em última análise, a consciência da instabilização da ordem e do equilíbrio da narrativa. Essa ótica, em determinado nível, é salientada no âmbito da narrativa:

Sempre acreditei que era possível viver com ordem, equilíbrio e medida. Todos me enfiavam isso na cabeça: escola, pais, igreja, imprensa. Pátria, Ordem Liberdade. Egalité, fraternité, liberte. A vida é pura, bela e perfeita. Como numa revista de decoração de interiores.

¹⁶⁰ COSTA LIMA, Luiz (Org). *Teoria da literatura em suas fontes*. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002.

Tudo se encaixa milimetricamente e não há sujeira à vista. (...) Depois saí para rua. Sozinho. E essas idéias se atrapalharam. Tudo confuso (p. 57).

Tudo muito porco. As pessoas desalinhadas descaradas e barulhentas. As mulatas recém-chegadas do Leste, com suas bundas grandes e tentadoras, dispostas a tudo por três ou quatro pesos. Que bom. Varadero era limpo e bonito demais, tranqüilo e silencioso demais. Não parecia Cuba (p. 157).

A ordem aparente da sociedade é desconstruída por um texto cuja miséria e a degradação social incorporam-se ao universo da ficção. A narrativa não assegura mais a harmonia e a estabilidade. O avesso dessa perspectiva textual encontra-se no modo de operação da ideologia designado, conforme Thompson¹⁶¹, como legitimação. Por intermédio da consideração de determinadas relações de poder como legítimas justas e dignas de apoio, a narrativização configura-se em estratégia típica de construção simbólica, na tentativa de reforçar a ideologia hegemônica.

A desordem, o desequilíbrio e a desestabilização que compõem o cenário descrito em *O Rei de Havana e O ninho da serpente* são também formas de questionamento à legitimidade de certa organização social. Nessas narrativas, não há um reforço no sentido de mostrar a ordem aparente da realidade cotidiana, mas, por outro lado, evidencia-se o caos que contrasta com a narrativa contada na escola, na família, na igreja e na imprensa, especialmente ao rapaz, no primeiro excerto. Assim, essa estratégia típica de ideologia, isto é, a da narrativização, tal como é representada no interior do texto é contestada em sua função de sustentar ou preservar relações de poder.

A solidão da personagem Pedro Juan, de certo modo, simboliza o contato entre o leitor e o texto. As relações estabelecidas entre essa personagem e o universo narrativo representam, em determinado momento, uma maneira de compreender o mundo em que vive, antecipando, assim, experiências e enriquecendo-se em meio a um ambiente coercivo. Já Rey é um prisioneiro da experiência pura e sua ação, movida pelos instintos de sobrevivência, aproxima a sua existência a dos animais cujos atributos são recorrentes no texto uma vez que ele “ficava excitado ao se cheirar como fazem os macacos e muitos outros animais, inclusive o homem” (p.162), além de sentir, freqüentemente, uma “fome do cão” (161) e, sobretudo, por viver como um bicho, quase sem sentimentos ou reflexões acerca de suas atitudes.

¹⁶¹ THOMPSON, J. B. Op. Cit. p. 82-3.

Ambos os textos mostram percursos marginais como o do rapaz que lê em busca da liberdade, do desejo de conhecer outros pensamentos e, também, reconhecer sua identidade ou do jovem acusado injustamente do assassinato da família e que é excluído da sociedade e tratado como “um piolho infeliz” ou um “esmoleiro de merda” (p. 159).

É solitário tanto o leitor quanto o pedinte representado nos textos, pois ambos estão fora da concepção pragmática e utilitária da sociedade da qual fazem parte. A leitura é vista como evasão superficial que afasta o indivíduo de seu compromisso social e de sua finalidade revolucionária, mas que, no entanto, esconde o interesse de certo grupo hegemônico. De sua parte, o pedinte é a face obscura ou o resultado frustrado de uma sociedade que sempre propalou a busca pelo bem-estar comum. As trajetórias dessas personagens afrontam a idéia de manutenção das relações de dominação, uma vez que expõem as feridas da subordinação e das assimetrias inerentes à concepção aqui aceita como ideologia.

A aproximação entre a trajetória do homem das letras e do sujeito que vive dos restos que a cidade oferece já aparece em Benjamin¹⁶² quando ele se refere ao poema de Baudelaire, da primeira metade do século XIX, intitulado *O vinho dos trapeiros*. O trapeiro é o homem que recolhe o que a cidade jogou fora, o que ela destruiu ou desprezou. Esse capital do lixo é compilado por esse indivíduo. Da mesma forma atua o poeta que, também solitário, encontra nas ruas e no próprio lixo da sociedade o seu assunto heróico. Ambos também atuam enquanto os outros dormem. No entanto, o trapeiro não pertence à boêmia, como afirma Benjamin¹⁶³:

Naturalmente, o trapeiro não pode ser incluído na boêmia. Mas, desde o literato até o conspirador profissional, cada um que pertencesse à boêmia podia reencontrar no trapeiro um pedaço de si mesmo. Cada um deles se encontrava, num protesto mais ou menos surdo contra a sociedade, diante de um amanhã mais ou menos precário. Em boa hora, podia simpatizar com aqueles que abalavam os alicerces dessa sociedade. O trapeiro não está sozinho no seu sonho. Acompanham-no camaradas; também à sua volta há o cheiro de barris e ele também encaneceu em batalhas. (1989, p. 17).

¹⁶² BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. 1 ed. São Paulo: brasiliense, 1989.

¹⁶³ *Ibidem*, p. 17.

Há, portanto, uma trilha similar percorrida entre Rey e Pedro Juan. Tal como o trapeiro e o poeta, os dois vivem das sobras da sociedade, já que o pedinte necessita dos restos e do lixo para sua subsistência e o aspirante a escritor, no clima de opressão, lê os textos que a sociedade desprezou. Pedro Juan, de algum modo, precisa da leitura para sobreviver. O passo errante de Rey que se detém para coletar os restos é, igualmente, o mesmo passo de Pedro Juan que examina o mundo em busca da matéria-prima para seus escritos ainda incipientes. Os dois caminham rumo ao limite de suas existências e não escondem suas discordâncias em relação ao universo em que vivem. O trapeiro e o poeta, por fim, como Rey e Pedro Juan atuam enquanto os outros dormem.

A vinculação do percurso das personagens e de suas relações com o universo textual revela as maneiras como as formas simbólicas coadunam-se a contextos sociais, bem como circulam no mundo social. As formas simbólicas, entendidas como textos, ações e falas são produzidas por sujeitos e reconhecidas como construtos significativos. No caso dos textos analisados, as formas simbólicas indicam a interdição das ações das personagens em função do acesso ao poder, haja vista a manutenção permanente de certo grupo de agentes, no que se refere às relações de dominação.

Com efeito, nos dois textos a rebelião realça o regime opressor, embora essas formas simbólicas não sejam ideológicas, de acordo com a concepção de ideologia aqui estudada. As narrativas de Gutiérrez aproximam-se, antes, a uma perspectiva contestatória ou transgressora como num espelhamento à idéia de leitura sugerida em *O ninho da serpente*. Desse modo, o perigo do texto para a personagem Pedro Juan reflete o perigo do texto do autor empírico Pedro Juan no contexto autoritário do regime vigente em Cuba.

Os textos de Gutiérrez se aproximam ao revelar relações de poder existentes e acabam por denunciar a ideologia, em seu caráter assimétrico. Assim, os protagonistas das narrativas são personagens que figuram à margem do processo de decisão e, por conseguinte, estão submetidos à imposição direta ou indireta do Estado, por meio da família, da escola, dos reformatórios ou do serviço militar. As formas simbólicas são contestadas a partir de sua representação, como, de fato, é possível ocorrer, conforme pontua Thompson¹⁶⁴:

¹⁶⁴ THOMPSON, J. B. Op. Cit. p. 91.

Formas ideológicas podem, certamente, ser desafiadas criticadas, contestadas e destruídas, e elas, frequentemente, são desafiadas, tanto explicitamente, em ataques articulados e organizados, como implicitamente, nas trocas simbólicas corriqueiras do dia-a-dia. Essas intervenções desafiadoras, transformadoras (do status quo) podem ser descritas como formas simbólicas contestatórias ou, mais especificamente, como formas incipientes da crítica da ideologia (p. 91).

A contestação à ideologia, nessas narrativas afigura-se na trajetória das personagens por caminhos da margem cuja revolta, de maneira silenciosa, vai, aos poucos, se configurando e se acentuando. A escolha das personagens mostra, portanto, a opção pelo lado bárbaro e avesso ao corpo social tal qual ele se apresenta. A crueza e objetividade narrativa, presente na linguagem, dentro do campo de expressão, também se vincula ao sentido e ao propósito do jogo textual de oferecer a realidade como se fosse ficção. Cumpre salientar que o “real” apresentado nas narrativas pode ser aproximado, a partir da concepção sombria consagrada ao Mal, como oposto ao Bem, na condição de valor absoluto.

Há, nas narrativas de Gutiérrez, a perspectiva da imposição da ideologia como um “Bem” consensual e legítimo a ser estendido aos cidadãos, independente de suas vontades. Em nome dessa justificativa, os regimes autoritários alicerçam-se para construir a base do pensamento único da nação estável, harmônica e homogênea.

Com intuito de romper esse controle e essa ilusão, construídos artificialmente pela retórica ideológica, a representação das personagens Rey e Pedro Juan assumem, num cenário urbano e caótico, uma postura violenta e destruidora. Se a ideologia é plural nas suas estratégias e modos de operação, a resistência a ela também muda de acordo com o instante e a forma que ela assume. Logo, como resposta às tentativas de dominação os protagonistas reagem seja pela silenciosa inatividade de Reynaldo, numa sociedade que cobra o comprometimento, seja pela leitura contumaz de Pedro Juan, numa sociedade preocupada especialmente com ação política.

Sem idealizações, Rey e Pedro Juan funcionam como elementos de subversão ao poder oficial. Nessa postura, cabe tanto a indiferença em relação ao saber, quanto a busca de um saber proibido ou interdito. Se o poder oficial representa a conformidade e o desejo (ao menos manifesto) do bem-estar comum, o contraponto a isso só pode ser dado pela via contrária, ou seja, a rebelião dionisíaca e libertária.

Constatando a volta do mal na sociedade contemporânea, Maffesoli¹⁶⁵ não deixa de perceber, a partir dessa realidade, uma energia, geralmente obscurecida e escondida, mas que anima a existência social:

Eis aí o surpreendente ou destoante paradoxo. Ao celebrar e reabilitar o Mal, a criação, que não é mais excepcional ou reservada a alguns, é expressão de vitalidade, forma banal do vitalismo, afirmação da vida. É verdade que esta estética, vivida no dia-a-dia, continua invisível para os que se sentem investidos do direito de gerir ou pensar as instituições sociais. Mas nem por isso deixa de constituir a verdadeira centralidade subterrânea, aquela sobre a qual reina, para usar a expressão simmeliana, o ‘rei clandestino’ da época. Ela gera intranqüilidade, e até mesmo ‘espanto’. Mas quase sempre o trovão é necessário para arrancar o torpor degradante de uma vida sem sabor (2004, p. 188).

Para o autor francês, o (re) nascimento para um real plural relativiza valores e aponta para a necessidade do reconhecimento do papel do excesso, bem como o de Dionísio como o “rei clandestino” em nossa época. A compreensão do vínculo orgânico entre o Bem e o Mal, afastada da perspectiva comum de paradoxo, segundo Maffesoli, constitui junto a expressões do trágico humano num despertar societário.

Em *O Rei de Havana* e *O ninho da serpente* os protagonistas revestem-se de características ambivalentes e representativas dessa relação entre o Bem o Mal. Assim, o mesmo Rey que amava Magda, sua namorada, sentiu-se impelido a assassiná-la e, após isso, ainda fez sexo com o cadáver. Na outra narrativa, Pedro Juan sensibilizava-se com a literatura, mas era atraído pelo desejo de violência. Ambas as personagens também habitam o mundo da sombra e, igualmente, terminam solitários.

As atitudes de Rey e Pedro Juan indicam, no sentido destacado por Maffesoli, expressões de vitalidade cujo efeito pretendido parece ser o espanto imediato do leitor. Por essa razão, a verossimilhança como estratégia de construção textual revela um cotidiano de miséria e caos que aponta para o inconformismo em relação à sociedade onde ambos vivem. A leitura, nesse ponto, mobiliza o leitor a prestar a atenção às restrições vividas pelas personagens, sinalizando para a necessidade de uma transformação.

¹⁶⁵ MAFFESOLI, Michel. *A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Na medida em que a experiência literária do leitor entrecruza-se com a expectativa de sua vida prática, a função social da literatura é concretizada. Assim, a compreensão de mundo do leitor é formulada ou reformulada e, como consequência, o seu comportamento social recebe essa influência. Logo, a leitura pode inspirar a mudança de comportamento dos leitores, uma vez que alteradas suas visões de mundo, eles podem passar a contestar a realidade existente.

Esse temor provocado pelos livros é representado de maneira constante em *O ninho da serpente* e vincula-se ao ideário de interdição de determinados textos na sociedade cubana. A leitura, na concepção de desvio ou diversionismo, assume a condição de forma simbólica contestatória e crítica em relação à ideologia. Assim, o temor em relação à natureza emancipatória dos textos afirma-se como um constrangimento comum, especialmente em regimes totalitários.

A leitura literária pode representar uma ação subversiva, tendo em vista a sua natureza, conforme destaca Escarpit¹⁶⁶:

El acto de lectura literaria es, pues, a la vez sociable y asocial. (...) Por esto su motivación es casi siempre una insatisfacción, un desequilibrio debido ya a causas inherentes a la naturaleza humana (brevedad, fragilidad de la existencia), al choque de los individuos (amor, odio, piedad) o a las estructuras sociales (opresión, miseria, miedo al futuro, aburrimiento). En una palabra, es un recurso contra lo absurdo de la condición humana. Um pueblo feliz quizá no tendría historia, pero ciertamente no tendría literatura, pues no sentiria el deseo de leer (1971, 116-117).

Assim como o desejo de ler vincula-se a motivações relacionadas a uma insatisfação é possível supor que o ato de escrever, de alguma maneira, partilhe dessa mesma raiz. Desse modo, a escrita sobre personagens empobrecidos e cenários em ruínas indica a margem como local de enunciação. Essa escolha do deslocamento como estratégia discursiva pode ser entendida também como um recurso contra-ideológico, na medida em que afronta as ficções oficiais sustentadas pelo poder do Estado.

Levando-se em conta a narrativa estatal como um recurso de propagação ou difusão ideológica, especialmente quando essa mesma narrativa procura asseverar a

¹⁶⁶ ESCARPIT, Robert. *Sociología de la literatura*. Barcelona: oikos-tau, 1971, p. 116-117.

condição da nação como homogênea e única, podemos pensar os textos aqui enfocados como uma representação que sugere a contestação às tentativas de estabelecimento e das relações asssimétricas de poder. A nação, sob essa ótica mencionada, de raiz substancialista, contrapõe-se à transposição das categorias das ciências naturais para as ciências humanas, em que Lyotard¹⁶⁷ examina a condição pós-moderna como uma rede de comunicações lingüísticas cuja ciência, política e arte são definidas a partir de uma relação de disputa. Essa condição, pois, trata de rechaçar a sociologia positivista, em sua perspectiva de realidade orgânica, e o marxismo, na sua concepção dialética de conflitos, uma vez que assevera a impossibilidade de se ultrapassar a linguagem, dada a natureza fragmentada e parcial de toda a compreensão, bem como a sua variabilidade histórica e cultural.

Assim, o pós-modernismo, na visão de Lyotard, comemora o “fim da metanarrativa” como falência do conhecimento absoluto, conforme afirma Chauí¹⁶⁸:

(...) relegando à condição de mitos eurocêtricos totalitários os conceitos que fundaram e orientaram a modernidade: as idéias de verdade, racionalidade, universalidade, o contraponto entre necessidade e contingência, os problemas da relação entre subjetividade e objetividade, a história como dotada de espírito imanente, a diferença entre natureza e cultura etc. Em seu lugar, afirma a fragmentação como modo de ser do real, fazendo das idéias de diferença (contra a identidade e a contradição), singularidade (contra a totalidade) e nomadismo (contra a determinação necessária) o núcleo provedor de sentido da realidade; e preza a superfície do aparecer social ou as imagens e sua velocidade espaço-temporal (2006, p. 36).

A idéia de diferença impõe-se, igualmente, como núcleo provedor de sentido da realidade. Assim, pode-se dizer que, contra a harmonia da ficção construída pelo discurso oficial, a literatura de Gutiérrez se aproxima à tentativa de resgatar a função utópica da literatura, conforme pondera Gomes¹⁶⁹:

¹⁶⁷ LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. 132p.

¹⁶⁸ CHAUI, Marilena. Intelectual engajado: uma figura em extinção. In: NOVAES, Adauto. *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 36-37.

¹⁶⁹ GOMES, Renato Cordeiro. O intelectual e a cidade das Letras. In: _____. MARGATO, Izabel (Org.) *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

A literatura seria um antídoto contra a peste da linguagem (de que fala Ítalo Calvino, ao discorrer sobre 'exatidão') que faz repetir e modular as construções monolíticas da realidade e se relaciona à língua técnica, demagógica, publicitária que a sociedade impôs (2004, p. 126-127).

Essa função utópica da literatura é mediada por estratégias éticas, políticas e discursivas cujas relações desembocam na negação de um processo imposto e homogêneo que visa à aceitação da ideologia hegemônica como um consenso. A representação de personagens que irrompem da margem é a tentativa de apresentar a “voz do outro” como dissonante em relação à eufonia unificadora e harmônica comum aos discursos advindos do Estado.

Recuperando a ligação entre literatura e política, a atuação do escritor também pode definir-se na exposição e denúncia da natureza narrativa do discurso oficial. No sentido da literatura como intervenção social, a circunstância artificialmente construída da perda do texto representa a existência de uma narrativa que, como já mencionamos, quase se confunde com a realidade. Assim, ao negar a ficção, no que diz respeito à sua absorção do real, o escritor nega, paradoxalmente, a sociedade, ao menos aquela na qual ele faz parte.

A postura desafiadora do escritor diante de determinada circunstância social retoma um processo de intervenção pública a partir do campo cultural cuja imagem de origem remete ao manifesto de Zola, intitulado “J'accuse” e publicado em 1898. O texto surge em defesa do oficial Dreyfus que havia sido condenado quatro anos antes acusado de espionagem a serviço da Alemanha. O final do processo é marcado por uma revolta anti-semita explicitada em gritos de “Morte aos judeus”. No entanto, descobre-se, mais tarde, que Dreyfus era inocente e tem início, então, dois tipos de postura: aqueles que defendem a revisão do processo em favor dos direitos humanos e aqueles que defendem ocultar o caso, em função dos interesses do Estado. Nesse contexto surge, no jornal “L'Aurore” o manifesto escrito por Zola e denominado pelo responsável pela publicação como “manifesto dos intelectuais”.

É nesse caráter de intervenção do escritor em um caso notoriamente cívico e político que se fundamenta um dos princípios que deveriam marcar a sua participação

na sociedade, ou seja, a capacidade do ficcionista em negar o existente, ou ainda, como refere Coelho¹⁷⁰ “a coragem de dizer ‘não’”.

Se o ato de escrever vincula-se à idéia de construção de um outro universo ou de reconstrução do mundo, de certa forma essa atitude vincula-se a uma negação, ao menos parcial, da realidade existente e, portanto, escrever assume, em última instância, o sentido de transformar essa mesma realidade. Por esse motivo talvez os escritores sejam tão perseguidos em Cuba, como lembra Cabrera Infante¹⁷¹, ao referir-se a alguns autores exilados daquele país:

Os escritores em verdadeiro exílio, não em fugas tão calculadas quanto as de Bach, nem tão sonoras, se chamam Heberto Padilla, Reinaldo Arenas, Carlos Franqui, Juan Arcocha, Carlos Alberto Montaner, Antonio Benítez Rojo, Lydia Cabrera, Labrador Ruiz, Carlos Ripoll, José Triana, César Leante, Eduardo Manet, Severo Sarduy...- mas para que continuar fazendo listas? Já se sabe que Cuba sozinha produziu mais exilados no último quarto de século que todos os outros países americanos juntos-, e, sendo escritores, nunca poderão voltar ao seu país (...) (1996, p. 239).

A busca por transformação e, ao mesmo tempo, por uma independência voltada à prática da escrita aparece representada na narrativa *O ninho da serpente* no diálogo entre a personagem Pedro Juan e Gretel quando ambos comparam a vida a um romance e, por conseguinte, discutem a necessidade da contestação em nome da liberdade:

Você nunca pensou na sua vida como um romance? Tem sempre algum filho-da-puta do seu lado ditando cada palavra. E é preciso ser forte para dizer não. Cale a boca e me respeite. Meu romance escrevo eu (2005, p. 173).

¹⁷⁰ COELHO, Eduardo Prado. Novas configurações da função intelectual . In: MARGATO, Izabel. GOMES, Renato Cordeiro (organizadores). *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 16.

¹⁷¹ CABRERA INFANTE, Gillermo. *Mea Cuba*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Tendo em vista a contestação como prerrogativa fundamental da liberdade, Silva¹⁷² considera a condição intelectual, fundamentada em três pilares principais, quais sejam, o da diferença, o da independência e o da crítica. Assim, a diferença diz respeito aos valores de liberdade e alteridade inerentes ao sistema da literatura e das artes e que intervém no espaço público em nome de causas que extravasam os limites específicos da esfera política. A independência refere-se ao dever de ofício do intelectual de estabelecer um distanciamento em relação aos agentes políticos para, enfim, despolitizar o político, ou seja, redefinir temas que o discurso político tende a aviltar (como, por exemplo, a prevalência da dignidade e dos direitos humanos sobre os valores da cidadania). Finalmente, a crítica como um dos princípios da atividade do intelectual consiste na problematização de comportamentos e da linguagem sob o ponto de vista das artes e da cultura interrogando sempre tendo como fundamento e a valorização do conhecimento, sem esquecer, evidentemente, da interpelação da própria postura.

É justamente essa postura da crítica cultural que se alia à contestação da ideologia, conforme destacada neste estudo. O narrador elabora o seu universo ficcional contra o consenso, ou ainda, de maneira antagônica ao universo construído de ficções estatais. Assim, a literatura disputa espaço com o discurso político e converte-se, ao mesmo tempo, numa crítica às formas hegemônicas de preservação de poder ou à ideologia, e, evidentemente, pode atuar com vigor na esfera pública.

O escritor surge aqui do campo cultural e projeta-se na esfera pública como uma voz autônoma e independente, distinta dos poderes políticos habituais. Essa projeção dá-se na medida em que os textos do escritor aqui analisado suscitam um determinado efeito no Estado e na sociedade e que podem ser descritos como, respectivamente, de negação e desconhecimento.¹⁷³ Numa possível aproximação à representação ideal do intelectual, aludida por Edward Said¹⁷⁴, essa intervenção crítica na realidade deve ser acompanhada da desfiliação deliberada a quaisquer grupos de poder, de forma a impelir o indivíduo a assumir uma posição em favor dos que, geralmente, não são ouvidos pela

¹⁷² SILVA, Augusto Santos. Podemos dispensar os intelectuais? In: MARGATO, Izabel. GOMES, Renato Cordeiro (organizadores). *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 42-43.

¹⁷³ Em entrevista à revista *Cult*, o escritor Pedro Juan Gutiérrez declarou que enfrenta dificuldades para a divulgação de seus livros em Cuba e acrescentou, ainda, sentir-se como “um fantasma invisível em seu país”. Apesar disso, Gutiérrez ressaltou que não pretende deixar a ilha, pois assegura “amar a sua terra”, além de não querer “dar as costas à sua gente”. Disponível em: <<http://www.pedrojuangutierrez.com>>. Acesso em: 10 de março 2007.

¹⁷⁴ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

sociedade. Essa preocupação é manifestada, de maneira contundente, pelo teórico palestino:

Assim o papel do intelectual não é consolidar a autoridade, mas compreendê-la, interpretá-la e questioná-la. Isso é a nova versão do conceito de falar a verdade ao poder (...). Depois que nos aventuramos fora da academia, julgo muito difícil não ser afetado pelo que me parece a principal questão que o intelectual de hoje enfrenta: o sofrimento humano. Com efeito, a vocação do intelectual é essencialmente aliviar de alguma forma o sofrimento humano e não celebrar o que, na verdade, não precisa de comemoração, ou seja, o Estado, a pátria ou qualquer desses agentes triunfalistas de nossa sociedade (2003, p.250).

Essa liberdade reflete o mesmo anseio almejado pelos protagonistas das narrativas *O Rei de Havana* e *O ninho da serpente*. O desejo de independência dessas personagens acaba por afastá-las, na medida do possível, do poder opressor do Estado, mostrando, assim, uma distância da autoridade centralizadora. As atitudes das mesmas personagens deixam transparecer certo tom de provocação, na medida em que reconhecem a força dos agentes triunfalistas da sociedade, mas, ao mesmo tempo, recusam-se a participar desse mesmo tecido social seja por meio do trabalho formal, seja na admissão e observância das normas de conduta impostas.

A voz do Estado que “fala” na narrativa indica o antagonismo entre as ficções estatais e o espaço da literatura. O estudo acerca da ideologia possibilita perceber que a preservação das relações de poder dá-se, igualmente, através da tentativa de legitimação de certas assimetrias, ou seja, a dominação não se efetiva apenas por meio da coerção absoluta, mas pela tentativa de persuasão pelo discurso.

A tentativa de interdição à leitura significa, por consequência, um poder sobre o livro ou ainda ao que pode ou não ser lido. Esse poder manifesta-se, igualmente, na elaboração de cânones na história da literatura e/ou na exclusão de autores cuja temática é considerada inconveniente. No caso das narrativas aqui em análise, o essencial é especialmente aquilo que não foi dito, ou seja, a irresignação, a raiva e a contestação indicam a resistência e a crítica à ideologia dominante. Essa mesma crítica pode ser verificada tanto no nível narrativo, por meio da representação de espaço, tempo,

circunstâncias e personagens, quanto no nível extratextual, no controle em relação à difusão da obra de Pedro Juan Gutiérrez em seu país.

Podemos dizer que a crítica à ideologia também se faz aqui no silêncio compulsório ao qual é submetida a obra do autor cubano, quando ela é censurada em sua divulgação para os seus conterrâneos, como salienta o próprio Gutiérrez acerca dessa situação¹⁷⁵:

Estou louco para que meus livros saiam lá. Faz alguns meses, publicaram um romance meu, que se chama 'A Melancolia dos Leões'. E agora estou negociando para ver se pelo menos publico alguns contos de 'Trilogia Suja de Havana'. Um sonho dourado é que publiquem meus livros integralmente, que não sejam censurados.(...) Falta a esse pessoal a inteligência espiritual necessária para me compreender.

Reconhecendo-se o livro como um poder, a luta entre as narrativas ficcionais do Estado e a dos escritores compete no sentido da persuasão de leitores. No momento em que se configura quase uma indistinção entre ficção e realidade tudo passa a ser representação e o caráter privado da linguagem literária acaba por ser um resquício presente da linguagem social. Com isso, o poder do livro, para além da condição material, representa o poder simbólico que atinge as estruturas mentais do sujeito-leitor, provocando, algumas vezes, uma mudança nas próprias estruturas sociais.

O poder do livro, que se contrapõe ao poder da ideologia, transforma-se em força atuante à distância. Daí o silêncio a respeito da divulgação de determinadas obras na organização estrutural de um cânone literário, a interdição de certos textos, a despeito de sua importância, ou ainda, a designação de um sentido de cultura próximo ao ideal universalizante de bem comum. Tudo isso contribui para a concepção estreita de primazia de certo grupo hegemônico ao conhecimento e à cultura, como já referimos no capítulo "Ideologia e cultura: caminhos que se cruzam".

A apropriação do livro é, igualmente, o desejo impossível de domínio dos efeitos de certo texto na sociedade, anseio dos governos totalitários. Esse anseio é impossível

¹⁷⁵ FRUET, Helena e NOGUEIRA, Kiko. Entrevista com Pedro Juan Gutiérrez. Disponível em <<http://www.pedrojuangutierrez.com>>. Acesso em: 10 de abril de 2007.

de ser obtido, dado o poder simbólico dos textos, dialogando e atuando diretamente nos leitores, como pondera Bordieu¹⁷⁶:

O poder sobre o livro é o poder sobre o poder que exerce o livro. Eu evoco ali alguma coisa que todos os historiadores lembraram, isto é, o poder extraordinário que tem o livro quando se torna um modelo de vida. (...) É por isso que os intelectuais têm freqüentemente sonhos de mágicos, pois o livro é algo que permite agir à distância. (...) Os intelectuais esquecem-se de que por meio de um livro se pode transformar a visão do mundo social e, através da visão do mundo, transformar também o próprio mundo social (2001, p.243).

Em *O ninho da serpente*, a leitura é fundamental para o protagonista, na medida em que o adolescente descobre um universo distinto do que vive, mas identificado ao seu inconformismo. Da mesma maneira, a leitura é que modela e transmite a experiência social e, sobretudo, o sentido dessa experiência para o leitor. Desse modo e nessa circunstância, o leitor Pedro Juan, em *O ninho da serpente*, assegura a sua posição de resistência ao mundo social e de preservação de sua individualidade, longe do paradigma imposto ao grupo.

Essa imagem de liberdade vinculada ao leitor é mostrada por Piglia¹⁷⁷ ao afirmar a leitura como construção de sentido. Assim, a figura do leitor retrata, especialmente:

Aquele que está isolado, o sedentário em meio à marcha da história, contraposto ao político. O leitor como aquele que persevera, tranqüilo, no deciframento dos signos. Aquele que constrói o sentido no isolamento e na solidão. Fora de qualquer contexto, em meio a qualquer situação, por força da própria determinação. Intransigente pedagogo de si mesmo e de todos, nunca perde a convicção absoluta da verdade que decifrou (2006, p. 131).

Porque lê, Pedro Juan é excluído da ordem estabelecida pelo Estado autoritário. Consciente dessa exclusão, a preocupação do protagonista é com a sua liberdade de pensamento, além de certa independência no espaço social e com as pessoas com as quais se relaciona. No limite, a supremacia de um Estado sem povo significa a importância do cidadão apenas no sentido de obediência à lei e, sendo por ela

¹⁷⁶ BORDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bordieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger (Org). *Práticas da leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

¹⁷⁷ PIGLIA, Ricardo. O último leitor. Trad. Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 186p.

governado, não lhe é facultado o direito de contestá-la, por mais injusta que ela possa parecer.

Em *O Rei de Havana*, Rey é excluído, pois se presume que ele é autor do assassinato de sua família. Sem a possibilidade de se defender, o rapaz passa a ser isolado também devido a sua miserabilidade, circunstância contingente e necessária para tornar-se invisível na sociedade. Habitante da margem, Rey constrói a sua própria lei dentro de uma necessidade de sobrevivência, uma vez que foi excluído das preocupações do Estado. Esse limite, circunscrito pela lei, descarta Rey das responsabilidades sociais dos governantes e, ao mesmo tempo, reconhece o excluído como um problema ameaçador, haja vista a sua presença incômoda e desafiadora, como alude Bauman¹⁷⁸, ao salientar a construção da ordem como pressuposto para as novas formas de convívio humano:

Do ponto de vista da lei, a exclusão é um ato de auto-suspensão. Isso significa que a lei limita a sua preocupação com o marginalizado/excluído para mantê-los fora do domínio governado pela norma que ela mesma circunscreveu. A lei atua sobre essa preocupação proclamando que o excluído não é assunto seu. Não há lei para ele (2005, p. 43).

A existência de Rey revela por si a desordem do espaço urbano e o fracasso das organizações racionais dos governantes e planejadores, a partir de discursos construídos e propalados pelo Estado. A vida de Rey não é possível de ser administrada, pois está fora do âmbito da lei e é resultado da fissura no edifício da nacionalidade, mais exclusiva que inclusiva. Sem consciência do que vem a ser ideologia, o protagonista miserável de *O Rei de Havana* representa a contradição à perspectiva de unidade, tão cara aos detentores das relações assimétricas de poder. Rey é o “refugio” ou o lixo humano cujo destino tem de ser - mas não será - rapidamente traçado pelas políticas públicas de segurança.

Pedro Juan é a imagem do leitor subversivo por insistir em ler, clandestinamente, autores proibidos em seu país. O próprio ato de leitura significa, assim, uma exclusão do convívio com a sociedade. Da mesma forma, o rapaz também

¹⁷⁸ BAUMAN, Z. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.164p.

escreve contos cujo próprio julgamento o leva a esconder tais escritos. Pedro Juan, tal como Rey, também trilha o caminho da marginalidade.

Com efeito, a representação da vida de um miserável, como Rey, destacando o desajuste entre o discurso ficcional oficial e a brutalidade da narrativa, expõe a ruptura e a decomposição entre as relações, reforçadas pelo único vínculo próximo da afetividade e que termina em destruição e morte. A escolha do deslocamento para a margem afigura-se como um ponto extremo que atinge também a linguagem, haja vista a impossibilidade de comunicar tanto horror e violência. A história de Rey é permeada de silêncios, de “não-saberes”, de não ditos e, por conseguinte, de ações irrefletidas e constantes zoomorfizações. Logo, a narrativa só poderia terminar mesmo em silêncio, condição primordial para o esquecimento.

O silêncio da narrativa instiga a necessidade de um diálogo com o leitor. Ao tomar conhecimento da história de Rey, o leitor contraria a última frase do texto –“E ninguém jamais ficou sabendo de nada” (p. 224) – e percebe que partilha com o narrador a tragédia de uma existência. Essa informação, quase segredada sobre a vida e a morte da personagem, assume um efeito de deslocamento de perspectiva no leitor ao colocar em foco a trajetória de um pedinte, marginal e sem atributos idealizados. No final da narrativa, a provocação ao leitor pode ser compreendida como uma maneira de mostrar a necessidade da literatura para o entendimento da realidade, pois só mesmo a ficção consegue, a partir de uma semântica saturada, traduzir o silêncio e o horror de um universo que se tornou banalizado e natural.

O silêncio ao final da narrativa liga-se a uma função próxima à perspectiva de indeterminação, na medida em que o texto literário reveste-se de condições elementares de efeito, motivado pela introdução, no tecido social, de “lugares vazios”. Essas lacunas instigam uma participação do leitor, conforme acentua Costa Lima¹⁷⁹:

Caberá ao leitor suplementar o(s) vazio(s) assim criado(s) pois, do contrário, o enredo não ‘fluirá’. Diz-se suplementá-los e não o(s) complementar, pois, ao contrário de uns quebra-cabeças, não há uma única maneira correta de fazê-lo. Os lugares-vazios, em suma, apresentam a estrutura do texto literários como uma articulação com

¹⁷⁹ COSTA LIMA, Luiz. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Jauss, Hans Robert et al. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 203p.

furos, exige do leitor mais do que a capacidade de decodificação. (...) O vazio exige do leitor uma participação ativa (1979, p. 26).

A narrativa transfere a responsabilidade para o leitor – que sabe da história que foi contada. O que fazer agora? A história de Rey é a história de um garoto de rua de Cuba, mas é uma história que, por extensão, também reforça a idéia do “cosmopolitismo” do pobre. Isso significa dizer que “Reynaldos” estão por toda a parte e, por conseguinte, a ideologia dominante, tanto nas democracias, mas especialmente nos regimes totalitários, fazem questão de escondê-los. As imagens mudas dos garotos de rua proliferam-se pelas grandes cidades e acentuam o silêncio e a cegueira daqueles que fingem que não escutam ou vêem. A narrativa parece dizer ao leitor, conhecedor da história desse “refugio humano”, que o silêncio é um consentimento tão cruel e violento quanto fora a vida de Rey.

Não há refúgio possível para o leitor em *O Rei de Havana*, mas, ao contrário disso, a degradação do espaço e das personagens pode redundar em uma postura de não-aceitação daquilo que é narrado. Porque a história de Rey é proibida – como as leituras da personagem Pedro Juan em *O ninho da serpente* - o leitor que partilha dessa mesma história converte-se num potencial transgressor do poder do Estado. Isso ocorre pois esse leitor conhece uma narrativa que, supostamente, chegou a poucos, conforme nos provoca o narrador.

No que concerne à relação com o texto, o leitor pode (ou não) tornar-se cúmplice do questionamento à natureza hegemônica da ideologia, a partir das denúncias a respeito de uma sociedade empobrecida, violenta e vigiada. Esse panorama contrasta com a imagem estereotipada de “paraíso” associado à ilha caribenha e desconstrói o horizonte de expectativas do leitor, convertendo o que parecia familiar em estranho e, sobretudo, incômodo. Essa desacomodação do leitor assume um caráter pernicioso e desestabilizador em relação à ideologia, uma vez que modifica percepções do mundo, além de suplantam o mero automatismo, conforme explica Zilberman¹⁸⁰:

Essas (obras literárias) são consideradas formadoras, explicitando-se qual é o caráter social da literatura, que não se situa na aptidão das obras a representar dada realidade, e sim na de ampliar o horizonte de conhecimento de mundo. (...) Ao recuperar a historicidade da

¹⁸⁰ ZILBERMAN, Regina. Op.Cit.p.90.

literatura, resgata-se pelo mesmo caminho sua capacidade de atuação sobre a sociedade, libertando os indivíduos que participam dela (2001, p. 90).

A experiência da leitura relacionada a *O Rei de Havana* e a *O ninho da serpente* permite a antecipação de experiências essenciais para a atuação e o entendimento da vida prática. Portanto, o papel transgressor do texto, ao romper com a reprodução, reside também na proposta de comprometimento do leitor com o julgamento exposto pela obra. Assim, diante do papel comunicativo, próprio da perspectiva liberadora atribuída ao texto literário, o leitor é compelido à ação. Essa ação é motivada pela distância entre ele (leitor) e o texto, o que possibilita uma compreensão mais ampla de eventos vividos ou uma projeção de experiências formadoras.

A prática de leitura não se separa, pois, da experiência situada na vida prática. No entanto, pode definir e remodelar essa experiência na medida em que apresenta um modelo ético a ser seguido ou recusado, diante do diálogo proposto pelo texto. Como na circunstância vivida por Ernesto “Che” Guevara que, ferido e pensando estar à beira da morte, lembra de um conto de Jack London cujo protagonista, em situação semelhante, decide terminar sua existência com dignidade, a vida pode se completar, como bem destaca Piglia¹⁸¹, “com um sentido que se retira do que se leu numa ficção”.

Esse sentido apreendido das ficções aqui discutidas deve ser compreendido no plural, haja vista o caráter dinâmico que orienta as relações entre texto e leitor. Porém, a marginalidade dos protagonistas de Pedro Juan Gutiérrez acaba por aproximar o jovem delinqüente e pedinte ao jovem leitor e aspirante a escritor. Logo, o miserável e o leitor são os excluídos da sociedade representada em função de suas características desafiadoras ao sistema. Nesse sentido, a ideologia atua pela fragmentação, segmentando os indivíduos e afastando-os do convívio social.

O miserável e o leitor são improdutivos numa sociedade que valoriza o trabalho reificado e o comprometimento irrestrito a um sistema que é apresentado como coletivista e patrocinador do bem estar social. De igual maneira, ambos os personagens são jovens e, por essa condição, também representam um perigo a uma sociedade enraizada à tradição e ao passado.

¹⁸¹ PIGLIA, Ricardo. Op. Cit. p. 99.

Ao miserável resta apenas o seu corpo como único bem e isso, de fato, é o que sobra para Rey mediar suas relações. Ainda que seja um trabalhador ocasional, a etimologia do termo “proletariado” liga-se às circunstâncias vividas pela personagem de *O Rei de Havana*, conforme assevera Eagleton¹⁸², na citação já mencionada, mas que merece o realce: “O extremo da pobreza ou a perda do ser é ficar reduzido a nada além de si mesmo. É trabalhar diretamente com o seu corpo como fazem os outros animais”. (2005, p. 71).

Ao jovem leitor, por outro lado, resta a consciência livre da custódia do Estado policiado, possibilitada pela descoberta de leituras que, como determinadas drogas, são consumidas e apreciadas clandestinamente. Como há algo de subjetivo e privado na relação estabelecida entre o leitor e seu livro, é esse caráter secreto gerador do medo de uma ação desenvolvida no interior do sujeito e que, dificilmente, pode ser examinado ou manipulado. Essa circunstância confere à imagem do leitor uma perspectiva de transgressão a qualquer tipo de tutela ou de poder e, ao mesmo tempo, reveste essa imagem de autonomia daquele que se afasta do mundo para compreendê-lo, como no caso de Pedro Juan, em *O ninho da serpente*.

A leitura deixa de ser escapista e indica as restrições vivenciadas pelo indivíduo em seu cotidiano e sinaliza outros universos e possibilidades distintas. Portanto, à leitura atribui-se esse papel emancipatório que pode liberar o leitor de suas contingências diárias e, para, além disso, fazer com que ele não se conforme com a realidade existente. Esse inconformismo é desestabilizador da ideologia hegemônica e, assim, contestando as circunstâncias de privações e opressão, atua como uma representação do papel do leitor em busca por liberdade de pensamento e de ação.

Esse mesmo leitor afigurado em *O ninho da serpente* restabelece os laços da realidade e da ficção, ao revelar a importância da leitura no que se refere à antecipação de experiências e na ampliação da compreensão do mundo. Essa percepção de mundo relacionada a um papel social da literatura, é que irá habilitar o sujeito a enfrentar as suas vivências cotidianas. Em uma sociedade disciplinadora, a leitura e a consciência autônoma, formada por textos considerados malditos, já se constituem como um desafio perigoso.

¹⁸² EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Trad. : Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.

A história do leitor Pedro Juan, na condição de personagem, reveste-se de um prisma de contestação. A ideologia que restringe a leitura conserva o sentido negativo que Napoleão atribuía a seus adversários no início do século XIX, qual seja, a da difusão de uma realidade distorcida e equivocada. O temor precípua dos partidários dos regimes autoritários ainda é em relação à natureza emancipatória da leitura. Esse retrato aproxima o poder da leitura a um poder político vinculado a um desejo de transformação da realidade a partir da força motriz do texto e da palavra. Esse desafio expõe, contesta e provoca o autoritarismo, como no exemplo que ilustra a relação conturbada entre a ideologia e o papel transgressor do leitor, na história da leitura contada por Alberto Manguel¹⁸³:

Borges disse-me certa vez que, durante uma das manifestações populistas organizadas pelo governo de Perón em 1950 contra os intelectuais da oposição, os manifestantes gritavam: ‘Sapatos sim, livros não’. A resposta – ‘Sapatos sim, livros sim’- não convenceu ninguém. Considerava-se a realidade a dura, a necessária realidade - em conflito irremediável com o mundo evasivo e onírico dos livros. Com essa desculpa, e, com efeito, cada vez maior, a dicotomia artificial entre a vida e a leitura é estimulada pelos donos do poder. Os regimes populares exigem que esqueçamos, e, portanto classificam os livros como luxos supérfluos; e os regimes totalitários exigem que não pensemos, e, portanto proíbem, ameaçam e censuram; ambos, de um modo geral, exigem que nos tornemos estúpidos e que aceitemos a nossa degradação docilmente (...). Nessas circunstâncias, os leitores não podem deixar de ser subversivos (1997 p. 36).

Um texto pode ser ameaçador na medida em que sinaliza as adversidades do mundo no qual o seu leitor está inserido, instigando à compreensão de circunstâncias significativas da realidade. Embora nem todos os poderes dos leitores possam ser entendidos como “iluminadores”, o ato de ler indica uma relação subjetiva cujo caráter autônomo e, muitas vezes, emancipatório, transcende aos desejos de intermediação ou controle. Por esse motivo, a leitura é tão perigosa, ou seja, por escapar da concepção imperativa de ideologias hegemônicas que se transmutam em ficções construídas e cujo intuito é a preservação, a qualquer custo, das relações de poder.

¹⁸³ MANGUEL, Alberto. Op. Cit. p. 36.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação da ideologia no presente estudo, ao realçar um regime opressor, busca mostrar a relevância da literatura na sociedade contemporânea. O ato de enunciar a miséria, a fome, a arbitrariedade e a opressão significa, de certa maneira, recusar a neutralidade e a indiferença. Escrever sobre esses assuntos assume o sentido de lutar e de tomar posição. Desse modo, a literatura apresenta-se, também, como símbolo de inconformismo diante de determinada realidade.

Política, literatura e cultura não devem ser vistas como instâncias completamente distintas. Essas áreas, por certo, recebem influências mútuas e a posição política de um escritor é, muitas vezes, determinante para a definição dos rumos de sua obra no sistema cultural de um país. Falar de literatura, no entanto, nem sempre implica falar em política. A política aniquilou Tróia, mas a literatura a eternizou. Só o tempo nos dirá se os romances de Gutiérrez sobreviverão à ditadura cubana, de qualquer forma, a literatura que provoca ou desafia a ideologia hegemônica já cumpre um papel essencial da arte, qual seja, o de instigar a reflexão.

A ideologia não se mostra de modo evidente nas narrativas ficcionais, como tentamos mostrar no decorrer dessa pesquisa. Ao se falar em ideologia, a tendência crítica é apelar para um fundamentalismo redutor, em achar que tudo é ideologia ou para um distanciamento estético, denunciando o discurso do “outro” como ideológico e a arte como uma esfera superior a essas discussões. Não pretendemos, contudo, provar que os textos de Gutiérrez são só ideológicos, nem que possuem apenas autonomia estética. Nada é mais literário que a história. E, durante a leitura de Gutiérrez, a miséria e a violência são tão absurdas quanto o são na realidade. Por isso, é impossível ficar calado. O silêncio, em tempos de crime, significa cumplicidade.

O pedinte e o leitor, protagonistas das narrativas de Gutiérrez, são a escória da sociedade cubana. Ambos são contra-revolucionários, pois são indiferentes ao regime e têm a ilusão de tentar viver livre dentro de uma ilha-prisão. Eles são os *gusanos*, ou vermes, como são conhecidos os que não aderem ao governo, em Cuba. Como o trapeiro e o poeta, de Benjamin, o pedinte e o leitor vivem dos restos da sociedade e o

país não se interessa em acolher quem não produz capital, nem mesmo um Estado socialista. Os dois estão vigilantes enquanto a sociedade adormece e, por isso também, são tão perigosos.

O Rey de Havana é um mendigo. Sua companheira, uma prostituta, e o reino desse casal engloba as ruas de uma cidade empobrecida, um prédio em ruínas e a carcaça de um ônibus velho, próximo a um depósito de lixo. A ideologia exige silêncio onde a literatura fala. Por isso Gutiérrez é maldito em seu país e também por fazer emergir uma ficção incômoda e violenta, chocando-se com a perspectiva de grandes heróis, fatos ou acontecimentos relevantes ou edificantes para uma coletividade imaginada. Não verá, o leitor, um panorama de engajamento ou coesão social, nem as alegres tintas tropicais e exóticas de uma paradisíaca ilha caribenha, mas um cenário que desconstrói tudo isso, cercado de escombros e miséria e habitado por personagens marginais, violentos, excluídos e sempre perseguidos.

A tensão constante no texto reside na expectativa de saber se Rey irá sobreviver ao minuto seguinte e esse processo além de evidenciar duas narrativas em combate (a do governo e a dos excluídos), parece remeter à indagação similar a respeito de Cuba, ou seja, até quando esse quadro de pobreza e opressão irá resistir?

Movido pela busca de satisfação imediata de seus instintos, Rey também não tem consciência da circunstância em que vive. Miserável, ele pouco se relaciona com outras personagens e seu contato com a sociedade se dá, geralmente, sob a intermediação da prostituta e sua amante Magda, na busca por comida, bebida e na entrega sexual desenfreada. Rey possui uma energia cega e vital que se manifesta como uma força demoníaca e destrutiva, sem reflexão ou projeção de futuro. Assim, Rey não é, definitivamente, o herói que desce ao Hades para cumprir o seu trajeto antropológico em busca de conhecimento, mas, em vez disso, ele vive, despreocupadamente, no Hades sem nada buscar e sem expectativas.

A obsessão por sexo, em *O Rei de Havana*, aproxima-se da perspectiva de deslocamento e desorientação do protagonista em relação ao seu universo degradado. O corpo da personagem principal é uma máquina desprovida de sentimentos ou afetos e voltada apenas para o sexo, no limite da existência e da experiência física. O único poder de Rey – que, aliás, justifica a sua “majestade” - está relacionado ao seu corpo; no entanto, essa força não é nem útil ao sistema produtivo e ideológico do regime, pois rejeita qualquer tipo de ocupação laboral, nem dócil, porque o protagonista é violento e

resiste a quaisquer normas sociais. O corpo exposto de Rey é um desafio à organização da sociedade, porque mostra o refúgio da Revolução Cubana e, ao mesmo tempo, representa os escombros do edifício da nacionalidade, construído a partir dos pressupostos retóricos dos símbolos pátrios de legitimação e unificação.

Em *O ninho da serpente*, o perigo não se mostra de maneira tão explícita aos detentores do poder. Nessa narrativa, a ameaça maior é a leitura, na medida em que ela pode ser estimuladora do pensamento livre. Por esse motivo, alguns livros são proibidos e qualificados como “desvios ideológicos”. Essa prática, tão comum às ditaduras militares, é difundida no intuito de preservar a voz do governo como única e absoluta. Assim, o jovem Pedro Juan, morador pobre de uma cidade portuária igualmente empobrecida, na metade da década de 60, pretende escapar de sua vida de privações por meio da leitura, que entende como o caminho possível para esse fim. A experiência com o texto e o contato dessa experiência com sua vida prática vai revelando, ao jovem leitor, uma ampliação do horizonte de conhecimento de mundo, ao mesmo tempo em que assegura à literatura um papel fundamental de intervenção.

Mais habilidoso que Rey, Pedro Juan percorre, de maneira pendular, o centro e a margem, ou seja, mesmo prestando o serviço militar, o rapaz prefere a companhia de sujeitos considerados desviantes. À vontade na casa repleta de livros do travesti conhecido por Senhor, o rapaz percebe que o sentido de liberdade está no cultivo do pensamento, por meio da leitura e da escrita.

Solitário, Pedro Juan desenvolve uma poética particular, aprendida com os textos proibidos que entende como mais importantes. Esses mesmos textos constituem-se em seu cânone particular. Para ele, a escrita tem de se afastar da concepção de arte agradável, racional e sensata, a fim de ir mais além, isto é, buscar no limite do inefável aquilo que o ser humano deseja esconder ou teme. A liberdade lida nos textos é incorporada como prática textual e, finalmente, revestida de significado para sua vida.

Ao representar os processos de exclusão e vigília impostos pela sociedade e pelos quais passam respectivamente, Rey e Pedro Juan, os narradores aproximam-se na medida em que revelam e denunciam a ideologia, por meio de modos gerais de operação. Sempre mobilizada no sentido de sustentar relações de poder, das quais os protagonistas das duas narrativas se encontram afastados, a ideologia atua de maneira múltipla e de acordo com circunstâncias particulares apresentadas nos textos. Desse modo, a legitimação, a dissimulação, a unificação, a fragmentação e a reificação

transfiguram-se em estratégias cuja finalidade precípua é a reprodução das relações de dominação e, ao mesmo tempo, no afastamento de agentes ou grupos que possam desestabilizar essa estrutura, como os protagonistas desses textos examinados.

Porque se constituem em ameaça, Rey e Pedro Juan são perseguidos. O primeiro, acusado injustamente de assassinato, não consegue romper com o sistema de dominação e vive marginalizado, como se essa condição fosse natural e eterna, sem projetar possibilidade de futuro. Pedro Juan, de sua parte, compreende a situação arbitrária em que vive, no entanto, sabe que o pensamento livre, por meio da prática da leitura e da escrita, é a única maneira de resistir à submissão.

Esses textos suscitam o debate acerca dos perigos de determinadas narrativas em contextos marcados pela opressão. Em *O Rei de Havana*, a denúncia da exclusão de um menino e a transformação dessa personagem num indivíduo insensível e violento não é acompanhada por nenhuma tomada de consciência, muito menos de idealizações, por parte do narrador. Essa alienação, pois, apresenta-se de maneira natural tornando-se estratégia própria à manutenção da ideologia. Rey é o monstro cotidiano e já banalizado nas grandes cidades, mas que os regimes totalitários insistem em esconder e excluir do convívio dos demais, para não macular a imagem de uma Revolução voltada para o bem-estar do povo.

A dissimulação, como modo operacional ideológico, afigura-se nessas narrativas, também pela eufemização da linguagem. A voz do Estado é ouvida e mostrada como repressora e excludente. No entanto, a dissimulação aparece sob o manto da defesa da sociedade contra os inimigos externos, geralmente os Estados Unidos, e contra os inimigos internos, aqueles que se recusam a aderir aos ideais revolucionários. Assim, se Rey e Pedro Juan, não se identificam com um passado e uma tradição comuns à nação que habitam, eles também não deixam de ser “chagas sociais”. O primeiro não serve ao regime, recusa-se a trabalhar e não faz parte de nenhum programa de reeducação, enquanto o segundo rejeita o pensamento ortodoxo de engajamento político no projeto revolucionário e entrega-se a leituras proibidas. Desse modo, fora do sistema e de maneira contraditória à perspectiva de futuro própria da juventude, tanto Rey como Pedro Juan vivem apenas o momento seguinte, sem esperanças ou projetos.

A nação é narrada, nesses textos, como voltada para a população, mas, ao mesmo tempo, a representação das falas e ações das personagens apontam para outro

entendimento. Em *O Rei de Havana*, por exemplo, a despeito dos compradores da feira denunciarem o enriquecimento dos comerciantes e a condição desses últimos como contrária a do povo, tudo permanece como está. Em *O ninho da serpente* a atuação dos assistentes sociais ao tentar matricular a prostituta Dinorah numa Escola Básica de Instrução Revolucionária também tem o intuito de controle do sistema, a fim de preservar a ideologia hegemônica.

A circunstância em que vive Rey, em momento algum reflete, por iniciativa do protagonista, um caráter histórico ou temporal. A personagem caminha a esmo por Havana em busca de comida e sexo, enquanto a voz do narrador, por outro lado, sugere o processo de reificação da personagem, na medida em que Rey percebe, instintivamente, os ambientes em que circula como naturais. A repetição de uma circunstância que seria apenas contingente aparece como imutável. De outro lado, para escapar da reificação, Pedro Juan entrega-se à leitura, realizada numa biblioteca ou na casa de amigos e, assim, vai cultivando estratégias de ruptura à ideologia seja na escrita de seus próprios textos ou ainda, no convívio, pelo submundo de Havana, com personagens que, também como ele, procuram se afastar do sistema.

Pelo mesmo motivo da reificação, Rey não consegue refletir sobre a legitimidade acerca da estrutura social que o exclui. A personagem, no entanto, considera legítima a sua condição permanente de faminto e, ao repetir a expressão utilizada pela avó, segundo a qual “a única propriedade do pobre é a fome”, resigna-se a um fundamento tradicional de manutenção das relações que o oprimem. Isso implica dizer que se a fome é uma herança familiar inevitável, nada mais pode ser feito, exceto aceitá-la. Pedro Juan entende a legitimidade, imposta pela ideologia do regime autoritário, como uma força simbólica ridícula e que pode, facilmente, ser desconstruída pelo sarcasmo. A personagem não mascara o tom mordaz, como no momento em que se refere à visita diplomática de um presidente de outro país e ironiza a si mesmo e os recrutas de sua unidade como personagens representantes do papel de público civil alegre, agitando bandeirinhas perto do aeroporto.

As duas narrativas podem ser aproximadas também no instante em que mostram seus protagonistas como personagens contrárias às tentativas de padronização ou unificação da imagem de nação. Rey é o miserável excluído que só encontra abrigo em meio a ruínas e lixo e, nesse contexto, relaciona-se com personagens tão marginais quanto ele. Além do corpo e, principalmente, do seu órgão sexual, nada o identifica.

Pedro Juan, na condição de leitor contumaz percebe o texto como prestidigitador de dada realidade e como forma de defender-se da arbitrariedade e da asfixia cultural. Para Pedro Juan, o tempo em que passou no exército representou um recrudescimento de seu ódio a qualquer tipo de autoridade e, como consequência disso, mantém com sua amante uma relação sexual sadomasoquista, além de beber em demasia e meter-se em brigas na rua.

Como a imagem modelar do leitor debilitado pela leitura excessiva, Pedro Juan parece incorporar o desejo de liberdade até o limite do suportável. A vida torna-se cada vez mais angustiante para o rapaz que, quando se vê fora do ambiente militar, não sabe mais o que fazer. Com o corpo liberto da contenção uniformizadora do quartel, Pedro Juan veste a jaqueta dada pelo amigo travesti, com a inscrição *Born to be free* e sai, sem destino, pela noite de Havana com a única certeza de que não poderia parar. Pedro Juan é, também, o leitor que persevera, em contraposição às adversidades. No limite, é o pedagogo de si mesmo, convicto de que a liberdade é o caminho aprendido pelas lições retiradas dos livros.

A leitura de certos textos é transgressora aos olhos dos regimes totalitários. Assim, as narrativas lidas por Pedro Juan, em *O ninho da serpente*, representam também um perigo para ele, em função do rótulo, atribuído pelo Estado a esses textos, de “desvio ideológico”. Pedro Juan, no entanto, busca uma identificação com as narrativas e acaba por encontrá-la. Essa identificação apresenta-se, por meio de três níveis: os textos, em primeiro lugar, são proibidos, o que se constitui em atrativo para o jovem leitor; além disso, as personagens, nos textos ficcionais lidos pelo protagonista, estão deslocadas em relação ao contexto em que são representadas e, por fim, a escolha mostra-se casual, pois o leitor reconhece que, em suas incursões literárias, algo inexplicável o afastava de “escritores tolos e sem graça”. Todavia, o rapaz ainda admite um percurso de leitura biografista, ao revelar que seus autores prediletos eram atormentados por obsessões e fantasmas, ligando-se, mais uma vez, à perspectiva de reconhecimento e identificação.

Rey está fora do ideário imaginado de nação. A história, em sua natureza seletiva, não se interessa pelo lixo, pois sua preocupação é com o produto e não com o refugo. Rey é, portanto, o dejetivo que deve ser mantido em segredo e escondido, pois desmente a premissa de igualdade e inclusão que norteou – e norteia – o ideário da Revolução Cubana.

No resgate de uma visão dos estudos culturais como projeto político, ou seja, com o intuito de estabelecer relações com a realidade social, rompendo com a perspectiva de neutralidade da criação artística, as narrativas de Gutiérrez não se eximem de revelar personagens e espaços degradados. Nesse ponto, os textos do autor cubano também não fazem concessões e mostram como são tratados os “diferentes” – ou os miseráveis, homossexuais, leitores e outros grupos considerados “chagas sociais” - no interior do tecido social que compõe a sociedade da qual eles fazem parte. Recuperando a importância de se entender a cultura a partir de uma perspectiva plural, a representação da ideologia sofre algumas fissuras que são ocupadas por personagens excêntricos cujas existências revelam a crítica à ordem dominante, ainda que, por vezes, essas mesmas personagens acabem subsumidas e destruídas.

A dificuldade na elaboração de uma forma única pela qual a ideologia se manifesta e, ao mesmo tempo, a atribuição do caráter ideológico a quaisquer conjunturas articuladoras entre discurso e interesses políticos são problemas de natureza histórica para a compreensão desse conceito e de seus efeitos. É muito difícil examinar, no interior de formas simbólicas, elementos invariáveis que possam sugerir a ideologia como opressão estabelecida, por exemplo, apenas pelo Estado totalitário contra o cidadão impotente. Essa é uma visão, de certa forma, ingênua e maniqueísta. Logo, a questão da ideologia não deve ser compreendida apenas como força que emana do Estado ou como efeito de interesses sociais objetivos e explícitos, mas como uma rede complexa de modos de atuação, constituída por necessidades de inclusão e exclusão.

Um amplo espectro mítico, simbólico, afetivo e inconsciente está envolvido na questão da ideologia e também pode atuar em favor da preservação das relações de poder. Isso significa a impossibilidade de uma visão essencialista de ideologia, ainda que ela possa se orientar em função de algum propósito específico e, no contexto aqui avaliado, pela intenção de dominação. Essa estrutura ideológica, portanto, nas circunstâncias afiguradas, estabelece-se na organização discursiva de uma ordem unificadora e, por conseguinte, exclui indivíduos que não se coadunam ao sistema definido como ideal.

Em *O Rei de Havana* e *O ninho da serpente* a noção do político aparece como prática cultural, articulando-se, igualmente, a um discurso simbólico que desvela e, ao mesmo tempo, critica a ideologia hegemônica. A imagem dos protagonistas passa a ser inconveniente e eles mesmos não fazem questão alguma em parecer agradáveis ou

sociáveis. São indivíduos deslocados, incomodados e que, não raramente, reagem com violência nas mais diversas situações. No entanto, esse comportamento não é gratuito. Rey, por exemplo, é preso injustamente, sofre violências e, quando consegue fugir, descobre que o mundo fora da instituição para menores é tão selvagem, competitivo e sem sentido quanto aquele experienciado dentro do reformatório. A personagem, então, aprende a responder com violência a quaisquer ações dirigidas a ele e a linguagem corporal, por conseguinte, passa a ser a sua linguagem. Da mesma maneira, é por sua potência sexual, como único poder de que dispõe, que lhe é atribuído o epíteto de *Rei de Havana*.

A violência apresentada pelo protagonista de *O ninho da serpente* consegue, muitas vezes, ser mitigada pela identificação com a leitura de autores transgressores à ordem. Ainda assim, Pedro Juan não deixa de se envolver em brigas na unidade militar em que presta serviço e também fora do quartel, pois, conforme relata, sua aversão a qualquer tipo de autoritarismo vai, cada vez mais, se acentuando.

Portanto, o espaço de reclusão seja ele um reformatório para menores ou a unidade militar é, aos olhos das personagens Rey e Pedro Juan, tão opressor quanto o convívio em sociedade, de modo que a violência passa a ser uma resposta às tentativas de exclusão e de vigília, apresentadas de diversas formas no percurso das narrativas.

Como se vê, o autor cubano não escreve com vistas a atingir um público pela evasão onírica ou pelo entretenimento. Seus textos mostram o pesadelo de personagens terrivelmente reais cuja lente do romancista explora, em profundidade, abismos misteriosos de um universo caótico e degradado. Os protagonistas de Gutiérrez não são apenas um reflexo da realidade, pois, em suas atitudes, resistem, na medida do possível, e contradizem o mundo do qual fazem parte. Rey e Pedro Juan são, portanto, personagens anti-sociais que instigam o leitor a mergulhar num verdadeiro paradoxo, qual seja, o de ingressar tão intensamente no universo particular do texto a ponto de perder a realidade, enquanto, ao mesmo tempo, a realidade é desvelada pela leitura do texto.

A importância do escritor, em sua função social, para o exame desses textos está na transcendência da compreensão da literatura como portadora de uma literariedade imanente. Não é apenas por questões estéticas que Gutiérrez é afastado do conhecimento dos leitores de seu país. Nesse sentido, a posição política do autor exerce pressão determinante. Na medida em que o narrador do texto, de uso de um discurso

ideológico e ficcional, compreende e questiona a autoridade ao denunciar o sofrimento humano, o autor sabe que terá de pagar o preço por essa “subversão”. A truculência ditatorial não conhece diferenças – tão caras a nós, teóricos e estudiosos da literatura – entre autor, narrador e personagens. Na dúvida, o Estado policialesco atira em quem existe e está mais próximo, nesse caso, o escritor, por enquanto, empírico.

O sentimento de supressão das fronteiras entre a arte e a vida cotidiana é um dos efeitos provocado pela leitura dos textos de Gutiérrez. A realidade que parece “sem retoques” e como matéria bruta da literatura, além de facilitar uma identificação com o leitor contemporâneo, morador das grandes cidades e espectador, muitas vezes distraído ou indiferente das mazelas sociais, indica uma aproximação temporal relevante. As personagens de Gutiérrez são, incomodamente, habitantes da nossa época e, vivendo apenas o aqui e agora, não se sentem atraídas pelos ideais nacionalistas da Revolução Cubana, nem ao menos se deixam seduzir pela fantasia capitalista da economia de mercado. O traço contemporâneo e realista dessas narrativas, portanto, é visível também na recusa das personagens em aderir a quaisquer programas ou engajamentos coletivos, revelando, ao lado da fragmentação das identidades na contemporaneidade, a ausência de uma relação com o passado e uma incredulidade absoluta, no que diz respeito ao futuro.

Na indeterminação entre o real e o pesadelo imaginário, um segundo paradoxo se apresenta aos nossos olhos, pois a linguagem por mais cruel e obtusa que possa parecer é menos importante do que a lacuna e os silêncios do texto. Não são só as palavras que contestam o regime totalitário, nas narrativas aqui examinadas, mas os “não-ditos”. Quanto menos se diz, mais tensão se acrescenta ao texto. Assim, o silêncio perturbador do pedinte e a solidão partilhada entre o jovem leitor e seus livros são respostas à tagarelice e à artificial coletividade engendrada pelos difusores e defensores da ideologia asfixiante.

A condição humana da arte afigura-se, em Gutiérrez, sobretudo na busca pelo contato com o leitor. Essa relação, contudo, não se estabelece de maneira tranqüila, mas, ao contrário, é marcada pela tensão e pela provocação constante, como um pedido de reação. Percebe-se que há, nesses textos, mais do que uma banalização da vida, mas uma denúncia da desumanização de seres, evidentemente imaginários, mas que representam indivíduos, que se converteram em objetos em série, abúlicos e integrantes de uma educação voltada para o pensamento único e para os comportamentos

padronizados. O espaço onde essas personagens - que parecem tão reais - circulam, sobrevivem e se relacionam é o retrato de suas próprias degradações e talvez, nessas circunstâncias, a única saída possível seja mesmo a do isolamento e da solidão, uma vez que a civilização, nessas circunstâncias, é o índice de uma existência doente e selvagem.

Essa solidão deve ser intermediada pelo contato com a arte cuja relação com o homem ultrapassa a perspectiva da razão pura e os textos desse escritor cubano são a prova disso. Talvez nenhum ensaio sociológico tenha o mesmo poder de denunciar a miséria, de modo mais impactante, do que a narrativa de uma personagem sendo consumida por ratos em meio ao lixo. Não há ideologia que resista incólume a uma imagem dessas, até porque ela sinaliza para um modo de vida daqueles que são, habitualmente, esquecidos e para a necessidade de resistência e compromisso da arte com um universo que transcende a si mesmo. Um mundo em que os textos podem ajudar a entender, mas que está muito além das páginas dos livros e das mais elaboradas teorias. Como um espectro que, de tão próximo, já não conseguimos mais enxergar.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: UNESP, 2006.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- ADORNO, Theodor. Lírica e sociedade. In: Benjamin, Walter et alii. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril, 1983.
- ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça*. Trad. Irène Cubric. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- ARENDT, Hannah. *O que é política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- ARNOLD, Matthew. *Culture and Anarchy and others Writings*. Cambridge: Cambridge 1993.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. *Mitologias*. 5 ed. São Paulo: Difel, 1982.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1995.

_____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENJAMIN, Walter. "O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. *Obras escolhidas*, Magia e técnica, arte e política. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 198-199.

_____. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. 1 ed. São Paulo: brasiliense, 1989.

BHABHA, Homi K. Introduction: narrating the nation. *Nation and narrating*. Homi Bhabha (org.) London and New York: Routledge, 1990.

_____. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BLOOM, Harold. *The anxiety of influence*. New York: Oxford University, 1973.

BETTO, Frei. *Fidel e a religião: conversas com Frei Betto*. 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Cuba de Fidel: viagem à ilha proibida*. 2 ed. São Paulo: Cultura, 1978.

BURKE, Peter. As fronteiras instáveis entre história e ficção. In: *Gêneros de fronteiras*. São Paulo: Xamã, 1997.

CABRERA INFANTE, Guillermo. *Mea Cuba*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CAMINHA, Edmílson. *Brasil e Cuba: modos de ver, maneiras de sentir: uma leitura comparada de obras sobre Cuba publicadas no Brasil*. Brasília: Thesaurus, 2006.

CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Trad.: Valerie Rumjanek. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, idéias malditas: o DEOPS e as minorias silenciadas*. São Paulo: Ateliê, PROIN – Projeto Integrado Arquivo do Estado/USP, 2002.p. 28.

CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger (organizadores). *História da leitura no mundo ocidental 2*. Trad. Cláudia Cavalcanti, Fúlvia M. Moretto, Guacira Marcondes Machado e José Antônio de Macedo Soares. São Paulo: Ática, 1999.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes.

CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.

CHARTIER, Roger (Org). *Práticas da leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Trad.: Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

CURY, Maria Zilda. WALTY, Ivete Lara Camargo. In *memorian: escrita e lixo*. Cerrados. Revista do Programa de Pós-graduação em Literatura. N. 17. (Literatura e Globalização), 2004. p. 59.

DARNTON, Robert. História da Leitura. In.: BURKE, Peter (org). *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1992.

EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. Trad. Silvana Viera. São Paulo: Boitempo, 1997.

_____. *Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Trad. Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. *The Idea of Culture*. Oxford: Blackwell, 2000.

ESCARPIT, Robert. *Sociología de la literatura*. Barcelona: oikos-tau, 1971.

FERNANDES, Rinaldo de. *Chico Buarque do Brasil: textos, sobre as canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro*. Rio de Janeiro: Garamond e Fundação Biblioteca Nacional, 2004

FIORIN, JOSÉ LUIZ. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1997.

FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.p. 14.

_____. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FURET, François. Da história-narrativa à história-problema. In: _____. *A oficina da história*. Lisboa: Gradiva, s.d. p. 81-98.

FRUET, Helena e NOGUEIRA, Kiko. Entrevista com Pedro Juan Gutiérrez. Disponível em < <http://www.pedrojuangutierrez.com>>. Acesso em: 10 de abril de 2007.

GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 2006.

GUTIÉRREZ, Pedro Juan. *O Rei de Havana*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *O ninho da serpente: memórias do filho do sorveteiro*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização: Liv Sovik. Tradução: Adelaine La Guardiã Resende et al. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

INGARDEN, R. *A obra de arte literária*. Lisboa: Gulbenkian, 1973.

ISER, Wolfgang. *O jogo do texto*. In.: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de Estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *O ato de ler*. Rio de Janeiro: 34, 1997.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 2002.

JAUSS, Hans R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

LIMA, Luiz Costa (Org). *Teoria da literatura em suas fontes*. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002.

_____. (Org). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. 132p.
- LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. Trad. Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 133-191.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org. e trad. _____. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- MACHEREY, P. *Para uma teoria da produção literária*. Lisboa: Estampa, 1971.
- MAFFESOLI, Michel. *A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MARGATO, Izabel. GOMES, Renato Cordeiro (organizadores). *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- MARX, Karl. “Dezoito Brumário de Luís Bonaparte”. Trad. Leandro Konder. In: *Os Pensadores*. (XXXV) Marx. São Paulo: Abril, 1974.
- _____ & ENGELS, Friedrich. *O manifesto comunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- MATTELART, André; NEVEU, Érik. *Introdução aos estudos culturais*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.

MORAIS, Fernando. *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa e SILVA, Tomaz Tadeu da. (orgs). *Currículo, cultura e sociedade*. Trad. Maria Aparecida Baptista. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

NOVAES, Adauto (Org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. Trad. José Marcus Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *O último leitor*. Trad. Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Três propuestas para el próximo milênio (y cinco dificultades)*. México, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económico, 2001.

PLATÃO. Fedro. In: *Diálogos*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1966.

_____. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2007

QUIROGA, Horácio. *Todos los cuentos*. 2 ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCAXX, 1996, p. 1192.

RICOEUR, Paul. *Ideologia e utopia*. Lisboa: Edições 70, 1981.

_____. *Interpretação e ideologias*. Organização, tradução e apresentação de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SÁBATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

SONTAG, Susan. *A vontade radical: estilos*. Trad. João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

TOCQUEVILLE, Aléxis de. *A democracia na América: leis e certos costumes políticos que foram naturalmente sugeridos aos americanos por seu estado social democrático*. Trad. Eduardo Brandão; prefácio, biografia e bibliografia de François Furet. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Senac, 2001.

_____. SILVA, Ezequiel Theodoro. *Literatura e pedagogia: ponto e contraponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

ZARUR, Cristina. *Pensar é um luxo*: entrevista com Pedro Juan Gutiérrez. Disponível em: <<http://www.pedrojuangutierrez.com>>. Acesso em: 08 mar. 2007

ZIZEK, Slavoj. *Um mapa da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

WILLIAMS, Raymond. *Marxism and Literature*. Oxford: Oxford University, 1977.

Marcelo da Silva Rocha

CURRICULUM VITAE

Porto Alegre
2007

CURRICULUM VITAE

Novembro, 2007

1 DADOS PESSOAIS

Nome: Marcelo da Silva Rocha
Filiação: Paulo Roberto Brum Rocha e Maria Lúcia da Silva Rocha
Nascimento: 16/01/1975, Porto Alegre/RS - Brasil
Carteira de identidade: 1056673369 / SSP / RS / 04/06/2002
CPF: 71172610053

Endereço profissional: URCAMP - Universidade da Região da Campanha
Praça Getúlio Vargas, 47
Centro
97542-570 Alegrete, RS - Brasil

Endereço residencial: Teixeira de Freitas, 80.
Santo Antônio
90640220 Porto Alegre, RS - Brasil
Telefone: 32232064
E-mail: marcelohartz@bol.com.br

2 FORMAÇÃO ACADÊMICA/TITULAÇÃO

- 2000 - 2002 Mestrado em Lingüística e Letras.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Rio Grande do Sul, Brasil.
Título: Espaço, tempo e liminaridade em "A jangada de pedra", de José Saramago. Ano de obtenção: 2002.
Orientador: Dino de Sousa del Pino.
Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPQ, Brasil.
- 1994 - 1998 Graduação em Letras.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Rio Grande do Sul, Brasil.
- 2004 Doutorado em Lingüística e Letras.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Rio Grande do Sul, Brasil.
Título: No reino da serpente: ideologia, leitura e transgressão em Pedro Juan Gutiérrez.
Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil.

3 ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Universidade da Região da Campanha - URCAMP

Vínculo institucional

2004 - Atual Vínculo: Coordenador de Curso, Enquadramento funcional: Coordenação de Curso, Carga horária: 30.

Atividades

03/2004 - Atual Direção e administração.

Cargos ou funções

1. Coordenador de Curso.

7/2002 - Atual Ensino, Letras, Nível: Graduação.
Disciplinas ministradas

1. Língua Portuguesa VI.
2. Literatura Portuguesa III.
3. Literatura Portuguesa I.

Faculdade Cenecista de Osório - FACOS

Vínculo institucional

2004 - 2005 Vínculo: Professor visitante, Enquadramento funcional: PROFESSOR VISITANTE, Carga horária: 10.

Atividades

4/2004 - 4/2005 Ensino, Psicopedagogia Social, Nível: Especialização.

Disciplinas ministradas

1. METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA.

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Vínculo institucional

2002 - 2004 Vínculo: Celetista, Enquadramento funcional: Professor titular, Carga horária: 10.

Atividades

3/2002 - 3/2004 Ensino, Pedagogia Séries Iniciais, Nível: Graduação.

Disciplinas ministradas

1. Língua Portuguesa.
2. Literatura.
3. Educação e Multimeios.
4. Investigação da realidade local e regional.

4 ÁREAS DE ATUAÇÃO

- 1 Outras Literaturas Vernáculas, Literatura e Língua Portuguesa.
- 2 Letras, Literatura Brasileira.
- 3 Letras, Literaturas Clássicas.
- 4 Letras, Outras Literaturas Vernáculas.
- 5 Lingüística Aplicada, Língua Portuguesa.

5 IDIOMAS

Compreende: Espanhol (Bem), Inglês (Bem), Italiano (Razoavelmente), Português (Bem).
 Fala: Espanhol (Bem), Inglês (Razoavelmente), Italiano (Razoavelmente), Português (Bem).
 Lê: Espanhol (Bem), Inglês (Bem), Italiano (Razoavelmente), Português (Bem).
 Escreve: Espanhol (Bem), Inglês (Razoavelmente), Italiano (Razoavelmente), Português (Bem).

6 PRODUÇÃO CIENTÍFICA, TECNOLÓGICA E ARTÍSTICA/CULTURAL

6.1 PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA

6.1.1 Trabalhos completos em anais de eventos

- 1 ROCHA, Marcelo da Silva. LEITURAS PROIBIDAS: A REPRESENTAÇÃO DO LEITOR EM O NINHO DA SERPENTE, DE PEDRO JUAN GUTIÉRREZ. In: VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA LITERATURA, 2007, PORTO ALEGRE. PORTO ALEGRE: PUCRS, 2007.
- 2 ROCHA, Marcelo da Silva. EM BUSCA DO PORTO METAFÍSICO. In: X CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC: LUGARES DOS DISCURSOS, 2006, PORTO ALEGRE. RIO DE JANEIRO: UERJ, 2006.

- 3 ROCHA, Marcelo da Silva. 26 FEIRA DO LIVRO DE ALEGRETE. In: 26 FEIRA DO LIVRO DE ALEGRETE, ALEGRETE. 2005.
- 4 ROCHA, Marcelo da Silva. Em busca de um país que não existe: literatura e cultura brasileira em Ronald de Carvalho e J.C. de Castro Rocha. In: VI SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA LITERATURA. PORTO ALEGRE. 2005.
- 5 ROCHA, Marcelo da Silva. ESTUDOS CULTURAIS. In: II SEMANA MUNICIPAL DE DIREITOS HUMANOS, ALEGRETE. 2004.
- 6 ROCHA, Marcelo da Silva. FENOMENOLOGIA NA TEORIA DA LITERATURA - ROMAN INGARDEN. In: VI JORNADA ACADEMICA DE LETRAS, 2004, SÃO BORJA. 2004.
- 7 ROCHA, Marcelo da Silva. POR QUE LER OS CLÁSSICOS ?. In: II CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2004, ALEGRETE. 2004.
- 8 ROCHA, Marcelo da Silva. As formas simbólicas na cultura moderna: a representação da ideologia em 'Extensão do domínio de luta', de Michel Houellebecq e 'O rey de Havana', de Pedro Juan Guitiérrez. In: V SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA LITERATURA, 2003, Porto Alegre. Resumos. 2003.
- 9 ROCHA, Marcelo da Silva. EDUCAÇÃO E CIBERCULTURA. In: V SEMANA ACADEMICA DO CURSO DE LETRAS, 2003, ALEGRETE. 2003.
- 10 ROCHA, Marcelo da Silva. VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL ITINERANTE DE EDUCAÇÃO. In: VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL ITINERANTE DE EDUCAÇÃO, Alegrete. 2003.
- 11 ROCHA, Marcelo da Silva. A FICCIONALIDADE DO EU NO ESPAÇO TEXTUAL: CONTA-CORRENTE, DE VERGÍLIO FERREIRA E CADERNOS DE LANZAROTE, DE JOSÉ SARAMAGO. In: XX SEMINÁRIO BRASILEIRO DE CRÍTICA LITERÁRIA E XIX SEMINÁRIO DE CRÍTICA DO RIO GRANDE DO SUL, 2002, PORTO ALEGRE. 2002.
- 12 ROCHA, Marcelo da Silva. Nas ondas do mar do tempo: o diário de Luísa Dacosta. In: COLÓQUIO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS, 2001, Porto Alegre. 2001.
- 13 ROCHA, Marcelo da Silva. O limiar em A jangada de pedra, de José Saramago. In: XVIII ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURA PORTUGUESA, 2001, Santa Maria. 2001.
- 14 ROCHA, Marcelo da Silva. Quase-memória: uma abordagem lukacsiana. In: I JORNADA INTERNACIONAL DE NARRATOLOGIA, 2001, Porto Alegre. 2001.
- 15 ROCHA, Marcelo da Silva. Ano indefinido.

6.1.2 Resumos simples em anais de eventos

- 1 ROCHA, Marcelo da Silva. Em busca de um país que não existe: literatura e cultura brasileira em Ronald de Carvalho e João César de Castro Rocha. In: VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA LITERATURA, 2005, Porto Alegre. VI Seminário Internacional de História da Literatura. 2005.

6.1.3 Livros publicados

- 1 ROCHA, Marcelo da Silva. Correspondência na era da Informática: comunicação e linguagem. 01. ed. Porto Alegre: Rigel, 2001. v. 01. 184 p.
- 2 ROCHA, Marcelo da Silva. Dicionário essencial da Língua Portuguesa. 02. ed. Porto Alegre: Rigel, 1999. v. 01. 1050 p.

6.1.4 Capítulos de livros publicados

- 1 ROCHA, Marcelo da Silva. Perscrutando o abismo da memória. In: MARTINS, Dileta Silveira. (Org.). Anais do XVIII Seminário Brasileiro de Crítica Literária. Porto Alegre, 2001, p. 04-696.

6.1.5 Textos em jornais de notícias

- 1 ROCHA, Marcelo da Silva. COMO TORNAR-SE UMA PESSOA MELHOR EM DEZ LIÇÕES. EM QUESTÃO, ALEGRETE, p. 13-13, 06 maio 2006.
- 2 ROCHA, Marcelo da Silva. CONVERSA PARA BOI DORMIR. EM QUESTÃO, ALEGRETE, p. 03-03, 15 abr. 2006.
- 3 ROCHA, Marcelo da Silva. DA BURRICE COMO DEFASAGEM COGNITIVA. EM QUESTÃO, ALEGRETE, p. 13-13, 22 abr. 2006.
- 4 ROCHA, Marcelo da Silva. DUAS PALAVRINHAS. EM QUESTÃO, ALEGRETE, p. 13-13, 25 mar. 2006.
- 5 ROCHA, Marcelo da Silva. Fazendo Letras para fazer a diferença. Expresso Minuano, Alegrete, p. 02-96, 05 jan. 2006.
- 6 ROCHA, Marcelo da Silva. JOGUE SUA TV NO LIXO. EM QUESTÃO, ALEGRETE, p. 13-13, 11 mar. 2006.
- 7 ROCHA, Marcelo da Silva. PARA QUEM ESCREVER?. EM QUESTÃO, ALEGRETE, p. 13-13, 20 maio 2006.
- 8 ROCHA, Marcelo da Silva. SE ELA DANÇA, EU DANÇO. EM QUESTÃO, ALEGRETE, p. 13-13, 08 abr. 2006.
- 9 ROCHA, Marcelo da Silva. À margem da leitura. Zero Hora, Porto Alegre, p. 02-105, 19 nov. 2005.
- 10 ROCHA, Marcelo da Silva. De Ítaca ao Alegrete: os caminhos da literatura. Expresso Minuano, Alegrete, p. 02-16, 05 nov. 2005.
- 11 ROCHA, Marcelo da Silva. Fronteiras abertas da América Latina. Letras em pauta, Alegrete, p. 02-12, 16 dez. 2005.
- 12 ROCHA, Marcelo da Silva. Intermitências da música. Diário de Alegrete, Alegrete, p. 02-83, 25 dez. 2005.
- 13 ROCHA, Marcelo da Silva. Nos buracos do texto: a linguagem e o poder. Letras em pauta, Alegrete, p. 02-10, 15 set. 2004.
- 14 ROCHA, Marcelo da Silva. D. Quixote e a Cibercultura. Gazeta de Alegrete, Alegrete, p. 02-120, 15 nov. 2003.
- 15 ROCHA, Marcelo da Silva. O Flagelo e a arte. Zero Hora, Porto Alegre, p. 03-180, 24 mar. 2003.
- 16 ROCHA, Marcelo da Silva. Os livros e você. Zero Hora, Porto Alegre, p. 02-174, 30 out. 2003.
- 17 ROCHA, Marcelo da Silva. A lógica da barbárie. Zero Hora, Porto Alegre, 10 maio 2002.
- 18 ROCHA, Marcelo da Silva. Letras na praça. Zero Hora, Porto Alegre, p. 21-21, 07 nov. 2002.
- 19 ROCHA, Marcelo da Silva. O legado da sapiência. Gazeta de Alegrete, 14 set. 2002.

6.1.6 Textos em revistas (magazines)

- 1 ROCHA, Marcelo da Silva. AS FORMAS SIMBÓLICAS NA CULTURA MODERNA: A REPRESENTAÇÃO DA IDEOLOGIA EM 'EXTENSÃO DO DOMÍNIO DE LUTA', DE MICHEL HOULLEBECQ E 'O REI DE HAVANA', DE PEDRO JUAN GUTIÉRREZ. REVISTA PONTO, ALEGRETE, p. 34-36, 01 maio 2004.
- 2 ROCHA, Marcelo da Silva. Revista Blau. Revista Blau, Porto Alegre, p. 02-38, 15 jul. 2001.

- 3 ROCHA, Marcelo da Silva. A barata e o inseticida. Revista Blau, Porto Alegre, p. 02-55, 13 out. 1998.
- 4 ROCHA, Marcelo da Silva. Contos de Futebol. Revista Blau, Porto Alegre, p. 02-30, 12 maio 1998.

6.1.7 Demais tipos de produção bibliográfica

- 1 ROCHA, Marcelo da Silva. Correspondência na era da informática: comunicação e linguagem. Porto Alegre: Rígel, 2001. (Livro).
- 2 ROCHA, Marcelo da Silva. Dicionário essencial da língua portuguesa. Porto Alegre: Rígel, 1999. (Dicionário).

7 DADOS COMPLEMENTARES

7.1 PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS

- 1 VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA LITERATURA. 2007. (Participação em eventos/Seminário).
- 2 X CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC: LUGARES DOS DISCURSOS. 2006. (Participação em eventos/Congresso).
- 3 VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA LITERATURA. 2005. (Participação em eventos/Seminário).
- 4 Comunicação apresentada com o título de 'As formas simbólicas na cultura moderna: a representação da ideologia em Extensão do domínio de Luta, de Michael Houllebecq e O rey de Havana, de Pedro Juan Gutiérrez. 2003. (Participação em eventos/Seminário).
- 5 A ficcionalidade do eu no espaço textual: a literatura confessional em 'Conta-corrente' de Vergílio Ferreira e Cadernos de Lanzarote, de José Saramago. 2002. (Participação em eventos/Seminário).
- 6 Nas ondas do mar do tempo: o diário de Luísa Dacosta. 2002. (Participação em eventos/Outra).
- 7 XX SEMINÁRIO BRASILEIRO DE CRÍTICA LITERÁRIA E XIX SEMINÁRIO DE CRÍTICA DO RIO GRANDE DO SUL. 2002. (Participação em eventos/Congresso).
- 8 IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA LITERATURA. 2001. (Participação em eventos/Seminário).
- 9 JORNADA DE ESTUDOS - NOVAS LEITURAS DA LITERATURA PORTUGUESA. 2001. (Participação em eventos/Outra).
- 10 JORNADA NACIONAL JOSUÉ GUIMARÃES 80 ANOS. 2001. (Participação em eventos/Outra).
- 11 O limiar em 'A jangada de pedra, de José Saramago'. 2001. (Participação em eventos/Encontro).
- 12 Quase-memória: uma abordagem lukacsiana. 2001. (Participação em eventos/Outra).
- 13 JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS QUEIROSIANOS. 2000. (Participação em eventos/Outra).
- 14 SEMINÁRIO INTERNACIONAL SETE SEMANAS COM JORGE LUIS BORGES. 2000. (Participação em eventos/Seminário).
- 15 XVIII SEMINÁRIO BRASILEIRO DE CRÍTICA LITERÁRIA E XVII SEMINÁRIO DE CRÍTICA DO RIO GRANDE DO SUL. 2000. (Participação em eventos/Seminário).

- 16 IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA. 1999. (Participação em eventos/Seminário).
- 17 XVI SEMINÁRIO BRASILEIRO DE CRÍTICA LITERÁRIA E XV SEMINÁRIO DE CRÍTICA DO RIO GRANDE DO SUL. 1998. (Participação em eventos/Seminário).
- 18 SEMINÁRIO DE LITERATURA BRASILEIRA - A OBRA DE LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL. 1997. (Participação em eventos/Seminário).
- 19 XV SEMINÁRIO BRASILEIRO DE CRÍTICA LITERÁRIA E XIV SEMINÁRIO DE CRÍTICA DO RIO GRANDE DO SUL. 1997. (Participação em eventos/Seminário).
- 20 XIII SEMINÁRIO BRASILEIRO DE CRÍTICA LITERÁRIA E XII SEMINÁRIO DE CRÍTICA DO RIO GRANDE DO SUL. 1995. (Participação em eventos/Seminário).

8 INDICADORES DE PRODUÇÃO

Produção bibliográfica

Trabalhos em eventos - 15
 Completos - 14
 Resumos - 1

Livros e capítulos - 3
 Livros publicados - 2
 Capítulos de livros publicados - 1

Textos em jornais ou revistas (magazines) - 23
 Jornais de notícias - 19
 Revistas (Magazines) - 4

Demais tipos de produção bibliográfica - 2

Dados complementares

Participação em eventos - 20